

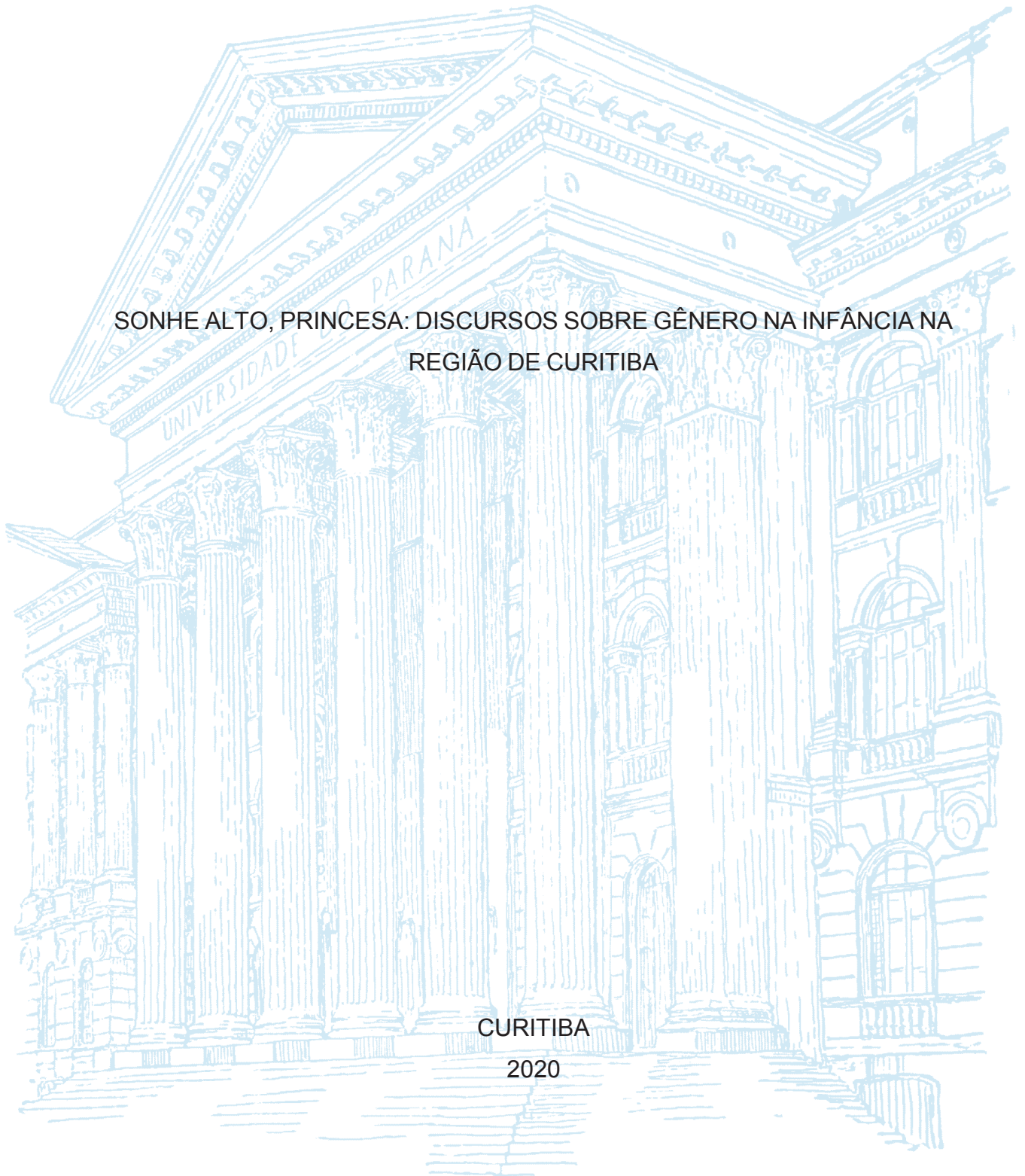
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIZA GUIMARÃES

SONHE ALTO, PRINCESA: DISCURSOS SOBRE GÊNERO NA INFÂNCIA NA
REGIÃO DE CURITIBA

CURITIBA

2020



LUIZA GUIMARÃES

SONHE ALTO, PRINCESA: DISCURSOS SOBRE GÊNERO NA INFÂNCIA NA
REGIÃO DE CURITIBA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Hansen

CURITIBA

2020

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral
(Elaborado por: Sheila Barreto (CRB 9-1242))

Guimarães, Luiza

Sonhe alto, princesa: discursos sobre gênero na infância na região de Curitiba./ Luiza Guimarães. – Curitiba, 2020.
464f: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Hansen.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

1. Comunicação. 2. Gênero. 3. Infância 4. Discurso. I.Título.

CDD 302.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO -
40001016071P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LUIZA GUIMARÃES** intitulada: **Sonhe alto, princesa: discursos sobre gênero na infância na região de Curitiba**, sob orientação do Prof. Dr. FÁBIO HANSEN, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 18 de Maio de 2020.

Assinatura Eletrônica

09/06/2020 22:39:51.0

FÁBIO HANSEN

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/06/2020 18:25:47.0

VALQUIRIA MICHELA JOHN

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/06/2020 20:02:08.0

INÊS SÍLVIA VITORINO SAMPAIO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Rua Bom Jesus, 650 - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80035-010 - Tel: (41) 3313-2025 - E-mail: ppgcom@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 42521

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 42521

Para meu irmão Thiago, minha irmã Maria Antônia e para as bailarinas Cecília, Nina, Valentina e Yasmin, que despertaram meu interesse para esta pesquisa. Para todas as 27 crianças que participaram desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não seria possível sem a colaboração, a ajuda e o apoio de várias pessoas. O processo de mestrado exige muito dos pesquisadores e não seria de se esperar que fosse diferente. Estas pessoas foram minha rede de segurança e amparo das melhores e mais diversas maneiras. Sou muito agradecida por contar com a presença de cada um de vocês na minha vida.

Obrigada ao meu orientador, o Prof. Dr. Fábio Hansen. Você topou um desafio com uma pesquisadora inexperiente e que, muitas vezes, ainda precisava aprender o básico. Obrigada por me colocar no caminho certo, por se empolgar com esta pesquisa e por todo o conhecimento compartilhado.

A Maria Constanza Perié nem hesitou quando fui lhe pedir socorro. Pesquisar com as crianças seria impossível sem levar em conta as particularidades de desenvolvimento psicológico. A Maria, com toda a paciência do mundo, me guiou nesta área. Muito obrigada, Maria, por acreditar em mim e ir infinitamente além do socorro inicial que te pedi. Mais do que uma parceria entre duas pesquisadoras, nós encontramos, na outra, uma grande amiga.

Esta pesquisa não é sobre crianças, é uma pesquisa **com** crianças. Por isso, não posso deixar de agradecer cada uma das 27 crianças que participaram das atividades. Cada uma delas foi essencial para que este trabalho fosse realizado. Obrigada pela confiança, pessoal!

Um agradecimento especial para a minha irmã Maria Antonia. Além de inspiração que despertou minha curiosidade para este tema de pesquisa, a Maria também sempre foi muito interessada nas minhas descobertas durante o mestrado. E ela tinha só 5 anos quando comecei este trabalho. Obrigada pela paciência, irmãzinha. Desculpe não conseguir brincar com você tanto quanto você gostaria neste período e muito obrigada por todo o seu apoio incondicional.

Meu irmão Thiago também merece um super obrigada. Thiago tinha 10 anos quando esta pesquisa começou e não existe criança mais compreensiva do que a que ele foi. Obrigada por entender quando eu precisava de espaço para escrever e quando eu só precisava falar alguma coisa em voz alta para tentar fazer sentido dela.

Eu tenho a sorte de ter uma mãe que ama estudar e que já passou, ela mesma, pela academia. Obrigada, mãe, por compartilhar suas experiências

comigo e por me explicar que é normal você se sentir perdido na sua pesquisa, mas você tem a capacidade e o conhecimento para encontrar o caminho.

Pai, quantas vezes você ouviu nesses últimos dois anos que eu não podia (insira aqui o que quiser) porque eu tinha algo do mestrado para fazer? Obrigada por entender e por comemorar comigo cada etapa e cada conquista. Eu amo o apoio que você me dá.

Obrigada à minha prima Bianca por todas as discussões de madrugada e por me fazer perceber que, mesmo quando eu achava que nada mais fazia sentido, eu estava citando autores para argumentar isso. Obrigada por ser meu apoio nesses últimos 25 anos.

Agradeço também o meu amigo Wendel Leitte. Nossos debates sobre os mais diversos tópicos me ajudam a crescer. Obrigada por todo o carinho e compreensão nesses dois anos.

Eu estava nervosa, muito nervosa para a banca. Então muito obrigada Bianca, Bruna, Maria, Natyelle e Wendel por não só ouvirem meus ensaios para a apresentação e fazerem anotações e comentários. Vocês são demais!

Agradeço também a minha família. Vocês que sempre me incentivam e me apoiam. Um agradecimento especial para a tia Vanessa que me ouviu falar (demais até) sobre meu tema de pesquisa, que quis saber mais e que acompanhou cada minuto da banca de defesa. Obrigada também às minhas avós, Izabel e Maria Aparecida. Vó Cida você ficou tão feliz quando eu te contei que tinha passado no mestrado! Você já não estava muito bem de saúde, mas mesmo assim eu conseguia ver o orgulho nos seus olhos e ouvi-lo na sua voz. Se 2018 foi um ano complicado para nós, não consigo nem imaginar como ele foi para você. Me desculpe se eu te chateeí quando passava uns bons minutos das visitas de domingo falando da minha pesquisa. Eu vou guardar esses momentos contigo para o resto da vida e sei que você está bem agora. Vó Bel, obrigada por ser meu porto seguro, por estar sempre feliz, sempre conversando e compartilhando suas histórias com a gente. E sim, se a sua família é inteligente é porque todos nós puxamos você! Te amo e tenho muito orgulho de ser sua neta.

Tenho a sorte de ter amigas comigo desde a escola. Uma rede de meninas maravilhosas que hoje são mulheres fortes, determinadas e inspiradoras. Obrigada Victória, Luana, Mariana Della Enns, Thaíssa, Ana Claudia, Marina, Caroline, Bianca Rinaldi, Bianca Falcão, Lara, Dayane, Juliana e Mariana Moro.

Obrigada ao pessoal do Projeto Broadway. Tem horas que tudo que você quer é encontrar um espaço seguro, cercado por pessoas que te fortalecem e apoiam. E que, no final, você possa descarregar todas as energias acumuladas em um *high belting* de acordar a vizinhança. Foi esse tipo de apoio que encontrei no Projeto. Um agradecimento especial à Rosane Jorge e ao Kaio Bergamin, esses profissionais e amigos maravilhosos que também me ajudaram com esta pesquisa. E, claro, obrigada aos melhores colegas de turma que eu poderia querer: Ania, Angela, Jaqueline, Joaquim, Maria, Marina (e Cecília), Rafaela e Wendel. Vocês são artistas incríveis.

Durante todo o processo do mestrado não pude me dedicar apenas à pesquisa. Por isso, um agradecimento especial à equipe administrativa da Orquestra Sinfônica do Paraná e do Centro Cultural Teatro Guaíra. Pela compreensão nos momentos em que precisei me dedicar à pesquisa.

Por último, mas não menos importante, muito obrigada aos diretores da escola particular e da associação beneficente que acreditaram nesta pesquisa e disponibilizaram tempo e espaço para a realização das atividades, bem como realização a mediação entre nós e os pais e responsáveis pelas crianças.

"Tem um dia em que não preciso ser uma princesa. Sem lições, sem expectativas,
onde tudo pode acontecer! O dia em que posso mudar meu destino."
Valente (Disney/Pixar, 2012)

RESUMO

Esta dissertação analisa os discursos de crianças de 5 a 9 anos sobre gênero buscando compreender os efeitos de sentido da narrativa Disney Princesa após março de 2016, quando da criação do novo slogan *Sou Princesa, Sou Real*. A Disney Princesa modificou sua narrativa, trazendo elementos que, em certa medida, vão de encontro a saberes do discurso hegemônico da chamada "cultura da princesa". As Princesas Disney, após 2016 são definidas na comunicação da empresa por suas personalidades, ao invés de características como roupas e beleza. Os discursos das crianças foram observados durante a realização de gincanas com o tema príncipes e princesas em uma escola particular e uma associação beneficente na região de Curitiba. Após a produção deste material, as falas, desenhos e atividades de colagem foram examinados na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (Orlandi e Santos Neto), dos conceitos de gênero (Butler, Hollanda e Thorne), de identidade (Woodward e Hall) e de infância (Steinberg, Kincheloe, Louro e Orenstein). As crianças transitaram entre diferentes gradações das posições-sujeito de identificação e contraidentificação. Nos momentos de identificação com a cultura da princesa, as crianças reproduziram valores tradicionais sobre gênero, tanto ao se referir aos personagens (princesa = mulher = passiva, príncipe = homem = ativo), quando nas dinâmicas entre elas. Na escola particular foram observadas situações nas quais os meninos buscavam silenciar as meninas, seguindo características do silenciamento discursivo. Houve também situações nas quais as meninas da escola particular, pelo discurso de resistência, contornavam essas tentativas de silenciamento. Na associação beneficente, as crianças trabalhavam em uma dinâmica mais colaborativa e comunicativa. Lá, as crianças transitaram mais entre as gradações do sujeito discursivo, enquanto na escola particular, a competitividade entre os participantes fez com que esse trânsito fosse menor. Mesmo assim, no final da atividade, pudemos observar que as crianças, a partir de um discurso de resistência, mostravam capacidade crítica e abertura para diálogos reflexivos sobre os saberes tradicionais presentes na mídia infantil tradicional. Elas aceitaram, assim, uma diversidade maior de possibilidades para príncipes e princesas e, conseqüentemente, para o futuro.

Palavras-chave: Gênero. Infância. Discurso.

ABSTRACT

This research analyses the discourses of children between 5 and 9 years-old looking to understand the effects of meaning of the discourse about gender in the Disney Princess narrative after March 2016, when the new slogan, *Dream Big Princess*, was established. The Disney Princess changed its narrative, bringing, to a certain point, elements that go against some elements of the traditional discourse of the "princess culture". The Disney Princesses after 2016 are defined in the company's communications by their personalities instead of characteristics like clothing and beauty. The children's discourses were observed during the realization of an activity themed princes and princesses in a private school and in a goodwill association in Curitiba area. After the material was produced, the quotes, drawings and collage activities were examined using the techniques of Discourse Analysis (Orlandi and Santos Neto), the concepts of gender (Butler, Hollanda and Thorne), identity (Woodward and Hall) and childhood (Steinberg, Kincheloe, Louro and Orenstein). The children transit among the different degrees of positions in the discourse (identification and counter identification). In the moments where there was identification with the princess culture, the children reproduced traditional knowledge about gender, when they referred to the fictional characters (princess = woman = passive, prince = men = active), and during the dynamics among them. In the private school there were observed situations in which the boys looked for ways of silencing the girls, using the characteristics of the discourse silence. However, there were also moments in which the girls in the private school, through the discourse of resistance, got around those silencing attempts. In the goodwill association, children worked in a more collaborative and communicative way. There, children transited more among the degrees of positions in the discourse, as in the private school, the competitiveness among participants resulted in less transit. Even though, in the end of the activity, we could observe the children showed, using the discourse of resistance, critical capacity and openness to reflective dialogue about the traditional knowledge contained in children media products. They accepted more diverse possibilities to princes and princesses and, therefore, to their own future.

Keywords: Gender. Childhood. Discourse.

RÉSUMÉ

Cette recherche analyse les discours des enfants entre l'âge de cinq à neuf ans en cherchant de comprendre les effets de sens du discours sur genre dans la narrative Disney Princesse depuis Mars 2016, quand le nouveau slogan, Crois en tes rêves, Princesse, a fait ses débuts. Disney Princesse a changé sa narrative, en apportant, jusqu'à un certain point, des éléments qui sont contraires le discours traditionnel de la "culture des princesses". Les Princesses Disney depuis 2016 sont définis dans les communications de l'entreprise surtout par ses personnalités à la place des caractéristiques comment les vêtements et la beauté. Le discours des enfants étions observés pendant la réalisation d'une activité sur le thème princes et princesses dans une école privée et dans une association bénéficiant à Curitiba. Après la production des matérielles d'analyse, les citations et les activités des dessins et collages étions examinés en utilisant les techniques de l'Analyse du Discours (Orlandi et Santos Neto), les concepts sur genre (Butler, Hollanda et Thorne), identité (Woodward et Hall) et enfance (Steinberg, Kincheloe, Louro et Orenstein). Les enfants ont transité sur les différents degrés des positions discursives (identification et résistance/non-identification). Quand il avait des moments d'identification avec la culture des princesses, les enfants ont reproduit les valeurs traditionnels sur genre, sur les personnages fictionnels (princesse = femme = passive, prince = homme = active) quand même dans les dynamiques entre eux. À l'école privée nous avons observées situations lesquelles les garçons essaient une manière de taire les filles, d'après les caractéristiques du discours du silence. Il y avait des moments aussi lesquelles les filles à l'école privée échappait ces essaies avec le discours de résistance. À l'association bénéficiant, les enfants travaillaient d'une façon plus collaborative et communicative. Là-bas, les enfants transitent plus entre les degrés des positions du sujet discursive, cependant à l'école privée, la compétitivité entre les participants a fait que ce transit était plus petit. Quand même, à la fin de l'activité, nous avons pu observer que les enfants, avec le discours de résistance, ont montrés la capacité critique et l'ouverture pour le dialogues réflexifs sur les savoirs traditionnels, en acceptant plusieurs possibilités pour être prince et princesse et, en conséquence, pour ses futures.

Mots-clés: Genre. Enfance. Discours.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: EXEMPLO DE UM DOS PAINÉIS COM IMAGENS DE PERSONAGENS INFANTIS USADOS NAS GINCANAS	44
FIGURA 2: EXEMPLOS DA VARIEDADE DE PRODUTOS OFICIAIS DA DISNEY PRINCESA	55
FIGURA 3: AS PRINCESAS DA DISNEY OFICIAIS EM 2019.	56
FIGURA 4: MONTAGEM COM DESENHOS DOS MENINOS DO GRUPO 1 (ESCOLA E ASSOCIAÇÃO)	58
FIGURA 5: MONTAGEM COM DESENHOS DAS MENINAS DO GRUPO 1 (ESCOLA E ASSOCIAÇÃO)	59
FIGURA 6: AS PRINCESAS DISNEY EM 2005	68
FIGURA 7: AS PRINCESAS DISNEY EM 2007	69
FIGURA 8: AS PRINCESAS APÓS 2009	70
FIGURA 2: EXEMPLOS DA VARIEDADE DE PRODUTOS OFICIAIS DA DISNEY PRINCESA	71
FIGURA 9: TRECHO DO FILME PETER PAN. WENDY VESTE AZUL E SEU IRMÃO MICHAEL, ROSA	72
FIGURA 10: POCAHONTAS NA INGLATERRA. CENA DE POCAHONTAS II	74
FIGURA 11: DISNEY PRINCESA EM 2011	77
FIGURA 12: MERIDA EM SEU FILME VERSUS MERIDA COMO UMA PRINCESA DISNEY. A IMAGEM ESTÁ ANEXA AO ABAIXO-ASSINADO NO SITE CHANGE.ORG	78
FIGURA 13: AS PRINCESAS EM 2019, AINDA SEGUINDO A MESMA RELEITURA DE TRAÇADOS CRIADA EM 2016	80
FIGURA 14: UMA DAS FOTOS DA FOTÓGRAFA KATE T. PARKER DIVULGADAS NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS	81
FIGURA 15: IMAGEM PROMOCIONAL DREAM BIG, PRINCESS	82
FIGURA 16: IMAGEM PROMOCIONAL DO FILME FROZEN (2013)	84
FIGURA 17: TRECHO DO VÍDEO PROMOCIONAL DREAM BIG PRINCESS	87

FIGURA 18: CATEGORIAS DE POSIÇÕES-SUJEITO UTILIZADAS NESTA DISSERTAÇÃO	94
FIGURA 19: ANALOGIA AOS MOVIMENTOS DO SUJEITO NO DISCURSO	96
FIGURA 20: AS PRINCESAS DISNEY APÓS A RELEITURA DREAM BIG PRINCESS	97
FIGURA 21: EXEMPLO DE UM DOS CARTAZES DA GINCANA COM IMAGENS DE PERSONAGENS INFANTIS	114
FIGURA 17: TRECHO DO VÍDEO PROMOCIONAL DREAM BIG PRINCESS	116
FIGURA 22: TRECHO DO VÍDEO PROMOCIONAL LIVE YOUR STORY	117
FIGURA 23: BONECAS MONSTER HIGH E EVER AFTER HIGH	120
FIGURA 24: MONTAGEM COM DESENHOS DA ESCOLA PARTICULAR GRUPO 2	123
FIGURA 25: MONTAGEM COM DESENHOS DA ASSOCIAÇÃO GRUPO 2	124
FIGURA 26: DESENHO DE CARLOS	133
FIGURA 27: DESENHO DE MATIAS	134
FIGURA 28: TRECHO DE A BELA E A FERA QUE RETRATA A PERSONAGEM DA FERA COMO VIOLENTA	138
FIGURA 29: DISNEY PRINCESA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020	147
FIGURA 26: DESENHO DE CARLOS	174
FIGURA 30: CARTAZ GRUPO 1 DA ESCOLA PARTICULAR	174
FIGURA 14: UMA DAS FOTOS DA FOTÓGRAFA KATE T. PARKER DIVULGADAS NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS	188
FIGURA 31: POSTAGENS DA CONTA OFICIAL NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS	193
FIGURA 32: PRODUTOS DISNEY PRINCESA PARA ADULTOS	199
FIGURA 33: TRECHO DO FILME DE ANIMAÇÃO CINDERELA (1950)	200
FIGURA 34: POST NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS	201
FIGURA 35: CARTAZ GRUPO 2 ASSOCIAÇÃO	213
FIGURA 36: CARTAZ DO GRUPO 2 DA ESCOLA PARTICULAR	227
FIGURA 37: CARTAZ GRUPO 2 ASSOCIAÇÃO	229

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1: RELAÇÃO DAS ORIGENS HISTÓRICAS DAS 12 PRINCESAS OFICIAIS DA DISNEY	86
QUADRO 2: SABERES QUE FAZEM PARTE DA FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD) "CULTURA DA PRINCESA"	89
QUADRO 3: CARACTERÍSTICAS DA FORMAÇÃO IMAGINÁRIA 4	208

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AD - Análise de Discurso

BDTD - Biblioteca de Teses e Dissertações

FD - Formação Discursiva

FI - Formação Imaginária

PS - Posição-Sujeito

SD - Sequência Discursiva

SUMÁRIO

1. "E ENTÃO... EU ACORDEI": INTRODUÇÃO	19
2. "QUERO SABER O QUE SABEM LÁ": PESQUISA DA PESQUISA	28
2.1 DELIMITANDO A DISSERTAÇÃO A PARTIR DA PESQUISA DA PESQUISA	28
2.2 FALAR SOBRE GÊNERO COM CRIANÇAS	33
3. "CAVANDO MAIS ATÉ O FUNDO": PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1 "PRA IR ALÉM": A PESQUISA EXPLORATÓRIA	39
3.2 "E DEPOIS DA CURVA O QUE É QUE VEM": REFORMULAÇÃO DA ATIVIDADE	44
3.3 APLICAÇÃO NA ESCOLA PARTICULAR	49
3.4 APLICAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE	51
4. "SONHE ALTO": A TRAJETÓRIA DISCURSIVA DA DISNEY PRINCESA	53
4.1 A DISNEY PRINCESA AO LONGO DOS ANOS	65
4.2 SOU PRINCESA, SOU REAL	78
4.3 DISNEY X CONTO DE FADAS: O DISCURSO HEGEMÔNICO SOBRE PRINCESAS E PRÍNCIPES	86
5. "UM DIA MEU PRÍNCIPE VAI CHEGAR": CRIANÇAS EM POSIÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO COM A CULTURA DA PRINCESA	99
5.1 "MEU DOM SERÁ O DOM DA BELEZA": A IDENTIFICAÇÃO ENTRE AS MENINAS	110
5.2 DE ESPADA E ESCUDO: A IDENTIFICAÇÃO ENTRE OS MENINOS	129
5.3 "NÃO SOU UM PRÊMIO A SER CONQUISTADO": DIÁLOGOS E CONFLITOS ENTRE AS CRIANÇAS	143
6. "O PREÇO É A SUA VOZ": SILENCIAMENTOS E NÃO-DITOS NOS DISCURSOS DAS CRIANÇAS SOBRE GÊNERO	154
6.1 UM PRÍNCIPE É QUE NEM A PRINCESA, SÓ QUE MENINO	157

6.2 "NÃO DAVA PRA COLOCAR UM NARUTO?"	164
6.3 "NINGUÉM MAIS ME CALA": NÃO-DITOS E OS PRIMEIROS SINAIS DE CONTRA-IDENTIFICAÇÃO	174
7. "NINGUÉM ME IMPEDIRÁ DE SONHAR": CONTRA-IDENTIFICAÇÃO E O DISCURSO DE RESISTÊNCIA ENTRE AS CRIANÇAS	182
7.1 "NO HALL DA FAMA": REALEZA NA ASSOCIAÇÃO E NA ESCOLA PARTICULAR	186
7.2. "VOCÊ GOSTARIA DE SER UMA PRINCESA?": CRIANÇAS RUMO À CONTRA-IDENTIFICAÇÃO	201
7.3 "QUANDO MINHA VIDA VAI COMEÇAR?": CONTRA-IDENTIFICAÇÃO E DISCURSO DE RESISTÊNCIA	212
8. "VEJO ENFIM A LUZ BRILHAR": CONSIDERAÇÕES FINAIS E DEVOLUTIVAS PARA ADULTOS E CRIANÇAS	229
8.1 "MIL SURPRESAS VAI ACHAR AO SEU REDOR ": COMO DAR DEVOLUTIVA PARA CRIANÇAS	234
8.2 "VEJO UMA PORTA ABRIR": CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
REFERÊNCIAS	241
ANEXOS	248
ANEXO 1 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA INSTITUIÇÕES	248
ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PESQUISA ENTREGUE A PAIS E RESPONSÁVEIS	254
ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 1, SUBGRUPO 1	255
ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 1, SUBGRUPO 2	273
ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 2, SUBGRUPO 1	296

ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 2, SUBGRUPO 2	312
ANEXO 7 - TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE COM GRUPO 1	329
ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE COM GRUPO 2, SUBGRUPO 1	347
ANEXO 9 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE COM GRUPO 2, SUBGRUPO 2	373
ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO ATIVIDADE EXPLORATÓRIA	394
ANEXO 11 - PERGUNTAS PESQUISA EXPLORATÓRIA	438

1. “E ENTÃO... EU ACORDEI”: INTRODUÇÃO

"Para toda garota que sonha alto, há uma princesa que mostra que é possível". Com essa frase, a Disney Princesa abre, em março de 2016, o primeiro vídeo oficial que marca o início de uma "outra"¹ narrativa para uma das franquias mais lucrativas da Disney. Sob o slogan "Sou Princesa, Sou Real" (*Dream Big Princess*, ou, sonhe grande, princesa, no original em inglês), esta "outra" narrativa traz imagens de meninas reais (ditas, não animações) realizando atividades que vão da dança à luta, dos esportes terrestres aos aquáticos, passando por jogos, brincadeiras, protestos e salas de aula. Após o lançamento deste vídeo e, de certa forma concomitantemente, uma série de outros conteúdos publicitários da mesma linha foram lançados nas redes sociais da franquia Disney Princesa, no canal Disney Channel e no site da Walt Disney Company, um contraste com a narrativa da princesa clássica, de vestido, coroa e brilhos, até então retratada pelas Princesas. A "nova" narrativa da Disney Princesa aborda as personagens sob uma perspectiva até então deixada em segundo plano pela marca, focando em suas personalidades e características como força de vontade, determinação, bondade e curiosidade, associando-as a atitudes que empoderam meninas e geram transformação no mundo.

A narrativa da princesa² clássica está presente nos contos de fadas conhecidos de cor por muitas crianças. Porém, além dos (e talvez até muito mais do que) contos de fadas, as adaptações da Disney estão presentes no cotidiano de crianças do mundo todo. Dos filmes, desenhos animados e livros, até produtos de uso diário como utensílios domésticos, roupas e brinquedos. As crianças — meninas na grande maioria — se identificam com as personagens, têm suas histórias preferidas e aquelas que consideram "chatas". As Princesas Disney e suas narrativas fazem parte da infância contemporânea.

¹ Os termos "outra" e "nova" quando se referem à narrativa Disney Princesa após 2016 aparecem entre aspas, que indicam a relatividade destes termos. O fato de existir uma mudança visível e oficial por parte da Disney na abordagem das narrativas das Princesas não quer dizer que essa mudança seja uma novidade ou que essa mudança traga um discurso e narrativas de fato diferentes.

² Adoto o termo Princesas quando em referência às personagens da franquia Disney Princesa, e princesas quando em referência a outras personagens da Disney ou outras narrativas que tenham este título de realeza.

Em 2009, a Disney Princesa faturou aproximadamente 4 bilhões de dólares³. É praticamente impossível entrar em uma casa onde more uma menina pequena sem que se encontre pelo menos um produto Disney Princesa. Segundo Sarah Coyne e colegas (2016), o contato com produtos e narrativas Disney Princesa pode restringir a visão de futuro das meninas, fazendo com que elas acreditem serem incapazes de realizar algumas tarefas ou profissões e aceitem mais facilmente comportamentos tradicionalmente definidos como femininos⁴, por exemplo a passividade e a submissão.

Uma mudança (ou proposta de mudança) oficial para a narrativa que une as Princesas Disney é, portanto, digna de ser analisada, dados os efeitos que ela pode ter na formação identitária e de gênero das crianças. Partindo dessa realidade, esta dissertação se propõe a analisar discursos produzidos por crianças de 5 a 9 anos da região de Curitiba sobre príncipes e princesas, procurando identificar suas tomadas de posição discursivas. A análise se dará a partir dos princípios e conceitos da Análise de Discurso. As principais noções mobilizadas são: a noção de sujeito, a de posição-sujeito (com as gradações de identificação, contra-identificação), a de formações imaginárias, memória discursiva, função-autor, discurso de resistência e a noção de formação discursiva.

As definições, termos e explicações dos dispositivos teóricos da Análise de Discurso que serão utilizados para interpretação das materialidades desta dissertação serão expostos no decorrer dos capítulos analíticos (capítulos 4 a 7). Esta foi uma escolha pensada com o objetivo de facilitar a compreensão dos conceitos teóricos ao ampará-los pelas materialidades desta dissertação. Acreditamos que, quando acionados analiticamente, os conceitos teóricos se fazem mais claros e compreensíveis aos leitores.

³ Fonte: Oresntein, Peggy. *Cinderella ate my daughter: dispatches from the frontlines of the new girlie-girl culture*. Nova Iorque: Harper Collins, 2011.

⁴ Como ainda participamos de um sistema social binário, que compreende a existência de apenas dois e antagônicos gêneros, esta dissertação pode aparentar se assujeitar a esse sistema ao comparar meninos e meninas. Essas comparações se tornaram inevitáveis nesta dissertação, pois todas as crianças participantes das pesquisas (e todos nós, enquanto sociedade) estão inseridas nesse contexto social. O uso de expressões como "tradicionalmente atribuídos ao feminino" ou "de menina" e "de menino", usadas entre aspas, fazem parte do esforço de problematizar o binarismo sem silenciar sobre o efeito que ele ainda possui em nossa sociedade, principalmente entre as crianças. Mais sobre essa questão no capítulo 2.

Esta pesquisa pretende responder à pergunta: estando a Disney Princesa, uma das maiores e principais marcas consumidas na infância, gerando ruído⁵ em relação ao discurso hegemônico sobre gênero difundido pela chamada "cultura da princesa", como as crianças da região de Curitiba produzem sentido e tomam posição? O objetivo geral desta dissertação é examinar se há deslocamentos nas posições-sujeito das crianças em relação ao discurso hegemônico da chamada "cultura da princesa" e como essas tomadas de posição significam.

Para responder ao problema de pesquisa e cumprir com o objetivo principal, partimos de uma conversa e atividades lúdicas em formato de gincana realizadas com 27 crianças de 5 a 9 anos de uma escola particular e uma associação beneficente da região de Curitiba. A aplicação e o desenvolvimento das atividades com as crianças contaram com o apoio da Maria Constanza Perié, uma colega estudante de graduação em Psicologia, a quem me refiro neste trabalho como Aplicadora. A escolha pela primeira infância se deu, principalmente, por motivos pessoais. Trabalhei por quatro anos como professora de balé na educação infantil e, vendo a sala de aula sempre com presença exclusivamente feminina, mesmo que a escola permitisse que meninos se matriculassem no balé, percebendo disputa das alunas pelas fitas cor-de-rosa, pelos adesivos de princesas e ouvindo as conversas paralelas entre elas girando em torno de assuntos que iam do aparentemente inocente "meninos não podem usar roupa cor-de-rosa" até o alarmante "não gosto de pessoas pretas", comecei a me perguntar como tais ideias saíam de cabeças que mal tinham completado seis anos de vida.

A primeira infância, por ser uma fase considerada difícil de trabalhar, devido às milhares de particularidades envolvendo (mas não limitando-se ao) o desenvolvimento físico e mental, costuma aparecer com menor regularidade nas pesquisas acadêmicas, principalmente naquelas que não pertencem à área da pedagogia, psicologia e educação. Trabalhar com crianças pequenas realmente não foi fácil, mas foi extremamente esclarecedor e gratificante. Mesmo (e especialmente quando) respeitadas as especificidades de desenvolvimento etário, as crianças se mostraram participantes ávidas e donas de opiniões e senso crítico

⁵ Utilizo a palavra "ruído" nesse caso para indicar que houve uma tentativa de modificação das ideias que até então eram divulgadas. O "ruído" aqui é uma espécie de incômodo, um distúrbio no discurso hegemônico.

como qualquer pessoa. Trabalhar com elas envolve, como com qualquer outro ser humano, consideração e respeito, levando em conta também as fases de desenvolvimento que cada criança passa.

As gincanas, compostas por conversa e atividades aplicadas, foram desenvolvidas com base nos conceitos de desenvolvimento na infância de Piaget (1999) e com o auxílio e a mediação de uma estudante de psicologia. A partir dos resultados destas gincanas, foram selecionadas sequências discursivas (SDs), ou seja, trechos descritivos das falas e ações das crianças, e materiais visuais produzidos pelas crianças que auxiliassem na resposta à pergunta de pesquisa. Essas SDs e esses materiais foram posicionados em relação ao discurso hegemônico sobre príncipes e princesas, também conhecido como "cultura da princesa". Entendo o discurso hegemônico como o discurso vigente tradicionalmente aceito como parte do senso comum. Esse tipo de discurso procura manter o poder e o status quo tradicional, aceitando pouco (ou nenhum) questionamento. "Poder, como usamos o termo, envolve uma panóplia de operações que trabalham para manter o status quo e mantê-lo corrente com o mínimo de fricção (conflito social) possível" (Steinberg, 2014, p. 50).

No Quadro 2 do capítulo 4 entro em detalhes sobre qual conjunto de saberes foram utilizados para definir a "cultura da princesa" nesta pesquisa mas, para fins ilustrativos, características como "princesas passivas, belas e bem-vestidas, príncipes ativos, que salvam princesas e empunham espadas" são alguns dos saberes considerados.

As definições dos conceitos principais, como formação discursiva, posição-sujeito, formação imaginária, memória discursiva e discurso de resistência, serão devidamente explicadas quando aparecerem no decorrer do texto.

As narrativas midiáticas, inclusive a Disney Princesa, uma das principais marcas com foco no público consumidor infantil, podem estar elas mesmas sujeitas à "cultura da princesa", consolidando saberes hegemônicos (como a Disney o faz em muitos de seus filmes, especialmente nos clássicos) ou propor um ruído. No contexto atual, não só a Disney, mas outras grandes empresas midiáticas, como a Netflix, têm procurado se posicionar no mercado alegando uma tomada de posição discursiva contrária (ou pelo menos com um grau menor de

identificação) com a "cultura da princesa". Esta tomada de posição, que costumava seguir padrões vindos desde as versões originais dos contos de fadas, nos quais meninas (princesas) são frágeis e passivas e meninos (príncipes) são corajosos e ativos, agora procura destacar aspectos como a força das mulheres e a parceria entre homens e mulheres, mesmo que sem finalidade romântica. Esse destaque aparece também (e principalmente) nos produtos midiáticos produzidos por essas empresas de comunicação / ou de entretenimento e voltados ao consumo infantil.

Neste contexto, analisar o discurso das crianças, consumidoras e vistas como o público-alvo destas narrativas, se torna extremamente relevante. É pelo dizer das crianças que podemos perceber como as narrativas midiáticas fazem parte da maneira como elas percebem papéis, relações e performances de gênero.

A partir da Análise de Discurso segundo Eni Orlandi (2009) e com base nos conceitos de gênero (Butler, 2018, Hollanda, 2018 e Thorne, 1993), infância (Louro, 2014, Orenstein, 1996 e 2011 e Steinberg & Kincheloe, 2004) e identidade e diferença (Woodward, 2018 e Hall, 2011 e 2018), as SDs e materiais produzidos pelas crianças foram alinhados em posições-sujeito de identificação e contra-identificação através do discurso de resistência. Essas modalidades de tomadas de posição indicaram os pontos em que houve alinhamento e tentativa de ruptura entre crianças e discurso midiático.

Um desdobramento do principal objetivo desta pesquisa é entender como os "novos" elementos presentes no discurso de gênero da mídia infantil, no caso a Disney Princesa, estão presentes no discurso das crianças. Além deste objetivo, a pesquisa também procura verificar a coerência entre ideias expressas por discurso verbal e as percepções e ações das crianças, e compreender as formações imaginárias⁶ sobre gênero entre crianças de Curitiba e Região Metropolitana.

Atendendo a esses **objetivos específicos**, acredita-se que será possível também ter uma percepção maior sobre as narrativas midiáticas infantis, em especial, a narrativa Disney Princesa, e apontar aspectos que denotem se houve

⁶ O conceito de formações imaginárias ao qual me refiro é de acordo com a Análise de Discurso de linha francesa. Segundo Orlandi (2015, p. 37), "não há começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis". Sendo assim, o imaginário discursivo compreende as projeções do sujeito discursivo sobre interlocutores, referentes e sobre o dizer em si.

mesmo uma mudança de narrativa e quebra dos estereótipos binários de gênero. Este último, porém, não é um objetivo direto da pesquisa e pode aparecer como uma consequência da análise.

Além das bases teóricas já mencionadas, os estudos de psicologia da infância de Jean Piaget (1999) e as pesquisas sobre gênero e infância de Guacira Lopes Louro (1997), Barrie Thorne (1993) e Philippe Ariès (1981), também foram importantes para o desenvolvimento da metodologia de pesquisa, das estratégias de abordagem das crianças durante a atividade de pesquisa e como referência para as questões de discurso que devem ser relativizadas (ou compreendidas de forma diferente de como seriam se esta pesquisa fosse desenvolvida com adultos) devido a etapa do desenvolvimento cognitivo na qual a criança se encontra.

Durante a análise, mobilizei o conceito de gênero enquanto situação de performance, segundo Judith Butler (2018). Ela critica a naturalização do conceito de gênero e afirma que "não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias "expressões" tidas como seus resultados." (Butler, 2018, p. 56). Butler também problematiza atitudes e falas naturalizadas, gerando uma oportunidade de reflexão sobre a generificação de falas e ações que é especialmente relevante quando associada ao dispositivo metodológico de análise desta pesquisa, a Análise de Discurso (AD). A Teoria do Discurso contribui ao nos colocar em estado de reflexão, sem cair na ilusão de sermos conscientes de tudo, permitindo uma relação menos ingênua com a linguagem (Orlandi, 2015).

Dando continuidade aos conceitos de gênero, uso como referência novamente as pesquisadoras Guacira Lopes Louro (2014) e Barrie Thorne (1993), e aciono também Peggy Orenstein (1996) e Michele Escoura Bueno (2012), que estudaram as relações de gênero na infância, principalmente nas escolas. As quatro pesquisadoras apontam aspectos da socialização das crianças a partir da marcação das diferenças binárias de gênero nas escolas e nas famílias. O sistema binário de gênero, apesar de questionado por Butler (2018), ainda é utilizado tradicionalmente na sociedade e reproduzido por todas as crianças que participaram desta pesquisa. Por isso, as performances de gênero associadas aos saberes tradicionais sobre masculino e feminino serão os analisados nesta dissertação. A noção de gênero enquanto performance é, mesmo assim,

importante. Na primeira infância, as crianças enxergam gênero principalmente, quanto performance (Orenstein, 2011), porém como estão inseridas em uma sociedade binária, suas performances são limitadas pelo que lhes é apresentado como feminino e masculino.

Durante a pesquisa, as diferenças entre os papéis atribuídos ao masculino e ao feminino aparecem de forma marcante e são consolidadas nos dizeres das crianças. Ignorar a existência de uma reprodução do sistema binário de gênero por parte delas prejudicaria o desenvolvimento das análises. Esse fato não muda a concepção teórica sobre gênero enquanto performance de Butler. O que ocorre, no caso das crianças e dos saberes tradicionais da sociedade, é que essa performance é limitada a dois gêneros apenas: masculino e feminino⁷.

Falando em diferenças, trago também o conceito de identidade segundo Kathryn Woodward (2018), Tomaz Tadeu da Silva (2018) e Stuart Hall (2011 e 2018). As ideias expostas por esses autores sobre identidade cultural e diferença se mostraram relevantes para pensar a associação que meninas e meninos têm com princesas e príncipes, respectivamente, da ficção, personagens estes produzidos – em sua grande maioria – por produtoras norte-americanas e inseridas em contextos sociais distantes de suas realidades (em especial no caso da realidade socioeconômica das crianças da associação beneficente). Igualmente, é um conjunto de autores que realça noções como subjetividade, significação e alteridade. A identificação das crianças com as personagens por elas mencionadas, em especial a marcação dessa identificação a partir da diferença de gêneros, são aspectos-chaves que precisam ser considerados nesta pesquisa.

Os conceitos e autores detalhados acima permeiam os capítulos⁸ de análise desta dissertação. Os conceitos não serão abordados em um único capítulo teórico, pois optou-se por priorizar a transversalidade. Ao longo dos capítulos analíticos (que serão brevemente expostos abaixo), procurei mobilizar teoria e análise, de forma a deixar a leitura mais dinâmica. "A análise de discurso

⁷ Por isso, por vezes utilizo os termos "de menina" e "de menino". A intenção aqui é ressaltar a perspectiva das crianças ao atribuírem determinadas performances a um dos dois gêneros do sistema binário. O uso das aspas aparece como forma de lembrar essa limitação do binarismo.

⁸ Cada capítulo (e alguns subcapítulos) foi nomeado com um título fantasia, além do título explicativo. O título fantasia faz referência a trechos dos filmes Disney Princesa, ou a falas das crianças durante as gincanas.

tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho" (Orlandi, 2015, p. 65).

No capítulo analítico 4 traço um histórico sobre a Disney Princesa e sobre a formação discursiva (FD) "cultura da princesa", que reproduz padrões do discurso hegemônico social sobre gênero. São apresentados, neste capítulo, os saberes discursivos que compõe o imaginário sobre príncipes e princesas dentro do discurso hegemônico da FD "cultura da princesa". Neste mesmo capítulo também traço a tomada de posição do sujeito Disney Princesa em relação a FD "cultura da princesa" e proponho a existência de uma tentativa de tomada de posição de contra-identificação a partir da campanha "Sou Princesa, Sou Real", iniciada no ano de 2016.

No capítulo analítico 5 trago análises de sequências discursivas nas quais as crianças assumiram a posição de identificação com a FD "cultura da princesa", ressaltando momentos nos quais os participantes trouxeram essa identificação não só através de palavras, mas também por meio de seu comportamento. As meninas tendiam a ser mais comportadas, enquanto os meninos procuravam ganhar a atenção das adultas da sala. Verificou-se também a existência de diálogo e conflito entre as crianças e que esses momentos eram aproveitados de forma diferente pelas crianças da escola particular e pelas crianças da associação beneficente. Neste capítulo, as crianças trouxeram para a discussão temas como a questão da beleza física e da singularidade das personagens Princesas.

No capítulo analítico 6 mostro situações nas quais as crianças participantes das gincanas para esta dissertação ainda assumem a posição de identificação em relação à FD "cultura da princesa", porém, existem gradações (Santos Neto, 2015) dessa identificação. Há crianças que buscam impor o silêncio e a censura a qualquer discurso que provoque ruído no discurso hegemônico, assim como também há crianças que já iniciam um processo de resistência.

Quando assumem a posição de resistência as crianças também ocupam o início de um deslocamento para a contra-identificação, tópico que será analisado no capítulo analítico 7. Neste momento, a diferença de tomada de posição entre meninos e meninas e entre crianças da escola particular e da associação beneficente é ressaltada.

Durante os capítulos analíticos, procuro relacionar as posições assumidas pelos sujeitos com a Disney Princesa após 2016. Com este esforço, é possível identificar quais aspectos do posicionamento da Disney estão alinhados com a tomada de posição das crianças em relação à FD "cultura da princesa" e em quais aspectos as crianças e a Disney divergem, seja por aproximação ou distanciamento em relação ao discurso hegemônico.

Por fim, nas considerações finais, ressalto a posição das crianças enquanto sujeitos do discurso com legitimidade para posicionarem-se em relação a um tópico – gênero – que ainda é considerado “impróprio” para elas. As crianças que produziram sentido para esta dissertação manifestaram, por vezes, a reprodução de padrões sociais hegemônicos, assim como qualquer sujeito do discurso o faria. Porém, elas também os contestam e buscam estratégias para contorná-los quando identificam a necessidade de mudanças em escala social.

2. "QUERO SABER O QUE SABEM LÁ": PESQUISA DA PESQUISA

Para esta dissertação, a realização da pesquisa da pesquisa foi importante não apenas como momento de pesquisa prévia, contextualização e aprofundamento do tema no cenário científico brasileiro e internacional, mas também para a definição do objeto empírico de estudo, formulação do problema de pesquisa e desenvolvimento da proposta metodológica utilizada.

Este capítulo se divide em duas partes. Em um primeiro momento será detalhado como a pesquisa da pesquisa foi realizada e como colaborou para a definição do objeto empírico e problema desta dissertação. Em seguida, será explicado brevemente como as pesquisas de Michele Escoura Bueno (2012) e Isabelle Santos (2018) serviram como base para a formulação de uma proposta metodológica para se discutir gênero na infância.

2.1 DELIMITANDO A DISSERTAÇÃO A PARTIR DA PESQUISA DA PESQUISA

A proposta inicial desta pesquisa era a de verificar o discurso de gênero nos produtos midiáticos consumidos por crianças. O tema amplo surgiu, como comentei na introdução desta dissertação, por motivações pessoais. Trabalhei como professora de balé para a educação infantil durante quatro anos, convivendo diariamente com meninas entre 2 e 5 anos de idade. As conversas das crianças com frequência se voltavam ao questionamento sobre a legitimidade da presença de meninos na sala de balé. Acompanhando a rotina escolar, também pude perceber que as meninas eram frequentemente expostas ao balé e suas narrativas, cercadas por tutus cor de rosa, coroas e histórias da boneca Barbie e das Princesas Disney. Quanto aos meninos, eram direcionados a atividades extracurriculares de artes marciais e os poucos que se aventuravam a olhar pela porta de vidro para dentro da sala de balé o faziam com vergonha, correndo para longe assim que um dos amigos ou professoras percebessem o que estavam fazendo.

Essas experiências e observações levantaram uma pergunta simples: o discurso hegemônico sobre gênero, o qual as crianças pareciam compreender desde o início da fase escolar, é identificado por elas também nos produtos

mediáticos voltados ao consumo infantil? Este primeiro problema de pesquisa surgiu, portanto, sem especificar a faixa etária das crianças, sem restringir quais seriam esses "produtos midiáticos" e sem definir se a pesquisa seria focada (apenas) nos discursos dos produtores de conteúdo ou no das crianças (também). Por se tratar de uma dissertação de mestrado com tempo limitado para pesquisa, um recorte de estudos mais preciso era necessário, e a pesquisa da pesquisa contribuiu para a sua definição.

De acordo com Jiani Adriana Bonin (2006, p. 34), realizar a pesquisa da pesquisa é trabalhar com produções do campo, além de áreas relacionadas, trazendo o conhecimento já existente para dentro de um novo projeto. Assim como na maioria das pesquisas da pesquisa, a primeira estratégia foi procurar palavras-chave em repositórios online de teses e dissertações. Durante o primeiro semestre de 2018, foram consultadas as bases da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), plataforma Capes (teses e dissertações e periódicos), a plataforma SciELO, o Google Books, Google Acadêmico e o próprio repositório da UFPR.

As palavras-chave pesquisadas foram "gênero" e "infância", inseridas com o filtro de pesquisa para trabalhos da área da Comunicação, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas (por vezes definida como Letras, Linguagens e Artes). Foram encontrados mais de seiscentos trabalhos com essas definições de pesquisa. Através da leitura de títulos, foram filtradas as pesquisas que envolviam produtos midiáticos. Muitas pesquisas eram da área da educação e pedagogia, tratando de aspectos pertinentes ao desenvolvimento infantil que, embora relevantes, foram descartadas da pesquisa da pesquisa, pois estabeleci como objetivo para esta etapa a procura de materiais que envolvessem produtos midiáticos.

Pesquisas que aparentavam trabalhar com produtos midiáticos ou que os mencionavam diretamente no título foram separadas para leitura de resumos. Nos resumos, percebi que a grande maioria dos trabalhos focava em desenhos animados (seriados), revistas infantis, Disney Princesa e YouTube.

Novamente tomando como ponto de partida a minha experiência com crianças, optei por especificar a pesquisa com as palavras-chave "YouTube" e "Crianças" e "Youtubers" e "Crianças". Procurando apenas pelo termo "YouTube"

no catálogo da Capes cheguei a 463 resultados, reduzidos a 246 após a filtragem pelas mesmas três áreas de conhecimento anteriores (Comunicação, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas). Após a mudança do termo de pesquisa para "youtubers", mantendo-se o filtro de área de conhecimento, foram obtidos apenas 25 resultados, sendo 12 deles também relacionados com o termo "crianças" e 9 desses falando especificamente sobre youtubers mirins.

Após leitura desses doze resumos, pude verificar que o enfoque das pesquisas encontradas se dava no debate sobre a exposição e o trabalho infantil dos youtubers mirins. As pesquisas focavam na criança produtora de conteúdo, e não na consumidora, como descobri, nesse momento, que era a posição que me interessava estudar.

No Brasil, 35% da população ainda está desconectada da Internet⁹, segundo o IBGE. A porcentagem despenca quando falamos da população infantil. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (Cetic.br) realiza pesquisas anuais sobre o acesso e utilização da Internet no país. Os dados de 2018 mostram que 4% das crianças e adolescentes em áreas urbanas nunca acessou a Internet. O número vai para 21% nas áreas rurais. 93% das crianças e adolescentes brasileiros acessam a Internet a partir de dispositivos móveis (como tablets e celulares).

O YouTube passou a ser uma possibilidade de objeto empírico a partir desses dados. Porém, o fato de se tratar de uma plataforma online que depende da disponibilidade de uma conexão com a internet para que seu conteúdo seja acessado me fez direcionar o olhar para outro assunto: as Princesas Disney. O interesse surgiu, dessa vez, por uma somatória das minhas experiências pessoais com crianças, a quantidade expressiva de pesquisas encontradas que mencionavam o tema e o maior alcance offline da marca.

Procurando por "Disney Princesas" no BDTD, respeitados os filtros de área do conhecimento, foram encontrados pouco mais de duzentos trabalhos. Após a leitura de títulos e resumos, selecionei cinco trabalhos para a leitura integral. Esses cinco trabalhos tratavam desde produtos midiáticos como a revista Disney Princesas e a relação de identidade com as propagandas televisivas

⁹ Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>> Acesso em 04/08/2019.

voltadas ao público infantil, até uma análise de elementos narrativos dos filmes das Princesas.

Destes cinco, considereei a dissertação de Michele Escoura Bueno (2012) "Girando entre Princesas" como a mais relevante. A pesquisa de Bueno se mostrou extremamente interessante para o desenvolvimento desta dissertação, não só por abordar o tema do gênero na infância a partir de um produto midiático infantil (a franquia Disney Princesa), mas principalmente por adotar a etnografia como metodologia e ter sido escrita no mesmo estilo de um diário de bordo, trazendo dicas de como abordar a proposta de uma pesquisa sobre gênero e infância com professores e pais, além da abordagem sobre a temática do gênero em uma conversa com crianças. Bueno também aponta a relevância da Disney Princesa para o universo infantil, mostrando, por meio do diário de bordo, como a marca se faz presente não só em filmes, seriados, livros e revistas, mas também em materiais escolares, brinquedos, roupas e utensílios domésticos.

A Disney Princesa, estudada por Bueno em 2011, não é mais a mesma em 2018, quando do momento da realização da pesquisa da pesquisa. Logo após a criação de uma petição no site Change.org¹⁰ com mais de 200 mil assinaturas de pessoas preocupadas com a sexualização da princesa Merida (Valente, Pixar, 2012) pela Disney, a franquia das Princesas optou por uma mudança de narrativa focando no empoderamento de meninas¹¹. A Disney Princesa após março de 2016 se comprometeu¹² a trazer exemplos positivos para garotas, incentivando-as a seguirem seus sonhos e assumirem posições de liderança no mundo. Neste caso, a Disney Princesa passaria a ser um objeto de estudo empírico válido para uma pesquisa que se propõe a entender o discurso de gênero na mídia infantil.

Aprofundando o tema Disney Princesa durante a realização da pesquisa da pesquisa, pude verificar que apenas um livro já publicado trazia comentários sobre a mudança de narrativa da franquia em 2016, relacionando-a ao filme Frozen que, apesar de considerado por muitas crianças e adultos como um filme

¹⁰ Disponível em: <<https://www.change.org/p/disney-say-no-to-the-merida-makeover-keep-our-hero-brave>> Acesso em 04/08/2019.

¹¹ Conforme artigo da chefe de animação dos estúdios Disney, Jennifer Lee. Disponível em: <<https://www.thewaltdisneycompany.com/dream-big-jennifer-lee/>> Acesso em 04/08/2019.

¹² Ver artigo acima.

de Princesa, não faz parte oficialmente da franquia Disney Princesa¹³. No livro, *Youth Sexualities*, de Susan Tallburt, a mudança de narrativa é apontada apenas como uma estratégia de vendas (Tallburt, 2016, p. 134).

Havia chegado o momento de escolher entre as duas possibilidades de objeto empírico: o YouTube e as Princesas Disney. Além da maior presença (dita *online* e *offline*) na vida das crianças, muitas vezes antes mesmo delas nascerem, a Disney Princesa também possui em sua narrativa o discurso hegemônico sobre gênero. Por anos, as Princesas Disney foram acusadas de perpetuar a chamada "cultura da princesa", que reproduz os padrões meninas passivas e meninos ativos, do discurso hegemônico sobre gênero. Segundo Coyne e colegas (2016), trabalho também encontrado durante a realização da pesquisa da pesquisa, o contato com as Princesas Disney desde os primeiros momentos da infância provou ter consequências negativas para meninas, tais como baixa autoestima e problemas de autoimagem. Já para os meninos, a pesquisa de Coyne mostra que aqueles com mais contato com a narrativa, desde que mediada por adultos, se comportavam de forma mais empática.

Em parte por ser uma marca que ocupa o centro de discussões entre produtores, pais, professores e pesquisadores sobre o discurso de gênero na mídia infantil, optei pelo objeto empírico Disney Princesa após 2016 para esta dissertação. Confesso também que houve um componente pessoal envolvido. Lendo os trabalhos encontrados na pesquisa da pesquisa não pude deixar de me lembrar não só das minhas alunas, mas também da minha própria infância cercada de produtos Disney Princesa. No momento da criação da franquia pela Disney, em 2000, eu estava dentro do escopo de idade do público-alvo aos quais os produtos foram inicialmente dirigidos. Conheço muitas outras mulheres em meu círculo de amigas (e também fora dele) que tiveram a mesma experiência na infância ou que, por motivos de renda familiar, podiam apenas sonhar com um adesivo da Cinderela ou um livro da Branca de Neve.

A oportunidade para tentar entender melhor esse fenômeno da "cultura da princesa" e suas implicações não só nas crianças de hoje, mas nas dos últimos vinte anos, me pareceu preciosa demais para ser desperdiçada. A motivação

¹³ No capítulo 4 desta dissertação traço a trajetória da marca, suas personagens oficiais e reflito sobre essa proposta de "mudança" de narrativa feita em 2016.

pessoal, segundo Bonin (2006), é um fator importante para a escolha de um tema de pesquisa. "As escolhas que [o pesquisador] empreende, na maior parte das vezes, têm relação com a sua caminhada profissional, investigativa e vital. Tomar consciência dessas motivações e explicitá-las é importante como gesto de vigilância epistemológica". (Bonin, 2006, p. 24).

2.2 FALAR SOBRE GÊNERO COM CRIANÇAS

Após definido o objeto empírico, a pesquisa da pesquisa ainda contribuiu de outras duas maneiras para o aprofundamento do tema desta dissertação e do desenvolvimento de sua metodologia. Através dos resultados nela obtidos, percebi que a grande maioria das pesquisas encontradas foca suas análises no produtor midiático (no caso, a Disney). Por causa da minha experiência pessoal convivendo com crianças e por se tratar de uma pesquisa que procura entender suas formações imaginárias, reconhecer o protagonismo e a voz delas pareceu ser não só a estratégia mais eficiente, como também a mais justa. A dissertação de Bueno, uma das poucas encontradas na pesquisa da pesquisa que envolvia a participação direta de crianças, trouxe material variado para a análise e que refletia a vivência real das crianças.

No entanto, falar sobre gênero, especialmente com crianças, ainda é uma tarefa polêmica e complexa. Apesar de ser comprovado pela sociologia (Louro, 2014; Orenstein, 1996 e 2011), pela psicologia (Piaget, 1999), pela neurologia (Eliot, 2009) e pela pediatria¹⁴, que as crianças, ainda na primeira infância, já são capazes de identificar gênero, o tema ainda encontra muita resistência entre pais e professores. Conforme Louro (2014), a discussão sobre gênero ainda é silenciada no ambiente escolar.

"A separação de meninos e meninas é, então, muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições. Ela também é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam um garoto, chamando-o de "menininha", ou

¹⁴ Segundo a Associação Canadense de Pediatria, crianças com 04 anos de idade já identificam gênero. Disponível no link: <<https://www.cps.ca/en/media/how-does-gender-identity-develop>> Acesso em 26/06/2019.

nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos." (LOURO, 2014, p. 83)

Seja por resistência de pais e professores, seja pela complexidade do tema ou pelo fato das noções binárias de gênero serem naturalizadas pela grande maioria das pessoas, o assunto apresentou-se como um duplo desafio: a definição de "gênero" sob uma perspectiva teórica e a transposição de um conceito teórico para uma metodologia que levasse em consideração as especificidades de atividades práticas com crianças.

No âmbito teórico, utilizo os conceitos de gênero conforme definidos por Judith Butler (2018). Segundo a autora, colocar a noção de sexo masculino e sexo feminino como saberes pré-discursivos, ou seja, biológicos, é uma maneira de assegurar a estabilidade do sistema social binário hegemônico. "Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por *gênero*." (Butler, 2018, p. 28).

Jo Paoletti (2012) aponta que não se pode mais considerar que sexo e gênero sejam estruturas binárias (ou seja, ou um, ou outro, ou feminino, ou masculino). "1 em cada 100 adultos possuem atributos genéticos diferentes do "padrão" masculino ou feminino, incluindo um número expressivo como 1 a cada 1.500 bebês cujas genitálias são suficientemente atípicas para que um especialista seja consultado" (Paoletti, 2012, p. 1).

Mesmo levando em consideração a perspectiva teórica de que o gênero é uma construção social e, como tal, não é necessariamente binária, foi preciso considerar também que o binarismo ainda é um aspecto socialmente presente e que possui um papel importante no desenvolvimento das crianças. Por estarem inseridas em uma sociedade binária, a dualidade meninos e meninas é um constituinte identitário muito presente para as crianças. Orenstein (2011, p. 60) afirma que, na primeira infância, aquilo que Butler chamaria de performances de gênero — escolha de roupas, corte de cabelo e, porque não, brinquedos — são vistos pelas crianças como determinantes de gênero.

Dessa forma, um menino que brinque com bonecas, por exemplo, mesmo que se diga menino, será identificado como menina por seus colegas por conta de sua performance naquele momento. Se, momentos depois, ele optar por jogar bola, as crianças o verão como menino. A identificação com os gêneros pode

parecer fluída segundo o exemplo anterior, mas na verdade ela acaba, como quem convive com crianças pequenas pode atestar, tornando os pequenos em verdadeiros "fiscais de gênero".

A busca de uma criança pela identificação com meninos ou com as meninas faz parte do processo de socialização e construção de sua identidade impostos a ela de maneira naturalizada, considerada pelos adultos como se fosse um processo biológico ao invés de social. Desde antes de o bebê nascer o gênero masculino ou feminino já é socialmente imposto, através de expectativas da família, brinquedos e roupas. É de se compreender por que as crianças dão tanta importância a esses fatores. "O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*" (Louro, 1997, p. 31).

Por isso, em diversos momentos essa dissertação utilizará construções como: "de menina", "de menino", sempre entre aspas, e outras delimitações como "tradicionalmente atribuídos ao feminino" ou "características masculinas, segundo o discurso hegemônico". Como todas as crianças que participaram desta pesquisa ainda estão inseridas em um contexto binário, ou seja, compreendem que existem apenas dois gêneros (masculino e feminino) e eles estão relacionados aos aspectos biológicos dos seres humanos, essas construções são tentativas de levar esse aspecto da socialização das crianças em consideração ao mesmo tempo em que busca lembrar o leitor da necessidade de problematização desse sistema binário.

Dadas as condições de socialização hegemônicas das crianças, procurei direcionar para a pesquisa da pesquisa um olhar que visasse a compreensão de um tema que, até mesmo para pesquisadores, exige uma complexidade de estudos. As propostas metodológicas que selecionei como referência trabalham com as crianças com linguagem estimulante e compreensível, ao mesmo tempo que proporcionam tranquilidade, segurança e informação aos pais e às escolas.

O trabalho de Bueno (2012) é da área da antropologia e tem como metodologia a etnografia, sendo escrito no estilo de diário de campo. Esta escolha metodológica propicia ao leitor não só a visão que a pesquisadora teve da rotina das crianças, foco de seus estudos, como também, talvez até sem a pretensão, nos dá um vislumbre de como a presença de uma pesquisadora em sala de aula

afetou a rotina escolar para pais e professores. Bueno detalha suas principais dificuldades e estratégias utilizadas para contorná-las na hora de lidar com professores e com os demais responsáveis pelas crianças.

Já o trabalho de Isabelle Santos (2018), da área da Comunicação, descreve em detalhes os procedimentos de coleta de dados dentro de uma escola particular de Curitiba. Ao entrar em contato com a pesquisadora, ela também se mostrou aberta para compartilhar materiais e descobertas úteis no desenvolvimento de sua pesquisa que não constavam no texto final, mas que foram relevantes para seu desenvolvimento.

Foi com base no protocolo metodológico desenvolvido por Santos (2018), combinado com as estratégias de abordagem de escolas e pais utilizados por Bueno (2012) que se deu o desenvolvimento da metodologia deste trabalho, que será detalhada no próximo capítulo.

3. "CAVANDO MAIS ATÉ O FUNDO": PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apesar de ter apresentado excelentes resultados na pesquisa de Bueno (2012), a etnografia não foi considerada o procedimento metodológico mais adequado para esta dissertação. A etnografia em profundidade, conforme foi realizada por Bueno, exigiria um tempo hábil maior, principalmente com as crianças, do que eu tive à disposição durante esta pesquisa. No entanto, a antropóloga traz sugestões de abordagem aos responsáveis pelas crianças que incluem conversas preliminares, entrega de um roteiro de atividades e explicação clara dos objetivos da pesquisa.

Já o trabalho de Santos (2018), além de pertencer a área da Comunicação e levar em conta as particularidades de uma análise dentro deste campo de estudos, traz um protocolo metodológico desenvolvido pela própria pesquisadora. Trata-se de uma monografia que teve como produto final um livro infantil ilustrado com base nos estudos feministas, em desenhos e entrevistas realizados com crianças de 10 anos de uma escola particular de Curitiba.

Optei por uma mescla entre as estratégias de abordagem de pais e professores utilizadas por Bueno com o estilo de atividades aplicadas para as crianças realizadas por Santos (2018). Com o auxílio de uma estudante de graduação em Psicologia, o problema de pesquisa e objetivos desta dissertação foram desdobrados em uma série de perguntas e atividades lúdicas com linguagem adequada para as crianças. Estas perguntas e atividades foram primeiramente aplicadas por mim e pela estudante de Psicologia¹⁵ em uma pesquisa exploratória e, após a análise dos resultados desta etapa, foram reestruturados na forma de uma gincana.

Todas as perguntas e atividades da gincana foram pensadas de forma a estimular a participação das crianças. A forma de aplicação da gincana e a formulação das perguntas sofriam pequenas alterações de acordo com a faixa

¹⁵ Nas sequências discursivas que aparecerão no decorrer do texto, o termo "Pesquisadora" se refere à minha participação nas gincanas. O termo "Aplicadora" se refere à participação da estudante de Psicologia, que atuou como aplicadora principal de todas as atividades com as crianças. Apesar de dividirmos muitas tarefas de aplicação de atividade de forma igual, a estudante de Psicologia ficou responsável pela preparação das crianças antes da gincana e introdução ao tema, fazendo interferências pontuais também na maneira como eu formulava as perguntas quando ela identificava ser necessário.

etária de cada grupo de crianças, divididos conforme o exposto por Piaget no livro "Seis estudos de psicologia" (1999). A forma de abordagem do tema gênero com as crianças teve como referência a obra "Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista", de Guacira Lopes Louro (2015), que também servirá como referência teórica para a análise do material produzido pelas crianças durante as atividades.

Durante as gincanas, as crianças respondiam blocos de perguntas e realizavam desenhos e colagens. Após as atividades de cada gincana, que tiveram seu áudio gravado, as falas das crianças foram transcritas e seus desenhos e colagens escaneados. Nesta etapa da pesquisa, o material passou pelo processo da análise de discurso (Orlandi, 2015) associados às bases teóricas sobre gênero (Butler, 2018; Thorne, 1993; Louro, 2014; Orenstein, 1996 e 2011), identidade (Woodward, 2018; Hall, 2011 e 2018) e infância (Louro, 2014; Bueno, 2012; Ariès, 1981; Steinberg & Kincheloe, 2004).

Pela Análise de Discurso (AD), procurei observar as posições-sujeito das crianças e da Disney Princesa (identificação e contra-identificação), e aspectos do silenciamento e do discurso de resistência presentes nos dizeres das crianças que participaram das gincanas para esta dissertação. Outros conceitos da AD também foram abordados, porém com menor enfoque: a memória discursiva e as formações imaginárias.

Algumas crianças assumiam, por vezes, a posição de identificação com o discurso hegemônico, na qual reproduziam valores tradicionais como, por exemplo, "princesa é coisa de menina". Em outros pontos da gincana, elas mostravam ocupar posição de contra-identificação, questionando, por exemplo, a passividade imposta às personagens femininas. Assim como houve situações de diálogo e debate entre as crianças, que algumas vezes chegaram a levar os participantes a proporem um discurso de resistência, também surgiram momentos de competição (entre membros de um mesmo grupo) e de tentativa de silenciamento do assunto "príncipes e princesas" e de colegas (normalmente meninos procurando silenciar meninas).

Analisando esses aspectos, pude observar momentos de reprodução do discurso hegemônico em algumas crianças (em especial nos meninos da escola particular), momentos de contra-identificação, surgidos por vezes até mesmo a

partir de um debate e de troca de ideias entre as crianças, e a presença de um discurso de resistência, que surgiu quando crianças desafiavam não só os saberes hegemônicos da memória discursiva sobre "príncipes e princesas", como por vezes até as próprias normas de comportamento socialmente atribuídas a meninos e meninas.

3.1 "PRA IR ALÉM": A PESQUISA EXPLORATÓRIA

A construção da pesquisa exploratória foi feita em duas etapas: a etapa teórica, com base nos conceitos de gênero que discutiríamos com as crianças; e a etapa teórico-prática, na qual refletimos sobre estratégias de discussão dos conceitos com as crianças e elaboramos um roteiro de perguntas e uma atividade de desenho¹⁶. O roteiro incluía perguntas gerais sobre o tema como, por exemplo, "homens e mulheres têm os mesmos deveres e obrigações?" na linguagem das crianças, e previa perguntas específicas sobre os desenhos que seriam entregues pelas crianças. Este roteiro foi apresentado para os pais e mães dos participantes que assinaram uma autorização para a participação de seus filhos na atividade.

Usando as definições de etapas da infância de Piaget, foram escolhidas para participar da atividade crianças da faixa etária entre 5 e 9 anos, idades que compreendem a primeira infância (dos dois aos sete anos) e a infância propriamente dita (dos sete aos doze anos) (Piaget, 1999, p. 24 e p. 40).

As crianças escolhidas para participar da pesquisa exploratória eram minhas vizinhas e a atividade foi realizada na área comum do condomínio onde moramos, ambiente familiar para todas as crianças, no dia 16 de janeiro de 2019, período de férias escolares. A princípio, 4 crianças, duas identificadas com o gênero masculino e duas com o gênero feminino, quiseram participar e foram autorizadas por seus pais. No dia da atividade, uma menina, irmã de uma das participantes, pediu para participar também e sua entrada foi aceita no grupo.

Todas as crianças se conheciam e pertenciam a um recorte social homogêneo. Todas eram cisgênero, identificando-se a si mesmas como meninos ou meninas durante a atividade. Todas também conheciam a Disney Princesa

¹⁶ O roteiro de atividades da pesquisa exploratória está disponível no anexo 11. O modelo do formulário de autorização está disponível no anexo 2.

apesar de alegarem diferentes graus de familiaridade com as personagens e suas narrativas ao longo da aplicação da pesquisa exploratória.

Após realizada a aplicação da pesquisa exploratória, eu e a Aplicadora¹⁷ trocamos notas, observações e realizamos uma pré-análise dos desenhos, falas e atitudes das crianças. Nesse processo, encontramos falhas na metodologia proposta como, por exemplo, a longa duração da etapa de perguntas, falta de estímulo para as crianças e perguntas muito abstratas como, por exemplo, "o que você quis dizer com esse desenho?"

De todos os pontos levantados, os que consideramos terem afetado mais a realização das atividades tanto sob o ponto de vista metodológico quanto sob o do resultado esperado (obter material de análise para a dissertação), foram:

a)

a

influência de uma criança na resposta de outra: segundo Piaget (1999, p. 41), as crianças mais novas (na primeira infância) tendem a imitar as mais velhas, principalmente em atividades com muitas regras. Sabrina¹⁸, de 6 anos, constantemente procurava se igualar às respostas e atitudes de sua irmã mais velha, Isabela, de 9 anos, o que comprometeu a originalidade de suas opiniões. Essas influências de uma criança nas respostas de outra nem sempre foram aspectos "falhos", pois nos mostraram características como diálogo, imposição/aceitação de liderança e discurso de resistência. Porém a pesquisa exploratória revelou diversas ocasiões que propiciavam que as crianças simplesmente repetissem as opiniões de outras para não manifestar as próprias, fosse por vergonha, intimidação diante da presença de adultas desconhecidas ou outros motivos que poderiam comprometer a obtenção de material suficiente para a análise a qual se propõe esta dissertação.

b)

o

tédio das crianças: por volta da marca de 40 minutos de realização

¹⁷ A estudante de psicologia trabalhou comigo na aplicação das gincanas. De agora em diante, refiro-me a ela como Aplicadora. Nas sequências discursivas, refiro-me a mim mesma como Pesquisadora.

¹⁸ Todos os nomes próprios dos participantes incluídos nesta dissertação são fictícios. Foi acordado com pais, escola e Associação, que a identidade de todas as crianças seriam preservadas, bem como a das instituições participantes e seus representantes.

de perguntas, as crianças mais novas já estavam dispersas. Os amigos Gustavo, Henrique e Carolina corriam pela sala e ignoravam as perguntas que lhes eram dirigidas. Foi necessário dar um intervalo, repetir a atividade do desenho e incluir uma atividade de corrida que não estava prevista, apenas com o intuito de dar descanso às crianças.

c)

m

inha participação restrita à condição de observadora: baseada no trabalho de Santos (2018), optamos por fazer com que a minha presença na sala se limitasse ao papel de observadora e deixamos, inicialmente, a aplicação exclusivamente à estudante de psicologia. Em meados da atividade, as crianças começaram a questionar minha presença na sala e tentaram me envolver na atividade. Minha presença como observadora, portanto, causou apenas distração e percebi que todas as minhas observações e anotações também poderiam ser realizadas caso eu fosse parte ativa da dinâmica.

d)

a

abstração de algumas perguntas: algumas perguntas realizadas para as crianças acabaram se mostrando muito abstratas. As perguntas inicialmente planejadas foram devidamente compreendidas pelas crianças, no entanto, as perguntas improvisadas sobre os desenhos por vezes eram abertas demais. Os participantes não sabiam o que responder ao serem questionados "o que você quis dizer com o seu desenho/com isso?". Descobrimos que perguntas mais diretas, apontando um aspecto específico do desenho (como "como você sabe que esse é o príncipe?") eram melhor compreendidas. Porém, como durante a elaboração dos desenhos as crianças conversavam paralelamente entre si e como "a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc." (Orlandi, 2015, p. 60), concluímos que as explicações das crianças sobre seus desenhos não eram necessárias. A própria AD daria conta de interpretar os desenhos como parte do discurso.

Mesmo com as falhas, alguns aspectos da atividade foram bem sucedidos, como o tema para discussão com as crianças. Mesmo quando os meninos alegavam o desconhecimento das narrativas das Princesas — o que, ao longo das gincanas se provou que não era verdade — foi possível identificar que essa tentativa de alegar desconhecimento na verdade era uma estratégia de silenciamento do dizer do outro (esse outro aparece no sentido amplo, tudo que diz respeito, na memória discursiva, sobre meninas e princesas).

A aplicação da atividade de pesquisa exploratória levou cerca de duas horas e meia, tempo demasiado longo para reter a atenção das crianças. Após a análise das falhas apontadas nos itens A a D acima, nós reestruturamos a proposta da atividade para um formato gincana. A aproximação da pesquisa ao formato de jogo foi uma proposta da Aplicadora para que as atividades se tornassem mais empolgantes e atraíssem mais a atenção das crianças. Além dos desenhos, foram inseridas duas etapas de atividades práticas que envolviam colagens e proporcionavam oportunidades para que as crianças mudassem o foco de sua atenção e permanecessem participantes ativas e interessadas da gincana por mais tempo.

A Disney Princesa está presente no cotidiano das crianças em vários produtos midiáticos como filmes, desenhos animados e brinquedos. É um exemplo daquilo que Néstor Garcia Canclini define como "estratégias de *marketing* mais sofisticadas para conseguir se inserir num mercado de escala mundial". (1995, p. 169). As crianças, no entanto, não distinguem as Princesas oficiais (como Mulan, Cinderela e Branca de Neve) de princesas não-oficiais (como a princesinha Sofia e Anna e Elsa, da franquia Frozen)¹⁹.

Para contornar essa confusão sem que fosse necessário descartar respostas das crianças ou modificar a atividade para que apenas as personagens Princesas oficiais fossem propostas (o que não era a intenção pois deixar as crianças livres para demonstrar seus próprios entendimentos do conceito de príncipes e princesas rendeu materiais ricos para uma análise de discurso), a Aplicadora propôs usarmos painéis com imagens de personagens.

¹⁹ Mais sobre a Disney Princesa no capítulo 4.

Quando conhecemos o processo discursivo podemos dispensar o material de análise inicial, pois estaremos de posse do funcionamento discursivo, que pode ser generalizado para outros conjuntos de materiais. (Orlandi, 2006, p. 17)

Pensando dentro desta linha, reformulamos a proposta de atividade prática com as crianças para blocos de perguntas e atividades visuais. As perguntas e atividades foram intercaladas e organizadas em um sistema similar com o de uma gincana, como veremos a seguir.

3.2 "E DEPOIS DA CURVA O QUE É QUE VEM": REFORMULAÇÃO DA ATIVIDADE

Procurando envolver mais as crianças e deixar a pesquisa mais estimulante para elas, as perguntas foram reduzidas, formuladas de forma objetiva e divididas em blocos. Cada bloco possuía quatro perguntas sobre um mesmo tema. Para perguntas que mencionavam príncipes, tomamos o cuidado para que elas viessem seguidas de uma pergunta igual que mencionasse princesas (e vice-versa).

Entre cada bloco de perguntas foram inseridas atividades lúdicas. Manteve-se o desenho, incluímos os painéis com imagens de personagens infantis e uma atividade na qual os participantes deveriam responder se concordavam ou discordavam de quatro afirmações: "princesas são fortes", "princesas são fracas", "princesas são corajosas" e "princesas são delicadas". As crianças deveriam colar um papel colorido abaixo das afirmações com as quais concordavam.

Mantivemos o recurso da gravação do áudio e, consequentemente, além da autorização de participação da criança na pesquisa os pais/responsáveis também assinavam autorizando a gravação de áudio. Todos os nomes das crianças foram trocados no momento da transcrição e para a análise dos desenhos. Durante a pesquisa, cada criança foi identificada com uma cor para facilitar a substituição de nomes no momento da transcrição. Em nenhum momento o nome real das crianças foi ou será divulgado. O roteiro completo das

gincanas, bem como um modelo da carta e do formulário de autorização enviado aos pais e diretores das instituições participantes estão disponíveis no anexo 1.

A atividade foi apresentada para as crianças como um jogo (ou gincana), no qual cada etapa de perguntas era um nível necessário para "desbloquear" uma das ilhas de atividades espalhadas pela sala. Essas ilhas eram as três atividades práticas (desenho, painel de personagens e cartaz de perguntas) e elas ficavam expostas na sala no momento em que as crianças entravam, gerando curiosidade nos participantes. Anunciamos também logo no início que haveria um prêmio para todos os que completassem a atividade, o que, a primeira vista, contribuiu para motivar as crianças.

Respeitando as divisões de fases da infância de Piaget (1999), separamos os participantes em dois grupos, o primeiro era composto por quatro crianças na primeira infância (5 completos a 7 anos e seis meses), duas identificadas como meninas e dois identificados como meninos, e o segundo por oito, quatro identificados como meninos e quatro identificados como meninas, daquelas que estavam na segunda fase da infância (7 e sete meses a 9 anos e onze meses). Esses dois grandes grupos de participantes foram divididos pela metade e distribuídos entre mim e a Aplicadora, que atuávamos como mentoras do jogo. Na medida do possível, separamos números iguais de crianças identificadas como meninos e como meninas para cada grupo. Na Associação, um menino de cada grupo faltou à dinâmica devido à doença ocasionada pelo mau tempo.

Para as crianças mais novas a estratégia adotada foi a cooperativa. Caso todas as crianças conseguissem terminar com sucesso a atividade, todas ganhariam um prêmio. Elas foram incentivadas a ajudar umas com as outras, especialmente caso percebessem que um colega encontrava dificuldades para responder uma pergunta ou realizar uma atividade. Foi ressaltado também que não existiriam respostas erradas, apenas "não sei"²⁰, e que a resposta do colega era tão válida quanto a sua, mesmo que fossem completamente diferentes.

Já com as crianças maiores, os dois grupos competiam entre si. Segundo Piaget (1999, p. 41), crianças nessa faixa etária já compreendem a

²⁰ Se o "não sei" viesse acompanhado de uma justificativa, ou se fosse elaborado pela criança (com ou sem a nossa ajuda), a resposta era considerada válida, mas não verbalizamos essas condições para as crianças durante a explicação pois foi algo que percebemos como válido durante o andamento das gincanas e após a realização delas.

lógica competitiva e são capazes de cooperar entre si. A princípio, a lógica funcionava da mesma maneira que a do grupo das crianças mais novas: todos precisavam terminar a atividade para ganhar o prêmio. No entanto, adicionamos um elemento a mais: o grupo que terminasse primeiro (vencesse o jogo) ganharia um prêmio extra especial. Os prêmios eram materiais escolares como giz de cera, lápis de cor, borracha e apontador. Optamos por incluir a estratégia da competitividade, a princípio, para garantir que a atividade fluísse de forma dinâmica, motivando as crianças a permanecerem focadas.

Uma das principais preocupações, tanto na escola quanto na Associação, era em relação ao tempo de duração de cada gincana. Se elas se estendessem para além do horário planejado, a dinâmica iria interferir com a rotina letiva dos participantes. Como já havíamos experienciado a perda de interesse das crianças na fase de pesquisa exploratória, utilizamos a competitividade como recurso. No entanto, após a leitura de material teórico sobre os jogos cooperativos, percebemos que existem maneiras de manter o dinamismo da atividade e o interesse desperto das crianças sem que a competição se faça necessária. Para a atividade de devolutiva com as crianças, esse aprendizado foi levado em conta e a competitividade foi desconsiderada. A devolutiva, originalmente prevista para tomar a forma de um jogo competitivo, se tornou um vídeo stop motion devido à pandemia do Covid-19²¹.

Após a reformulação da atividade, veio o momento de optar pelo local da aplicação. Seguindo a recomendação da estudante de psicologia e usando como base as experiências de Bueno (2012), Louro (2014) e Santos (2018), ambientes escolares (ou com estruturas similares à da escola) são familiares e trazem regras já internalizadas pelas crianças que facilitam a aplicação de uma pesquisa. Durante a pesquisa exploratória, reparamos que, como as crianças estavam em casa, elas se sentiam mais confortáveis para sair do ambiente e distraíam-se com jogos, objetos e brinquedos nas imediações. Optamos, então, pelo ambiente institucionalizado das escolas para a aplicação das gincanas.

Tendo em mente possíveis diferenças nas respostas que poderiam ser geradas por critérios socioeconômicos, optei por realizar a pesquisa em uma escola particular e em uma escola pública. A escolha por estas duas instituições

²¹ A atividade e o processo de devolutiva para as crianças estão detalhados no capítulo 8.

partiu de uma hipótese levantada a após a leitura da dissertação de Bueno (2012). A pesquisadora, durante seu processo etnográfico em duas escolas públicas e uma particular no interior de São Paulo, percebeu que o consumo de produtos midiáticos se dava de formas diferentes entre crianças de realidades socioeconômicas diferentes²².

Estabelecendo demarcações econômicas entre as crianças – e o significado de estar entre o limite de ter e não ter – os bens consumidos em sala de aula, ainda que sutilmente, revelaram classificações e diferenciações que eram, ali, operadas. (BUENO, 2012, p. 117)

Dadas as descobertas na pesquisa de Bueno (2012) e pensando na diversidade de sujeitos que gostaria de inserir nessa dissertação, escolhi levar em consideração o critério socioeconômico nesta análise.

A escolha da escola particular se deu a partir de contatos dentro da minha própria família. Tenho dois irmãos em idade escolar e ambos estudam em escolas particulares em Curitiba. Entrei em contato com os diretores de uma das escolas, aquela com o menor número de alunos bolsistas e maior valor de mensalidade, e em uma semana já havia obtido a autorização da instituição para que a pesquisa fosse aplicada com alguns alunos do primeiro e terceiro ano do Ensino Fundamental.

Em seguida, entrei em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, solicitando a autorização e orientações para que pudesse aplicar a pesquisa em crianças da rede pública de ensino. A Secretaria Municipal me informou que o processo de solicitação levaria cerca de seis meses e me recomendaram "tentar a sorte" com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, que poderia ter um processo mais ágil. Na Secretaria Estadual, fui informada da necessidade da aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná.

A UFPR não possui um comitê de ética específico para a área de Ciências Humanas, mas apenas um comitê único que se encarrega tanto de demandas das Ciências Humanas quanto das Ciências Biológicas e da Saúde. Quando solicitei

²² Essa escolha foi tomada mesmo sabendo de aspectos que poderiam ser negativos, como o fato da escolha dos participantes caber às instituições, que poderiam optar por escolher crianças mais calmas ou com alguma outra característica específica.

um dos diversos documentos necessários para o dossiê a ser enviado ao Comitê de Ética para a Secretaria Estadual, me foi informado que o tal documento só poderia ser compartilhado comigo após a aprovação do Comitê de Ética. Deparando-me com esse beco sem saída, voltei a recorrer à Secretaria Municipal e o mesmo me foi informado, com o adicional de que, pela faixa etária com a qual eu gostaria de trabalhar (5 a 9 anos), apenas a Secretaria Municipal estaria apta a atender a demanda.

Esse processo durou aproximadamente dois meses e terminou de forma inconclusiva. Ambas as secretarias exigiam a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da UFPR para disponibilizar alguns documentos solicitados na relação de materiais a comporem o dossiê de análise do dito comitê. Como não parecia que iria encontrar outra saída junto às instituições públicas e após refletir junto ao meu orientador, chegamos à conclusão que, se o objetivo desta dissertação era considerar o critério socioeconômico na composição dos grupos de crianças participantes, seria mais lógico se eu procurasse por instituições que atendessem crianças de famílias de baixa renda, já que o simples fato de cursar uma instituição pública de ensino não garante que a renda familiar da criança seja alta ou baixa.

Assim, procurei entre amigos o contato de instituições beneficentes e ONGs que trabalhassem com crianças em comunidades de baixa renda. Pouco mais de uma semana após estabelecer contato com a diretora da Associação, localizada em Piraquara (região metropolitana de Curitiba), fui autorizada a aplicar a pesquisa com as crianças de 5 a 9 anos participantes das atividades de contraturno escolar.

A questão ética foi, a meu ver, resolvida através da clareza de informações passadas aos pais e da assinatura do formulário de autorização. Conforme pode ser verificado nos anexos desta dissertação, os pais receberam, junto com o formulário de autorização o roteiro das gincanas e uma carta de esclarecimento delimitando o tema da pesquisa. Caso eles discordassem quanto à participação de seus filhos, a escola e a Associação se dispuseram a encaminhar os materiais para outras famílias. As crianças participantes foram selecionadas pelas próprias instituições, porém não tomei quaisquer medidas extras para garantir que as famílias tenham perguntado a elas se estavam dispostas, livre e

espontaneamente, a participar das gincanas o que, agora percebo, foi uma limitação metodológica.

Tanto os diretores da escola particular quanto a diretora da Associação me solicitaram uma devolutiva com os resultados da pesquisa quando esta estivesse concluída. Após a banca de qualificação, notamos a necessidade de proporcionar essa devolutiva também às crianças. Vivemos em uma cultura de adultos, na qual é comum "nos esquecermos" de levar em consideração as crianças como sujeitos, impondo a elas nossas vontades. Em uma pesquisa como a que esta dissertação se propõe não é concebível seguir essa lógica sem problematizá-la.

Dar a devolutiva para as crianças é o mínimo que pode ser feito, sendo que esta é uma pesquisa em que a fala delas é protagonista. Não previ, de início, uma maneira para garantir que todas as crianças que participaram da pesquisa quisessem realmente estar ali. Não pretendo cometer esse erro novamente na devolutiva.

3.3 APLICAÇÃO NA ESCOLA PARTICULAR

A escola particular escolhida está localizada em Curitiba. É uma escola com poucos alunos bolsistas (número pouco expressivo no total de alunos e que compreende filhos de professores e alguns atletas) e uma das mensalidades mais caras da capital paranaense. A escola oferece disciplinas em português e inglês e propõe uma abordagem curricular que, conforme nos foi explicado antes da realização da pesquisa no local, prioriza o aprendizado de habilidades sociais ao invés da memorização tradicional de conteúdos das disciplinas.

O contato com a escola foi realizado por meio de trocas de e-mails com o diretor geral da instituição e com o diretor do Ensino Fundamental I (devido a faixa etária proposta pela pesquisa). Foi encaminhado aos diretores o roteiro completo das atividades²³, contendo as perguntas que seriam feitas às crianças e descrições das atividades práticas, bem como uma carta de apresentação da pesquisa e um modelo de autorização que seria encaminhado aos

²³ Disponível no anexo 1.

pais/responsáveis das crianças participantes para que lhes fosse solicitado o consentimento de participação dos menores na pesquisa.

A aplicação se deu na sala da psicóloga da escola durante o horário de aulas regulares no mês de fevereiro de 2019. Nós tivemos total liberdade para arrumar o ambiente de maneira que ficasse mais conveniente para a pesquisa. A sala era localizada em frente ao gabinete do diretor, de modo que ele passava frequentemente em frente à porta, passando a segurança de um rosto familiar para as crianças, caso elas sentissem necessidade, ao mesmo tempo em que exercia sua autoridade de controle. Para nós, essa autoridade existia quando o diretor, ao passar pela sala, se mantinha a par que as atividades dentro da sala seguiam o roteiro que lhe havia sido encaminhado. Para as crianças, a presença do diretor, além da segurança, poderia passar a autoridade disciplinar. No entanto, se assim foi, as crianças não pareceram demonstrar que notavam a presença de qualquer pessoa fora da sala em que estávamos.

Para facilitar a logística para a escola, a seleção das crianças ficou a cargo dos diretores que optaram por escolher estudantes de uma única turma para o Grupo 1 e de outra única turma para o Grupo 2. Dessa forma, trabalhamos com grupos homogêneos no quesito idade e com crianças que se conheciam.

No primeiro grupo, trabalhamos com quatro crianças de 7 anos recém-completos, ou seja, crianças em fase de transição entre a primeira e a segunda infância. No segundo grupo, trabalhamos com oito crianças de 9 anos, dentre elas, uma menina não-brasileira (Margareth) que havia se mudado para o país em 2018 e ainda não compreendida bem o português. A atividade no grupo dela foi realizada em língua inglesa e as crianças brasileiras respondiam ora em inglês, ora em português²⁴.

A atividade com cada grupo levou, aproximadamente, 45 minutos para ser concluída. Após a conclusão da pesquisa, limpamos a sala e recolhemos as autorizações dos pais/responsáveis pelas crianças com o diretor. Em geral, o modelo da gincana se mostrou eficaz. As crianças permaneceram motivadas durante toda a atividade, que ocorreu de forma mais dinâmica do que a pesquisa exploratória.

²⁴ A escola particular que participou das pesquisas atende crianças da Educação Infantil ao Ensino Médio e possui uma comunidade pequena, porém expressiva, de famílias estrangeiras.

3.4 APLICAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

A associação beneficente escolhida atende famílias de baixa-renda ou na linha da pobreza na cidade de Piraquara, região metropolitana de Curitiba. As crianças que frequentam o espaço estudam por meio-período nas escolas públicas da região e desenvolvem, na Associação²⁵, atividades de música, leitura e reforço escolar no contraturno das aulas. São atendidas crianças que estejam cursando o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio. As crianças mais novas costumam frequentar as atividades da Associação no período da manhã e as mais velhas no período da tarde.

O contato com a associação beneficente, por sua vez, além da troca de e-mails, se deu por ligações e uma reunião prévia com a diretora, na qual apresentei o roteiro de atividades e a proposta de pesquisa. Assim como na escola particular, a diretora optou por escolher as crianças que participaram da pesquisa, levando em conta os horários de aulas e a receptividade das famílias com relação a pesquisas.

No dia da aplicação, um menino de cada grupo faltou à atividade por motivo de doença ocasionada devido ao mau tempo, segundo me explicou a diretora. A aplicação das gincanas ocorreu em uma das salas da Associação utilizadas pelas crianças. Nos foi dada total liberdade para modificar o espaço e adaptá-lo de acordo com as necessidades da gincana antes da entrada de cada grupo de participantes. Assim como na escola particular, separamos as crianças em grupos de gêneros mistos.

Contudo, na Associação, os membros do grupo eram de idades diferentes e conseguimos representantes de todas as idades dentro da faixa etária proposta pela pesquisa (5 a 9 anos). Houve também a presença de uma menina com 8 anos recém-feitos no grupo das crianças menores (5 a 7 anos), por motivos relacionados aos horários da criança. Sua presença não prejudicou a atividade realizada com o Grupo 1 e tão pouco pareceu afetar a dinâmica para ela.

²⁵ Para simplificar e evitar confusão com o nome comum "associação", me refiro à associação beneficente ao longo do texto com a maiúscula Associação.

Como foi realizada após a atividade na escola particular, seria muito difícil não fazer uma primeira (e breve) comparação após o término da dinâmica na associação e o recolhimento das autorizações com a diretora. As crianças da associação beneficente se mostraram, em geral, mais caladas do que as da escola particular, respondendo às perguntas de forma elaborada, mas com menos conversas paralelas. Mesmo assim, a estrutura das gincanas se mostrou eficaz no estímulo às crianças. A grande maioria dos participantes saiu da sala comentando em voz alta que haviam gostado "das brincadeiras".

Os detalhes das atividades, as respostas, desenhos e colagens das crianças, tanto da escola particular, quanto da Associação, serão analisados em detalhes a partir do capítulo 5 desta dissertação.

4. "SONHE ALTO": A TRAJETÓRIA DISCURSIVA DA DISNEY PRINCESA

As Princesas Disney fizeram e fazem parte da infância de várias gerações. O primeiro filme longa-metragem da Disney (e também o primeiro longa-metragem de animação do mundo) contou a história de uma Princesa²⁶. Criada em 2000 por Andy Mooney, ex-executivo da Nike, a franquia já abrangeu de personagens clássicas como Branca de Neve e Cinderela²⁷, a personagens como Esmeralda²⁸, a cigana de O Corcunda de Notre Dame (1995) e a fada Sininho²⁹, de Peter Pan (1953). As personagens foram reunidas sob um escudo com o nome *Disney Princesa* na cor rosa Pantone 241 C.

Declarada pela Walt Disney Company como uma de suas três franquias mais lucrativas, a Disney Princesa hoje reúne 12 personagens femininas de 12 filmes clássicos diferentes lançados entre o ano de 1937 e 2016. As personagens, apesar de possuírem suas próprias histórias e filmes, aparecem juntas em brinquedos, CDs especiais, materiais promocionais, itens de higiene, materiais escolares e toda uma variedade de outros produtos destinados ao consumo principalmente de crianças, mas alguns também para adultos.

²⁶ BRANCA de Neve e os Sete Anões. Direção de David Hand. Burbank: Walt Disney Productions, 1937. (83 min).

²⁷ CINDERELA. Direção de Clyde Jeronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Burbank: Walt Disney Animation Studios, 1950. (75 min).

²⁸ O CORCUNDA de Notre Dame. Direção de Gary Trousdale e Kirk Wise. Burbank: Walt Disney Pictures, 1996. (91 min).

²⁹ PETER Pan. Direção de Clyde Jeronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Burbank: Walt Disney Productions, 1953. (76 min).

FIGURA 2: EXEMPLOS DA VARIEDADE DE PRODUTOS OFICIAIS DA DISNEY PRINCESA



Atualmente, as personagens oficiais da Disney Princesa são Branca de Neve, Cinderela, Aurora³⁰, Ariel³¹, Bela³², Jasmine³³, Pocahontas³⁴, Mulan³⁵, Tiana³⁶, Rapunzel³⁷, Merida³⁸ e Moana³⁹. As personagens Anna e Elsa, do filme *Frozen* (2013), foram criadas com o intuito de se juntarem às Princesas⁴⁰, porém o grande sucesso de *Frozen* fez com que elas se tornassem as protagonistas de

³⁰ A BELA Adormecida. Direção de Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Burbank: Walt Disney Productions, 1959. (75 min).

³¹ A PEQUENA Sereia. Direção de Ron Clements e John Musker. Burbank: Walt Disney Pictures, 1989. (83 min).

³² A BELA e a Fera. Direção de Gary Trousdale e Kirk Wise. Burbank: Walt Disney Pictures, 1991. (84 min).

³³ ALADDIN. Direção de Ron Clements e John Musker. Burbank: Walt Disney Pictures, 1992. (90 min).

³⁴ POCAHONTAS. Direção de Mike Gabriel e Eric Goldberg. Burbank: Walt Disney Pictures, 1995. (81 min).

³⁵ MULAN. Direção de Tony Bancroft e Barry Cook. Orlando: Walt Disney Pictures, 1998. (95 min).

³⁶ A PRINCESA e o Sapo. Direção de Ron Clements e John Musker. Burbank: Walt Disney Animation Studios, 2009. (89 min).

³⁷ ENROLADOS. Direção de Nathan Greno e Byron Howard. Burbank: Walt Disney Animation Studios, 2010. (100 min).

³⁸ VALENTE. Direção de Mark Andrews e Brenda Chapman. Emeryville: Pixar Animation Studios, 2012. (93 min).

³⁹ MOANA, um mar de aventuras. Direção de Ron Clements e John Musker. Burbank: Walt Disney Animation Studios, 2016. (107 min).

⁴⁰ Princesas, quando escrito com a inicial maiúscula, refere-se às Princesas oficiais da franquia Disney Princesa. Com a inicial minúscula refere-se ao título de realeza.

sua própria franquia, hoje a segunda mais lucrativa da Disney, perdendo apenas para Mickey Mouse e amigos⁴¹.

FIGURA 3: AS PRINCESAS DA DISNEY OFICIAIS EM 2019⁴².



Note, na figura 3, que a maioria das Princesas são europeias. No entanto, a partir de Jasmine, há, aparentemente, uma preocupação maior com a diversidade étnica das personagens. Como as Princesas só foram reunidas em uma franquia nos anos 2000, não é possível dizer que essa preocupação foi proposital desde o início. A representatividade, tópico que entrarei mais adiante, só foi afirmada como uma preocupação oficial da Disney para a franquia em 2007, a partir de uma entrevista de Andy Mooney para a ABC News⁴³.

Apesar da popularidade das personagens Princesas atravessar gerações, há estudos que apontam os malefícios da chamada "cultura da princesa" para crianças, especialmente para as meninas. Na sua dissertação de 2012, a

⁴¹ KLINE, Daniel. Motley Fool. How Disney will make Frozen a Billion-Dollar Franchise. Disponível em: <<https://www.fool.com/investing/general/2014/05/14/how-disney-will-make-frozen-a-billion-dollar-franc.aspx>>. Acesso em 27 ago. 2019.

⁴² Todas as imagens das Princesas Disney contidas neste capítulo são propriedade da Walt Disney Company. Algumas foram obtidas através de *print screens* de *frames* dos filmes, outras através de sites de fãs que reúnem imagens históricas das Princesas, e outras são imagens oficiais divulgadas pela Disney em suas redes sociais, lojas virtuais e site.

⁴³ Disponível em: <https://abcnews.go.com/GMA/Health/story?id=3065469&page=1>. Acesso em 03 nov. 2019.

antropóloga Michele Escoura Bueno, a partir de uma etnografia realizada com crianças de 5 anos de duas escolas públicas e uma particular no Estado de São Paulo, apontou como a imagem da Princesa ainda está presente no imaginário das crianças como uma mulher passiva que se torna Princesa a partir do casamento.

O resultado encontrado por Bueno é similar a pesquisas norte-americanas realizadas com crianças da mesma faixa etária. Uma delas, conduzida pela americana Sarah Coyne e publicada em 2016, analisa 198 crianças com faixa etária entre 4 e 6 anos de idade, meninos e meninas. Coyne e sua equipe apontaram que, para as meninas, aquelas mais identificadas com a "cultura da princesa" estavam mais propensas a desenvolver características de personalidade classificadas pela pesquisa como "dentro do estereótipo da feminilidade", ou seja, personalidades mais passivas, atitudes gentis e empáticas em relação ao outro. Seguindo a teoria social cognitiva do desenvolvimento de gênero, o estudo de Coyne e colegas partiu do princípio de que

Dado que as Princesas Disney são do sexo feminino, e são predominantemente populares entre jovens meninas, nós esperaríamos que os efeitos de visualização de tal mídia nos comportamentos seriam mais fortes para meninas do que para meninos, e especialmente para aquelas meninas que têm altos níveis de identificação com as Princesas Disney. Apesar de que meninos poderiam aprender estereótipos e normas de gênero a partir da visualização de mídia Disney Princesa, esse aprendizado pode não se transferir prontamente em comportamento. Em particular, a conformidade com os estereótipos tradicionais de gênero é mais pronunciado e valorizado para meninos do que para meninas, e visualização, identificação com, e brincadeiras com brinquedos Disney Princesa representam uma considerável distância das normas tradicionais masculinas (Bussey & Bandura, 1999). Além disso, meninos podem ser menos suscetíveis a se identificar com e portanto aprender a partir de personagens femininas. De acordo, nós esperamos que qualquer efeito em comportamento estereótipo de gênero será mais fraco para meninos do que para meninas. (Coyne e colegas. 2016, p. 3)⁴⁴

⁴⁴ Given that Disney Princesses are female, and are predominantly popular among young girls, we would expect the effects of viewing such media on behaviors be stronger for girls than boys, and especially for those girls who highly identify with Disney Princesses. Although boys could learn gender stereotypes and norms from viewing Disney Princess media, this learning may not readily transfer into behavior. In particular, conformity to traditional gender stereotypes is more pronounced and valued for boys than for girls, and viewing, identifying with, and playing with Disney Princess toys represent a fairly large departure from traditional masculine norms (Bussey & Bandura, 1999). In addition, boys may be less likely to identify with and therefore learn from female characters. Accordingly, we expect any effects on gender-stereotypical behavior to be weaker for boys than girls.

A pesquisa de Coyne e colegas descobriu que essa premissa era verdadeira, porém para os meninos que consumiram produtos Disney Princesa com a mediação de adultos (pais e professores), incentivando a reflexão sobre as histórias consumidas, o contato com a Disney Princesa proporcionava que eles adotassem características mais sociáveis e empáticas, e também que tivessem uma visão mais positiva sobre seus próprios corpos.

Adiantando as considerações que serão feitas nos próximos capítulos desta dissertação, observo que, inicialmente, as suposições de Coyne e colegas também se aplicaram. Em geral, os meninos que participaram das gincanas para esta dissertação apresentaram menor nível de conhecimento e identificação com o tema "príncipes e princesas" proposto. Seus desenhos, conforme figuras abaixo, traziam menos cores e menos detalhes do que os desenhos das meninas.

FIGURA 4: MONTAGEM COM DESENHOS DOS MENINOS DO GRUPO 1 (ESCOLA E ASSOCIAÇÃO)



FIGURA 5: MONTAGEM COM DESENHOS DAS MENINAS DO GRUPO 1 (ESCOLA E ASSOCIAÇÃO)



Assim como no trabalho de Coyne e colegas, observei que, em grupos onde ocorria diálogo e debate entre as crianças, meninos e meninas tendiam a adotar posições mais críticas em relação aos estereótipos de gênero presentes na "cultura da princesa". Um grupo, por exemplo, primeiramente concordou que a beleza era um aspecto primordial para princesas, porém, após debate, concluíram que, caso a princesa em questão preferisse se divertir na lama, ela poderia fazê-lo sem que isso fosse prejudicá-la ou tirar-lhe o título de princesa.

O debate entre benefícios e malefícios da "cultura da princesa" também passa pelos artigos de opinião em jornais e revistas. Em 2006, a jornalista e pesquisadora Peggy Orenstein publicou no *The New York Times* um artigo chamado "*What's Wrong With Cinderella?*" (O que há de errado com Cinderela?), no qual criticava a imposição de produtos de consumo com a temática das Princesas Disney e da cor rosa.

Analisando as Princesas Disney existentes até então (de Branca de Neve a Mulan), Orenstein afirma que suas narrativas são um exemplo negativo para meninas, pois podem aumentar os riscos de depressão e insatisfação com o próprio corpo. O artigo de Orenstein se trata de uma peça de opinião então,

apesar de citar estudos que em teoria comprovam seus argumentos, ela não traz nenhuma referência teórica no texto. Em 2011, Orenstein publicou *Cinderella ate my daughter* (Cinderela comeu minha filha, em tradução livre), no qual ela relata resultados de sua pesquisa sobre a sexualização de meninas a partir da "cultura da princesa", dessa vez com o devido aporte teórico.

Em resposta ao artigo de Orenstein, a ABC, grupo de comunicação que pertence à Disney, publicou no início de 2007 um texto (não tão extenso quanto o publicado no *The New York Times*) intitulado "*What is Wrong With Being a Princess?*" (O que há de errado em ser uma Princesa, em tradução livre). Neste artigo, que não está assinado, a empresa se defende das críticas com as palavras de Andy Mooney, criador da franquia Disney Princesa:

Isso não é realmente sobre ser uma donzela em perigo. Isso é sobre essas meninas projetando a si mesmas na vida de uma princesa e no ambiente de uma princesa, e meio que realmente aproveitando aquele momento. (Andy Mooney para ABC News, 2007)⁴⁵.

Esta justificativa não contentava os críticos. Orenstein, inclusive, rebateu em *Cinderella ate my daughter* com falas do próprio Andy Mooney, obtidas em entrevista, que a Disney jamais se preocupara com os valores que as princesas poderiam estar transmitindo para as crianças, especialmente para meninas. Orenstein relata que, para Mooney, a Disney apenas "dava às meninas aquilo que elas já queiram" (Orenstein, 2011, p. 15).

Orenstein (2011) mostrou que, apesar de, na época, não haver nenhuma pesquisa focada nos efeitos do consumo das Princesas Disney (a pesquisa de Coyne e colegas foi publicada somente em 2016), existem dados que comprovam que meninas que se identificam com estereótipos tradicionais de gênero estão mais propensas a terem perspectivas limitadas para seus futuros, a se enxergarem como objetos e a sofrerem de abusos físicos e sexuais na idade adulta. Esses dados aparecem no próprio *Schoolgirls*, livro de 1996 que reúne uma pesquisa realizada por Orenstein em parceria com a *American Association of University Women* em duas escolas públicas norte-americanas.

⁴⁵ This is really not about being a damsel in distress. This is really about these girls projecting themselves into the life of a princess and the environment of a princess, and kind of really reveling in that moment.

Apesar de tantas controvérsias, até 2016 não havia nenhuma mobilização que demandasse mudanças concretas por parte da Disney. Esse cenário mudou com um abaixo-assinado iniciado por uma família contrária às mudanças realizadas no desenho da Princesa Merida no momento de sua coroação como Princesa oficial, realizada em 2015 em um dos parques da Disney. O abaixo-assinado acusava a Disney de sexualizar a personagem⁴⁶.

Conforme podemos observar a partir do aumento nos artigos e pesquisas sobre a "cultura da princesa", é possível perceber que a visão crítica por parte de pais e pesquisadores é algo que vem crescendo nos últimos anos. Assim como os críticos, o posicionamento da Disney vem se distanciando da declaração de Andy Mooney em 2007, ao tentar romper minimamente com os marcadores oficiais de representação do gênero feminino.

Até 2009, a última Princesa criada pela Disney havia sido Mulan, em 1998, antes mesmo da oficialização da franquias para as personagens. Mulan é uma Princesa que conquista seu título não através de sua própria linhagem real ou de casamento com um príncipe, mas sim por suas vitórias dentro do exército chinês. Apesar disso, a pesquisa de Bueno (2012, p. 151) aponta que ela ainda é percebida pelas crianças como Princesa por ser retratada em produtos com seu belo quimono, ao invés da armadura que utiliza na maior parte de seu filme, e por ter conquistado o interesse amoroso de um homem no final da narrativa.

Em 2009 a Disney lança uma nova Princesa: Tiana, a primeira Princesa negra da franquias. Tiana é também a única Princesa que possui um emprego fora de casa, apesar de ainda estar relacionado aos afazeres domésticos (ela sonha em ser uma chef de cozinha e abrir seu próprio restaurante). Além desses dois (importantes) fatores, a história de A Princesa e o Sapo se desenrola como mais uma Princesa Clássica da Disney. Tiana conquista o príncipe encantado e seu belo vestido brilhante em forma de bolo.

O caso de Tiana, no entanto, não pode ser analisado da mesma maneira que os filmes clássicos como Cinderela ou A Bela Adormecida. Tiana, ao contrário de suas predecessoras, é uma mulher negra e traz consigo toda a responsabilidade em ser a primeira a representar todo um grupo de mulheres que

⁴⁶ Disney: say no to the Merida makeover. Keep our hero brave. Change.org. Disponível em: <<https://www.change.org/p/disney-say-no-to-the-merida-makeover-keep-our-hero-brave>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

estava ausente da narrativa Disney Princesa até então. Assim sendo, é preciso se ter em mente que as pautas discutidas pelas mulheres negras vão além daquelas debatidas pelas mulheres brancas.

A rapper Luana Hansen, em entrevista para o livro *Explosão Feminista*, de Heloísa Buarque de Hollanda, explica: "Enquanto as mulheres queimavam sutiã para ir trabalhar, nós, mulheres negras, sempre estivemos trabalhando; a gente nunca brigou para ir trabalhar, a gente brigou para ser respeitada". (Hansen, int. Ribeiro, int. Silva, int. Hollanda, 2018, p. 267). Se para uma Princesa branca ter um trabalho como o de Tiana talvez fosse considerado algo inovador, para uma Princesa negra, que representa mulheres que possuem uma relação histórica com o trabalho vinculada à escravidão e à submissão, a posição de Tiana enquanto trabalhadora acaba caindo dentro de um discurso hegemônico.

Tiana e seu filme, *A Princesa e o Sapo*, com certeza renderiam várias pesquisas, porém aprofundar-se especificamente nela e em sua narrativa não é o intuito desta dissertação. Com os argumentos acima colocados, partimos do princípio que Tiana inaugurou, ao menos cronologicamente, uma "nova leva" das Princesas Disney. A ela seguiram-se Rapunzel (2010), Merida (2012), o grande sucesso *Frozen* (2013), com suas irmãs protagonistas Anna e Elsa, e *Moana* (2016). Cada uma dessas personagens trouxe rupturas próprias à narrativa clássica das Princesas Disney.

A chegada dessas novas personagens trouxe novos aspectos a serem considerados nas discussões entre críticos, pais, mães, pesquisadores e jornalistas. Em geral, as novas personagens foram recebidas com receio. A opinião geral entre os críticos era a de que a Disney estaria apenas atualizando suas Princesas às demandas das mulheres do século XXI, sem de fato promover uma mudança real nos ideais restritos de performance de gênero que elas propagavam.

Em um tom mais otimista, porém ainda dentro dessa mesma linha de raciocínio, a jornalista Melinda Parks, em um artigo publicado em 2014 na *Highbrow Magazine*⁴⁷, categorizou as Princesas Disney até 2014, e mais Anna e Elsa, dentro das quatro ondas do feminismo. Neste artigo, Parks categoriza as Princesas Branca de Neve (1938), Cinderela (1950) e Aurora (1959) dentro da

⁴⁷ Disponível em: <https://www.highbrowmagazine.com/4388-how-fourth-wave-feminism-changing-disney-s-princesses>. Acesso em 06 out. 2019.

primeira onda do feminismo, na qual "mulheres haviam recebido direitos políticos, mas ainda faltava a igualdade social e a autonomia sexual que viriam anos depois"⁴⁸.

Apesar de haver debate sobre o conceito de ondas do feminismo no Brasil, o produto midiático que analiso é norte-americano e, portanto, a interpretação de Parks é válida. A primeira onda do feminismo foi marcada pelo movimento sufragista nos países do hemisfério norte. Ocorrida no final do século XIX e início do século XX, o movimento focou na igualdade de direitos políticos para, principalmente, mulheres brancas de classe média-alta.

Como a própria Parks comenta no artigo, as princesas clássicas da Disney Branca de Neve, Cinderela e Aurora, assim como as feministas de primeira onda, possuem certa autonomia, pois são as protagonistas de suas histórias, porém as três não possuem independência em relação à sua sexualidade e seus talentos ainda se resumem a cuidar da casa. Apesar de todas conhecerem seus príncipes antes de se casarem, são os príncipes que escolhem ficar com elas. Os príncipes de Branca de Neve e Aurora as beijam enquanto dormem e o momento é tratado no filme como um final feliz. Cinderela comparece ao baile real no qual o príncipe deve escolher uma noiva entre as milhares de jovens do reino. O motivo pelo qual as três Princesas são escolhidas parece, nos filmes, ser unicamente a beleza física das personagens.

A segunda onda do feminismo não produziu Princesas oficiais. Datada dos anos 1960 até meados dos anos 1980, o movimento tinha como slogan "o pessoal é político", expressão forjada a partir do *Women's Liberation Movement*, nos Estados Unidos. Segundo Cecília Sardenberg (2018), as feministas de segunda onda se reuniam em grupos para a reflexão sobre as consequências do modelo social patriarcal na vida das mulheres. "O processo de socialização das experiências permitiu às mulheres constatarem que os problemas vivenciados no seu cotidiano tinham raízes sociais e demandavam, portanto, soluções coletivas" (p. 2).

Os protestos das mulheres "defendendo o direito ao corpo, ao aborto, à liberdade sexual e ao fim das desigualdades no trabalho e no contexto familiar" (Hollanda, 2018, p. 13) que tomaram conta do feminismo nos Estados Unidos e

⁴⁸ "women had received political rights but still lacked the social equality and sexual autonomy that would come years later"

Europa chegaram mais sufocados no Brasil devido a emergência da ditadura militar. Hollanda relembra que a segunda onda do movimento feminista no Brasil teve que minimizar algumas das demandas características dessa fase no estrangeiro para que pudesse contar com o apoio da Igreja Católica e dos partidos comunistas, instituições que ofereciam alianças contra as perseguições da ditadura militar.

Apesar de ter vivido a segunda onda do feminismo, Hollanda se define como uma feminista de terceira onda. A terceira onda do feminismo, com início no final dos anos 1980 e percorrendo toda a década de 1990, trouxe a questão da interseccionalidade para a pauta do movimento. Até então, apenas as mulheres brancas estavam representadas. Hollanda (2018) cita pesquisadoras como Donna Haraway, Teresa de Lauretis e Judith Butler como algumas das autoras responsáveis pelo "boom teórico da terceira onda feminista [que] foi, sem dúvida, um momento de fortes emoções epistemológicas" (Hollanda, 2018, p. 19).

Parks afirma em seu artigo que Ariel, Bela, Pocahontas, Jasmine e Mulan seriam fruto dessa terceira onda do feminismo. Na época em que Bueno (2012) realizou sua análise etnográfica com crianças, essas cinco Princesas eram definidas pela Disney no site oficial como "princesas rebeldes". A definição, que pode parecer contraditória se levarmos em consideração que o imaginário tradicional sobre princesas as define como obedientes, foi dada às personagens devido ao fato de possuírem personalidades próprias e serem questionadoras.

Com filmes lançados entre 1989 e 1997, essas Princesas estão, em escala cronológica, situadas dentro da terceira onda do feminismo. Parks ainda aponta que é a partir desse momento que a Disney começa a dar origens étnicas não-européias para as suas personagens. Das cinco Princesas citadas acima, apenas Ariel e Bela são brancas.

Após o lançamento de *Mulan*, a Disney não fez nenhum outro filme de princesa até *A Princesa e o Sapo* em 2009. Durante aquele período de 11 anos, as mídias sociais modernas facilitaram a discussão global dos problemas encarados pelas mulheres contemporâneas, levando ao que alguns chamam de quarta onda do feminismo. (Parks, Melinda. "How Fourth Wave Feminism is Changing Disney's Princesses". *Highbrow Magazine*, 2014)⁴⁹.

⁴⁹ Following the release of *Mulan*, Disney didn't make another princess movie until *The Princess and the Frog* in 2009. During that 11-year stretch of time, modern social media facilitated the global

Hollanda (2018, p. 12) ressalta esse o colaborativismo facilitado pela popularização das redes sociais digitais como um dos pontos mais importantes na quarta onda feminista.

Vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que revolução. (Hollanda, 2018, p. 12)

O feminismo de quarta onda, iniciado em meados dos anos 2000 e que continua até os dias de hoje, tem o enfoque no empoderamento das mulheres e na sororidade. Pensando nessas características, faz sentido que, para Parks, as narrativas de Valente (2012) e Frozen (2013) retratam as características da quarta onda do feminismo. Em ambos os filmes, o romance fica em segundo plano. Valente aborda a relação entre mãe e filha e Frozen o amor entre duas irmãs.

O aumento nas críticas, difundidas em especial por artigos *online*, como o de Parks, o sucesso de Valente e Frozen, narrativas com maior destaque para as mulheres, e, por fim, a petição que solicitava à Disney um posicionamento sobre a sexualização da Princesa Merida (como veremos mais abaixo), evidenciam as características do feminismo de quarta onda.

Essas reações online, combinadas com a alta lucratividade do filme Frozen que, mesmo sem ter a figura do príncipe salvador ainda foi um dos maiores sucessos entre meninos e meninas nos últimos anos, culminaram em uma proposta de mudança na narrativa que engloba as 12 personagens oficiais da franquia Disney Princesa.

Em 2016, sem que houvesse qualquer alteração nos filmes clássicos originais, a Disney Princesa lançou um novo slogan e uma nova proposta de abordagem para a narrativa ou, como Andy Mooney e outros executivos da Disney chamam os elementos em comum entre as personagens, para a "mitologia" que une as Princesas em uma mesma franquia.

4.1 A DISNEY PRINCESA AO LONGO DOS ANOS

Antes de entrarmos na questão da reformulação do posicionamento da franquia Disney Princesa, é preciso reforçar que esta não foi a primeira vez que a Disney propõe uma releitura de suas personagens de sucesso.

Desde a criação da Disney Princesa, as imagens das personagens oficiais já passaram por, pelo menos, cinco releituras. Andy Mooney afirmou em várias entrevistas sobre o fenômeno Disney Princesa que ele apenas buscou "dar às meninas aquilo que elas queriam" (Orenstein, 2011, p. 41). Não houve nenhuma pesquisa de mercado, grupo focal ou qualquer atividade do tipo antes do lançamento da franquia (Orenstein, 2011, p. 14). A ausência de um planejamento detalhado fica evidente no entra-e-sai de personagens oficiais no início do ano 2000.

Foi por volta de 2005 que o grupo das Princesas oficiais ficou fechado com as personagens Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Ariel, Bela, Pocahontas e Mulan. Os executivos da Disney, quando questionados sobre os critérios e características que possibilitam a entrada de uma personagem na franquia sempre respondem vagamente que as candidatas devem se encaixar na "mitologia" das Princesas.

O termo "mitologia" é utilizado pela Disney não só para as Princesas, mas para todos os seus filmes. Orenstein (2011, p. 13) aponta como Roy Disney (irmão e sócio de Walt Disney e também o principal encarregado da parte administrativa da empresa até a sua morte) foi a princípio relutante a unir personagens de diferentes filmes em uma mesma marca, por implicar uma mistura de histórias cujas "mitologias" não seriam compatíveis.

Pelo uso que os representantes da Disney fazem da palavra em entrevistas, podemos compreender "mitologia" como as características de uma narrativa ou de um grupo de narrativas. No caso das Princesas, essas características poderiam ser: fazer parte de uma família real por nascimento ou casamento, ser mulher, ser a protagonista de seu próprio filme. Se analisadas as personagens oficiais sob essas características, perceberemos que não há de fato

uma única característica — exceto, até agora, ser uma mulher cisgênero — que englobe todas as Princesas.

Branca de Neve, Aurora, Ariel, Jasmine, Rapunzel e Merida são princesas por nascimento (Jasmine, no entanto, não é protagonista de seu próprio filme). Cinderela, Bela e Tiana são as protagonistas e princesas por casamento. Pocahontas e Moana são protagonistas, filhas de líderes de tribos nativas (dos Estados Unidos e da Polinésia, respectivamente), podendo ser consideradas princesas por nascimento, apesar deste título não fazer sentido para suas culturas.

Já Mulan, apesar de mulher e protagonista de seu filme, não nasce princesa e nem se casa com um príncipe. Por conta dessas discrepâncias, há quem diga que a "mitologia" não existe e que o verdadeiro critério para uma personagem se juntar às Princesas é puramente monetário. Personagens de filmes com baixa bilheteria não serão incluídas, mesmo que sejam princesas por nascimento, como a princesa Eilonwy, de *O Caldeirão Negro*. O filme também não pode ser um sucesso desproporcional ao ponto de justificar financeiramente a criação de uma nova franquia (como Anna e Elsa, de *Frozen*).

Logo após a criação da Disney Princesa, as imagens das personagens não foram alteradas em comparação aos seus traços originais em seus próprios filmes. Do estilo da animação às roupas, quase todos os detalhes permaneceram iguais aos filmes originais (com uma leve remasterização nos desenhos das princesas mais antigas, como Branca de Neve, Cinderela e Aurora, o que pode ser justificado pelo *gap* tecnológico, que girava em torno de 50 anos, existente entre o lançamento dos filmes originais e da franquia Disney Princesa).

FIGURA 6: AS PRINCESAS DISNEY EM 2005



Em 2007, com a potencial entrada da princesa Giselle, personagem interpretada por Amy Adams no filme *live action* Encantada (2006), ocorreu a primeira releitura dos traçados das Princesas. A personagem Giselle possui uma versão animada, porém seu filme não é uma animação. Talvez por se tratar de uma personagem cujas feições animadas eram inspiradas em uma atriz e por Encantada não ser um filme 100% em formato de animação como os demais filmes das Princesas, houve o interesse de criar uma identidade única e homogênea para as personagens que já faziam parte da franquia⁵⁰. Outro motivo, tenha sido apenas que a entrada de uma nova personagem abriria uma oportunidade para criar uma identidade visual única para as Princesas e, consequentemente, uma nova variedade de brinquedos, materiais escolares e outros produtos.

⁵⁰ A Disney não deixa claro em momento algum que este foi o motivo das novas imagens das Princesas. No entanto, essa mudança ocorreu na mesma época em que a personagem Giselle, proveniente de um filme *live action*, foi considerada para ingressar na franquia. Será apontado mais adiante que outras releituras de traçados ocorreram sempre coincidentemente no momento do ingresso de novas Princesas, o que pode indicar uma adaptação das Princesas antigas às tecnologias de animação modernas. Um motivo prático para essa mudança pode ser para buscar minimizar as diferenças técnicas entre uma animação de 1937 (como Branca de Neve) e uma de 2012 (como Valente). Isso não significa que a Disney não tenha aproveitado a oportunidade para adequar as personagens a determinado padrão estético.

FIGURA 7: AS PRINCESAS DISNEY EM 2007



Repare na figura 7 que Mulan e Pocahontas, apesar de nunca terem sido desligadas oficialmente da franquia, não aparecem nas imagens oficiais do grupo. Aqui entro na questão da preocupação sobre a representatividade. Apesar de incluir Princesas de etnias não europeias desde o início (Jasmine, Pocahontas e Mulan), não é possível dizer que essas três personagens foram criadas pensando no alcance global que a franquia Disney Princesa teria. A princípio, elas eram apenas personagens de suas próprias narrativas que sofreram críticas por incluírem elementos culturais de etnias minoritárias sem preocupação com caracterizá-los de aspecto genérico, errôneo ou ofensivo⁵¹.

Com a chegada de Tiana, a primeira princesa afro-americana, uma nova reformulação nas imagens foi feita, desta vez, acrescentando mais cores e brilhos. A questão estética aparece muito marcada na figura abaixo. Os longos e bufantes vestidos de baile ganharam acessórios, as Princesas ganharam joias e coroas (ainda mais) brilhantes.

⁵¹ O trecho "Como é bárbaro o nosso lar", de Noite na Arábia, música de Aladdin (1993), a romantização do colonialismo em Pocahontas (1995) e o uso de divindades chinesas como alívio cômico em Mulan (1998) são alguns aspectos criticados desses filmes.

FIGURA 8: AS PRINCESAS APÓS 2009



Não é segredo para ninguém que o propósito principal da Disney Princesa é a garantia de lucro para a Disney e a exploração de um nicho de mercado específico. Andy Mooney, o criador da franquia, deixa claro sempre que questionado:

Eu gostaria de poder sentar aqui e tomar o crédito por ter visionado um grande esquema para desenvolver isso, mas tudo o que fizemos foi imaginar o quarto de uma menininha e pensar em como ela poderia viver a fantasia da princesa. [...] Em qual tipo de cama uma princesa gostaria de dormir? Com qual tipo de despertador uma princesa gostaria de acordar? Qual tipo de televisão uma princesa gostaria de assistir. É um caso raro quando você encontra uma garota que tenha cada aspecto do seu quarto coberto em Princesa, mas se ela acaba com três ou quatro desses itens, bem, então, você tem um negócio muito saudável. (Mooney, em entrevista para Orenstein, 2011, p. 15)⁵².

De fato, a variedade de produtos da marca Disney Princesa é imensa, como vimos na figura 2 (reproduzida novamente abaixo). "Conectando de forma

⁵² I wish I could sit here and take credit for having some great scheme to develop this, but all we did was envision a little girl's room and think about how she could live out the princess fantasy. [...] What kind of bedding would a princess want to sleep in? What kind of alarm clock would a princess want to wake up to? What type of television would a princess like to see? It's a rare case where you find a girls who has every aspect of her room bedecked in Princess, but if she ends up with three or four of these items, well, then you have a very healthy business".

bem-sucedida os rituais de consumo e a ida ao cinema, os desenhos animados da Disney abastecem um "mercado de cultura", uma plataforma de lançamento para um infindável número de produtos e mercadorias" (Giroux, int. Steinberg & Kincheloe, 2004, p. 95).

FIGURA 2: EXEMPLOS DA VARIEDADE DE PRODUTOS OFICIAIS DA DISNEY PRINCESA



O consumismo associado à feminilidade é uma característica apontada por Orenstein que é reforçada em produtos (não só Disney Princesa) direcionados a meninas, mas em produtos para crianças no geral. Em visita à Feira Anual de Brinquedos de Nova York, evento no qual são apresentados os principais lançamentos das grandes marcas infantis como Mattel e Fisher-Price, Orenstein (2011) observa a explosão da temática do consumo em brinquedos direcionados a meninas. Não só a questão do consumo, mas, de mãos dadas a ela, a cor rosa. "Com 100.000 produtos espalhados nos mais de 100 quilômetros de espaço de exibição. E eu juro, *pelo menos* 75.000 daqueles itens era rosa"⁵³ (p. 33).

Essa predominância do cor-de-rosa também pode ser visto na figura 2. Segundo Orenstein (2011), o rosa é visto pelas empresas de brinquedos como essencial para atingir o público feminino. Um representante de vendas, quando questionado pela pesquisadora sobre a necessidade do rosa, respondeu "[É

⁵³ "with 100,000 products spread over 350,000 feet of exhibition space. And I swear, at *least* 75,000 of those were pink".

necessário] apenas se você quiser fazer dinheiro. [...] Eu acho que as meninas nascem amando rosa"⁵⁴ (p. 35).

Nem sempre o cor-de-rosa foi uma "cor de menina". Segundo a pesquisadora Jo Paoletti (2012), até o início do século XX, o azul era considerado uma "cor feminina", por remeter à calma e à passividade. O manto da Virgem Maria era azul. Já o cor-de-rosa era "de menino", uma versão pastel do vermelho, considerada masculina por remeter à força. Os próprios desenhos clássicos da Disney, como *Peter Pan* (1953) e *Cinderela* (1950) traziam heroínas vestidas em tons de azul.

FIGURA 9: TRECHO DO FILME PETER PAN. WENDY VESTE AZUL E SEU IRMÃO MICHAEL, ROSA



Uma das possíveis explicações para a associação do rosa ao feminino vem da lógica mercadológica norte-americana. Por volta dos anos 1980, descobriu-se que a venda de produtos segmentados aumentava o lucro. Quanto mais específico o segmento, maior a possibilidade de vendas. Brinquedos

⁵⁴"Only if you want to make money. [...] I guess girls are born loving pink".

generificados já existem há muito tempo: bonecas para meninas, construções e engenhocas para os meninos.

A questão da cor, no entanto, é mais recente. O rosa passou a ser associado às meninas mais ou menos na mesma proporção que o interesse pela moda e pelo estilo se tornou obrigação da mulher. Com a industrialização da moda e o aumento do acesso popular a roupas, a moda deixou de ser uma maneira de homens expressarem poder e *status*, passando a se tornar uma responsabilidade da mulher que, além de fazer as compras para a casa, precisava garantir que marido e filhos estivessem bem vestidos.

A preocupação com a roupa e com a aparência, hoje, é um dos principais temas nos brinquedos direcionados ao público feminino. Na enorme feira de brinquedos em Nova York, Orenstein (2011) aponta brinquedos originalmente neutros, como palavras cruzadas e a bola *Magic 8*, divulgados em tons de rosa e com frases como "serei uma atriz famosa um dia?" ou simplesmente "*fashion*".

O consumismo chega a ser valorizado, ironicamente, como uma característica feminista. "Muito antes de Elle Woods e Carrie Bradshaw, Barbie foi a primeira feminista do tipo 'Eu sou uma mulher, me veja comprar', com todas as inconsistências que isso implica"⁵⁵ (Orenstein, 2011, p. 46). A independência financeira das mulheres, uma das pautas da primeira onda feminista, aparece aqui distorcida a favor do próprio sistema com o qual ela tentava romper.

No caso específico da Disney, Henry Giroux (int. Steinberg & Kincheloe, 2004) argumenta que, escondida sob a aura de inocência, encantamento e perfeição que suas histórias buscam passar, está a necessidade de criar um público consumidor. Essa necessidade acaba reproduzindo e até mesmo fundamentando concepções culturais hegemônicas, minimizando genocídios históricos, como no caso do filme *Pocahontas*, ou representando culturas inteiras de maneira ofensiva, como em *Aladdin*.

Esse ponto pode ser observado na imagem das Princesas cobertas em joias, divulgada pela Disney em 2009. Além da grande quantidade de detalhes nas roupas e acessórios, o que provavelmente deveria ser trabalhoso para a equipe de animação da Disney e justifica o fato dessa versão das Princesas ser uma das que

⁵⁵ "Long before Elle Woods or Carrie Bradshaw, Barbie was the first "I am a woman, see me shop" feminist, with all the inconsistencies that implied".

durou menos tempo (pouco mais de um ano), pode-se notar dois pontos na figura 8: a ausência de Pocahontas e o embranquecimento de Jasmine, Mulan e Tiana.

Pocahontas é uma Princesa indígena. Para ela, não foi criada uma versão coberta de jóias, apesar dela, dentro de sua própria narrativa, usar um vestido que se encaixaria nesta linha (ver figura 10). No filme Pocahontas II (1998), quando a Princesa vai a uma missão diplomática na Inglaterra, ela é obrigada a se vestir de acordo com os costumes europeus da época.

FIGURA 10: POCAHONTAS NA INGLATERRA. CENA DE POCAHONTAS II



Se Pocahontas (1995) já desperta críticas por romantizar o colonialismo e a história verídica da filha do chefe de uma tribo indígena que foi obrigada a se casar com um lorde inglês e morreu, aos 20 anos de idade, longe de sua terra natal, Pocahontas II dá mais material para posicionamentos contrários. Na sequência de 1998, a Princesa se apaixona por John Rolfe, o mesmo lorde inglês com o qual a verdadeira Pocahontas foi obrigada a se casar. Ao se preparar para o baile real, além do vestido, a personagem da Disney é maquiada com pó de

arroz, para que sua pele fique mais branca. Quando encontra com John Rolfe ela se explica, apontando para o rosto branco "É pó de arroz", ao que ele responde "você está belíssima".

A pele branca, como Pocahontas II explicita, é sinal de beleza. Na língua inglesa, essa relação aparece de forma mais objetiva. Branca de Neve, em inglês, é descrita como "the *fairest* of them all". No português, *fairest* foi traduzido como "mais bela". No entanto, as raízes etimológicas⁵⁶ da palavra *fair*, em inglês, remontam à *fair skin*, ou, pele branca. É a pele excessivamente branca de Branca de Neve garante sua beleza (e seu nome).

Até a chegada de Tiana, em 2009, as Princesas étnicas Jasmine, Pocahontas e Mulan eram deixadas em segundo plano. As três personagens pertencem a grupos culturais minoritários nos Estados Unidos (árabes, indígenas e asiáticos). As três personagens não possuem os belos vestidos de festa como suas outras colegas Princesas. Jasmine é a única que usa calças nas imagens da franquia. Pocahontas usa um vestido tradicional indígena feito de pele de animais que, provavelmente, serviram também de alimento para sua tribo. Mulan aparece sempre vestida de quimono, uma roupa étnica com contornos bem diferentes do que os vestidos em formato de bolo das princesas clássicas. Nas imagens promocionais, as três Princesas ou eram excluídas, ou apareciam escondidas por trás dos enormes vestidos de baile de suas colegas.

Apesar das diferenças étnicas e culturais, Jasmine é indiscutivelmente uma princesa. Seu pai é o Sultão de Agrabah, reino fictício onde se passa o filme Aladdin. Ela mora em um palácio e é chamada pelo título real "princesa" ao longo da narrativa. No entanto, Mulan e Pocahontas têm sua posição questionada. Pocahontas é filha do chefe da tribo, mas isso faz dela uma princesa? Aos olhos dos europeus colonizadores do século XVII sim, tanto que ela foi obrigada a casar-se com o lorde John Rolfe. Porém, ela não possui outros atributos tradicionais do imaginário sobre a princesa (que veremos com mais detalhes no subcapítulo 4.3), um vestido brilhante, riquezas e personalidade passiva.

Mulan é a mais contraditória no quesito ser ou não princesa. Em sua dissertação, Michele Bueno (2012) fez uma análise etnográfica dos filmes da Disney Cinderela e Mulan com crianças de 5 anos. Todos os participantes da

⁵⁶ Disponível em: <https://www.npr.org/sections/codeswitch/2014/05/16/313154674/mirror-mirror-does-fairest-mean-most-beautiful-or-most-white>. Acesso em 03 nov. 2019.

pesquisa concordaram que Cinderela era uma princesa, porém as crianças debateram entre si sobre o mesmo ser válido para Mulan.

A ênfase dada pelas crianças sobre o deslumbre com o vestido e a coroa, bem como a atenção sobre a beleza e elegância das personagens indicavam que, entre aquela audiência, para ser princesa era preciso, antes, atender a um referencial estético bastante específico. (Bueno, 2012, p. 152)

Para as crianças que participaram da pesquisa de Bueno (2012), o único aspecto que unia Mulan e Cinderela e, portanto, legitimava o status de "princesa" de Mulan, era o casamento. Apesar de não se casar no final de seu filme, Mulan inicia um relacionamento amoroso com Li Shang, capitão da divisão de soldados na qual lutou. Para Bueno, essa associação da figura da princesa com o casamento (ou o interesse amoroso por um homem) pode ser estendida para as demais personagens da franquia.

A potencialidade de realização do amor romântico que foi destacada como um elemento comum às narrativas Disney das Princesas ecoou entre as crianças que diziam terem mais gostado das cenas em que os pares românticos são evidenciados. Os momentos em que Cinderela era retratada dançando, beijando ou casando-se com o príncipe, por exemplo, aliada ainda às falas que justificavam a posição da personagem enquanto princesa a partir do argumento que "pra ser princesa tem que casar, né?", como dizia Renata, "porque princesa solteira não existe, senão não vai ser princesa, vai ser solteira", serviram de base para que a dimensão relacional na construção de uma princesa fosse percebida como importante também pelas crianças. (Bueno, 2012, p. 151)

Partindo da dimensão relacional citada por Bueno, até 2012, ano de estreia do filme Valente, da Princesa Merida, todas as Princesas Disney tinham esse aspecto relacional como parte de suas narrativas. Assim, Jasmine, Pocahontas e Mulan tinham em comum com as demais a posição de Princesas, mas eram fundamentalmente diferentes nos aspectos étnicos e culturais.

No caso de Pocahontas, sua pele é a mais escura entre as três e era também a mais escura da franquia até a chegada de Tiana. Ela também tem o "agravante" de pertencer a uma cultura indígena presente no imaginário, até hoje graças aos resquícios do colonialismo, como uma cultura "inferior" e "menos civilizada".

Pocahontas volta a aparecer nas imagens da franquia em 2011, com a entrada de Rapunzel. A Princesa do filme Enrolados é a primeira da franquia cujo

filme foi desenvolvido usando técnicas de animação 3D. Ela também foi marcada com o primeiro evento de coroação de uma Princesa Disney. Realizado no Palácio de Kensington, em Londres, e restrito a convidados, todas as Princesas Disney receberam a mais nova integrante do grupo e, com elas, seus traçados e roupas foram alterados mais uma vez.

FIGURA 11: DISNEY PRINCESA EM 2011



A Disney parecia ter encontrado a fórmula do sucesso, acrescentando Princesas a cada dois anos, sempre atualizando suas imagens para trazer o elemento da novidade. As críticas continuaram se acumulando, em especial as que acusavam a empresa de embranquecer suas personagens étnicas a cada nova releitura de imagens. Foi com a chegada de Merida, em 2012, que essas críticas tomaram a forma de um abaixo-assinado.

No filme *Valente*, a princesa Merida questiona sua mãe por impor a ela regras de etiqueta, vestidos apertados e um casamento arranjado. Merida é uma adolescente com cabelos cacheados e armados e está sempre acompanhada de seu arco e flecha. Quando a personagem se juntou à franquia Disney Princesa, em 2013, sua imagem foi adequada ao padrão das demais.

FIGURA 12: MERIDA EM SEU FILME VERSUS MERIDA COMO UMA PRINCESA DISNEY. A IMAGEM ESTÁ ANEXA AO ABAIXO-ASSINADO NO SITE CHANGE.ORG



A petição foi iniciada pelo site *A Mighty Girl*, gerenciado por um casal de norte-americanos. No texto, os peticionantes pediam para "manter nossa heroína valente"⁵⁷ e alegavam que, se Merida fosse uma pessoa real, ela reprovava a maneira como sua imagem havia sido utilizada. O texto da petição também dizia que a personagem havia ganhado corpo e rosto mais sexualizados.

A petição reabriu a discussão sobre a imposição de valores estéticos inalcançáveis para as crianças, em especial para as meninas. Mesmo sem ter reconhecido o documento oficialmente, a Disney logo retirou a imagem de Merida do site oficial Disney Princesa e, no início de 2016, trouxe não só uma nova imagem promocional das personagens, como havia fazendo, mas também toda uma nova proposta de comunicação sob o slogan *Dream Big Princess*, ou sua tradução em português para o Brasil, *Sou Princesa Sou Real*.

⁵⁷ O que seria "manter nossa heroína valente"? Neste momento, não vou aprofundar essa discussão, mas lanço as seguintes perguntas para reflexão: o que, na releitura de 2015 da Disney, pode ter indicado ao público que Merida não seria mais valente? Seu corpo com mais curvas? Seu vestido mais brilhante? A ausência de armas? Essas características, associadas com a feminilidade, são muitas vezes vistas como inferiores, uma discussão que entrarei mais a fundo nos capítulos 5 e 7.

4.2 SOU PRINCESA, SOU REAL

Em janeiro de 2017 o filme Moana: Um Mar de Aventuras teve sua estreia global. Na história, a mais nova Princesa Disney e representante da cultura da Polinésia embarca em uma jangada em busca de sua própria identidade. No caminho ela conhece o semideus Maui e, com ele mais atrapalhando do que ajudando, ela consegue devolver o equilíbrio ambiental às ilhas da Polinésia e restaurar as raízes culturais de viajantes ao seu povo.

O tema do casamento e do romance não é abordado em momento algum na história. Moana não tem um belo vestido brilhante, ela usa a saia de palha característica da cultura das ilhas onde habita. Sua música tema, "Saber quem Sou", parece estar a anos-luz de distância de Branca de Neve e sua canção "Um Dia Meu Príncipe Chegará".

Dois meses depois do lançamento internacional de Moana, a Disney Princesa norte-americana inicia as postagens em sua conta oficial do Instagram. As personagens aparecem nas redes sociais com novos traçados e as legendas as associam com características como força, determinação e coragem.

FIGURA 13: AS PRINCESAS EM 2019, AINDA SEGUINDO A MESMA RELEITURA DE TRAÇADOS CRIADA EM 2016



O Disney Channel passou a exibir pequenos trailers de meninas "comuns"⁵⁸ compartilhando seus sonhos e comparando-se com as Princesas Disney. Ao longo do ano, uma campanha fotográfica com imagens de meninas vestidas de Princesas jogando futebol e com as roupas enlameadas foi divulgada no Instagram, convidando os seguidores da página a compartilharem suas próprias fotos que mostrassem "meninas com grandes sonhos" com a hashtag #DreamBigPrincess. Para cada foto compartilhada, a Disney doaria um dólar à *Girl Up*, entidade vinculada à ONU que promove igualdade de gênero nas escolas ao redor do mundo.

⁵⁸ Por "comuns" leia-se meninas que não eram atrizes conhecidas vinculadas previamente à Disney.

FIGURA 14: UMA DAS FOTOS DA FOTÓGRAFA KATE T. PARKER DIVULGADAS NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS



Sem que houvesse uma única mudança nas animações originais, a Disney Princesa propôs um olhar "diferente" para as suas histórias. Dos muitos artigos que se acumulavam criticando a franquia, alguns dos principais argumentos eram: o excesso de brilhos e cor de rosa, as cinturas extremamente finas, as atitudes passivas e a supervalorização do romance. As imagens vinculadas ao *Sou Princesa Sou Real* parecem ter sido criadas como resposta a cada um desses argumentos.

Os detalhes brilhantes nos vestidos são usados com cautela, novas opções de cores aparecem nas imagens, apesar do cor-de-rosa ainda prevalecer, as cinturas finas continuam, mas Moana já possui traçados mais próximos à realidade. Por fim, ao invés de mãos delicadas e sorrisos sonhadores, temos mãos na cintura ou braços cruzados e expressões determinadas. Pela primeira vez, parece haver, na Disney Princesa, estratégia e planejamento de comunicação que vão além da produção em massa de produtos licenciados e da união de personagens femininas sob um escudo cor-de-rosa.

FIGURA 15: IMAGEM PROMOCIONAL DREAM BIG, PRINCESS



Repare na figura 15 que o rosa Pantone 241 C, cor oficial da marca e predominante em produtos e imagens promocionais, deu lugar ao *Princess Blue*, outra cor da escala Pantone. O azul, apesar de neste caso ter "princesa" no nome, é uma cor atualmente associada, como vimos anteriormente, ao masculino, assim como as atividades que Mulan, Merida e Rapunzel executam. As imagens das Princesas como retratadas na figura 15 aparecem com frequência no perfil oficial da Disney Princesa nas redes sociais.

A presença da Disney Princesa nas redes sociais, o uso de imagens de meninas "comuns" e outras pessoas reais, campanhas vinculadas a entidades beneficentes que trabalham exclusivamente com o empoderamento de meninas, e até a própria adaptação — com o devido cuidado de representatividade, ao menos na escolha dos atores — dos filmes clássicos de Princesas para versões *live action* indicam o posicionamento da Disney de tentar aproximar suas personagens

ao "mundo real". Este posicionamento aparece até na própria tradução para o português do slogan *Dream Big Princess*. Ao invés de sua tradução literal "Sonhe Grande, Princesa", optou-se por *Sou Princesa Sou Real*.

Na língua portuguesa existem duas interpretações possíveis para a palavra real e ambas se encaixariam no contexto da Disney Princesa, causando um duplo sentido. Por um lado, o slogan pode estar afirmando o óbvio usando a palavra "real" com o sentido de membro da realeza. Se alguém é uma princesa, esta pessoa é, conseqüentemente, um membro da família real.

O segundo sentido, dados os demais produtos midiáticos que acompanham o slogan, parece válido também. O real associado à realidade. A figura da Princesa Disney saiu do universo dos contos de fadas. Esse movimento vem acontecendo desde que os primeiros críticos surgiram questionando a influência da "cultura da princesa" nas crianças.

Segundo C.S Lewis, um dos principais escritores de contos de fadas e livros infanto-juvenis do século XX, este gênero da literatura está restrito ao mundo da fantasia. "o menino que lê o conto de fadas deseja e está feliz com o próprio fato de desejar"⁵⁹. A partir do momento em que considera-se a possibilidade de uma narrativa ficcional influenciar comportamentos de pessoas reais, esta narrativa saiu do mundo fantasioso do conto de fadas.

O próprio argumento utilizado no abaixo-assinado do *Mighty Girl*, de que se Merida visse o que fizeram com sua imagem ela não gostaria, nos mostra que a Disney Princesa vem sendo encarada como mais do que um mero conto de fadas para crianças. Durante as gincanas realizadas para esta dissertação, as próprias crianças, por vezes, traziam em seus discursos a consideração das Princesas enquanto parte do "mundo real".

Sequência Discursiva 1 (SD 1⁶⁰) - Associação grupo 2⁶¹

Pesquisadora - Não? Ok. Tem uma princesa que é mais legal do que as outras, Luana?

Luana - Tem. A que eu gosto tem.

Pesquisadora - Qual?

⁵⁹ Disponível em: <http://myweb.scu.edu.tw/~jmklassen/scu99b/chlitgrad/3ways.pdf>. Acesso em 06 out. 2019.

⁶⁰ A Sequência Discursiva (SD) é uma unidade da análise de discurso que compreende um trecho de discursivo a ser analisado.

⁶¹ Grupo 1: crianças de 5 a 7 anos. Grupo 2: crianças de 7 a 9 anos. Divisão válida para a Associação e para a escola particular.

Luana - É a Frozen. Eu gostava de rosa antes que ela me incentivou a gostar de azul.

Apesar do filme Frozen (2013) ser uma franquia à parte da Disney Princesa, as crianças enxergavam as personagens protagonistas Anna e Elsa como princesas, citando-as frequentemente. Frozen é um filme cujas personagens principais são duas irmãs, uma rainha e uma princesa. O conflito do filme não se dá em torno do romance, mas da relação entre as irmãs. O príncipe encantado se mostra o verdadeiro vilão da história e o ato de amor verdadeiro que salva a princesa é o amor de sua irmã por ela. Elsa e Anna usam vestidos nos quais o azul é o tom predominante. No material de divulgação do filme⁶², essa também é a cor mais utilizada.

FIGURA 16: IMAGEM PROMOCIONAL DO FILME FROZEN (2013)



Para Luana (7 anos), "a Frozen" (maneira pela qual muitas crianças se referem à rainha Elsa, devido aos seus poderes de criar gelo com mãos e pés) faz parte de sua realidade ao ponto dela mesma reconhecer que a rainha a "incentivou" a gostar de azul. Levando a análise para um âmbito mais profundo, considerando as questões sobre a cor rosa que levantei acima, o dizer de Luana

⁶² O próprio marketing de Frozen foi construído de forma que se direcionasse também aos meninos. Um estudo mais detalhado sobre a campanha de divulgação do filme pode ser encontrado em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43485/TCC%20II%20-Jasmin%20Endo%20Tran.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 11 mar. 2020.

pode indicar um impacto da Disney no questionamento das crianças em relação aos saberes hegemônicos sobre princesas que, até 2016, eram os únicos reforçados pela franquia. Veremos mais sobre essa possibilidade no próximo subcapítulo e ao longo dos capítulos analíticos 5 a 7.

Se levarmos ainda em consideração a tradução do slogan para o espanhol da América Latina teremos uma terceira possibilidade de significação. Nos países latino americanos de língua espanhola, o *Dream Big Princess* foi traduzido para *Soy Princesa siendo yo*, ou seja, "sou princesa, sendo eu". Quem seria esse "eu"?

O material comunicacional utilizado para todos os países onde a marca está presente é praticamente o mesmo. No caso dos países de língua espanhola na América Latina, o principal vídeo promocional da campanha⁶³ foi completamente traduzido, inclusive sua trilha sonora. Isso não ocorre na versão brasileira. Nessa, apenas o texto de abertura foi traduzido para o português enquanto a música tema, *Hall of Fame*, ou seja, Hall da Fama⁶⁴, permaneceu no original em inglês.

Apesar da diferença de idiomas, o material visual é o mesmo. Sequências de imagens que mostram atrizes de diversas etnias praticando esportes, dança, brincando, aprendendo ou se manifestando politicamente. Andy Mooney, em entrevista de 2007 à ABC News, grupo de notícias pertencente à Disney, afirmou receber diversas ligações de diferentes grupos étnicos pedindo Princesas que os representem⁶⁵. A questão da representatividade é, portanto, uma das grandes demandas do público para a narrativa da franquia.

Em ordem cronológica, após Jasmine, a primeira Princesa não-branca, Princesas de cinco etnias não-europeias foram acrescentadas. Jasmine é árabe, Pocahontas é indígena, Mulan é chinesa, Tiana é afro-americana e Moana é nativa da Polinésia. Ainda há resistência por parte da Disney quanto a inclusão de sua única princesa latino americana, Elena de Avalor, na franquia. Apesar de ter sido lançada com cerimônia nos parques da Disney e estar disponível para fotos e

⁶³ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=NwDh4b3kAgc>. Acesso em 03 nov. 2019.

⁶⁴ A questão da fama será abordada em maior profundidade ao longo desta dissertação, principalmente no capítulo 7.

⁶⁵ Disponível em: <https://abcnews.go.com/GMA/Health/story?id=3065469&page=1>. Acesso em 03 nov. 2019.

autógrafos nos parques *Magic Kingdom* e *Disneyland*, Elena não possui um filme próprio, apenas uma série de TV⁶⁶.

Dada essa tentativa, por parte da Disney nos últimos 10 anos, de incluir mais representatividade no grupo das Princesas, e relacionando-a com os slogans em português e em inglês, provavelmente o "eu" do slogan em espanhol refere-se ao público-alvo. Corroboro essa possibilidade com o uso da conjugação "sendo" ao invés do infinitivo "ser". O gerúndio é utilizado levando em consideração a dinâmica do crescimento, as mudanças pelas quais o público-alvo, crianças, passam em um intervalo de tempo menor do que ocorre com adultos. Ao usar o gerúndio, o significado que transparece, apesar de não-dito, é que o público-alvo será sempre uma Princesa, pois as características que fazem de você são as mesmas que fazem de você uma Princesa.

Essa multiplicidade de sentidos se encaixa na definição de Eni Orlandi (2015, p. 34) de paráfrase e polissemia.

"A paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco."

Dentro desta lógica, a multiplicidade de sentidos (polissemia) proporciona que todas as três versões do slogan tenham em comum a ênfase no conceito de realidade sob três formas diferentes: o sonho, a realidade e o indivíduo. As três versões do slogan conseguem dialogar com o mesmo material audiovisual da campanha: meninas "reais" e Princesas realizando atividades parecidas.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/jul/22/elena-princess-avalor-disney-latina-problem> Acesso em 03 nov. 2019.

FIGURA 17: TRECHO DO VÍDEO PROMOCIONAL *DREAM BIG PRINCESS*

No próximo subcapítulo, cruzarei essas características do posicionamento discursivo da Disney Princesa ao longo de sua história com o discurso hegemônico sobre princesas e príncipes presente desde os contos de fadas tradicionais, a chamada "cultura da princesa".

4.3 DISNEY X CONTO DE FADAS: O DISCURSO HEGEMÔNICO SOBRE PRINCESAS E PRÍNCIPES

De todas as histórias das Princesas Disney, apenas uma é completamente original: Valente. As demais são todas adaptações de histórias pré-existentes.

QUADRO 1: RELAÇÃO DAS ORIGENS HISTÓRICAS DAS 12 PRINCESAS OFICIAIS DA DISNEY

TIPO DE ADAPTAÇÃO	NÚMERO DE PRINCESAS	REFERÊNCIA ORIGINAL
Conto de Fadas	08	Branca de Neve (Grimm) Cinderela (Perrault) A Bela Adormecida (Grimm) A Pequena Sereia (Andersen) A Bela e a Fera (Barbot) Aladdin e a Lâmpada Maravilhosa (conto árabe) A Princesa e o Sapo (Grimm)

		Rapunzel (Grimm)
Lendas	02	Wua Mulan (lenda chinesa) Moana (lenda polinésia)
Fatos Históricos	01	Pocahontas (personagem histórica norte-americana)
História Original	01	-

Como podemos perceber a partir da relação exposta acima, as narrativas da maioria das Princesas Disney provém de uma adaptação de contos de fadas escritos nos séculos XVII e XVIII. Os contos de fadas originalmente são histórias populares criadas para passar conhecimento entre gerações. As versões de Grimm, Perrault, Andersen (& cia.), muitas com aspectos literalmente sanguinários, são as mais famosas, mas não podemos chamá-las de originais. Esses autores "apenas" passaram para o papel histórias populares que eram contadas de forma oral. Como tais, essas histórias não estão, elas mesmas, isentas de reproduzir — e legitimar — valores patriarcais e saberes hegemônicos, como o binarismo.

Pela análise de Gabriela Schirmer (2017), o papel feminino nos contos de fadas se restringe a mulheres passivas cuja única realização possível é o casamento. As adaptações da Disney já foram criticadas pela ideia do "final feliz" e por "limpar" suas histórias de aspectos de ética questionável e, por vezes, até mesmo sangrentos dos contos de fadas. Na história original de Cinderela, por exemplo, a protagonista manda pássaros furarem os olhos de suas irmãs malvadas. Para quem conhece a Princesa da Disney, fica difícil imaginá-la tendo este tipo de atitude.

Schirmer (2017, p. 32) aponta que "como representações culturais criadas a partir de consensos, *[os contos de fadas]* exprimem o pensamento dominante, retratando a imagem e as expectativas sociais em relação a homens e mulheres". Ao longo de seu artigo, a pesquisadora mostra com os exemplos de Branca de

Neve, Cinderela e A Princesa e a Ervilha como a mulher passiva é recompensada nos contos de fadas, enquanto a mulher ativa, com poderes mágicos e opinião própria, é apresentada como bruxa ou fada má.

Dentro das próprias histórias da Disney Princesa esse padrão pode ser observado. Em Branca de Neve (1937) e A Bela Adormecida (1959), as Princesas aparecem como mulheres extremamente belas, gentis e indefesas, enquanto as vilãs são mulheres poderosas, fora dos padrões femininos de beleza e que são responsáveis pelas atitudes que dão origem ao conflito do filme.

O mesmo pode ser dito dos príncipes. Tanto nos contos de fadas, quanto nas adaptações das Princesas Clássicas da Disney (Branca de Neve, Cinderela e A Bela Adormecida) o príncipe é o responsável pela salvação da princesa. Ele é quem carrega a espada e o escudo, se envolve em lutas, caso seja necessário, e tira a princesa de uma situação de perigo.

Schirmer (2017) aponta que os contos de fadas, apesar de pertencerem ao mundo da fantasia, possuem uma dimensão socializadora e instrutiva para crianças. Assim, as ideias sobre príncipes e princesas retratadas nessas histórias vão além da fantasia, reproduzindo o discurso hegemônico sobre gênero.

No discurso dos contos de fadas, às "boas mulheres", representadas pelas princesas, são atribuídas características maternas, de inocência, passividade e aversão a conflitos. As "más mulheres", representadas pelas bruxas e fadas, são desobedientes, possuem poderes mágicos e manifestam suas opiniões. Os "bons homens" são príncipes e reis, corajosos, com poderes políticos e responsáveis pela decisão do destino das princesas.

Destacamos aqui os "homens maus" dos contos de fadas. As características que os definem estão associadas com características muito parecidas com a das "mulheres boas". Eles normalmente são camponeses fracassados, passivos e ingênuos. O desfecho de suas histórias é a morte ou algo igualmente trágico.

Essas características, detalhadas no Quadro 2 abaixo, são aquelas que compõe a formação discursiva (FD) que, daqui em diante, chamaremos de "cultura da princesa".

QUADRO 2: SABERES QUE FAZEM PARTE DA FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD) "CULTURA DA PRINCESA"

Personagens	Características comportamentais	Características socioeconômicas	Características físicas
Princesas	Passivas, bondosas, gentis, cumprem as regras de etiqueta e são obedientes.	Ricas, filhas de reis ou adquirem fortunas através do casamento com um príncipe.	Belas, jovens, magras e com belos vestidos de baile. Normalmente mulheres brancas.
Príncipes	Guerreiros, educados, salvam princesas, possuem armas, lutam contra dragões e bruxas.	Ricos, herdeiros de um reino próspero. Filhos de reis e rainhas. Apaixonam-se por mulheres belas.	Não há um padrão estético nos príncipes de contos de fadas, porém eles normalmente são brancos e fortes.
Bruxas	Más, poderosas, invejosas, solteiras, solitárias, mentirosas, ardilosas.	Podem ser rainhas ou madrastas ricas, como podem ser mulheres reclusas em cavernas e florestas mágicas.	Velhas, corcundas, com verrugas e roupas em farrapos. Às vezes são descritas diretamente como "feias".
Fadas	Mágicas, misteriosas, inalcançáveis, etéreas. Podem ser bondosas e maternais (fadas-madrinhas), como podem mentir e enganar (como a fada de A Bela e a Fera).	Vestem-se ricamente se forem fadas-madrinha ou fadas boas. Vestem-se em farrapos se forem fadas más.	Podem ser jovens e belas, ou avós com ar maternal se forem boas. Caso sejam más ou enganem os seres humanos, assumem formas velhas, doentes ou feias.
Reis	Rígidos e sérios. Podem tanto amar as princesas por sua beleza, como os príncipes, quanto amá-las como sua propriedade ou "seu tesouro mais precioso" (exemplo: As Doze Princesas Bailarinas). Podem ser sábios, ou facilmente enganados por fadas e bruxas.	Homens ricos e donos de terras. Senhores políticos com poder sobre todo um povo.	Aspecto paternal, homens maduros, de meia-idade.
Rainhas	Más (caso tenham destaque na história), e invejosas ou apenas mencionadas como mães e esposas.	Mulheres ricas, regentes de terras ou submissas ao marido.	Caso sejam más, extremamente bonitas, mas "perdem" a beleza devido a idade. Caso sejam boas, não há menções de sua aparência.
Camponeses (homens)* *Camponesas mulheres	Extremamente burros ou extremamente sortudos ou extremamente	Homens pobres, com poucas posses ou apenas uma herança de família	Aspecto de trabalhador do campo. Visto como feio pela realeza, com mãos e pés calejados

boas, quando possuem destaque na história, se casam com a realeza e tornam-se princesas. Se más, tornam-se bruxas.	ardilosos.	(normalmente mágica).	e braços fortes.
--	------------	-----------------------	------------------

Além dos saberes característicos de cada personagem, conforme Quadro 2, a "cultura da princesa" também tem apelo visual. Seja através de ilustrações, descrições (no caso de contos e outras narrativas literárias) ou na forma de brinquedos, fantasias, móveis e toda a infinidade de bens de consumo (exemplificados na figura 2 neste capítulo), características como brilho, vestidos de festa, maquiagens, corpos magros e gestos delicados também fazem parte da formação discursiva "cultura da princesa".

O conceito de formação discursiva (FD) será definido nesta pesquisa de acordo com os princípios da análise de discurso de linha francesa. Segundo Orlandi (1999, p. 41), a noção de formação discursiva, na análise de discurso, "se define como aquilo que numa formação ideológica dada — ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada — determina o que pode e deve ser dito".

A FD "cultura da princesa" não está restrita ao universo dos contos de fadas. Nos estudos de gênero de Judith Butler, a ausência de um papel ativo é uma das características que definem as performances associadas à feminilidade.

Além disso, a concentração no "gene mestre" sugere que a feminilidade deve ser compreendida como presença ou ausência da masculinidade, ou, na melhor das hipóteses, como presença de uma passividade que, nos homens, seria invariavelmente ativa. (Butler, 2018, p. 190)

Tendo como base o discurso hegemônico sobre gênero e levando em consideração a trajetória da Disney Princesa explanada neste capítulo, podemos identificar a narrativa da franquia dentro de duas modalidades de tomada de posição: identificação e momentos de início da contra-identificação em relação à "cultura da princesa".

Antes de prosseguirmos, defino alguns conceitos da Análise de Discurso (AD) que serão relevantes ao longo desta pesquisa e necessários à compreensão das modalidades de tomada de posição. É importante manter em mente que, na AD, o sujeito nunca é considerado como algo ou alguém completamente neutro e isento de ideologias, ele é social, construído pela sua relação com a exterioridade,

permeado por uma inconsciência ideológica. Segundo Orlandi (2015 p. 48), "submetendo o sujeito, mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade"

O sujeito discursivo é assim definido por Helena Santos Neto (2015, p. 55): "constituído por uma pluralidade de vozes, inscreve-se em diferentes formações ideológicas e discursivas, em que seus gestos de interpretação refletem essa heterogeneidade, dando sua dimensão histórica e simbólica". Os dizeres produzidos pelas crianças participantes são considerados como pertencentes ao sujeito discursivo.

É impossível pensar em um sujeito sem levar em consideração que ele possui formações históricas e imaginárias próprias. O sujeito, mesmo se ele for uma criança, como é o caso desta dissertação, possui suas próprias concepções sobre qualquer assunto, e o discurso hegemônico, no caso, a "cultura da princesa", estará sempre presente no discurso do sujeito.

Isso não quer dizer, necessariamente, que todo o sujeito estará sempre identificado com o discurso hegemônico. Dentro de uma mesma Formação Discursiva (FD), um mesmo sujeito pode tomar posições diferentes, variando em diferentes graus de aproximação de distanciamento em relação ao discurso hegemônico. Essa variação é chamada de posição-sujeito.

A posição-sujeito mais próxima do discurso hegemônico é a posição de identificação. Segundo Santos Neto (2015), na posição-sujeito de identificação "existe uma unicidade imaginária do sujeito, em que a identificação é tão forte que há um efeito sujeito, em que o sujeito crê ser a origem do seu dizer" (p.83).

Nas ocasiões as quais os sujeitos analisados nesta dissertação estiverem mais próximos à identificação com a FD "cultura da princesa", nomearei o posicionamento discursivo ocupado por eles de posição-sujeito (PS) Bela Adormecida. O nome faz referência à Princesa Disney considerada como a mais passiva, por possuir o menor tempo de tela e as características físicas mais próximas à "cultura da princesa" (magra, europeia, vestido rosa, coroa dourada e comportamento submisso).

No extremo oposto desta posição-sujeito está a desidentificação, que ocorre quando há uma ruptura total com a FD. A posição de desidentificação é considerada rara dentro da Análise de Discurso. Sem que haja ruptura total com a

FD, é possível, no entanto, que existam deslocamentos do sujeito dentro da formação discursiva dominante. Este deslocamento é chamado de contra-identificação, ou seja, um contraponto ao discurso hegemônico.

Esse sujeito questionador inicia algo novo, pois a fragmentação da forma sujeito distancia os saberes da forma sujeito dominante, tirando-lhe a homogeneidade, ou seja, inscrevendo uma nova possibilidade de formulação de sentidos ao constituir-se pela contra-identificação. (Santos Neto, 2015, p. 102)

A contra-identificação abre a possibilidade para a ruptura ao tirar a homogeneidade do discurso dominante. É importante destacar, porém, que "a ideologia jamais se ausenta, pelo contrário, apenas interage de outra forma, mas mantendo o domínio do saber universal da formação discursiva dominante" (Santos Neto, 2015, p. 102). Os sujeitos analisados nesta dissertação em nenhum momento romperam completamente com a FD "cultura da princesa". Houve, no entanto, momentos em que se aproximaram à contra-identificação. Nomeio a posição dos sujeitos mais próxima da desidentificação (embora sem configurá-la de fato) como PS6 Moana em referência à Princesa Disney que mais se afasta dos saberes tradicionais da "cultura da princesa" (pele escura, cabelos cacheados, magra, porém com proporções realistas, história centrada em seu desenvolvimento pessoal).

Pensando nessas possibilidades de gradação e levando em consideração as gradações que apareceram durante a análise das materialidades coletadas para esta dissertação, elaborei seis posições-sujeito a partir das materialidades discursivas (ver figura 18).

FIGURA 18: CATEGORIAS DE POSIÇÕES-SUJEITO UTILIZADAS NESTA DISSERTAÇÃO



Na figura 18 acima as PSs 1 a 6 foram delimitadas de acordo com as seguintes características:

a)

P

S1 Bela Adormecida: posição ocupada pelos sujeitos quando próximos da identificação plena com a FD "cultura da princesa". Assim nomeada em referência à narrativa da Bela Adormecida, na qual a princesa está presa em um sono amaldiçoado e só pode ser acordada pelo beijo de um príncipe.

b)

P

S2 Cinderela: posição ocupada pelos sujeitos que ainda estão próximos à identificação com a FD "cultura da princesa", mas que já trazem alguns ruídos aos seus discursos. Faz referência à dupla interpretação da história de Cinderela: a princesa passiva que vai ao baile para encontrar o príncipe encantado *versus* a princesa trabalhadora que vai ao baile se divertir e encontra, na figura do príncipe encantado, seu passaporte para uma vida melhor.

c)

P

S3 Jasmine: posição ocupada pelos sujeitos que começam a se distanciar da identificação com a FD "cultura da princesa" a partir de

questionamentos de alguns saberes dominantes. Ainda se mantém alinhados com elementos importantes do discurso hegemônico. Faz referência à Princesa Jasmine, do filme Aladdin (1993). Ela é bela e procura um príncipe, mas faz questão de tomar suas próprias decisões, confrontando diretamente a autoridade do pai e do Conselheiro Real quando necessário.

d)

P

S4 Mulan: posição ocupada pelos sujeitos que estão próximos à contra-identificação com a FD "cultura da princesa", mas ainda trazem presentes traços dos saberes hegemônicos em seus discursos. Referência à personagem Mulan, uma guerreira que salva seu país e sua família por meio de suas próprias habilidades. Porém, ela ainda precisa fazê-lo vestida como homem e conquista o coração do príncipe no final.

e)

P

S5 Merida: posição ocupada pelos sujeitos em posição de contra-identificação que utilizaram os primeiros elementos do discurso de resistência para contestar os saberes dominantes entre os pares, seja na forma de diálogo ou de conflito. Referência à protagonista do filme Valente (2012), da Disney/Pixar. Merida não deseja se casar. Ela é uma guerreira experiente com arco e flecha e o tema central de seu filme é o seu relacionamento com a mãe. Ela contesta as leis do seu povo e luta "por sua própria mão em casamento".

f)

P

S6 Moana: posição ocupada pelos sujeitos em contra-identificação mais próximos da ruptura com a FD "cultura da princesa". Quando ocupam esta posição, os sujeitos não entram mais em debates ou conflitos, questionando-se sobre saberes hegemônicos. A resistência e o questionamento aparecem aqui na forma de afirmações que possuem ideias centrais que resistem e questionam os saberes tradicionais da FD "cultura da princesa". Referência à personagem Moana, líder de seu povo, protetora de sua cultura e cuja narrativa não possui nenhum aspecto relacionado à beleza e ao amor romântico. Moana resiste ao discurso hegemônico sobre princesas

refutando verbalmente em seu filme à categoria de "princesa" e procurando descobrir quem ela quer ser e como pode se tornar uma melhor líder e protetora para aqueles que dependem dela.

As posições-sujeito materializadas na figura 18 acima são uma forma de deixar a análise mais elucidativa para o leitor. É importante destacar que a noção de identificação, contraindificação e ruptura completa existem apenas no campo teórico. É também impossível colocar posições-sujeito em polos plenamente opostos já que, na prática, elas sempre irão compartilhar pelo menos alguns saberes. Talvez uma maneira mais correta de se representar as variedades de tomada de posição de um sujeito discursivo seja através de uma analogia, como a representada pela figura 19 abaixo, se considerarmos cada cor sólida uma posição-sujeito e suas nuances o deslocamento dos sujeitos.

FIGURA 19: ANALOGIA AOS MOVIMENTOS DO SUJEITO NO DISCURSO



O conceito de posição-sujeito e suas gradações também são definidos de acordo com Santos Neto (2015). "Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente" (Orlandi, 2015, p. 50). Pelo processo de significação ser um processo aberto, ainda que todo sujeito esteja inserido em um contexto social, em um processo de significação, que nunca é neutro, ele ainda está apto a se movimentar. Esses movimentos ocorrem quando o sujeito toma uma posição em relação a uma determinada formação discursiva.

No caso da Disney Princesa, até 2016 ela ocupava a posição de identificação (PS1 Bela Adormecida) com o discurso hegemônico sobre gênero,

chegando não só a reproduzi-lo, mas também a produzir saberes que colaboravam para a sua consolidação. Além das narrativas clássicas individuais com princesas com pouca autonomia sobre suas histórias e dependentes de um príncipe, a própria franquia reforçava essa imagem ao enfatizar a beleza, o brilho e poses delicadas para suas personagens nos produtos midiáticos da marca.

A "nova" proposta de narrativa para a Disney Princesa a partir do *Sou Princesa Sou Real* denota um deslocamento na posição-sujeito. Apesar de não haver mudanças nas narrativas individuais originais, a maneira como as Princesas aparecem nos produtos midiáticos está diferente. Mulan, por exemplo, não aparece apenas em quimono de festa. Ela aparece também em seu uniforme do exército. Cinderela aparece segurando seu preciso sapato de cristal com apenas um dedo e Bela, mesmo de vestido de gala, está sempre com um livro embaixo do braço.

FIGURA 20: AS PRINCESAS DISNEY APÓS A RELEITURA *DREAM BIG PRINCESS*



Além das características visuais, houve também a criação de um novo filme (*Moana*, 2016) cuja protagonista é uma princesa que foge ao discurso hegemônico da passividade e do casamento. Houve também o envolvimento da

Disney Princesa com causas sociais através da *Girl Up*. Nesses momentos, há o indício de que a Disney Princesa pode vir a ocupar uma posição-sujeito de contra-identificação à "cultura da princesa" e seus saberes discursivos conforme explicados no Quadro 2.

Freda Indursky (2008, p. 12) ressalta que a contra-identificação "não se dá em relação à forma-sujeito, tomada como um todo, pois, se assim fosse, isto daria origem a uma nova FD". A Disney Princesa estar em posição de contra-identificação, portanto, significa que ela ainda não rompeu completamente com o discurso hegemônico da "cultura da princesa", mas já se movimentou para uma posição discursiva que, no mínimo, causa ruídos nesse discurso (PS2 Cinderela).

Esse movimento em direção a contra-identificação é uma hipótese. Para que ele fosse afirmado, seria necessária uma análise em profundidade da Disney Princesa após 2016, algo que foge ao escopo proposto por esta dissertação. O retrato das Princesas em poses assertivas e a parceria com organizações que trabalham pela equidade de gênero indicam, a princípio, uma mudança, mas não podemos nos deixar levar pela aura de encantamento proporcionada pela Disney. No decorrer da análise, percebi aspectos que sinalizam que a própria Disney se movimenta entre posições-sujeito.

Na figura 20 acima, a princesa Bela aparece de vestido de gala e com um livro embaixo do braço. Ela é bonita **E** inteligente. Mulan aparece ora como guerreira, ora em seu quimono de festa. Ela é corajosa **E** bonita. Podemos seguir assim para todas as Princesas. Orenstein (2011) alerta: é preciso cuidar para, na tentativa de mostrar um amplo leque de possibilidades para as meninas, não fazê-las entender que são *obrigadas* a fazer tudo.

As jornadas duplas, ou até triplas, de trabalho são realidade para muitas mulheres. A mulher que trabalha fora de casa também trabalha dentro, cozinhando, limpando e cuidando dos filhos. Ela também deve ser bonita, deve fazer compras, deve se interessar por permanecer sempre jovem. Será que, sob essa perspectiva, até mesmo as Princesas do *Dream Big Princess* não estariam, novamente, em posição de identificação com a "cultura da princesa"?

A "cultura da princesa" vai muito além dos filmes, livros e narrativas, Disney ou não. A FD "cultura da princesa" perpassa as características performáticas tradicionais para aquelas que se identificam como mulheres. Se as Princesas Disney possuem impacto na formação das crianças, principalmente

nessa questão da performatividade de gênero, como indicam pesquisas como a de Bueno (2012), Coyne (2016) e Orenstein (1996 e 2011), uma mudança na posição-sujeito da franquia abriria possibilidades para uma nova análise das questões que essa tomada de posição levanta nas crianças, seu principal público-alvo.

Dessa forma, abre-se a possibilidade que crianças identificadas com a "cultura da princesa" possam manifestar níveis de contra-identificação ao consumir produtos Disney Princesa. Assim como crianças que já manifestavam contra-identificação em relação à "cultura da princesa", possam ocupar posições de identificação com a Disney Princesa, como podem ter se movido em direção a um discurso de resistência. Diversas gradações na posição-sujeito, silenciamentos, esquecimentos, não-ditos, podem ser observados a partir dessa "nova" proposta da Disney. Refletir sobre esses posicionamentos é importante para evitarmos o que Giroux (2004, p. 96) aponta como o encantamento que leva a plateia a suspender seu senso crítico.

Nos próximos capítulos analisaremos a tomada de posição de crianças de 05 a 09 anos de Curitiba e região metropolitana que participaram das atividades de produção de material discursivo para esta pesquisa. As crianças pertencem a uma escola particular e uma associação beneficente (estudando, no contraturno, em escolas públicas) e possuem diferentes faixas de renda familiar. Foram produzidas falas, desenhos e colagens sobre o tema "príncipes e princesas".

Durante a análise procuramos identificar a posição-sujeito das crianças em relação ao discurso hegemônico sobre gênero, que de agora em diante chamarei simplesmente de "cultura da princesa", bem como os principais ruídos que um eventual discurso de contra-identificação da Disney Princesa pode ter causado nos discursos das crianças.

5. "UM DIA MEU PRÍNCIPE VAI CHEGAR": CRIANÇAS EM POSIÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO COM A CULTURA DA PRINCESA

De acordo com a *American Psychological Association*, enfatizar em meninas aspectos como a beleza física e incentivar nelas brincadeiras com características performáticas consideradas "sexy", aspectos comuns não só da "cultura da princesa", como das Princesas Disney tradicionais e também presente em diversos outros produtos midiáticos voltados ao consumo pelo público feminino infantil, podem aumentar as chances de depressão, transtornos alimentares e comportamentos sexuais de risco na adolescência⁶⁷. Essa pesquisa é apenas mais uma com dados considerados alarmantes por muitos pais e mães, especialmente por aqueles com filhas meninas, que são comentadas pela jornalista e pesquisadora Peggy Orenstein em seu livro *Cinderella ate my daughter* (HarperCollins, 2011)⁶⁸.

Partindo de suas próprias inquietações ao ver a filha de quatro anos ser engolida pelo mundo das Princesas Disney, Orenstein vai a campo para tentar compreender o encantamento — tido como natural pela grande maioria dos pais, mães e professores entrevistados ao longo da pesquisa da autora — das meninas pelo cor-de-rosa, pelas Princesas Disney, pelo glitter, pela moda e pela beleza física.

A pesquisadora e jornalista conversou com crianças e adolescentes entre 3 e 14 anos e seus pais e mães. Ela observou o comportamento das crianças durante um show da cantora pop Miley Cyrus, na época em que ela ainda assinava contrato com o Disney Channel, mas já começava a desvincular sua imagem da série (inicialmente adolescente e, depois, infantil) *Hannah Montana*. Orenstein também compareceu a um concurso de beleza infantil televisionado para meninas entre 0 e 12 anos, à casa da empresária que criou a rede social para crianças menores de 13 anos, chamada *Everloop*, e à loja das bonecas *American Girl*, vistas por alguns pais entrevistados como "o antídoto" às Princesas.

⁶⁷ Pesquisa citada em ORENSTEIN, Peggy. *Cinderella ate my daughter: dispatches from the front lines of the new girlie-girl culture*. Nova Iorque: HarperCollins Publishers, 2011, p. 6.

⁶⁸ Cinderela comeu minha filha, em tradução livre.

Passando em análise todos esses produtos midiáticos voltados ao consumo do público infantil (principalmente feminino), Orenstein (2011, p. 84) aponta o fenômeno chamado pelos profissionais de *marketing* infantil de KGOY (*Kids Getting Older Younger*, ou Crianças Ficando Mais Velhas Mais Jovens). O KGOY funciona da seguinte maneira: um brinquedo ou cosmético é originalmente pensado para um público-alvo de crianças mais velhas. As mais novas, pela análise de Orenstein, buscando imitar o comportamento das mais velhas (o que Piaget⁶⁹ afirma ser característico do desenvolvimento humano na primeira infância), adotam o produto, que se torna tedioso ou até mesmo "infantil demais" para seu público original. Foi assim que a boneca Barbie, por exemplo, que originalmente era voltada ao público de 9 a 12 anos, hoje é direcionada para crianças de 3 a 7 anos⁷⁰.

Esse fenômeno é considerado nas estratégias de *marketing* infantil na hora de prever a durabilidade de um produto. Ao direcionar um brinquedo para crianças mais velhas, sabendo que ele será eventualmente consumido por crianças mais novas, temos uma durabilidade maior de seu valor no mercado. No entanto, essa lógica não leva em consideração questões relacionadas ao desenvolvimento infantil.

Será que realmente não há nenhuma diferença em apresentar uma Princesa como Cinderela, por exemplo, cuja história aborda temas como a valorização da beleza física e romance, para uma criança de 12 anos e para uma criança de 3? Orenstein aponta que, a mesma lógica de consumo que utiliza o KGOY como estratégia também incentiva mulheres adultas a parecerem mais jovens. A autora levanta o questionamento: até que ponto é possível manter essa lógica sem que, eventualmente, as crianças ultrapassem os adultos, buscando parecer mais velhas, enquanto estes procuram parecer cada vez mais jovens?

Não é segredo que a busca — em especial das meninas e mulheres — por um padrão de beleza inalcançável é fonte de renda para a indústria de bens de consumo. Parar para pensar nos riscos que ela traz para a autoestima (e em casos nem tão extremos assim para a vida) dessas pessoas estando presente desde a infância, não é uma ideia confortável (ou lucrativa) de se pensar.

⁶⁹ 1999, p. 26

⁷⁰ Segundo a revista *The New Yorker*, edição de dezembro de 2006. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2006/12/04/little-hotties>>. Acesso em 16 fev. 2020.

A questão da autoestima, sexualidade e sexualização de adolescentes e pré-adolescentes foi assunto da pesquisa realizada em 1992 e 1993 por Orenstein. Focado em meninas na faixa etária dos 12 aos 13 anos, o estudo tratou sobre esses temas nas escolas públicas da Califórnia considerando os contrastes entre a cultura do subúrbio norte-americano (tradicionalmente ocupado por famílias de classe média-alta) e das zonas urbanas (ocupadas por famílias de baixa renda e imigrantes, majoritariamente).

Em seu trabalho com os adolescentes, Orenstein observou que em ambas as escolas as meninas ocupavam um papel secundário em relação aos meninos. Esse papel era reforçado pelo chamado "currículo escondido", no qual os adultos aceitavam e reforçavam comportamentos assertivos e questionadores dos meninos, mesmo quando esses comportamentos interferiam na organização da sala de aula ou prejudicavam os colegas, e puniam os mesmos comportamentos nas meninas. Os padrões duplos também existiam entre as próprias crianças, as quais praticavam *bullying* com meninas que usassem roupas curtas, maquiagem e se interessassem por meninos, e valorizavam os meninos que cantavam meninas nos corredores ou conseguiam convencê-las a ter algum tipo de contato sexual com eles.

No entanto, Orenstein percebeu que, enquanto questões comportamentais eram as principais preocupações das adolescentes de classe média, as questões socioeconômicas, como a renda familiar e a violência urbana, eram aspectos que afetavam (de forma considerada mais preocupante pelos adultos) os adolescentes de baixa renda. No caso das meninas de baixa renda, as questões socioeconômicas e comportamentais se confundiam, quando elas eram pressionadas para deixar a escola para prestar serviços domésticos e contribuir com a renda familiar, ou quando elas eram intimadas a se juntarem a uma das gangues da cidade e, ao contrário dos meninos, precisavam se mostrar sexualmente disponíveis a todos homens das gangues para que fossem consideradas parte do grupo e, assim, estivessem "sob proteção" deles.

Ao contrário da realidade norte-americana, no Brasil, as regiões periféricas costumam ser lar de famílias de baixa renda (a exceção dos famosos condomínios no estilo Alphaville), enquanto bairros mais urbanizados possuem comunidades de classe média e alta. As duas instituições que participaram da pesquisa para o

desenvolvimento desta dissertação estavam dentro dessa realidade. A escola particular ficava localizada em Curitiba, próxima ao bairro de Santa Felicidade, já a Associação beneficente fica na cidade de Piraquara, em uma região com muitas habitações irregulares e próxima à rodovia. Nesta dissertação trabalhei com crianças, e não com adolescentes como Orenstein.

Apesar dessas discrepâncias, diferenças socioeconômicas similares à pesquisa de Orenstein (1996) puderam ser observadas entre as crianças. Na escola particular, meninos procuraram ocupar mais espaço e a falar mais alto do que as meninas. As crianças de lá também trouxeram mais questões relacionadas aos aspectos comportamentais de príncipes e princesas e características performáticas de gênero. Na Associação, os meninos que ficavam desconfortáveis com o tema da gincana ("príncipes e princesas") optaram pelo silêncio literal, deixando que as meninas, mais à vontade com o assunto, falassem por primeiro. Lá, questões como a violência urbana e a renda familiar também apareciam com maior frequência. De maneira mais ou menos igual, meninos e meninas mostravam como desejavam possuir a riqueza e a segurança dos príncipes e das princesas.

Todas as crianças participantes das gincanas para esta dissertação ocuparam, em algum momento, a posição de identificação com a "cultura da princesa". Essa posição, porém, assumia gradações distintas não só entre escola e Associação, de acordo com o que apontei no parágrafo anterior, mas também entre meninos e meninas. Enquanto as meninas em posição de identificação reproduziam os estereótipos da princesa fraca, príncipe forte e, por vezes, "coisas de meninos" e "coisas de meninas" em seus dizeres, os meninos fugiam ao tema, trazendo assuntos relacionados ao esporte e às artes marciais, ou afirmavam frequentemente que "princesas são burras", "princesas são chatas", "princesas não podem fazer nada" ou "princesas são metidas".

Sequência Discursiva 2 (SD 2) - Associação grupo 1

Pesquisadora - Ok. E o que ela [princesa] pode fazer, Joaquim?

Joaquim - Ela pode fazer, ela só fica no castelo, na cama, assistindo TV.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Joaquim - Ela não pode sair do castelo porque os guarda não deixam.

Sequência Discursiva 3 (SD 3) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Julio - Uma princesa ela pode ficar sentada sem fazer nada dormindo. O que ela não pode é achar um dragão se não ela vai correr até o infinito até morrer.

Sequência Discursiva 4 (SD 4) - Escola grupo 1

Aplicadora - E para você, Andrea, o que é um príncipe?

Andrea - Um menino... que não pode fazer coisa de menina.

Aplicadora - Me dá um exemplo, de coisa de menina.

Andrea - Um monte de coisa. Balé.

Nas SDs acima, Joaquim, da Associação, assume a posição de identificação PS1 Bela Adormecida, afirmando que princesas não podem sair de casa e, mesmo em casa, não têm autonomia para praticar atividades que envolvam movimento. Julio, da escola, também ocupando a posição de identificação PS1 Bela Adormecida, segue na mesma linha. Uma princesa, segundo ele, só pode "fazer nada". Já Andrea, da escola, também está na PS1 Bela Adormecida, pois fala que o príncipe é um menino ao qual estão restritas as atividades e comportamentos "femininos", como a dança e mais "um monte de coisa".

É confortável atribuir essas diferenças de interesses e comportamentos entre as crianças à biologia. O tipo de atribuição, comentado por Louro (2014, p. 64), diz que meninos são naturalmente mais agitados, por isso se interessam por esporte e luta, enquanto meninas são mais calmas e propensas a se comunicar através do diálogo, por isso se interessam por atividades mais caladas ou artísticas, como a leitura, pintura e a dança.

Citando uma conversa com neurocientista Lise Eliot (2009⁷¹), Orenstein (2011, p. 59) argumenta que as diferenças hormonais entre meninos e meninas no momento do nascimento são pequenas demais para serem consideradas relevantes. Bebês do sexo masculino costumam nascer maiores do que aqueles do sexo feminino devido a ação da testosterona no momento da formação do sistema reprodutor no útero e no momento do nascimento. Bebês do sexo feminino costumam desenvolver a linguagem pouco antes da parte motora pelo mesmo motivo hormonal.

⁷¹ A conversa entre Eliot e Orenstein teve como ponto de partida as descobertas da neurocientista publicadas em seu livro *Pink Brain, Blue Brain: How Small Differences Grow Into Troublesome Gaps - And What We Can Do About It*. (Boston/Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 2009).

Cientificamente falando, não há diferença real a longo prazo se uma menina começou a balbuciar algumas semanas antes de seu irmão gêmeo, que engatinhou um pouco antes dela. Os dois estão se desenvolvendo de forma saudável e, provavelmente, estarão falando e andando na idade esperada para tal. O que ocorre, segundo Eliot e Orenstein, é que essas pequenas diferenças biológicas são acentuadas pela socialização das crianças.

até o primeiro ano de idade, eles [bebês] são igualmente atraídos por bonecas; e até o terceiro ano de idade, eles mostram o mesmo interesse em bebês reais [...]. Então todo o conceito de rótulo chega — em algum momento entre as idades de dois e três as crianças percebem que há essa coisa chamada "menino" e essa coisa chamada "menina" e que algo muito importante os diferencia, o que, eles se perguntam, pode ser? (Orenstein, 2011, p. 59 e 60. Tradução livre)⁷².

Sendo assim, para as crianças o gênero feminino, por exemplo, não é definido pelos órgãos reprodutores com os quais uma pessoa nasce, mas pelas roupas que usam, brinquedos e cores preferidas. Por um lado, isso mostra que a noção de gênero da criança é, inicialmente, fluída e que, para elas, para um menino se tornar menina — ou qualquer outro gênero — basta que ele use um vestido.

Sander Gilman (2016, p. 242), fala que "a criação de estereótipos é concomitante ao processo pelo qual todos os seres humanos se tornam indivíduos; a gênese dele está nas primeiras fases do crescimento". A criança entre os 0 e 5 meses de vida não distingue o mundo de si mesma. A partir do início do desenvolvimento da noção de "diferença" é que a criança começa a se entender enquanto indivíduo.

Temos então, a marcação da identidade pela diferença. Atribuir uma característica a algo ou alguém significa negar — mesmo que sem que essa negação apareça no dizer — uma série de outras características. As dicotomias (bom *versus* mau, segurança *versus* perigo, meninos *versus* meninas) são as primeiras formas de estabelecimento da diferença, segundo Gilman (2016, p. 243).

⁷² "until they are about a year old, they are equally attracted to dolls; until they're around three, they show the same interest in actual babies [...]. Then the whole concept of labeling kicks in — sometime between the ages of two and three they realize that there is this thing called "boy and this thing called "girl" and something very important differentiates them. But whatever, they wonder, could that be?"

Talvez por ser um processo iniciado na primeira infância, antes mesmo do estabelecimento da memória consciente, as pessoas considerem o estereótipo como uma característica inata ao ser humano. Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 76), porém, afirma que a diferença, tanto quanto a identidade, são ativamente produzidas pelas pessoas. "Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais".

Apesar da procura por dicotomias e criação de estereótipos ser uma etapa importante para o desenvolvimento da identidade humana através da diferença, a definição das características que enquadram o conceito de "diferente" são culturais. Aquilo que uma criança ocidental aprende como "diferente" pode ser o que a criança oriental aprende como parte de sua identidade, por exemplo.

A propensão natural do comportamento humano ao estabelecer identidade a partir da diferença é, então, realçada pelos aspectos culturais. Orenstein e Eliot (2011) chamam esse fenômeno de "*nurture becomes nature*" (o estímulo se torna a natureza, em tradução livre). Dessa forma, pode-se dizer que não existem características de personalidades inatas a meninos e meninas, assim como não podemos dizer que o espectro do gênero se resume a meninos e meninas. "Se o gênero não está amarrado ao sexo, causal ou expressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente se proliferar além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo." (Butler, 2018, p. 195)

Se a visão fluida do gênero fosse estimulada de acordo com o conceito defendido por Butler, talvez já tivéssemos rompido com o sistema binário ou com a cisnormatividade. No entanto, como vivemos em uma sociedade cujo discurso hegemônico é o binário, cisgênero e heterossexual, não é o que ocorre. Ao reforçarmos esse discurso hegemônico como elemento constituinte de identidade temos que, em torno dos quatro anos de idade, a maioria das crianças se torna uma espécie de autoproclamada "polícia do gênero".

Vejamos novamente a SD 4 com o caso de Andrea.

Sequência Discursiva 4 (SD 4) - Escola grupo 1

Aplicadora - E para você, Andrea, o que é um príncipe?

Andrea - Um menino... que não pode fazer coisa de menina.

Aplicadora - Me dá um exemplo, de coisa de menina.

Andrea - Um monte de coisa. Balé.

Andrea fala aqui que o príncipe encarna as características tradicionais de masculinidade hegemônica. De que forma ela diz isso? Ao falar que ele não pode assumir características tradicionais femininas, ou seja, que ele não pode fazer "coisa de menina". Quanto questionada sobre exemplos de "coisas de menina" ela primeiro diz "um monte de coisa" e, em seguida, "balé".

O balé, em escolas que oferecem a atividade em contraturno, é uma modalidade de dança majoritariamente feminina. De acordo com Sylvie Octobre (2005), quando interrogados sobre quais atividades extracurriculares preferiam que seus filhos (meninos e meninas) praticassem, 11% respondeu "dança", contra 14% que responderam esportes e 26% música ou canto. Quando indagados especificamente sobre seus interesses para filhas meninas, a porcentagem aumentou para 27% em favor da dança. A pesquisa de Octobre é francesa, mas, apesar de não existirem dados similares para o Brasil, minha própria experiência como professora de balé, assim como qualquer um que já tenha frequentado uma escola com atividades em contraturno, pode atestar que os dados encontrados na França não seriam muito diferentes caso a pesquisa tivesse sido repetida no Brasil.

O balé (assim como a dança, no geral) é uma atividade que envolve disciplina, sensibilidade e leveza de movimentos, associada, portanto, às características tradicionalmente atribuídas ao feminino. Na SD 4, Andrea cita o balé como exemplo, mas ela também diz que existem várias outras coisas "de menina" que são proibidas àqueles, como os príncipes, que não são meninas.

Levando em conta o princípio de significação do não-dito da Análise de Discurso, no qual o silêncio "é matéria significante por excelência" (Orlandi, 2018, p. 69), ao dizer que os príncipes não podem fazer "coisas de menina", Andrea também afirma que existem coisas "de menino" as quais os príncipes estão autorizados a fazer. Quando questionada a respeito das proibições impostas às princesas, Andrea aplica a mesma lógica interpretativa. Princesas não podem fazer "coisas de menino" e, como exemplo, ela cita o futebol.

Andrea pertence ao grupo 1, ou seja, ao grupo das crianças mais novas, da escola particular. Em geral, entre as crianças que participaram das gincanas

realizadas para esta dissertação, as mais novas (grupo 1) apresentaram uma identificação maior com a "cultura da princesa", abraçando ou refutando aspectos da cultura "de acordo" com o gênero com o qual se identificavam. Vejamos as sequências discursivas abaixo:

Sequência Discursiva 5 (SD 5) - Escola grupo 1

Pesquisadora - Carlos, você gostaria de ser um príncipe?
 Carlos - (gritando) NÃO! Nem na eternidade.
 Pesquisadora - Por quê?
 Carlos - Porque é chato ser um príncipe.
 Pesquisadora - Por quê?
 Carlos - Porque você só pode sentar, tem que ser educado, tem que... não pode soltar pum...
 Pesquisadora - Entendi. E você gostaria de ser uma princesa?
 Cristina - Sim!
 Pesquisadora - Por quê?
 Cristina - Porque elas são bonitas, elas se arrumam bem e elas têm educação.

Sequência Discursiva 6 (SD 6) - Associação grupo 1

Pesquisadora - Ana, você gostaria de ser uma princesa?
 Ana - Aham.
 Pesquisadora - Por quê?
 Ana - Porque ela faz mágica.
 Pesquisadora - E você, Joaquim? Gostaria de ser um príncipe?
 Joaquim - Aham.
 Pesquisadora - Por quê?
 Joaquim - Pra mim defender as pessoa.
 Pesquisadora - Karin, você gostaria de ser uma princesa?
 Karin - Sim. Pra mim ajudar as crianças que estão tristes e pra mim ajudar as pessoas que não tem comida.

Na SD 5, referente à escola particular, as crianças vinculam ao príncipe e à princesa às características comportamentais da "cultura da princesa", com o foco no comportamento individual e para consigo mesma/o. Na afirmação de Cristina (7 anos) aparecem as características "beleza", "roupas e estilo" e "boa educação". Ao apontar que gostaria de ser uma princesa por causa dessas características, Cristina também diz que ela não se considera bonita, bem arrumada e bem educada, pelo menos não tanto quanto uma princesa seria. "O implícito é o não dito que se define em relação ao dizer" (Orlandi, 2018, p. 102). Se ela assim se considerasse, ela poderia ter mostrado identificação com a princesa nesse momento, incluindo um "assim como eu", ou então poderia ter

apontado (outras) diferenças entre si e uma princesa, como ser filha de um rei e de uma rainha, ou morar em um castelo.

A mesma "boa educação" da princesa que é valorizada por Cristina é vista no príncipe por Carlos, porém dessa vez com conotação negativa. Carlos vê as normas de "bom comportamento" como restritivas. Segundo Orenstein (1996, p. 13), é comum que os meninos enxerguem comportamentos como saber ouvir, gentileza e dar espaço para o outro falar como negativos. Esses mesmos comportamentos são, de acordo com Guacira Lopes Louro (2014) e Maria Cláudia Dal'Igna (2007) e Carmén A. Duarte da Silva e colegas (1999) ensinados para meninas como positivos.

Às meninas é exigido bom comportamento e a ele são atribuídas as boas notas. Os meninos são recompensados com a atenção dos professores quando tomam atitudes disruptivas em relação à aula. Caso seu desempenho escolar caia, ele normalmente é atribuído ao "excesso de energia do menino" e não a um déficit cognitivo. "As meninas são mais submissas ou foram educadas para submeter-se à autoridade, sendo mais cuidadosas em seu trabalho, ajustando-se, assim, à disciplina da escola. Os meninos, ao contrário, são mais rebeldes, independentes e criativos" (Duarte da Silva e colegas., 2007, p. 212). Não é de todo surpreendente que meninos e meninas enxerguem uns aos outros com negatividade.

Já entre Ana, Joaquim e Karin, crianças da Associação, a imagem do príncipe e da princesa ainda aparece vinculada ao comportamento, mas dessa vez, ao comportamento em relação aos outros. A princesa é "mágica" (ao invés de bonita). O príncipe "ajuda os outros" (ou invés de é "bem educado"). A princesa ajuda crianças que não têm o que comer (ao invés de "é rica e bondosa"). Mesmo que não falem diretamente "a princesa é bonita, gentil, rica e bondosa", as três crianças, na SD 6, também ocupam uma posição de identificação com a "cultura da princesa". No entanto Joaquim, ao contrário de Carlos, não vê negatividade na boa educação do príncipe, o que provoca ruído com a "cultura da princesa e o coloca na PS2 Cinderela. Karin e Ana também não colocam as questões comportamentais como algo que elas não possuem tanto quanto as princesas. Quando Karin e Joaquim expõem que gostariam de ser princesa e príncipe para poderem "ajudar" os outros, o que eles alegam não possuir é essa capacidade,

possibilitada aos membros da realeza devido ao seu status social, que possibilita que tenham exército e riqueza à disposição.

"Identificamos, no movimento de análise das sequências discursivas, gradações internas nos tipos de posição-sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva [...]" (Santos Neto, 2015, p. 83). Assim como Santos Neto (2015) apontou ao longo de sua tese, as SDs 5 e 6 apresentam crianças ocupando a posição de identificação com a "cultura da princesa", mas em diferentes gradações dentro dessa posição. Na SD 5, Carlos e Cristina ocupam a PS1 Bela Adormecida, por enfatizarem a questão comportamental de príncipes e princesas. Carlos, enquanto menino, busca distanciar-se do tema. Cristina, enquanto menina, aspira as características físicas das princesas.

Já na SD 6, Joaquim, Ana e Karin mostram aspirar os aspectos sociais de príncipes e princesas. Eles ainda ocupam a posição de identificação, uma vez que mencionam saberes discursivos hegemônicos como a riqueza e as roupas, mas já existe um deslizamento em relação à identificação da PS1 Bela Adormecida. Joaquim, ao contrário de Carlos, não vê no príncipe apenas o coadjuvante da princesa, mas alguém que possui algo que ele mesmo deseja. Já Ana e Karin, ao contrário de Cristina, não se resumem a almejar os aspectos físicos e comportamentais, aqueles que as impulsionariam para comportamentos consumistas e de problemas com a auto-imagem (consequências da "cultura da princesa" apontadas por Orenstein e Coyne). Elas, da mesma forma que Joaquim, também se interessam pela riqueza e posição social de uma princesa visando, no caso de Karin, utilizar a posição para ajudar outras pessoas. As crianças da Associação mostram um ruído, portanto, com a "cultura da princesa" ocupando, nesse momento, a PS2 Cinderela.

Joaquim, Karin, Ana, Carlos, Cristina e as demais crianças participantes das gincanas realizadas para esta dissertação apresentaram diferentes gradações em suas posições-sujeito no discurso, nunca ocupando plenamente uma posição. Nos próximos subcapítulos, irei explorar as gradações PS1 Bela Adormecida, PS2 Cinderela e PS3 Jasmine, todas ainda dentro da posição discursiva de identificação com a FD "cultura da princesa", entre meninas, meninos e nos embates e debates que surgiram entre eles.

5.1 "MEU DOM SERÁ O DOM DA BELEZA": A IDENTIFICAÇÃO ENTRE AS MENINAS

Os alunos da escola particular apresentaram comportamentos similares com o dos estudantes da Oceanside Middle School (Barrie Thorne, 1993) e da Weston Middle School (Orenstein, 1996). Meninos ocupavam mais espaço, falavam mais alto e, frequentemente, interrompiam suas colegas meninas e, por vezes, até mesmo a mim e a Aplicadora. Já as meninas aguardavam sua vez de falar e, quando o faziam, procuravam não entrar em conflito direto comigo ou com a aplicadora da atividade.

Um aspecto a se destacar é que as meninas da escola particular, diferentemente das meninas nas escolas estudadas por Barrie Thorne e Peggy Orenstein, não se deixavam submeter às opiniões e ações dos meninos. Talvez por serem mais novas do que as pré-adolescentes que participaram das investigações norte-americanas ou talvez pela diferença geracional que as separa das crianças estudadas na década de 1970 por Thorne e na década de 1990 por Orenstein. Também é preciso levar em consideração as observações sobre a infância pós-moderna de Steinberg & Kincheloe (2004).

O acesso das crianças contemporâneas à cultura infantil comercial não apenas as motivou a se tornarem consumidoras hedonistas mas também minou-lhes a inocência, o status resguardado das atribuições da existência adulta que as crianças vinham experimentando desde o advento da era da infância protegida na década de 1850. (Steinberg & Kincheloe, 2004, p. 33)

A escola particular que participou desta pesquisa é um pouco diferente das escolas particulares tradicionais. Há uma comunidade expressiva de alunos estrangeiros no corpo discente e a abordagem metodológica busca incentivar o debate, o juízo crítico, o trabalho social, os jogos cooperativos e o aprendizado fora de sala de aula.

Apesar disso, o currículo aberto, por melhor que ele seja, nunca é a única força operando em uma sala de aula. Há algo a mais. O "currículo escondido" compreende as lições não-ditas que os estudantes aprendem na escola: é o subtexto corrente através do qual os professores comunicam normas comportamentais e o status individual na cultura escolar, o processo de socialização que coloca as crianças em seus

devidos lugares na hierarquia da sociedade maior⁷³. (Orenstein, 1996, p. 5. Tradução livre)

Apesar da proposta metodológica preocupada com a formação empática e social dos alunos, o currículo escolar não é o único fator a ser considerado na formação das crianças. Família e religião (não só as próprias, mas as dos demais colegas), comportamento dos professores e demais adultos da escola (dentro e fora da sala de aula) fazem parte do que Orenstein chama de "currículo escondido". Esse currículo é formado a partir da reprodução de valores, preconceitos, discriminações e estereótipos que os próprios adultos — por mais bem intencionados e cuidadosos que sejam — sempre acabam trazendo.

"Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado" (Louro, 2008, p. 17). Maria Aparecida Baccega (2004, p. 16) evidencia a necessidade de conjugação da escola com as demais agências de socialização (apontadas por ela como mídia e família). Na sociedade moderna, não é possível separar essas agências e acreditar que elas exercem efeitos independentes sobre nós ou que podemos estar "imunes" aos saberes propagados por elas.

O que ocorre, então, é que acabamos reproduzindo estereótipos e saberes hegemônicos, repassando-os para as crianças. Gradualmente, segundo Orenstein, o "currículo escondido" ensina meninos e meninas as atitudes esperadas por pessoas de seu gênero. Seguindo essa lógica, mesmo que ainda não completamente submisso, o comportamento das meninas de 9 anos que participaram das gincanas para esta dissertação deveria ter sido menos assertivo do que o das meninas de 7 anos. Na prática, isso não ocorreu como regra (apesar de algumas exceções). Meninas mais velhas tendiam a se afirmar perante aos meninos de maneira mais assertiva do que suas colegas mais novas.

Mesmo assim, observamos que os meninos procuravam chamar a atenção falando mais alto do que seus colegas e interrompendo os colegas que estavam falando. Já as meninas, apesar de, quando um conflito de opiniões

⁷³Yet the overt curriculum, as fine as it may be, is never the only force operating in a classroom. There is something else as well. The "hidden curriculum" comprises the unstated lessons that students learn in school: it is the running behavioral norms and individual status in the school culture, the process of socialization that cues children into their place in the hierarchy of larger society".

surgia, usarem as mesmas estratégias de aumento do tom de voz e da interrupção para serem ouvidas, elas, na maioria das vezes, esperavam suas vezes de falar. Em se tratando de crianças de 7 a 9 anos, talvez esse seja o princípio do processo de absorção do "currículo escondido", que Orenstein aponta, ou, talvez, os efeitos desse currículo tenham diminuído desde a década de 1990. Entrarei em mais detalhes sobre o currículo escondido no subcapítulo 5.3.

A relação entre passividade, fuga de situações de conflito e outros comportamentos tradicionalmente vinculados ao feminino (e presentes na "cultura da princesa") aparecem, segundo Coyne e colegas (2016), com mais frequência em meninas que são expostas regularmente às Princesas Disney. Na pesquisa *Pretty as a Princess*, publicada na revista *Child Development* em junho de 2016, Coyne e seus colegas trabalharam com 198 crianças entre 4 e 6 anos, meninos e meninas, que tinham contato com filmes, desenhos animados, brinquedos e outros produtos da linha Disney Princesa.

Entre as crianças participantes de *Pretty as a Princess*, os níveis de identidade com as Princesas era mais alto entre meninas do que entre meninos (Coyne e colegas, 2016, p. 9), de acordo com as informações reportadas por pais, professores e colaboradores da pesquisa que observaram as crianças.

Observamos um padrão parecido entre os participantes das gincanas para esta dissertação. As meninas (da escola e da Associação) também foram as que mostraram mais familiaridade e identidade com o tema "príncipes e princesas", enquanto os meninos da Associação eram familiares com algumas narrativas e produtos e os meninos da escola particular alegavam total desconhecimento sobre o assunto, apesar de saberem nomes de Princesas Disney e conseguirem reconhecer suas imagens nos cartazes que colamos nas salas onde ocorreram as gincanas.

FIGURA 21: EXEMPLO DE UM DOS CARTAZES DA GINCANA COM IMAGENS DE PERSONAGENS INFANTIS



Na figura 21 temos um dos cartazes utilizados na gincana realizada com o grupo 2 da escola particular. Nessa etapa da atividade as crianças deveriam colar um adesivo colorido sobre o personagem que elas acreditavam serem príncipes ou princesas. Na figura acima, as cores rosa claro, verde-limão e amarelo pertenciam, respectivamente, a Lucas, Júlio e Guilherme. Cristian, o outro menino da atividade, representado pela cor azul escura, não identificou nenhum dos personagens deste cartaz específico, mas ele identificou Princesas em outros cartazes e conhecia a narrativa de *A Pequena Sereia*, conforme SD 7 abaixo.

Sequência Discursiva 7 (SD 7) - Escola grupo 2

Aplicadora - Tá. Qual você acha menos legal?

Cristian - A Ariel, porque o filme dela não tem sentido!

A maioria das imagens identificadas como "princesas" pelas crianças nos cartazes correspondiam às Princesas Disney (todas foram identificadas por pelo

menos uma criança em cada grupo) e a personagens femininas que usavam grandes vestidos de baile ou acessórios similares a coroas. Já os "príncipes" foram identificados alguns príncipes "oficiais"⁷⁴ da Disney, mas também super-heróis e personagens com os quais os meninos tinham identidade, como Carlos (7 anos), demonstrou na SD abaixo:

Sequência Discursiva 8 (SD 8) - Escola grupo 1

Pesquisadora - Você já colocou em todos que você acha que é príncipe e princesa?

Carlos - Sim. Eu só vou colocar nos caras que eu gosto. Batman não gosto... O do mundo da aventura...

Andrea - Eles não são. Príncipes nem princesas.

Carlos - Não ligo! Ela falou que tem que achar quem é príncipe. Então ele é príncipe, o Superman é príncipe... Ela... ele é um príncipe... ela é pop... O Tarzan... terminei!

Pesquisadora - Vem Carlos, vem cá esperar a Cristina terminar.

Carlos - Eu fiz em todos os super-heróis.

Pesquisadora - Ok...

Carlos - Tipo o Pantera Negra.

As meninas também costumam encontrar similaridades entre seus gostos e comportamentos com aqueles que atribuíam a uma determinada Princesa. A maioria das similaridades eram vinculadas a brincadeiras, hobbies e outras atividades consideradas tradicionalmente como "para crianças", e não necessariamente "para meninos" ou "para meninas".

Sequência Discursiva 9 (SD 9) - Escola grupo 2

Aplicadora - Tem alguma princesa que você ache mais legal?

Giovana - A Ariel porque eu gosto de nadar.

Sequência Discursiva 10 (SD 10) - Associação grupo 2

Pesquisadora - Milena, tem uma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Milena - Aham. É a Elsa⁷⁵.

Pesquisadora - Por que?

Milena - Porque quando eu era pequena eu gostava de brincar de Frozen assim, porque eu tinha o filme, mas agora eu perdi.

⁷⁴ A Disney não possui uma franquia separada para os príncipes. Mesmo Aladdin, que é protagonista de seu próprio filme, perde espaço para a princesa Jasmine no *hall* da realeza da Disney. Vale notar que Aladdin e Eugene/Flynn Ryder (Enrolados, 2010) são os únicos personagens Disney que se tornam príncipe através do casamento com uma princesa, e não o reverso.

⁷⁵ Apesar das personagens do filme *Frozen* (2013) não fazerem parte oficialmente da franquia Disney Princesa, as crianças as identificavam como tais.

A estratégia de vincular atividades e, especialmente, hobbies das crianças às personagens Disney Princesa como uma forma de gerar a identificação entre público-alvo e Princesas vem sendo utilizada pela campanha *Dream Big Princess* desde o seu lançamento em 2016. Nas figuras 17 (reproduzida novamente abaixo) e na figura 22 temos dois trechos de materiais promocionais da franquia que vinculam imagens dos filmes Disney Princesa, com meninas reais espelhando seus movimentos.

FIGURA 17: TRECHO DO VÍDEO PROMOCIONAL *DREAM BIG PRINCESS*



FIGURA 22: TRECHO DO VÍDEO PROMOCIONAL *LIVE YOUR STORY*⁷⁶

O engajamento e a identidade com as Princesas, segundo Coyne e seus colegas, valoriza — em meninos e meninas — comportamentos tipicamente associados ao gênero feminino (Coyne e colegas., 2016, p. 13).

O engajamento com as Princesas Disney pode ser limitador, pois meninas jovens em especial estão mais propensas a abraçar estereótipos tradicionalmente femininos tanto simultaneamente quanto longitudinalmente. No entanto, há alguns benefícios positivos em potencial para os meninos, incluindo uma autoestima corporal melhor e maiores níveis de comportamento pró-social quando os pais discutiam a mídia com seus filhos. (Coyne e colegas., 2016, p. 16)⁷⁷

A pesquisa de Coyne foi realizada com crianças que estavam em contato com as narrativas e produtos Disney Princesa antes do lançamento da campanha *Dream Big Princess*. Observando as SDs 8, 9 e 10, no entanto, podemos ser levados a questionar se o fato de as meninas não se identificarem⁷⁸ com as Princesas por seus aspectos de beleza e comportamento tradicionais (como os

⁷⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zRunkRiylvM>> Acesso em 31 de jan. 2020.

⁷⁷ "engagement with Disney Princesses can be limiting, as young girls especially are more likely to embrace traditional female stereotypes both concurrently and longitudinally. However, there were also some potential positive benefits for boys, including better body esteem and higher levels of prosocial behavior when parents discussed the media with their children".

⁷⁸ No sentido de identidade, não de posição discursiva.

expostos no Quadro 2, no capítulo 4), seria um indicativo de que a *Dream Big Princess* está contribuindo para mudar a maneira negativa como as Princesas afetaram as meninas na época da pesquisa de Coyne e colegas.

Entretanto, as posições de identificação com a "cultura da princesa" apareceram entre as meninas participantes das gincanas para esta dissertação em diversos momentos.

Sequência Discursiva 11 (SD 11) - Escola grupo 1

Aplicadora - Por que você gosta de princesas, Andrea?

Andrea - Não sei. Porque eu gosto. Porque elas usam vestido, coroa... E só.

Sequência Discursiva 12 (SD 12) - Associação grupo 2

Pesquisadora - O que é uma princesa, Luana?

Luana - Elas são mulheres que usam vestidos e elas são bonitas e... os homens se apaixonam por elas.

Sequência Discursiva 13 (SD 13) - Escola grupo 2

Aplicadora - Você gosta de princesas?

Giovana - Gosto.

Aplicadora - Por que?

Giovana - Porque eu acho legal de ver e elas são bem bonitas e...

Guilherme - Bonitas?

Giovana - e... e me fazem sentir feliz.

Orenstein (2011, p. 23) aponta que as princesas são, por definição e direito de nascença, criaturas especiais e elevadas. Por isso, é confortável — para não dizer fácil — estimular nas crianças, principalmente àquelas as quais o gênero feminino foi designado antes mesmo do nascimento, a "cultura da princesa". "Nós não gostaríamos que elas acreditassem pelo maior tempo possível que, — só pela sua existência, por direito de nascença — elas são as escolhidas?⁷⁹". Essa unicidade é um aspecto de forte apelo não só aos pais, mas também às meninas.

Apesar de extraordinárias, belas e únicas, as Princesas são isoladas. "Princesas podem confiar em um simpático rato ou em uma xícara, mas pelo menos entre as histórias mais conhecidas, elas não têm amigas. Deus nos livre se

⁷⁹ "Don't we want them to share that belief for as long as possible, to think that — just by their existence, by birthright — they are the chosen ones?"

Branca de Neve oferecer um pouco de apoio à Bela Adormecida⁸⁰ (Orenstein, 2011, p. 23).

Se analisarmos brevemente as narrativas Disney Princesa em ordem cronológica, a primeira — e única — Princesa a contar com o apoio de uma amiga foi Tiana, de *A Princesa e o Sapo* (2009). Mesmo assim, Tiana passa a maior parte do filme na forma de um sapo e longe de sua amiga⁸¹. Vale destacar que o aclamado filme *Frozen* (2013), que rompeu com a tradição do amor entre homem e mulher como elemento necessário para que a vida da princesa fosse salva, não faz parte da franquia Disney Princesa. O filme *Malévola* (2014), que apresenta uma releitura da história de Bela Adormecida sob o ponto de vista da vilã, também mostra o amor não-romântico entre duas mulheres, mas tampouco faz parte da franquia das Princesas.

Pelas sequências discursivas apontadas até agora, percebe-se que um dos maiores apelos que as Princesas têm com as meninas é sua singularidade: elas são únicas, especiais, bem-vestidas, bem-educadas e belíssimas. E mais: são recompensadas por isso. Bueno (2012) também observou entre as crianças que participaram de sua pesquisa que os brilhos, joias e belos vestidos de festa eram as principais características definidoras da princesa.

"Rosa-e-bonita vem sendo vendido para pais de crianças pré-escolares como evidência de inocência, uma maneira não prejudicial, e até natural, de se identificar enquanto menina⁸²" (Orenstein, 2011, p. 125). Se, assim como Orenstein, seguirmos a linha de produtos Disney voltados para o consumo infantil feminino, logo após a "fase" Princesas teremos a "fase" das estrelas do *Disney Channel*.

Britney Spears, Lindsay Lohan, Hilary Duff, Miley Cyrus, Demi Lovato e Selena Gomez são algumas das divas da música pop que, quando adolescentes, faziam parte dos filmes e seriados da Disney voltados a crianças e, no início da idade adulta, se envolveram em uma série de polêmicas que iam da presença em

⁸⁰ "Princesses may confide in a sympathetic mouse or teacup, but, at least among the best-known stories, they do not have girlfriends. God forbid Snow White should give Sleeping Beauty a little support".

⁸¹ Outro e mais importante fato a se destacar e refletir é: a primeira e única Princesa Disney negra passa a maior parte de sua própria história na forma de um anfíbio.

⁸² "Pink-and-pretty had been marketed to parents of preschoolers as evidence of their innocence, a harmless, even natural, way to identify as a girl".

filmes e clipes musicais onde eram sexualizadas, ao uso de drogas e comportamentos sexuais de risco. Qual mensagem essas estrelas passavam para as suas fãs adolescentes que as acompanhavam desde crianças?

No mercado de brinquedos, as bonecas *Monster High* e sua variação, *Ever After High*, já trazem as mini-saias, saltos, maquiagens e meias-arrastão como parte do universo da infância. Roupas que originalmente se destinavam a mulheres adultas devido ao seu forte apelo sexual, passaram a fazer parte do guarda-roupa das adolescentes e, sim, de muitas crianças.

FIGURA 23: BONECAS MONSTER HIGH E EVER AFTER HIGH



A aspiração à beleza e ao sentimento de individualidade incentivado pelas Princesas Disney e pela "cultura da princesa", reproduzido pelas crianças das SDs 10, 11 e 12, são realmente inofensivos para as meninas, ou as prepara — e também aos pais — para uma sociedade na qual, mais tarde, seus corpos serão sexualizados e objetificados? É uma reflexão importante a se fazer e que é proposta também por Orenstein e Coyne e colegas.

Nos filmes *Branca de Neve* (1937), *Cinderela* (1950), *A Bela Adormecida* (1959), *A Pequena Sereia* (1989), *A Bela e a Fera* (1991) e *Aladdin* (1992), a

beleza das personagens Princesas desempenha o papel de estopim das narrativas. O caçador não tem coragem de matar Branca de Neve devido à sua beleza. Os respectivos príncipes se apaixonam à primeira vista pelas belezas físicas de Cinderela, Aurora e Jasmine. Ariel conquista o príncipe não por salvá-lo, mas pela beleza de sua voz. Bela dispensa explicações, a beleza é característica tão essencial para o desenrolar da narrativa dessa personagem que aparece em seu próprio nome.

Nesses filmes, o narrador onisciente e/ou outros personagens constantemente lembram o espectador que a Princesa é bonita.

Era uma vez uma linda princesinha chamada Branca de Neve. Sua vaidosa e maldosa madrastra, a Rainha, notou um dia que a beleza de Branca de Neve um dia excederia a sua. Cobriu então a princesinha de andrajos e obrigou-a a trabalhar como criada. (Primeira fala do narrador na abertura da animação Branca de Neve e os Sete Anões, Walt Disney Productions, 1937).

Com a morte inesperada do rico senhor, a madrastra revelou-se uma mulher cruel, hipócrita e extremamente invejosa das belezas e dos encantos de Cinderela. A madrastra passou a defender apenas os interesses de suas próprias filhas. Assim, com o passar do tempo, o castelo ficou em ruínas e a fortuna da família foi esbanjada nos caprichos das duas irmãs, enquanto que Cinderela passou a servir de criada. (Trecho da fala de abertura da narradora na animação Cinderela, Walt Disney Animation Studios, 1950).

Era uma vez, num país bem distante, um rei e sua rainha havia muito desejavam uma criança. Finalmente, viram o seu desejo ser atendido. Nasceram-lhes uma linda menina a quem deram o nome de Aurora. (Fala inicial do narrador na animação A Bela Adormecida, Walt Disney Productions, 1959).

Os três trechos acima acompanham imagens de um livro com capa enfeitada por joias e conteúdo recheado por desenhos coloridos e caligrafia rebuscada. O livro remete o espectador do filme aos contos de fadas que inspiraram as animações das Princesas clássicas. Sendo os contos de fadas originalmente narrativas orais passadas de adultos para crianças por gerações, no intuito de ensinar-lhes valores e desafios do mundo real.

Como vimos no Quadro 2 (capítulo 4.3), nos contos de fadas, as princesas são sempre descritas como belas e conquistam o coração de um príncipe por sua beleza física. Apesar de transmitir o valor da beleza física desde suas origens, por se tratarem de uma história oral, os contos de fadas não traziam um padrão estético de beleza, deixando este conceito a cargo da imaginação do ouvinte.

As animações, no entanto, não são apenas narrativas orais, muito pelo contrário, seu caráter de desenho permite que, ao mesmo tempo em que sejam visuais, também tenham maior liberdade criativa, não precisando se ater a qualquer padrão, já que não dependem de formas físicas de atores e cenários. Sendo assim, teoricamente, o animador tem total liberdade para criar qualquer cenário e personagem, sujeito aos limites de sua própria imaginação e habilidade artística.

Apesar de todo esse potencial criativo, o que vemos nas personagens animadas da Disney são características muito parecidas. As Princesas são magras, com braços, pernas e cinturas finas. A maioria têm longos cabelos brilhantes e usam belíssimas coroas e vestidos bufantes e coloridos. E são descritas, repetitivamente, como belas, por vezes até como "a mais bela de todas". A magreza, portanto, se torna sinônimo de beleza.

Esse padrão não mudou com o *Dream Big Princess*. Moana e Merida podem ter cabelos "realistas" (leia-se: cacheados e que grudam no rosto com o vento e a água), mas as cinturas permanecem finas. As joias e vestidos de baile, mesmo que por vezes não combinados em uma mesma personagem, também estão lá. Segundo os estudos de Bueno (2012) e Juliane Falcão Gavião (2013), os aspectos visuais dos desenhos animados são reparados com destaque pelas crianças. Com as crianças que participaram das gincanas, não foi diferente.

Sequência Discursiva 12 (SD 12) - Associação grupo 2

Pesquisadora - O que é uma princesa, Luana?

Luana - Elas são mulheres que usam vestidos e elas são bonitas e... os homens se apaixonam por elas.

Sequência Discursiva 14 (SD 14) - Associação grupo 2

Pesquisadora - Como que eles se conheceram?

Tomas - (silêncio por 4 segundos) por causa que o príncipe se encantou pela princesa.

Nas sequências discursivas acima, Luana caracteriza a princesa de acordo com os saberes da FD "cultura da princesa". A característica da beleza aparece na maioria dos desenhos das crianças, que tentam expressá-la seja incluindo joias, cores e detalhes nos desenhos, seja na hora de descrevê-los para mim e para a Aplicadora, como faz Tomas na SD 14 acima, ao dizer que o príncipe "se encantou" pela princesa.

Nas próximas figuras, exponho montagens com alguns desenhos das crianças que participaram das gincanas para ilustrar a importância dada aos aspectos visuais. A questão da beleza física está aliada à individualidade e à unicidade das personagens Princesas (Orenstein, 2011, p. 23). Nas SDs acima e nos desenhos⁸³ abaixo, as crianças mostram que veem a figura do príncipe e da princesa como alguém que se destaca visualmente, além de socialmente, das demais pessoas.

FIGURA 24: MONTAGEM COM DESENHOS DA ESCOLA PARTICULAR GRUPO 2



Vestidos longos, coroas e flores para as princesas, armas e cavalos para os príncipes são elementos frequentes nos desenhos. Na figura 24, o desenho no canto superior esquerdo mostra o príncipe entregando uma flor para a princesa. Esse desenho pertence à Juliana (9 anos), que o descreveu da seguinte maneira:

Ela gosta de... Eles se conheceram em um campo de flores, aí a princesa estava sentada. Aí ele falou oi pra princesa, aí a princesa falou oi, aí ele chamou ela pra sair, os dois se conheceram, ele pediu ela em

⁸³ Alguns detalhes de alguns desenhos podem ter sido cortados para que os personagens aparecessem integralmente nas colagens acima. Os desenhos na íntegra encontram-se nos anexos desta dissertação.

namoro, aí ele tá pensando em pedir ela em casamento. (Juliana, escola, grupo 2)

O desenho que Tomas descreve na SD 14 é o do canto inferior esquerdo da figura 25 abaixo. O elemento central do desenho é o príncipe montado em um cavalo, segurando espada e escudo. A princesa aparece no canto do papel, no topo de uma colina. O desenho de Tomas é um dos poucos que dá centralidade a um dos personagens em detrimento a outro. A maioria das crianças desenhou príncipes e princesas em iguais proporções, mas diferenciando-os pelos detalhes, roupas e acessórios.

FIGURA 25: MONTAGEM COM DESENHOS DA ASSOCIAÇÃO GRUPO 2



É preciso ressaltar, porém, que ao ocuparem posições-sujeito de identificação com o discurso hegemônico "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida, PS2 Cinderela e PS3 Jasmine) nem todas as crianças (e nem todas as meninas) que participaram das gincanas para esta dissertação se identificavam ou aspiravam serem elas mesmas Princesas. Na SD abaixo, Luana (7 anos) busca afastar sua identidade da figura da princesa.

Pesquisadora - Agora, você gosta das princesas?

Luana - Gosto.

Pesquisadora - Por que?

Luana - Porque elas são bonitas.

Pesquisadora - Porque elas são bonitas...

Luana - Eu também preferia fazer a minha própria princesa. Eu fazia que nem o Batman, porque ela é radical!

Na SD 15, Luana ocupa uma posição-sujeito de identificação ao gostar de princesas por serem bonitas. No entanto, ela mesma afirma que preferiria criar uma princesa, uma que fosse radical assim como o super-herói Batman. Luana, portanto, se identificaria mais com uma princesa personalizada, ao invés das Princesas Disney, o que a coloca na PS2 Cinderela. Em outros momentos da gincana ela também mostrou que não vinculava sua identidade à de uma princesa, pois acreditava que muitos de seus gostos e preferências divergiam dos gostos e preferências que uma princesa poderia ter.

Sequência Discursiva 16 (SD 16) - Associação grupo 2

Pesquisadora - Luana, você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa?

Luana - Um príncipe.

Pesquisadora - Por que?

Luana - Ah, porque eu posso lutar com as coisas, que as princesas com esses vestido... eu não sou assim.

A SD 16 mostra a última pergunta da gincana que fizemos para as crianças, que variava aleatoriamente. Para algumas crianças, como Luana, perguntamos: "você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa? Por quê?", abrindo margem, pela entonação da pergunta, que a criança respondesse que gostaria de ser príncipe, princesa ou nenhum dos dois. Luana escolheu ser um príncipe, justificando que príncipes podem lutar e princesas não conseguem fazê-lo por conta de seus vestidos enormes. Ela finaliza com "eu não sou assim", distanciando-se da "cultura da princesa" mesmo que ainda ocupando a posição-sujeito de identificação PS2 Cinderela.

Apesar de Merida, do filme Valente (2012), usar o arco e flecha, apesar de Mulan (1998) lutar contra os hunos junto com o exército chinês, as duas Princesas que, nesse ponto, fogem à "cultura da princesa", não são lembradas por Luana nesse momento. Ao invés disso, ela prefere a figura do príncipe.

Orenstein (2011) alerta que ao mesmo tempo em que o diálogo entre pais e meninas a respeito dos estereótipos de gênero pode fazer com que a criança seja mais crítica dos aspectos restritivos da "cultura da princesa", as meninas também podem compreender que produtos e comportamentos associados ao feminino são inferiores àqueles associados com o masculino. A linha é tênue. "Uma coisa é rejeitar a imagem de menina que era vendida à ela, outra era rejeitar as garotas que podem abraçar essa imagem"⁸⁴ (Orenstein, 2011, p. 152). Não fiz uma investigação dos contextos familiares de cada uma das crianças que participaram das gincanas, então não temos como saber se havia mediação e diálogo sobre a "cultura da princesa" entre Luana e seus pais (ou entre qualquer participante e suas famílias).

Luana, na SD 15, compara sua princesa ideal ao super-herói Batman, apesar de existirem referências femininas, como Batgirl, Supergirl, Mulher Maravilha ou, dentro do próprio universo das Princesas Disney, Mulan e Merida, que poderiam igualmente se encaixar na característica "radical". Os dizeres de Luana remetem à questão da memória discursiva. A memória discursiva é o interdiscurso, "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra" (Orlandi, 2015, p. 29).

Fábio Hansen (2010) entende o interdiscurso como sendo da ordem da constituição dos sentidos e o intradiscurso como da ordem da formulação do dizer. Estão presentes na memória discursiva as experiências passadas, os conhecimentos adquiridos através de leituras, aprendizados e debates. O interdiscurso pode ser definido também em relação ao intradiscurso. O intradiscurso é a materialidade, aquilo que aparece nas palavras, desenhos e colagens das crianças, já o interdiscurso é aquilo que não sabemos de onde vem, o saber que chega ao sujeito via memória discursiva e se materializa através do intradiscurso. "O interdiscurso se apresenta oculto, mas a partir de um determinado recorte, se lineariza no intradiscurso" (Hansen, 2010, p. 149).

Luana deixa claro nesse momento o saber hegemônico da "cultura da princesa", apontando um personagem homem como referência de comportamento

⁸⁴ "It was one thing to reject the image of girlhood being sold to her, another to reject girls who might embrace it."

"radical" e preferindo ser um príncipe à uma princesa pelas possibilidades de ação que, ao seu ver, apenas o príncipe oferece. Esses saberes foram adquiridos por Luana e integram sua memória discursiva, colocando-a nesse momento na PS2 Cinderela (identificação).

No entanto, Luana ainda assim afirma gostar de Princesas. Aqui gostaria de propor uma reflexão: como o diálogo entre pais, professores e crianças pode propor a meninas como Luana que elas podem abraçar as características "radicais", sem deixar de lado as características ditas "femininas"? Será que as fronteiras de gênero não seriam mais fluidas e estaríamos mais próximos a romper com o sistema binário hegemônico?

Luana não foi a única procurar o afastamento de sua identidade em relação a das Princesas ou a de uma Princesa específica. Giovana (9 anos), também afirmou que sua identidade não se encaixava com a de uma Princesa específica.

Sequência Discursiva 17 (SD 17) - Escola grupo 2

Aplicadora - Qual que é a menos legal?

Giovana - Eu acho essa...

Aplicadora - A Mulan?

Giovana - A Mulan. Eu gosto muito dela, mas eu acho que ela não é assim muito o meu tipo.

Ao contrário de Luana, Giovana busca se afastar justamente do aspecto "radical" das Princesas. Mulan é uma Princesa guerreira, que se junta ao exército chinês para defender seu país e a honra de sua família. Giovana, que na SD 9 afirmou se identificar com Ariel pois, assim como a Princesa, ela também gosta de nadar, aqui afirma que, apesar de admirar Mulan, seu estilo — supõe-se que o guerreiro, que é marca registrada da Princesa — não se encaixa com o dela. A valorização da passividade e da não-violência é uma das características da cultura da princesa.

Já Isadora (9 anos), aluna da escola particular, foi a única menina em todas as gincanas realizadas que não demonstrou conhecimento sobre as Princesas Disney. Assim como a maioria de seus colegas meninos, Isadora estava focada na competitividade da gincana e, em diversos momentos, copiava a

resposta de outros colegas ou apontava aleatoriamente para personagens no cartaz para que a atividade andasse mais rápido.

Sequência Discursiva 18 (SD 18) - Escola particular grupo 2

Aplicadora - Tem alguma princesa que você ache mais legal?

Isadora - Qual é o nome daquela ali?

Aplicadora - Pocahontas.

Isadora - Pocahontas.

Aplicadora - Você gosta mais dela?

Isadora - Sim.

Aplicadora - Gente, vem aqui! Vem aqui! Gente, última pergunta. Qual princesa vocês gostam menos? Você acha menos legal?

Isadora - Aquela ali.

Aplicadora - Pocahontas? Você acabou de falar que ela era a mais legal.

Isadora - Ah! Tá bom! Tá bom. Essa daqui.

Aplicadora - É uma pirata? Pera, me diz das princesas que você conhece. Calma.

Menino - Frozen! Frozen! Fala Frozen!

Isadora - Frozen!

Aplicadora - Qual você menos gosta e por que, qual é a menos legal?

Isadora - Frozen porque o filme é muito estranho.

Aplicadora - Tá, mas qual é a menos legal das princesas.

Isadora - Frozen!

Isadora está familiarizada com a "cultura da princesa" e com algumas narrativas das Princesas, apesar de apresentar desconhecimento de nomes de personagens e detalhes das narrativas. Ela responde rapidamente quando questionada perguntas genéricas como: "o que é uma princesa" ou "você gosta de princesas". No entanto, na hora em que se faz necessário especificar uma personagem ou narrativa, ela hesita.

Conforme detalhado no capítulo 3, uma das possíveis limitações que verificamos na metodologia desenvolvida para a pesquisa com as crianças nesta dissertação foi o aspecto competitivo dos jogos. Para as crianças mais novas, optamos por utilizar a estratégia de um jogo cooperativo, o qual exigia que todas as crianças participantes terminassem a atividade para que ganhassem o prêmio final (um pacote de lápis de cor, no caso). Já no grupo 2, o grupo de Isadora, optamos pelo formato competitivo, no qual, além do prêmio "comum" que seria dado caso todos terminassem a atividade, dois grupos disputavam por um prêmio "especial", dado o time que terminasse primeiro.

A tensão para terminar primeiro ficou clara no comportamento e nas respostas de Isadora. Como vimos anteriormente, a competitividade e a

assertividade são aspectos que definem os meninos em sala de aula. Meninas costumam ser mais caladas e procuram agradar os adultos (Orenstein, 1996). No grupo de Isadora, assim como em outros grupos, os meninos também gritavam, ficavam agitados e assumiam comportamentos "esperados" dentro da lógica apresentada por Orenstein.

Sequência Discursiva 19 (SD 19) - Escola grupo 1

Aplicadora - Você gostaria de ser uma princesa?

Isadora - Não!

Aplicadora - Por quê?

Isadora - Porque demora... é bom, né, porque...

Meninos gritam.

Aplicadora - Não gente. Calma. Por quê?

Isadora - Sim. Sim.

Aplicadora - E por quê?

Isadora - Porque eles moram em uma casa grandona!

Aplicadora - E o que mais? Você estava falando outra coisa.

Isadora - Porque elas são respeitadas.

Aplicadora - São respeitadas, mas você disse que você não queria ser uma princesa.

Isadora - Ah, eu também não sei!

Na SD 19 acima, Isadora se distrai com o barulho e agitação dos meninos e muda sua resposta que, a princípio, talvez assumisse uma posição de contra-identificação. Ao perceber que estava demorando para responder, ela muda a sua resposta para uma em posição de identificação: gostaria de ser uma princesa. Mais ainda, Isadora se aproxima das crianças da Associação neste momento, ao apontar uma característica socioeconômica, algo que foge ao padrão de respostas das crianças da escola particular. Quanto pressionada pela Aplicadora, que finge não entender sua resposta, sendo que inicialmente ela havia dito que não queria ser uma princesa, Isadora desiste.

Orenstein (2011, p. 151) aponta, segundo Sharon Lamb e Lyn Mikel Brown (2006), que existem duas formas de identidade feminina oferecida pelo discurso hegemônico na sociedade ocidental: a menina pode existir "para os meninos" ou "como um dos meninos". Enquanto a primeira opção envolve vestir-se e comportar-se de acordo com os estereótipos do gênero feminino, sempre preocupando-se com aquilo que seria mais atraente aos meninos, a segunda exige o contrário: uma negação quase completa de todas as coisas que são tradicionalmente atribuídas ao feminino (princesas entre elas).

As meninas que são "como um dos meninos" costumam ser mais assertivas, independentes e agitadas, assim como Isadora se mostrou durante a gincana. No entanto, ela (ainda) não parecia ser "um dos meninos". Ela e os meninos interagiam mais entre si de forma mais espontânea do que as outras meninas. Ela não gostava de princesas, pois acredita que é "muito drama", mas escolheu o adesivo rosa escuro, uma "cor de menina", para usar nas atividades de colagem. Para os personagens que desenhou, escolheu como passatempo preferido para príncipe e princesa "tomar sorvete", ao invés de "fazer compras" ou "se arrumar" para a princesa e "jogar bola" para o príncipe, como a maioria das crianças. No entanto, ainda retratou a princesa com um vestido rosa e o príncipe com uma camiseta azul.

Apesar de seu discurso aparecer muitas vezes em posição de identificação com a FD "cultura da princesa", as atitudes de Isadora não se conformam com aquilo que o "currículo escondido", de Orenstein, delimita para as meninas. Essas atitudes serão analisadas mais a fundo no capítulo 7.2.

5.2 DE ESPADA E ESCUDO: A IDENTIFICAÇÃO ENTRE OS MENINOS

Os meninos, tanto da escola particular quanto da Associação, ocuparam, na maior parte do tempo, as posições de identificação com a FD "cultura da princesa". Essa era a principal semelhança entre os discursos deles. Enquanto na escola poucos meninos aceitaram o tema "príncipes e princesas" como um tema "para crianças" e não "para meninas", na Associação esse tipo de questionamento era a exceção.

No capítulo 6 entrarei em detalhes dos motivos que podem ter levado à existência de um silêncio (literal e discursivo) entre as crianças da Associação. Neste subcapítulo irei comparar as gradações nas posições de identificação (PS1 Bela Adormecida, PS2 Cinderela e PS3 Jasmine) dos meninos da escola particular e da Associação, entre eles e em relação aos posicionamentos discursivos das meninas (tanto da Associação quanto da escola) que vimos no subcapítulo anterior.

Entre as crianças que participaram das gincanas para esta pesquisa, os meninos da escola particular foram os que mais se aproximaram da posição de

identificação plena⁸⁵ (PS1 Bela Adormecida) com a FD "cultura da princesa". Tanto através do discurso verbal quanto em seus desenhos e atitudes durante as gincanas, eles buscavam reforçar o discurso dominante.

Sequência Discursiva 20 (SD 20) - Escola grupo 1

Aplicadora - Matias, o que é um príncipe?

Matias - Um menino que...

Aplicadora - Você é um príncipe?

Matias - Não!

Andrea rindo.

Aplicadora - O que é um príncipe então? Eu achei que você fosse um.

Matias - Um menino que come e faz xixi.

Na SD 20, Matias hesita por um longo tempo ao ser questionado "o que é um príncipe". A Aplicadora então lhe pergunta se ele se consideraria um príncipe. Matias, imediatamente responde que não. Sua colega, Andrea, ri. Nessa SD temos os primeiros sinais de que as crianças veem o príncipe como parte do universo da princesa e, como tal, uma "coisa de menina".

Lembro que, conforme Orenstein (2011) observa, parte do apelo que as Princesas Disney possuem entre as meninas de 3 a 9 anos (público-alvo da marca) e, especialmente entre as mais novas desse grupo, é por estarem no "momento preciso em que garotas precisam *provar* que são garotas, quando elas vão abraçar as imagens mais exageradas que suas culturas têm a oferecer para embasar sua feminilidade" (Orenstein, 2011, p. 61)⁸⁶.

É possível, então, aplicar a lógica reversa para os garotos. Na fase em que precisam provar que são garotos, rejeitar a figura da princesa é uma forma de negar que são meninas e, portanto, são meninos. Novamente, temos aqui a marcação da identidade pela diferença e o reforço dos padrões binários de gênero.

Para reafirmar sua antipatia pelos príncipes (e pela representação do feminino), Matias imediatamente os reduz às suas funções básicas: o príncipe é "um menino que come e faz xixi". Sendo assim, por que Matias não seria um

⁸⁵ Ressalto novamente que as posições plenas existem apenas em âmbito teórico. Os meninos da escola particular foram aqueles cuja gradação da posição discursiva de identificação mais se aproximava à identificação total.

⁸⁶ "the precise moment that girls need to *prove* they are girls, when they will latch onto the most exaggerated images their culture offers in order to stridently shore up their femininity".

príncipe? Assim como todos os demais seres humanos, ele também não come? Ele também não faz xixi?

As funções escatológicas são compreendidas pelas crianças desde a fase anal, por volta dos dois anos de idade. É nessa fase que as crianças começam a ter controle dos esfíncteres e a compreender o funcionamento de seus sistemas excretores. Segundo a série de textos baseados nos princípios da psicanálise publicada pela ONG Laboratório de Educação⁸⁷, a criança não vê o xixi e o cocô de forma negativa inicialmente. Através da socialização, porém, ela aprende a identificá-los como nojentos, o "lixo do corpo", algo a ser feito em ambiente privado. É daí que surgem as piadas e o tom de desafio que muitas das crianças utilizam ao falar "cocô" e "xixi", por exemplo, como se estivessem desafiando alguma regra imposta pelos adultos.

As crianças mais novas (grupo 1), na pesquisa exploratória e na escola particular, usaram o "ir ao banheiro", "fazer xixi/cocô" e "soltar pum" de duas formas: para desvalorizar uma personagem, comparando-a ou reduzindo-a às funções excretoras, ou como forma de silenciar o tema da atividade. Por vezes, essas duas formas eram utilizadas ao mesmo tempo.

O uso da definição do príncipe como "um menino que come e faz xixi", por Matias, é uma forma de restringir o príncipe — e, como vimos acima, por consequência as "coisas de menina" — a algo nojento, lixo, ao qual devemos dar pouca importância. Essas formas de silenciamento apareceram também nos desenhos dos meninos do grupo 1 da escola particular. "Fazer cocô" e "ir ao banheiro" são atividades descritas por elas como "aquilo que príncipes e princesas mais gostam de fazer".

⁸⁷ Disponível em: <<http://labedu.org.br/serie/sexualidade-infantil/>>. Acesso em 04 fev. 2020.

FIGURA 26: DESENHO DE CARLOS

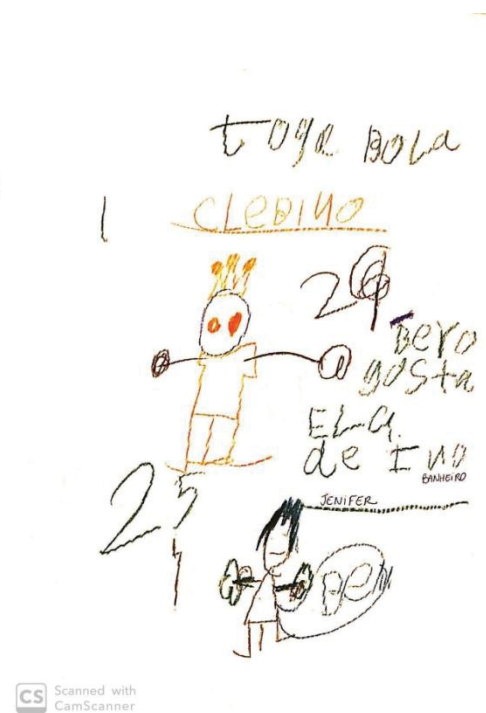
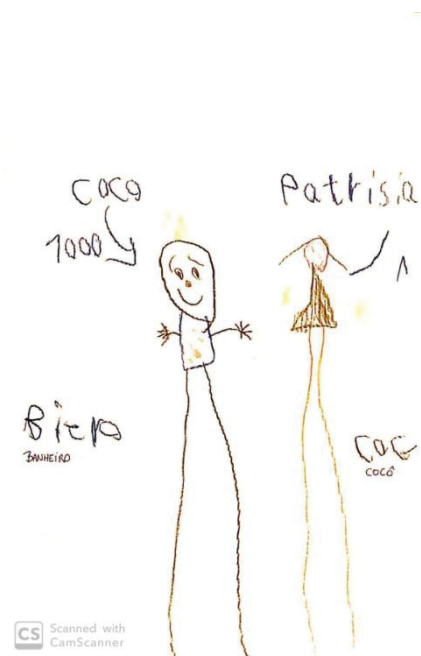


FIGURA 27: DESENHO DE MATIAS



Vejamos abaixo outra situação de quando as crianças mencionam o banheiro:

Carlos - Eu gosto de jogar bola.
 Andrea ri.
 Carlos - É a única coisa que eu faço da minha vida.
 Andrea - Não, você come... faz um monte de coisas. Você vai pro banheiro no meio da aula.
 Crianças riem.
 Carlos - É mesmo.
 Aplicadora - Ele vai muito no banheiro?
 Crianças - Aham. Muito!
 Matias - Só pra faltar aula.

Carlos busca reafirmar sua identidade como menino, associando-se à prática do futebol, um esporte "de menino", segundo o discurso hegemônico. Usando uma hipérbole, Carlos diz que jogar bola é a sua atividade favorita. Andrea, no entanto, parece não entender essa figura de linguagem, interpretando-a literalmente. Ela sabe que é impossível que uma pessoa faça uma única atividade em toda a sua vida. Todos precisamos comer, ir ao banheiro e dormir, por exemplo. Quando Andrea menciona as idas ao banheiro de Carlos no meio das aulas, as crianças, inclusive Carlos, se divertem e brincam com o tema.

Na SD 21 comer e ir ao banheiro foram utilizados pelas crianças como uma piada, mas também como algo com o qual todas podem se relacionar. Nesse momento, todas elas participam da conversa, inclusive Carlos, que seria "o alvo da piada". Diferentemente da maneira como Matias se utilizou dos mesmos temas para reduzir o príncipe na SD 20.

Os temas escatológicos diminuíram no grupo 2 da escola particular. Após a transição da primeira para a segunda infância, as crianças do grupo 2 já eram capazes de articular suas respostas com maior concentração e maior poder argumentativo.

Ao invés de procurarem restringir o tema ao "cocô" ou "xixi" como forma de marcar sua diferença, afirmar suas identidades como meninos e/ou silenciar o tema "príncipes e princesas", como fizeram seus colegas mais novos, os meninos do grupo 2, quando em posição de identificação⁸⁸, traziam saberes da "cultura da princesa" como a princesa/mulher enquanto um objeto a se apossar, a valorização

⁸⁸ Interessantemente, na escola particular, percebi um deslocamento maior entre as posições-sujeito nos meninos mais velhos. Neste capítulo, abordarei apenas as ocasiões nas quais os sujeitos assumiram posições de identificação em relação à FD "cultura da princesa", mas nos próximos capítulos, conforme outros posicionamentos forem tratados, será possível reparar que aparecerão mais sequências discursivas do grupo 2 da escola particular do que do grupo 1.

da beleza física como algo importante na princesa/mulher e a força física do príncipe.

Sequência Discursiva 22 (SD 22) - Escola grupo 2

Julio - Eles [príncipe e princesa] se encontraram em um lugar muito bonito, o príncipe tava numa batalha de príncipe contra príncipe que ganhava a mulher, mas aí o príncipe queira perder e o outro príncipe se matou, aí o cara ganhou, mas ele queira perder porque ela não era bonita.

Na SD 22, Julio usa expressões como "batalha de príncipe contra príncipe" e "ganhava a mulher", ambas se encaixam entre os saberes da FD "cultura da princesa". Julio mostra a valorização da beleza física como uma característica de extrema importância para uma princesa. Na sua breve narrativa, os dois príncipes queriam perder a batalha pois não gostariam de se casar com uma "princesa feia".

A beleza física é um dos aspectos mais discutidos pelos críticos da "cultura da princesa". Ao longo de sua obra, *Cinderella ate my daughter*, Orenstein (2011) fala sobre como a ideia da "mais bela de todas", perpetuada pelas Princesas clássicas da Disney é o primeiro passo em direção a uma cultura de objetificação e sexualização do corpo feminino.

A promessa [da Disney], começa nos anos das Princesas, que se os pais permanecessem com a marca — permitindo que as meninas progredissem naturalmente da Cinderela para as divas do Disney Channel com seus programas de TV, filmes e músicas — nossas filhas poderiam aproveitar a cultura pop sem se tornar pop tarts⁸⁹⁹⁰ (Orenstein, 2011, p. 114).

Orenstein mostra que essa promessa é falsa, ao passo que as Princesas e suas histórias representam — desde a época dos contos de fadas — o despertar da adolescência e a chegada à vida adulta. Aspectos como beleza, ricos vestidos e o gosto por compras (que parecem acompanhar muitas personagens femininas, dos *Power Rangers* à *Barbie*, das Princesas aos animes japoneses) ao mesmo tempo que reforçam o discurso hegemônico também preparam a criança — em

⁸⁹ Marca norte-americana de biscoitos industrializados.

⁹⁰ "the promise, begun in the Princess years, that if parents stuck with the brand - letting girls progress naturally from Cinderella to the Disney Channel divas with their TV shows, movie spin-offs, and music downloads - our daughters could enjoy pop culture without becoming pop tarts.

especial a menina — para se tornar a consumidora ideal. "Tanto as Princesas quanto as bonecas *American Girl*⁹¹ promovem as compras como caminho para intimidade entre mães e filhas; uma expressão, até para crianças de cinco anos, de identidade feminina" (Orenstein, 2011, p. 32)⁹².

Para os meninos, por sua vez, a afirmação de sua identidade masculina passa pelos estereótipos da masculinidade hegemônica.

Espera-se que os homens brancos de classe média usem suas mentes e sejam tão independentes e competitivos quanto fisicamente fortes. A masculinidade dos homens da classe trabalhadora branca e dos homens de cor é elaborada em torno da agressividade, da aspereza, da força física e das ações (Christian-Smith e Erdman, 2004, p. 208).

As narrativas das Princesas, portanto, cujos principais atributos são a beleza, o romance e os finais felizes não se encaixam nos critérios de agressividade e aspereza da masculinidade hegemônica. Mesmo procurando se distanciar o máximo possível das narrativas, alguns meninos ainda ocupando a posição de identificação, permitiam-se envolver-se com as Princesas, como nas SDs abaixo. Ao permitirem-se esse envolvimento, identifico um deslocamento na posição-sujeito ocupada pelos meninos neste momento. Nas SDs 23 e 7 (reproduzida novamente abaixo), Guilherme e Cristian ocupam a PS2 Cinderela.

Sequência Discursiva 23 (SD 23) - Escola grupo 2

Aplicadora - Você gosta de princesas?

Guilherme - Não.

Aplicadora - Por que?

Guilherme - Porque elas são muito chatas.

Aplicadora - Tem uma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Guilherme - A Bela porque ela namora uma fera.

Sequência Discursiva 7 (SD 7) - Escola grupo 2

Aplicadora - Qual você acha menos legal?

Cristian - A Ariel, porque o filme dela não tem sentido!

⁹¹ As bonecas *American Girl* foram criadas em resposta à Barbie. As bonecas têm formas infantis e possuem laços com contextos históricos norte-americanos, como a Guerra Civil e a proclamação da independência. A marca, inicialmente independente, foi vendida e hoje pertence à Mattel, mesma fabricante da Barbie.

⁹² "Both Princesses and American Girl promote shopping as the path to intimacy between mothers and daughters; as an expression, even for five-year-olds, of female identity."

As protagonistas de A Bela e a Fera e A Pequena Sereia não raramente são chamadas pelas crianças pelo título de seu filme, ao invés do nome dado a elas pela Disney, provavelmente pela grande quantidade de Princesas que têm seus nomes nos títulos dos filmes ou por influência de livros de contos de fadas. Guilherme (9 anos) e Cristian (9 anos) mostraram conhecimento não só de duas personagens Princesas pelo nome, como também de suas narrativas.

Guilherme gosta da Princesa Bela por seu príncipe "não convencional" (a própria relação de Bela com a Fera é um ponto controverso, já que a Princesa se apaixona por seu sequestrador). A figura da Fera é agressiva, áspera e fisicamente forte, compatível com todas as características da masculinidade hegemônica apontadas por Linda K. Christian-Smith e Jean I. Erdman (2004).

FIGURA 28: TRECHO DE A BELA E A FERA QUE RETRATA A PERSONAGEM DA FERA COMO VIOLENTA



Sendo assim, para Guilherme, escolher uma Princesa associada à figura da Fera está de acordo com os ideais de masculinidade impostos culturalmente a ele. Já no caso de Cristian, ao afirmar que a história de Ariel "não faz sentido" temos duas posições-sujeito possíveis, conforme detalharei abaixo.

Assim como A Bela e a Fera, A Pequena Sereia é um filme cuja temática central é, principalmente, um romance. Apesar de desafiar seu pai, que desaprova

seu sonho de conhecer o mundo humano, a sereia Ariel acaba trocando sua voz por uma chance de realizar esse sonho e conquistar o amor de um príncipe. Se essa história não faz sentido para Cristian, talvez ele não tenha compreendido como a Princesa pode deixar sua família e trocar sua voz, sua fala, pela chance de conquistar o coração de um homem. Sob essa perspectiva, a narrativa de A Pequena Sereia ocupa a posição de identificação à FD "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida). Nesse caso, Cristian estaria afirmando que uma princesa colocar-se à disposição do príncipe não faz sentido. Portanto, ele ocuparia a posição de contra-identificação PS6 Moana.

Outra interpretação possível para a narrativa de A Pequena Sereia é a de que a protagonista não trocou sua voz por um homem, mas sim optou por sacrificar-se em troca de pernas humanas, pois seu sonho era "poder andar, poder correr, ver todo o dia o sol nascer"⁹³. Sob essa perspectiva, a narrativa de A Pequena Sereia manteria-se em posição de identificação, porém questionando alguns saberes do discurso hegemônico sobre princesas, ocupando assim a PS3 Jasmine. Se Cristian vê a narrativa dessa maneira e afirma que ela não faz sentido, então ele ocupa a posição de identificação PS2 Cinderela (identificado, porém gerando ruídos ao assumir a identidade de menino e se colocar em posição de analisar uma narrativa "para meninas").

Essa dupla interpretação⁹⁴ possível na SD 7 ocorreu com mais frequência entre os meninos da Associação. Ao contrário dos meninos da escola particular, os meninos da Associação aceitaram o tema da atividade sem protestos e buscas por silenciamento. No decorrer das etapas, eles praticamente não procuraram contornar o tema "príncipes e princesas", oferecendo outras referências culturais ou fazendo piadas com o tema. Provocando esse ruído, os meninos da Associação mostram que, em sua memória discursiva, os contos de fadas são assuntos não "de meninas", mas "de crianças", o que é contrário a alguns saberes

⁹³ Trecho da música Parte do seu Mundo do filme A Pequena Sereia (1989). A música é a terceira da trilha sonora e é cantada pela protagonista antes do momento no qual ela conhece o príncipe.

⁹⁴ Existem outras interpretações para a fala de Christian como, por exemplo, a de que ele prefere outras histórias de princesas que não seja A Pequena Sereia o que o colocaria na PS 6, por mostrar conhecimento sobre um universo tradicionalmente "para meninas". Ou então ele poderia preferir histórias que não fossem de princesas, o que o colocaria nas posições-sujeito mais próximas da identificação com a "cultura da princesa". Para fins de análise, porém, foco na dupla interpretação acima descrita.

dominantes da FD "cultura da princesa". Sendo assim, os meninos da Associação estariam, já de início, ocupando a PS2 Cinderela.

O personagem Batman foi mencionado por um menino, mas no momento em que ele estava esperando suas colegas terminarem outras atividades. Nesse caso, ele aproveitou para nos contar que possuía um boné do super-herói. A questão da posse de objetos licenciados é, segundo Bueno (2012), motivo de distinção e orgulho entre as crianças de baixa renda (mais sobre esse aspecto no capítulo 6.3). Reconheço que, além do aspecto da distinção socioeconômica, o menino pode ter buscado reafirmar sua identidade masculina através do personagem, mas ele não o fez de forma a interromper a atividade, que é o ponto sobre o qual este subcapítulo se trata.

O menino em questão foi Joaquim (5 anos), a criança participante mais nova de todas as gincanas que aplicamos. Ao ser questionado sobre os aprendizados das princesas e dos príncipes na escola, ele responde que o príncipe aprende "facada", ou seja, luta com armas, saber este que está em posição de identificação com a FD "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida). No entanto, para as princesas ele já é um pouco mais abstrato.

Sequência Discursiva 24 (SD 24) - Associação grupo 1

Pesquisadora - E as princesas vão para a escola, Joaquim?

Joaquim - Elas vão para a escola pra saber as letra do alfabeto e a diretora que é muito brava que tem a varinha pra transformar de sapo.

Pesquisadora - Os príncipes vão para a escola, Joaquim?

Joaquim - Eles de vai pra escola pra... pra... pra... pra saber facada.

As princesas, segundo Joaquim, aprendem a ler e são mágicas. De acordo com os saberes da Formação Discursiva "cultura da princesa" (delimitados no Quadro 2, no capítulo 4), a leitura, ocupação que pode ser realizada por uma pessoa sentada dentro de casa, se encaixa como uma atividade "apropriada para princesas", apesar de seu elemento empoderador (e contra-identificado à "cultura da princesa") que seria a construção do pensamento crítico. Contudo, a varinha mágica somada às emoções negativas, como a raiva, e o poder de transformar pessoas em sapo cabem à bruxa, à vilã da história.

Joaquim menciona o poder de transformar pessoas em sapo e o atribui às princesas, por vezes com medo, em outros momentos da gincana. O fato das princesas terem uma diretora brava e mágica, pode indicar que Joaquim vê que a

disciplina escolar a qual as princesas se submetem é rígida, sob a ameaça da varinha mágica que poderá transformá-las em um animal caso não se comportem.

Por outro lado, caso o poder mágico tenha sido atribuído às princesas "formadas" pela escola (como a diretora), teremos um questionamento à FD "cultura da princesa". Os príncipes ainda estão de acordo com os saberes hegemônicos, mas as princesas já começam a contestá-los. Sendo assim, Joaquim ainda assumiria o posicionamento de identificação PS3 Jasmine, uma gradação mais próxima com a contra-identificação.

O próprio comportamento dos meninos da Associação, à primeira vista, poderia ser considerado contra-identificado se tomarmos como Formação Discursiva hegemônica para o comportamento de meninos e meninas em ambientes escolares (ou similares) a noção de "currículo escondido" de Orenstein (2011). Sob essa perspectiva, os meninos seriam valorizados por suas opiniões, mesmo que gritadas por cima das opiniões de outros colegas e atrapalhando aulas e atividades, já as meninas aprenderiam a se calar.

Sequência Discursiva 25 (SD 25) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E o que uma princesa pode fazer, Tomas? O que você acha?

Tomas - [silêncio]

Pesquisadora - Você consegue, Tomas! Eu tenho fé em você.

Tomas - Ela pode... ela pode se apaixonar.

Pesquisadora - E ela não pode?

Tomas - Não pode se sujar, não pode fazer nada que o rei... [silêncio]

Pesquisadora - Ok. E Tomas, o que é um príncipe?

Tomas fica em silêncio.

Durante as gincanas, os meninos da Associação hesitavam para responder às perguntas, principalmente às que foram feitas no início das atividades⁹⁵. Tomas era o único menino de seu subgrupo. O grupo 2 da Associação contou com apenas três, ao invés de quatro, meninos. O quarto menino não pode comparecer à Associação naquele dia devido a doença ocasionada pelo mau tempo. Como podemos observar na SD 25, foi necessário uma boa quantidade de estímulo da minha parte no início para que Tomas ficasse

⁹⁵ No próximo capítulo, entrarei em mais detalhes sobre a questão do silêncio e como ele significou para os diferentes grupos de crianças. Por enquanto, meu foco fica nas características do discurso que mostram as tomadas de posição de identificação entre as crianças.

mais à vontade com a gincana. Ele só ficou efetivamente confortável e começou a responder às perguntas de forma mais direta após a atividade do desenho.

Já no segundo subgrupo, que ficou sob responsabilidade da Aplicadora da gincana, a timidez inicial de Bruno (8 anos) é vencida ainda nas primeiras perguntas. Ele, a princípio, afirma que "não sabe" o que é uma princesa. Seu colega, Artur (9 anos) o apoia, mas em tom competitivo, contando vantagem.

Sequência Discursiva 26 (SD 26) - Associação grupo 2

Aplicadora - Tá. O que é uma princesa?

Bruno - Uma princesa?

Artur - Vai Brunão. Eu sei o que que é.

Aplicadora - Não tem resposta certa, pode falar.

Bruno - [risos] não sei.

Logo em seguida, Artur dá a sua resposta e Bruno, aos poucos, reúne coragem para se manifestar também.

Sequência Discursiva 27 (SD 27) - Associação grupo 2

Aplicadora - O que é uma princesa?

Artur - Princesa é uma rainha.

Aplicadora - uhum

Artur - Usa vestido, tem coroa...

Bruno [sussurrando] - Tem guardas.

Artur - Usa maquiagem...

Aplicadora - uhum

Artur - usa salto...

Aplicadora - Tá

Artur - Vai pro baile...

Aplicadora - Tá

Bruno [sussurrando] - quer ficar com o príncipe...

Artur - quer ficar com o príncipe...

Aplicadora - uhum

Artur - e se casam.

Se compararmos a hesitação inicial de Tomas com a de Bruno, perceberemos que elas são muito parecidas. No entanto, Tomas era o único menino de seu grupo e Bruno não. O apoio de Artur se mostrou importante para convencer Bruno a participar integralmente da gincana. Para Piaget (1999, p. 40), a criança a partir dos 7 anos já mostra desenvolvimento das capacidades de raciocínio individuais, ou seja, ela discute consigo mesma antes de agir. Ela também já compreende regras e dinâmicas de jogos em grupo. Essas aptidões tornam possível a cooperação entre as crianças desta faixa etária.

Nos grupos com crianças mais novas, a cooperação dava lugar à influência. Segundo Piaget (1999, p. 40), na primeira infância a criança não consegue distinguir com facilidade onde acaba o seu pensamento e começa o de outra pessoa, frequentemente "copiando" ideias alheias. Essa relação de influência ficou evidente, por exemplo, durante a pesquisa exploratória para o desenvolvimento das gincanas desta dissertação. Enquanto no grupo 2 da Associação essa "influência" de Artur sobre Bruno foi exercida em prol de que ambos participassem da atividade, na pesquisa exploratória Henrique (6 anos) influenciou Gustavo (6 anos), procurando distraí-lo da temática proposta.

Sequência Discursiva 28 (SD 28) - Pesquisa exploratória

Aplicadora - É um bom motivo. Gustavo, você gosta das princesas?

Gustavo (rindo) - Eu que não!

Aplicadora - Por que você não gosta das princesas?

Gustavo (rindo) - calma, calma... (gritando) Eu que não cara de melão! (rindo)

Aplicadora - Por que não?

Gustavo (rindo) - Eu que não cabeça de melão!

Henrique (rindo) - fui eu que tive a ideia!

Conforme observado por Thorne (1993), o apoio mútuo entre crianças de um mesmo gênero em oposição às crianças (e, por vezes, até adultos) de outro gênero é incentivada desde o início da fase escolar, quando professores ensinam a formação de filas separadas por gênero e, mais tarde, nos jogos competitivos meninas contra meninos. Na SD 28 Henrique e Gustavo procuraram fazer piadas a partir do momento em que perderam o interesse por uma atividade cujo tema consideravam "de menina" desde o começo. Ao longo da pesquisa exploratória, observou-se o interesse dos meninos em desafiar a autoridade da Aplicadora e em desmerecer o tema "príncipes e princesas". Essas atitudes também foram observadas entre os meninos da escola particular e serão discutidas em profundidade no capítulo 6.

Em todas as sequências discursivas apresentadas neste subcapítulo, os meninos encontram-se em posição de identificação com a FD "cultura da princesa". Os meninos da escola particular assumiram gradações mais próximas da identificação (PS1 Bela Adormecida e PS2 Cinderela), já os meninos da Associação assumiram posições mais próximas da contra-identificação (PS3 Jasmine).

A posição de identificação dos sujeitos (PS1 Bela Adormecida) ocorreu, principalmente, através da caracterização dos príncipes a partir de saberes da memória discursiva associados com a masculinidade hegemônica (segundo Christian-Smith e Erdman, 2004) como agressividade, força física e rudeza.

Já no que diz respeito às princesas, os sujeitos em posição de identificação com a FD "cultura da princesa" as caracterizaram a partir de suas roupas, maquiagem e elementos narrativos como o baile e o romance com o príncipe. Segundo Bueno (2012), esses são os principais elementos da memória discursiva atribuídos pelas crianças para o reconhecimento de uma princesa.

Contudo se, por um lado, a centralidade do casamento e da concretização do amor romântico despontava como o elemento que conferia uma unidade entre as narrativas de Cinderela e Mulan e, portanto, em nível textual sugeria que este era um critério para a constituição de uma princesa, por outro lado, entre a audiência, esta centralidade não foi o único critério encontrado. A ênfase dada pelas crianças sobre o deslumbre com o vestido e a coroa, bem como a atenção sobre a beleza e elegância das personagens indicavam que, entre aquela audiência, para ser princesa era preciso, antes, atender a um referencial estético bem específico. (Bueno, 2012, p. 152)

Em geral, os contrastes discursivos entre meninos e meninas foram menores entre as crianças na Associação do que na escola particular. Coragem, bravura, beleza e posses materiais, saberes da FD "cultura da princesa", também apareciam constantemente no conjunto de falas e materialidades produzidas pelos meninos da Associação de maneira muito similar ao que foi analisado no subcapítulo anterior com as meninas. Já na escola particular, esses saberes apareceram com maior frequência entre os meninos maiores, já entre os mais novos, havia uma preocupação maior dos sujeitos em marcarem sua identidade como meninos distanciando-se do tema proposto nas gincanas.

É possível perceber nas SDs de crianças da Associação supracitadas que há o estabelecimento de um diálogo entre colegas. As crianças da Associação procuravam dialogar entre si, muitas vezes chegando a um consenso. Já as crianças da escola particular tendiam ao confronto direto, defendendo suas próprias opiniões quando estas entravam em conflito com a de seus colegas.

5.3 "NÃO SOU UM PRÊMIO A SER CONQUISTADO": DIÁLOGOS E CONFLITOS ENTRE AS CRIANÇAS

Os momentos de divergências entre as crianças trouxeram oportunidades ricas para análise. Houve situações nas quais uma criança tentava convencer a outra, ou então tentava falar mais alto e ignorar a/o colega. Houve momentos de diálogo também, no qual as crianças, por alguns instantes, pareciam esquecer-se da presença das adultas que coordenavam a pesquisa e interagiam apenas entre elas.

Na Associação, quando ocorria o diálogo entre as crianças havia abertura para que uma criança convencesse outra a mudar sua resposta. Esse diálogo foi construído aos poucos. No início da gincana as crianças da Associação ainda eram tímidas entre si⁹⁶ e hesitavam em responder às perguntas. Conforme as atividades foram se desenrolando, elas se tornaram mais confiantes, respondendo diretamente quando questionadas.

Nas SDs 29 e 30 temos o momento inicial que essa cumplicidade começou a surgir em um dos subgrupos das crianças mais velhas na Associação. Na SD 29 todas elas respondem à pergunta: "princesas vão à escola?". Na SD 30 elas respondem ao questionamento "príncipes vão à escola?".

Sequência Discursiva 29 (SD 29) - Associação grupo 2

Pesquisadora - Vamos lá. Próximas perguntas. Luana, as princesas vão para a escola?

Luana - Ahhhhhmmmm... Algumas sim, algumas não.

Pesquisadora - O que que as princesas que vão pra escola aprendem lá?

Luana - Posso falar algumas princesas de magia?

Pesquisadora - Aham.

Luana - Elas aprendem magia, poção do amor...

Pesquisadora - E as princesas que não vão pra escola? O que elas precisam para serem princesas?

Luana - Coroa, respeito, não ficar se mimando... e só.

Pesquisadora - E só. As princesas vão para a escola, Tomas?

Tomas - Algumas.

Pesquisadora - Algumas. E o que elas aprendem lá, as que vão?

Tomas - Magia e respeito e... nada de fazer confusão.

Pesquisadora - E as princesas que não vão para a escola? O que elas precisam para ser princesas?

Tomas - De escola, coroa, vestido e sapato.

Pesquisadora - E Milena, as princesas vão para a escola?

⁹⁶ As crianças da escola particular estudavam na mesma sala em período integral todos os dias desde a educação infantil. As crianças da Associação se viam por meio período, duas vezes na semana e tinham aulas em turmas diferentes.

Milena - Algumas. Algumas não.

Pesquisadora - E o que elas aprendem lá? As que vão pra escola?

Milena - Magia, poções, respeito, educação...

Pesquisadora - E as que não vão para a escola? O que elas precisam para serem princesas?

Milena - Educação. Vestidos, coroa.

Sequência Discursiva 30 (SD 30) - Associação grupo 2

Pesquisadora - É... os príncipes vão para a escola?

Luana - Vão!

Milena - Vão!

Tomas - Vão!

Pesquisadora - Vão. Deixa eu ver com a Milena primeiro. O que eles aprendem lá?

Milena - A lutar com espadas, andar a cavalos e só.

Pesquisadora - O que os príncipes aprendem na escola, Tomas?

Tomas - Lutar, se defender, um monte de coisa.

Pesquisadora - Um monte de coisa. E os príncipes vão para a escola, Luana?

Luana - Sim.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Luana - A fazer respeito, porque pra encantar uma princesa, luta e ser educado.

Na SD 29, Luana, Tomas e Milena respondem o mesmo: algumas princesas vão à escola, outras não. Os aprendizados das princesas dentro e fora da escola variam nas palavras, mas, tratando-os como saberes discursivos, podemos perceber que, na verdade, são os mesmos. Magia, amor, respeito, bom comportamento e roupas bonitas são saberes discursivos identificados com a figura da princesa dentro da FD "cultura da princesa".

Logo em seguida, quando questionadas sobre a formação de um príncipe (SD 30), as crianças respondem praticamente em uníssono. Discursivamente, o mesmo pode-se dizer dos saberes que elas trazem nesse momento: lutas, armas, cavalos e romance também são características do príncipe, dentro da "cultura da princesa".

É interessante reparar também que as crianças divergem quanto à educação formal de príncipes e princesas. Enquanto os homens devem ir à escola, às mulheres essa parte da formação é opcional. Uma princesa não precisa ir à escola para ser princesa, basta que tenha vestidos bonitos, seja educada. Partindo dessa lógica apresentada pelas crianças, uma princesa (uma menina) pode aprender o que necessita tanto na escola quanto em casa, já que os conhecimentos que lhe são necessários envolvem, principalmente, atividades domésticas.

Parafraseando Orenstein (2011), é de se pensar que uma das maiores vantagens em ser princesa é ter quem cuide das tarefas domésticas para você. No entanto, as Princesas clássicas (Branca de Neve, Cinderela e Aurora) da Disney aparecem em seus filmes realizando trabalhos domésticos e/ou voltados para o lar. Se repararmos as imagens oficiais (como na figura 29), veremos que a própria Disney aborda a questão do trabalho. Na imagem, as Princesas nascidas na realeza não usam luvas, enquanto as Princesas Tiana, Cinderela e Bela, que se casaram com príncipes para assim se tornarem Princesas, estão de luvas.

FIGURA 29: DISNEY PRINCESA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020



As luvas aparecem como recurso para esconder os vestígios do trabalho. Embora esse aspecto não seja mencionado e nem apareça nos desenhos, pode-se supor, a partir da memória discursiva, que as mãos daquelas que nasceram plebeias refletem uma vida de trabalho braçal, o que as deixaria marcadas. Já aquelas que nasceram princesas podem "se dar ao luxo" de trabalhar apenas nos afazeres domésticos leves, mantendo suas mãos delicadas e imaculadas.

Já um príncipe precisa passar pela educação formal. Andar a cavalo, aprender a lutar e a se defender são atividades que envolvem o ambiente externo e, portanto, não podem ser aprendidas dentro de casa. Segundo a Síntese de

Indicadores Sociais⁹⁷, relatório de 2019 do IBGE, o número de meninas que completam a educação básica é maior do que o número de meninos. No entanto, uma pesquisa do Instituto Unibanco⁹⁸, em 2015, mostrou que, entre os adolescentes de 15 a 17 anos que não estão na escola, as meninas correspondem a 46% do total. Elas são as que têm mais chances também de sair da escola para cuidar da família ou da casa, segundo o mesmo relatório. Tanto a pesquisa do IBGE quanto a do Instituto Unibanco mostram que as crianças e adolescentes de famílias de baixa renda são aquelas com maior índice de evasão escolar.

Levando em conta esse contexto socioeconômico, no qual se inserem as crianças da Associação, é compreensível o porquê delas terem maior aceitação de que algumas mulheres não passem pela (ou concluam a) educação formal, e uma aceitação menor de que os homens façam o mesmo. Orenstein (1996, p. 44 e 49) observa nas famílias que participaram de suas pesquisas que pais e mães de meninas costumavam ser mais tolerantes à perspectiva de suas filhas não tirarem notas altas na escola — principalmente em matérias como matemática e ciências — do que seus filhos.

A autora também percebe que mães e pais colocam para suas filhas a possibilidade de serem mães e donas de casa, mas aos seus filhos pressionam para que cursem uma universidade e encontrem carreiras de sucesso, para que possam prover financeiramente à sua futura família. A maneira como Luana, Tomas e Milena falam sobre a educação formal de príncipes e princesas nas SDs 28 e 29 ecoa essas realidades.

Falando de realidades socioeconômicas das famílias de baixa renda, é comum que as crianças aprendam desde cedo que a oportunidade de aquisição de bens materiais — dos básicos, como comida, aos brinquedos e eletrônicos — não é frequente e precisa ser calculada. Muitas crianças aprendem, através do diálogo com os familiares e amigos, que não podem ter o que querem no exato momento que desejam ou nem mesmo em um futuro próximo, como Natal ou aniversário. Essa relação de diálogo pode evoluir para uma de compreensão,

⁹⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>>. Acesso em 06/02/2020.

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/5/>>. Acesso em 06/02/2020.

cooperação e parceria, conforme observado entre as crianças do grupo 2 da Associação, vide SD 31.

Sequência Discursiva 31 (SD 31) - Associação grupo 2

Pesquisadora - OK. E tem uma princesa que você ache que é mais legal do que as outras?

Tomas - Não.

Pesquisadora - Não? Tem uma princesa que seja mais chata do que as outras?

Milena - Ah tem!

Luana - Tem uma princesa que eu amo.

Tomas - Sim.

Pesquisadora - Qual é a princesa mais chata?

Tomas - Pode ser que aparece na TV?

Pesquisadora - Aham.

Tomas - Essa aqui. (Corre até o cartaz de personagens e aponta para a personagem Amber, do desenho animado Princesinha Sofia).

Pesquisadora - A Amber?

Tomas - Eu não sei o nome.

Pesquisadora - Por que que ela é chata?

Tomas - Porque ela fica mandando na... na...

Milena - Na Sofia.

Pesquisadora - Na Sofia?

Tomas - É.

A pergunta "tem uma princesa que seja mais chata do que as outras?" foi primeiramente direcionada a Tomas, mas, ante a hesitação dele, Milena e Luana tomaram a liberdade para darem as suas respostas. Aqui observamos uma reação diferente daquela apresentada como padrão por Orenstein (1996). Ao invés de Tomas, que se identifica como menino, tomar a palavra imediatamente, as meninas ocuparam o espaço de fala.

"Quando as meninas se aventuram a responder às questões mais complexas os meninos rapidamente tornam-se territoriais, gritando por cima delas suas próprias respostas". (Orenstein, 1996, p. 9). Na SD 31, as meninas não assumiram posições territorialistas — que poderia ser justificada caso as crianças enxergassem o tema de estudo como "de meninas" e isso inibisse a participação dos meninos. Ao perceberem que Tomas não iria responder diretamente à pergunta, elas interferiram dando suas próprias opiniões, permitindo que ele tomasse seu tempo para responder à questão.

Em seguida, Tomas mostra qual princesa ele acredita ser "a mais chata". Ele não sabe o nome da personagem, mas a identifica no cartaz de personagens colado na parede da sala. Milena, percebendo novamente um espaço para ajudar

o colega, relembra o nome da personagem Sofia, protagonista do desenho animado ao qual Tomas se refere.

Na SD 31 as crianças respeitam o momento de fala de cada uma, sem tentar chamar a atenção para si ou suas opiniões em detrimento aos colegas. "As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensão a respeito dos pontos de vista do adversário e procura de justificações ou provas para afirmação própria." (Piaget, 1999, p. 41).

Para ilustrar essa perspectiva de Piaget trago abaixo duas SDs, a SD 32 traz a resposta à pergunta "tem uma princesa que é mais chata?" entre Joaquim (5 anos) e Ana (6 anos), da Associação.

Sequência Discursiva 32 (SD 32) - Associação grupo 1

Pesquisadora - [Joaquim] tem uma princesa que é mais chata?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Qual?

Joaquim - Que fica com a varinha que transforma os outros de sapo.

Pesquisadora - [Ana] tem uma princesa mais chata?

Ana assente.

Pesquisadora - Qual?

Ana - Uma princesa que é bem mais chata de todas.

Pesquisadora - Por quê?

Ana - Por causa de que ela transforma tudo de sapo.

Se as crianças do Grupo 2 já são capazes de estabelecer discussões entre si, as crianças do Grupo 1, segundo Piaget (1999) não possuem desenvolvidas ainda as habilidades de discussão, limitando-se cada uma a apresentar suas opiniões. "Trabalhando em um mesmo quarto ou em uma mesma mesa, de falar cada uma por si, acreditando que se escutam e se compreendem umas às outras." (Piaget, 1999, p. 26). Por isso, ocorrem situações como a retratada na SD 32: uma criança pode copiar a resposta da outra, na tentativa de mostrar que concorda com ela ou que respeita sua influência social naquele momento.

Ainda de acordo com Piaget, durante o desenvolvimento da linguagem na primeira infância, as crianças veem adultos e crianças mais velhas como seus superiores em um mundo ainda não explorado por elas, o mundo dos signos e palavras. "Um "eu ideal", como disse Baldwin, se propõe ao eu da criança, e os exemplos vindos do alto serão modelos que a criança deve procurar copiar ou igualar" (Piaget, 1999, p. 26).

Ampliando essa lógica, é possível dizer que a criança na primeira infância procura copiar ou igualar sua linguagem a exemplos que acredita serem seus superiores naquele contexto social. Conforme vimos anteriormente neste capítulo, Orenstein (1996, p. xviii) mostra que as meninas aprendem desde o jardim de infância a se colocarem em uma posição de segundo lugar em relação aos meninos. Isso ocorre pois "os meninos dominam de forma exaustiva os procedimentos: eles frequentemente demandam mais do tempo e da energia dos professores do que as meninas, recebendo mais reforço positivo, mais remediação e mais criticismo". (Orenstein, 1996, p. 13). Esta mesma situação foi observada em estudos brasileiros, como os de Louro (2014), Dal'Igna (2007) e Silva e colegas (1999).

Piaget afirma que a diferença de idade é um fator relevante para que as crianças decidam quem será a "referência" em uma conversa. Nesse caso, Joaquim deveria ter procurado referência em Ana, ou até mesmo em Karin, a outra menina de seu grupo, que tinha 8 anos recém-feitos. Não foi o que aconteceu. Ana — que poderia ter buscado referência em Karin, uma menina mais velha — optou por Joaquim. Tomando essa perspectiva, fica difícil relevar o conhecimento apresentado por Orenstein.

A SD 33 abaixo traz a resposta à pergunta "princesas vão à escola?" entre Carlos e Cristina, ambos de 7 anos, crianças do mesmo subgrupo dentro do grupo 1, desta vez, da escola particular.

Sequência Discursiva 33 (SD 33) - Escola grupo 1

Pesquisadora - E o que um príncipe pode fazer?

Cristina - Ele pode...

Carlos - Beijar na boca de uma mulher.

Pesquisadora - A resposta é dela.

Cristina ri.

Carlos, uma das crianças mais ativas que participou das gincanas, interrompeu sua colega diversas vezes, não para complementá-la, mas para interferir na resposta. Na SD 33 pode-se observar um dos momentos em que tive que lembrá-lo que aquele momento não era a vez dele de falar, mas a de sua colega. Cristina, em resposta, apenas ri.

Orenstein também fala sobre a atitude das meninas em resposta à atenção demandada — e na maioria das vezes conquistada — pelos meninos. "Ignoradas por seus professores e diminuídas por seus colegas meninos, meninas perdem o empenho: elas podem se tornar relutantes a participar totalmente em sala, incapazes de aguentar pequenas falhas necessárias para o sucesso acadêmico a longo prazo"⁹⁹ (Orenstein, 1996, p. 14).

Na SD 34 abaixo, Carlos continua buscando a atenção da adulta responsável pela atividade (a minha atenção, no caso). Ele interrompe a minha fala com uma resposta gritada e, mesmo que eu tenha tentado prosseguir com a explicação sem dispensar atenção particular a ele, Carlos, com sua interrupção, consegue me fazer reforçar, falando diretamente a ele, que tanto o príncipe quanto a princesa precisam ter nome, já que ele havia me interrompido com a menção a apenas um nome.

Sequência Discursiva 34 (SD 34) - Escola grupo 1

Pesquisadora - Vocês precisam desenhar um príncipe e uma princesa, mas eles têm que ter nome...

Carlos - CLEPINHO!

Pesquisadora - Os dois, os dois. Eles têm que ter idade e eles têm que ter uma coisa preferida pra fazer.

Carlos - Ah! Eu sei! Jogar bola! (Risos)

Mesmo assim, em situações nas quais Cristina e Carlos concordavam — normalmente assumindo posições de identificação com a FD "cultura da princesa", como na SD 35, na qual assumem a PS1 Bela Adormecida — houve momentos de cooperação entre eles.

Sequência Discursiva 35 (SD 35) - Escola grupo 1

Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Cristina e Carlos - Não.

Pesquisadora - Não vão para a escola? Então o que elas precisam aprender para serem princesas?

Carlos - Elas só...

Cristina - A mãe precisa ser princesa, aí a mãe...

Carlos - Ensina ela a ser princesa pra outra

Cristina - Ou ela só nasce como uma princesa.

⁹⁹ "Ignored by their teachers and belittled by their male peers, girls lose heart: they may become reluctant to participate at all in class, unable to withstand the small failures necessary for long-term academic success."

Carlos e Cristina tinham acabado de completar 7 anos e, segundo Piaget, estão na fase de transição entre a primeira e a segunda infância. Essa cooperação, portanto, é novidade para eles. Já para as crianças do Grupo 2, a capacidade de diálogo e debate já é uma realidade, como vimos na SD 29, com Tomas, Milena e Luana, da Associação.

Entre as crianças do Grupo 2 da escola particular (todas com 9 anos), o debate era muito presente. Raramente, no entanto, ocorria diálogo. Meninos e meninas procuravam afirmar suas ideias e, quando essas entravam em conflito com a de um ou mais colegas, chegavam a confrontar uns aos outros diretamente.

Sequência Discursiva 36 (SD 36) - Escola grupo 2

Aplicadora - Sua vez [Isadora]. O que é uma princesa?

Isadora - É uma pessoa que... É uma menina respeitada!

Cristian - Não. Eu não respeito as princesas eu falo que... (outras crianças falam por cima).

Na SD 36, Cristian discorda de Isadora no quesito "respeito às princesas" e, sem que tenha sido direcionada a pergunta a ele, expõe sua opinião. Contudo, as crianças não o deixam terminar, falando suas opiniões todas ao mesmo tempo. Já na SD 37 abaixo, Julio espera Margareth responder mas, quando chega a sua vez, ele, ao invés de questioná-la diretamente ou abrir espaço para reflexão entre o grupo, ele opta por usar sua resposta como forma de refutar a resposta da colega.

Sequência Discursiva 37 (SD 37) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que a princesa pode fazer?

Margareth - A princesa pode andar em um dragão e nadar em um lago com piranhas.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Margareth - Ela não pode não andar de dragão e não nadar em um lago com piranhas.

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Julio - Uma princesa ela pode ficar sentada sem fazer nada dormindo. O que ela não pode é achar um dragão se não ela vai correr até o infinito até morrer.

Oportunidades de diálogo surgiram entre as crianças de todos os grupos, tanto na escola quanto na Associação. Normalmente, quando as opiniões das

crianças eram similares elas costumavam se complementar, uma aceitando o complemento da outra (como ocorreu entre Carlos e Cristina na SD 35).

Apesar de raras, houve situações nas quais opiniões diferentes abriram caminho para debate e para que uma criança convencesse a outra de seu ponto de vista. Essas situações não foram observadas na escola particular, apenas na Associação. As SD 38 e 39 mostram um exemplo ocorrido durante as conversas paralelas estabelecidas pelas crianças enquanto desenhavam:

Sequência Discursiva 38 (SD 38) - Associação grupo 2

Milena - A minha princesa é da natureza, então o nome dela vai ser Wilie.

Pesquisadora - Wilie?

Luana - Dá pra ser Rosa também, né?

Sequência Discursiva 39 (SD 39) - Associação grupo 2

Pesquisadora - Pronto? Qual que é o nome dela?

Milena aponta para o nome escrito no papel.

Pesquisadora - Rosa? De 13 anos?

Milena - Aham.

Milena originalmente daria o nome de "Wilie" para a princesa que desenhara, mas, por se tratar de uma "princesa da natureza", sua colega sugere que o nome Rosa, nome de flor, possa ser mais adequado. As meninas conversaram entre si durante a atividade e, quando perguntei à Milena o nome de sua princesa, revelou-se que ela aceitara a sugestão de Luana.

Luana não impõe o nome à Milena, ela sugere o nome Rosa a partir do argumento de que a princesa que Milena desenha tem relação com a natureza. A sugestão vem em tom de interrogação com um "né?", no final, buscando a aprovação da autora do desenho.

No decorrer deste capítulo, percebemos nas interações entre as crianças que, em alguns momentos, as relações de busca de referência mencionadas por Piaget não eram as únicas que agiam. O chamado "currículo escondido", de Orenstein, no qual meninos sentem-se mais legitimados a falar do que as meninas e as diferenças socioeconômicas entre crianças da escola particular e da Associação também apareceram no discurso dos participantes das gincanas.

Foi mencionado brevemente também que houve momentos de tentativa de silenciamento discursivo entre as crianças, bem como momentos nos quais o silêncio literal significou (o não-dito) no discurso dos participantes. O silêncio (seja

ele literal, discursivo ou a tentativa de silenciamento) foi um aspecto presente em todos os grupos, em todas as gincanas realizadas, como veremos a seguir.

6. "O PREÇO É A SUA VOZ": SILENCIAMENTOS E NÃO-DITOS NOS DISCURSOS DAS CRIANÇAS SOBRE GÊNERO

Quando as crianças entravam na sala que preparamos para elas, as conversas paralelas paravam por alguns instantes enquanto elas absorviam as mudanças que havíamos feito no local. Todas as gincanas foram realizadas em ambientes que lhes eram familiares, portanto as mudanças despertavam curiosidade. "Por que as mesas mudaram de lugar?", "O que aqueles personagens estão fazendo na parede?", "Olha! É a Elsa!" e outras perguntas e exclamações logo cobriam os breves segundos de silêncio.

As semelhanças nas gincanas param por aí. A partir do momento em que nos sentávamos no chão com os participantes, precisávamos de estratégias diferentes para acompanhar o desenrolar das atividades na escola particular e na Associação. Enquanto as crianças da escola particular conversavam entre si e buscavam nos questionar diretamente sobre assuntos relacionados ou não às atividades, as crianças da Associação faziam silêncio e ouviam as instruções. Enquanto meninos e meninas da escola particular protestavam ao serem misturados em grupos de gêneros mistos, as crianças da Associação se calavam e seguiam as instruções.

Essas diferenças podem ser provenientes das diferenças no currículo educacional das crianças: a escola particular proporciona um currículo que legitima a fala das crianças e as incentiva a debaterem, enquanto as crianças da Associação, todas estudantes de escolas públicas nas quais o ensino tradicional é comum, são educadas para submeterem-se à disciplina escolar e à autoridade dos adultos presentes em sala (no caso das gincanas, minha e da Aplicadora). Se assim for, as crianças provenientes de realidades socioeconômicas mais favorecidas têm sua voz legitimada pois lhes é proporcionado o acesso a uma educação que considera suas vozes. Já as crianças de realidades menos favorecidas não têm essa possibilidade de acesso. Seria então o silêncio um dispositivo proveniente de realidades socioeconômicas distantes?

Essa reflexão foge aos objetivos propostos por esta pesquisa, mas não posso deixar de notar a diferença entre os tipos de silêncios presentes entre as crianças das duas instituições. Este foi, na verdade, o primeiro aspecto que reparei. Se o silêncio — literal, no sentido da ausência de som — estava presente

de formas diferentes na escola particular e na Associação, o silêncio, no sentido discursivo, também estaria. Em meio a tantas falas na escola particular, o que nos diz aquilo que ficou de fora do discurso? O que as crianças escolheram não falar? E por quê?

A temática do silêncio é presente nas narrativas das Princesas Disney. O exemplo mais evidente é a história de A Pequena Sereia, na qual a princesa Ariel troca sua voz por um par de pernas. A bruxa do mar a convence a dar-lhe a voz como pagamento por um feitiço que a tornaria humana com falas como "o homem abomina tagarelas, garota caladinha ele adora", "só as bem quietinhas vão casar". Em Mulan, quando a protagonista sugere para os colegas de exército que a mulher ideal é aquela que "se o cérebro usar, vai ser a maior", os colegas respondem um firme "não!". A princesa Aurora, em a Bela Adormecida, é a personagem com menos falas em seu próprio filme.

Desde 2016, no entanto, a Disney tem se mostrado mais atenta a esses aspectos das Princesas. O filme Wi-Fi Ralph (2018), por exemplo, reúne todas as Princesas, incluindo Anna e Elsa, de Frozen, em uma cena que satiriza aspectos tradicionais da "cultura da princesa". Nesse momento do filme, a personagem Vanellope, uma princesa de um jogo de corrida dos anos 1980, tem sua condição de realeza posta à prova pelas Princesas Disney. Elas lhe perguntam se, assim como as Princesas, ela fala com animais, se possui magia, se já encontrou o príncipe encantado, se já foi envenenada, escravizada, sequestrada, aprisionada ou amaldiçoada. Vanellope se assusta com esses aspectos que, tirados do contexto encantado das narrativas originais, são descritos como assustadores, e pergunta se deve chamar a polícia.

A Disney parece realmente disposta a rever seu papel enquanto autora e reprodutora de saberes tradicionais da "cultura da princesa". Não só através da sátira, como em Wi-Fi Ralph, mas na releitura de filmes de Princesa. O *live action* de A Bela e a Fera contou com a consultoria de Emma Watson, também contratada para interpretar a Princesa. Emma Watson é embaixadora da ONU Mulheres e se posiciona publicamente como feminista liberal. Sua consultoria foi ouvida no departamento de figurinos, que proporcionou roupas mais realistas à Bela, que priorizassem o conforto e o movimento e deixassem em segundo plano (mas sem apagá-los completamente) os contornos corporais femininos da atriz. A Bela de Emma Watson é uma inventora, assim como o pai, e suas leituras não se

resumem a romances, como a personagem da animação, mas incluem também livros científicos.

Mas é com o *live action* Aladdin (2019) que a Disney dá sua cartada final (até agora, em abril de 2020) no que diz respeito ao silêncio e à posição de submissão das Princesas. Jasmine, a única Princesa oficial que não é a protagonista de seu próprio filme, era considerada parte do time das "princesas rebeldes". Sua rebeldia se devia, principalmente, a uma única frase na animação original. Quando descobre que seu pai, o Sultão, tentava lhe arranjar casamento, ela responde: "eu não sou um prêmio a ser conquistado". Já na versão *live action*, a Princesa possui um arco narrativo inteiro dedicado ao seu desejo de se tornar rainha e ser ouvida. Jasmine é constantemente repreendida pelo conselheiro de seu pai, e vilão da história, Jafar. Ela ouve que "uma princesa deve ser vista e não ouvida". No clímax do filme, ela canta sua música solo, "Ninguém me cala", desafiando o vilão com frases de efeito como: "eu cansei, ninguém mais me cala" e "ainda que alguém me oprima, ninguém me subestima".

Na animação de 1992, o vilão é derrotado quando Jasmine, tentando ajudar Aladdin, o seduz. Aladdin então o engana, fazendo com que ele peça ao Gênio da lâmpada para dar-lhe o amor de Jasmine. Quando o Gênio alega que é impossível, o vilão se transforma em um Gênio e é derrotado, se tornando escravo de uma lâmpada mágica. Já no *live action*, é quando Jasmine toma as rédeas do reino e se torna rainha, desafiando a lei que a proíbe de fazê-lo, que faz com que o vilão se torne escravo da lâmpada mágica.

Ao invés de um mero papel coadjuvante, a Princesa do *live action* ganha protagonismo ao romper com as amarras daqueles que buscavam silenciá-la. Neste capítulo, perceberemos que mesmo nas crianças, é possível notar uma tentativa de quebra de padrão como o que a Disney vem tentando fazer. De acordo com a perspectiva de Orlandi (2018, p. 31), "o silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*". Durante as gincanas, observamos momentos em que o silêncio significou tanto a posição de identificação das crianças com a FD "cultura da princesa", como momentos em que as crianças, assim como a Princesa do *live action*, procuraram rompê-lo e se movimentaram em direção à posição de contra-identificação.

6.1 UM PRÍNCIPE É QUE NEM A PRINCESA, SÓ QUE MENINO

Um comportamento observado na escola particular foi a relutância inicial das crianças em separarem-se em grupos de gêneros mistos. Logo que informamos que uma das regras da atividade é que deveria haver números iguais de meninos e meninas em cada grupo (o que, para as crianças mais novas, significava duas duplas menino-menina), elas logo protestaram. Meninas queriam fazer a atividade com meninas e meninos com meninos. Segundo Barrie Thorne (1993), essa divisão por identificação entre gêneros pode parecer, à primeira vista, como uma ideia que parte naturalmente das próprias crianças. Ela é, na verdade, construída socialmente, em especial nas escolas.

Para Thorne, é mais interessante investigar a causa do que o "por que" dessa separação. "Para entender a coreografia da separação de gênero e integração entre crianças (e entre adultos), nós precisamos entender as dinâmicas das diferentes instituições sociais e situações"¹⁰⁰ (1993, p. 61). Ao longo de sua pesquisa, Thorne aponta que, na escola, a separação por gênero (sempre ocorrendo dentro do sistema binário) é uma das principais categorias utilizadas por professores desde a educação infantil quando necessitam de uma maneira prática e eficaz para dividir os alunos. Divisão por idade, altura e etnia sempre acarretará em grupos de tamanhos diferentes, porém a divisão por gênero nas escolas geralmente gera grupos com mais ou menos a mesma quantidade de crianças.

Várias pesquisas realizadas com crianças em ambiente escolar (Thorne, 1993; Orenstein, 1996; Bueno, 2012 e Louro, 2014, para citar apenas alguns exemplos) observam a existência do que Thorne chama de "culturas diferentes". Separados por gênero desde o jardim de infância, meninos e meninas desenvolvem comportamentos escolares diferentes entre si, jamais abrindo a possibilidade para que uma criança se identifique com um gênero que saia do sistema binário hegemônico.

Dentro desta divisão, uma série de comportamentos, atitudes, brincadeiras e formas de desempenho escolar são esperadas, tanto de meninos, quanto de meninas. Conversando com professoras das séries iniciais de escolas da rede

¹⁰⁰ "To understand the choreography of gender separation and integration among children (and among adults), we need to understand the dynamics of different social institutions and situations"

municipal e estadual do Rio Grande do Sul, Maria Claudia Dal'Igna percebeu que as professoras separavam meninos e meninas na hora de justificar um desempenho abaixo da média em seus alunos:

"Os meninos não atingiram a média devido ao seu comportamento – desatento, inseguro, desinteressado, distraído. Quanto às meninas, suas dificuldades são justificadas por sua (in)capacidade cognitiva, portanto, não atingiram a média por sua falta de conhecimento." (Dal'Igna, 2007, p. 244)

Essa observação de repete na pesquisa de Valerie Walkerdine (1995), citada por Guacira Lopes Louro (2014, p. 72), quando ela afirma que meninas eram "acusadas" de ir bem quando se comportavam em sala de aula, enquanto os meninos que não atingiam o desempenho esperado eram inteligentes, mas "não conseguiam parar quietos".

A atribuição do aspecto ativo aos meninos é uma construção social presente nas escolas. Segundo as pesquisas etnográficas de Thorne (1993) e Bueno (2012), grupos de meninos tendem a ocupar mais espaço nos parquinhos, enquanto grupos de meninas costumam restringir suas brincadeiras a áreas cobertas (como casinhas e coretos) e aos espaços mais próximos ao prédio escolar. Esse comportamento condiz com o que Orenstein (1996) verificou em salas de aulas, nas quais os meninos interrompiam as colegas e professoras, mas suas atitudes eram vistas como características "de menino" e relevadas.

Essa reflexão é importante para o início deste subcapítulo pois, como vimos anteriormente, todas as crianças que participaram dessa pesquisa sujeitaram-se ao sistema binário de identificação masculino-feminino. Ao se identificarem ou como meninas, ou como meninos, a memória discursiva de saberes pré-construídos e autocensura sobre o que poderiam e não poderiam falar ao se identificarem com um ou outro gênero se faz presente em seus dizeres, mesmo que não apareça sempre de forma verbal e explícita.

A construção "meninas comportadas e obedientes" e "meninos ativos e questionadores" apareceu no capítulo anterior e ainda aparecerá em vários outros momentos desta dissertação. Neste subcapítulo, veremos que os discursos em circulação (interdiscurso) sobre meninos e meninas se atravessam e se assentam no intradiscurso "sob a modalidade de uma presença ausente", (Indursky, 2001, p. 36), ou seja, ao afirmarem-se enquanto meninos ou meninas, o gênero "oposto"

àquele com o qual a criança se identificou está presente em seu dizer produzindo sentido via memória discursiva. Em busca de silenciar essa presença do gênero "oposto", muitas crianças procuraram afirmar em seus dizeres os seus interesses por atividades e comportamentos considerados "de menino" ou "de menina", ou afirmar desinteresse por assuntos que não fossem "próprios" ao gênero com o qual se identificavam. Vale lembrar que a ideia de feminino e masculino como gêneros únicos e opostos aparece aqui por ter sido exposta no dizer das crianças.

Judith Butler (2018, p. 28) afirma que essa divisão binária enquanto um elemento pré-construído do discurso é o que contribui para assegurar a estrutura binária como dominante, ou seja, um elemento do interdiscurso que ressoa no intradiscurso do sujeito. Segundo ela, justificar a existência de uma dualidade feminina-masculina a partir do conceito biológico de sexo é procurar naturalizar e estabilizar um sistema que afirma que apenas dois sexos — e consequentemente dois gêneros — existem. Analisando a famosa afirmação de Simone de Beauvoir de que "não se nasce mulher, torna-se", Butler prossegue:

"Se, como afirma ela [Beauvoir], "o corpo é uma situação", não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; consequentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo." (Butler, 2018, p. 29)

Essa imbricação entre sexo e gênero no âmbito do pré-construído (ou pré-discurso, como chama Butler) dificulta a aceitação, dentro do (intra)discurso, da possibilidade de existência de mais de dois gêneros. Neste subcapítulo, perceberemos que a dualidade masculino e feminino está presente no dizer das crianças que participaram da pesquisa, tanto na escola particular quanto na Associação. Essa dualidade é perceptível, principalmente, pela marcação da diferença entre príncipes e princesas e, além, pela definição do príncipe em relação à princesa e pela presença-ausente de características "de menina" em príncipes e "de menino" em princesas.

Para Jesús Martín-Barbero (2009, p. 157) a escola ensina o dualismo, apesar das crianças terem acesso a outros âmbitos de conhecimento. Segundo ele, "é necessário superar o dualismo, pois o dualismo é, em termos epistemológicos, a simplificação máxima do complexo e, portanto, a

impossibilidade de pensar a ambiguidade e as contradições". O dualismo coloca os conhecimentos em compartimentos estanques, relevando a incapacidade de diferenciar sem opor.

Vejamos nas sequências discursivas (SD) abaixo, nas quais as crianças definem o "príncipe":

Sequência Discursiva 40 (SD 40) - Associação grupo 1

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Karin - Príncipe é um menino que é quase igual uma princesa, só que ele tem uma espada e mora em outro castelo.

Sequência Discursiva 41 (SD 41) - Escola grupo 1

Pesquisadora - Os príncipes vão para a escola?

Cristina e Carlos - Não.

Carlos - É a mesma coisa das princesas, só que é o homem.

Cristina - É. Também acho.

Sequência Discursiva 42 (SD 42) - Escola grupo 2

Aplicadora - Tá, agora, o que é um príncipe?

Giovana - Um príncipe é a mesma coisa [que a princesa] só que é um menino.

Nas SDs apresentadas acima, as crianças definiram os príncipes em relação às princesas. A identidade do príncipe é, portanto, afirmada em cima de suas diferenças (e semelhanças) em relação à princesa. Kathryn Woodward (2018, p. 13) afirma, "a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades". É possível relacionar essa afirmação com o que Orlandi (2018) fala sobre o "não dizer": "há uma dimensão do silêncio que é a incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer." (p. 12). Sendo assim, dentro de uma identidade não está apenas aquilo que a define, mas também aquilo que ela não é.

Os príncipes poderiam ter sido definidos nas SDs acima, como o foram por outras crianças e em outros momentos, como sujeitos autônomos. No entanto, Karin (8 anos), Cristina (7 anos), Carlos (7 anos) e Giovana (9 anos) optaram por identificá-los através da marcação da diferença de gênero (e papéis de gênero, como veremos a seguir) entre ele e a princesa. Essa marcação aparece diretamente nas falas das crianças da escola, e indiretamente na fala de Karin,

quando ela afirma que o príncipe "é quase igual uma princesa, só que ele tem uma espada".

Dentro da formação discursiva "cultura da princesa", a espada é um elemento associado ao príncipe, ao homem. É ele que tem o papel ativo de lutar contra dragões, bruxas e salvar a princesa. Ao associar a figura do príncipe com a espada, Karin diferencia-o da princesa a partir das características que foram atribuídas ao gênero masculino dentro daquilo que ela conhece como características "de menino" ao acionar a memória discursiva.

Orlandi (2015, p. 29) define a memória discursiva como "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra". Para Orlandi (2015), a memória discursiva é formada pelos sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença.

A associação do masculino como aquele que detém o papel ativo faz parte da memória discursiva não de Karin, mas da "cultura da princesa". Segundo Butler (2018), essa associação do masculino como papel ativo é um argumento que possui raízes no discurso biológico, no qual a feminilidade é a presença da passividade, enquanto a masculinidade é ativa (Butler, 2018, p. 190).

Reunindo essas ideias com os estudos de Barrie Thorne (1993), Peggy Orenstein (1996 e 2011), Guacira Lopes Louro (2014) e Michele Escoura Bueno (2012), é possível observar, no intradiscurso das crianças, o pré-construído de que o papel da ação cabe ao príncipe, ao homem, enquanto o papel da passividade cabe à princesa, à mulher. Conforme vimos no Quadro 2 do capítulo 4, essas características estão alinhadas com o discurso hegemônico da "cultura da princesa". No entanto, as crianças nas SDs acima apresentaram uma contradição: se o príncipe é o protagonista ativo da história, então por que elas o definem a partir da princesa? Vejamos a SD abaixo:

Sequência Discursiva 43 (SD 43) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Julio - Uma princesa ela pode ficar sentada sem fazer nada, dormindo. O que ela não pode é achar um dragão se não ela vai correr até o infinito até morrer.

Pesquisadora - Ok. O que é um príncipe?

Julio - Um princeso? Um príncipe? É um cara muito legal, fortão e que sempre salva a princesa sem razão.

Quando questionado sobre o papel da princesa, Julio afirma que ela pode "ficar sentada sem fazer nada, dormindo" e que não pode tomar um papel ativo na história, nem mesmo se esse papel ativo for correr para fugir de um dragão. Já ao definir o papel do príncipe, Julio o coloca como o ativo, aquele que salva a princesa.

Entretanto, as falas de Julio, apesar de identificadas com o discurso da "cultura da princesa", reconhecem que o príncipe não é o real protagonista da história. Ao escolher a palavra "princeso", Julio está utilizando o delimitador de gênero "o" da língua portuguesa para masculinizar uma palavra feminina (princesa), mesmo conhecendo o masculino gramaticalmente correto para a palavra (príncipe).

Ao derivar o sujeito príncipe a partir do sujeito princesa, Julio coloca o príncipe em segundo lugar dentro da narrativa da "cultura da princesa". Sendo assim, temos como protagonista desta narrativa uma personagem feminina, passiva e que, segundo Julio, "pode ficar sentada sem fazer nada, dormindo". O papel ativo está em segundo plano e é proibido à princesa, pois "se não ela vai correr até o infinito até morrer".

Como pudemos perceber nas SDs acima, muitas crianças que participaram da pesquisa associaram as ideias de passividade à princesa e ao feminino. As próximas SDs mostram mais ocasiões, na escola particular e na Associação, em que isso ocorreu. É possível observar nas sequências a seguir, também, como, ao vincularem as características atribuídas à princesa pela "cultura da princesa" ao feminino, os comportamentos das crianças durante as gincanas buscam se adequar ao gênero com o qual elas supostamente devem estar identificadas.

Sequência Discursiva 44 (SD 44) - Escola grupo 1

Pesquisadora - O que é uma princesa?

Cristina - Uma princesa é uma pessoa que vai namorar com o príncipe, morre com a Cinderela e o príncipe beija na boca...

Carlos - UUUUUUI!

Pesquisadora - E você, Carlos, o que você acha que é uma princesa?

Carlos - Uma princesa? Uma pessoa que solta pum, que é feia, que é chata, que o Neymar é melhor do que ela... Cristiano também e só.

Sequência Discursiva 45 (SD 45) - Escola grupo 1

Aplicadora - Tá bom. Então Andrea, o que uma princesa pode e não pode fazer?

Andrea - Pode... usar coroa.

Aplicadora - Usar coroa, tudo bem, e não pode?

Andrea - Não pode... fazer coisas de menino.

Aplicadora - Não pode fazer coisas de menino. O que é coisa de menino? Me dá um exemplo?

Andrea - Futebol.

Sequência Discursiva 46 (SD 46) - Escola grupo 1

Pesquisadora - Agora eu tenho a primeira atividade. Vem cá! Vem cá!

Carlos - É planinho de futebol!

Pesquisadora - Vocês precisam desenhar um príncipe e uma princesa, mas eles têm que ter nome...

Carlos - CLEPINHO!

Pesquisadora - Os dois, os dois. Eles têm que ter idade e eles têm que ter uma coisa preferida pra fazer.

Carlos - Ah! Eu sei! Jogar bola! (Risos)

Nas SDs anteriores, temos as meninas Cristina e Andrea se submetendo à proposta da atividade sem questioná-la e proibindo príncipes e princesas de assumirem comportamentos que não são, respectivamente, "de menino" e "de menina". Ao assumirem essas atitudes, elas próprias estão correspondendo ao padrão de comportamento para meninas que aparece na "cultura da princesa" e nas pesquisas de Thorne (1993), Orenstein (1996 e 2011), Louro (2014) e Bueno (2012).

Já os meninos, como Carlos e Julio, assumem comportamentos mais questionadores e ativos, características associadas ao príncipe por eles próprios, e procurando exemplos culturais associados a essas características (como figuras ligadas aos esportes e às artes marciais), chegando ao ponto de me interromperem em meio à explicação da atividade, como vimos no capítulo anterior. Os meninos, ao buscarem distanciar — e até mesmo silenciar — a presença do feminino no discurso, estão afirmando suas identidades enquanto meninos a partir da diferença.

Mesmo ao procurarem estratégias de apagar o diferente, é impossível anularem a presença dele, pois se faz presente no discurso — entendido como efeito de sentido entre interlocutores — das crianças entre as palavras que não foram ditas por elas. Aquilo que não foi dito, também significa (Orlandi 2018, p. 45).

Assim, na tentativa de negar ou silenciar características "de menina", o dizer dos meninos as traz para a conversa. Não obstante, essas características negadas também fazem parte do processo de construção de identidade e identificação (Hall, 2019, p. 24) nos meninos.

Conforme veremos no próximo subcapítulo, entre os meninos da escola particular essa negação e procura pelo silenciamento foi enfática. Questionamentos a mim e à Aplicadora da gincana (duas mulheres) sobre a temática da atividade e às colegas meninas sobre suas opiniões, procura por meios de "burlar" as regras da atividade, ou até mesmo o falar por cima das colegas, debochar delas e não ouvi-las foram algumas das estratégias de argumentação utilizadas por esses meninos.

Na Associação, como veremos no último subcapítulo desta seção, a busca pela negação do feminino ainda existe entre os meninos, mas já aparece menos linearizada no intradiscurso. Veremos também que algumas falas das meninas da Associação procuraram negar as características atribuídas como femininas pela FD "cultura da princesa". Logo, identifico nas crianças da Associação o início de um deslocamento da posição-sujeito de identificação para a de contra-identificação.

6.2 "NÃO DAVA PRA COLOCAR UM NARUTO?"

Neste subcapítulo, analisarei apenas sequências discursivas dos meninos da escola particular. Este recorte se faz necessário porque neste grupo houve uma forma específica de silenciamento diferente do ocorrido entre os meninos da Associação e as meninas de ambas as instituições. No próximo subcapítulo, proponho uma reflexão sobre os motivos que podem ter levado a essa especificidade no comportamento dos meninos da escola particular, bem como às diferenças de identificação com a temática "príncipes e princesas" entre crianças da escola particular e crianças da Associação.

Logo que explicamos a atividade para as crianças, a primeira reação dos meninos da escola particular foi a de questionar por que haviam sido escolhidos para participar da pesquisa. Alguns meninos nos questionaram diretamente, outros alegaram não ter o conhecimento necessário sobre príncipes e princesas

para participar, ou simplesmente tentaram mudar o tema da atividade, como na SD 47 abaixo:

Sequência Discursiva 47 (SD 47) - Escola grupo 1

Pesquisadora - O tema da nossa atividade são príncipes e princesas.

Carlos - Aaaaa...

Matias - Não dava pra colocar um Naruto?

Crianças rindo.

Pesquisadora - O Naruto é um príncipe?

Matias - Não, mas ele luta tae-kwon-do!

Ao descobrir o tema da atividade, Carlos (7 anos) se desanima e Matias (7 anos) sugere a inserção do personagem de anime Naruto. Ao ser questionado se Naruto seria um príncipe e, portanto, elegível a fazer parte da atividade, Matias imediatamente responde que não, acrescentando que o motivo pelo qual ele acredita que Naruto deveria ser considerado é por suas habilidades em artes marciais. Na formação discursiva "cultura da princesa", os príncipes são aqueles que lutam e empunham espadas. No entanto, para Matias, Naruto não é um príncipe, apesar de lutar *tae-kwon-do*, uma arte marcial e, portanto, uma atividade associada com a luta e o esporte, duas características "de menino" via memória discursiva, conforme vimos no subcapítulo anterior.

Carlos está alinhado com o ponto de vista do amigo e vai além. Seu desânimo com o tema e a insistência em inserir personagens e personalidades fora da temática proposta aparece no decorrer de toda a atividade¹⁰¹:

Sequência Discursiva 48 (SD 48) - Escola grupo 1

Pesquisadora - Carlos, a minha tarefa de casa é de príncipes e princesas, então eu tenho que fazer, né?

Carlos - É. Você pode colocar o Naruto como príncipe.

Sequência Discursiva 44 (SD 44) - Escola grupo 1

Pesquisadora - O que é uma princesa?

Cristina - Uma princesa é uma pessoa que vai namorar com o príncipe, morre com a Cinderela e o príncipe beija na boca...

Carlos - UUUUUU!!

Pesquisadora - E você, Carlos, o que você acha que é uma princesa?

Carlos - Uma princesa? Uma pessoa que solta pum, que é feia, que é chata, que o Neymar é melhor do que ela... Cristiano também e só.

¹⁰¹ Personagens de fora do universo das Princesas Disney eram aceitos durante as gincanas. O painel de personagens trazia, inclusive, vários personagens externos à Disney. Ao sugerir a inclusão de personagens ligados às artes marciais e aos esportes como príncipes, Carlos e Matias mostram a vontade de trazer figuras tradicionalmente aceitas como "de meninos" para um tema tradicionalmente visto como "de meninas".

Carlos permanece insistindo em comparar príncipes e princesas a outras referências culturais que ele possui. Descrever princesas é uma ação que ele se torna incapaz de fazer neste momento da atividade. Segundo Orlandi (2018, p. 73), "ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada".

Temos nesse momento mais um fator a ser considerado: a auto-censura. Carlos, ao evitar descrever princesas e procurar novamente inserir referências culturais de pré-construídos "de menino" (Neymar, Cristiano Ronaldo e Naruto, nas SDs acima), está se auto silenciando sobre um discurso que acredita – inconsciente e ideologicamente – não ser permitido a ele que se manifeste sobre, sob a pena de não mais poder tomar para si a identidade masculina.

Para que a auto-censura ocorra, não é necessária a proibição formal e institucionalizada por parte de uma autoridade. "A censura age sobre o que é suposto que o sujeito já saiba" (Orlandi, 2018, p. 129), ou seja, ao reforçarem elementos culturais associados ao esporte, à luta e à agressividade e associá-los ao masculino, Carlos e Matias se auto censuram inconscientemente em relação ao oposto, a ideia de passividade e gentileza, associadas via memória discursiva ao feminino e associadas à formação discursiva "cultura da princesa", protagonizadas por personagens femininas e passivas.

Cabe ressaltar neste momento que essa — ou nenhuma outra — análise de discurso está julgando os sujeitos (empíricos) dos discursos. Eni Orlandi (2001, p. 87) diz: "não é um juízo de valor, é uma descrição do funcionamento discursivo em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas". Esclarecido este ponto, vejamos mais uma sequência discursiva da escola particular:

Sequência Discursiva 49 (SD 49) - Escola grupo 2

Pesquisadora - Os príncipes, vão para a escola?

Julio - Sim.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Julio - Como andar de dragão, como usar uma arma e como matar uma princesa.

Na formação discursiva "cultura da princesa" os príncipes, apesar de lutarem e serem os detentores das armas, utilizam essas habilidades no intuito de derrotar vilões — dragões e bruxas, principalmente — não princesas. No entanto,

na SD 49, Julio afirma que os príncipes aprendem na escola a matar uma princesa.

Levando em conta o encontrado nas pesquisas mencionadas no subcapítulo anterior, de fato, a escola e a socialização das crianças de uma forma geral contribui para que os meninos procurem "matar" em si as características "de menina", e que meninas "matem" em si características "de menino". Segundo Louro (2014, p. 62), "a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas."

Essa é uma interpretação possível do intradiscurso de Julio levando em consideração os preceitos da Análise de Discurso. Não quer dizer que ele tenha, intencionalmente, utilizado a morte como metáfora. Segundo Piaget (1999), apesar de já apresentarem capacidade complexa de raciocínio a ponto de criarem jogos de faz de conta, teorias e pensamentos abstratos, como metáfora, ainda não são compreendidos completamente por crianças de 9 anos, idade de Julio. "A criança não constrói sistemas, ela os têm inconsciente ou preconscientemente [...] a criança não os 'reflete'. Ou melhor, pensa concretamente sobre cada problema à medida que a realidade os propõe" (Piaget, 1999, p. 58).

A interpretação que trago aqui aponta que, dadas a formação discursiva e memória discursiva dominantes, quando Julio fala que príncipes aprendem a "matar" princesas, ele provavelmente não pensou na literalidade da morte (ou do assassinato no caso), mas pensou na destruição da figura da princesa, na eliminação de sua presença — e características — dentro daquele discurso.

Sob a perspectiva da análise de discurso, não se trata de um "certo" ou "errado", mas da relação de um discurso imposto e um recusado. "Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos". (Orlandi, 2018, p. 102).

Em sua pesquisa, realizada em escolas públicas dos Estados Unidos nos anos 1970, Thorne (1993) aponta essa delimitação de espaços nas escolas. Segundo ela, por volta do quarto ano, professores admitem que a divisão por meninas e meninos é "ideia das crianças". Contudo, observando turmas do jardim de infância, Thorne percebe que essa separação é reforçada pelos adultos presentes na rotina escolar.

Além da idade, de todas as categorias sociais dos alunos, o gênero era o mais formal e informalmente, ressaltado no curso de cada dia escolar. O gênero é uma fonte altamente visível de identidade individual e social, claramente marcada pelas roupas e pela linguagem; todo mundo é feminino ou masculino.¹⁰² (p. 34)

Thorne ressalta que, na escola "todo mundo é feminino ou masculino". "Certos tipos de 'identidade de gênero' parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural" (Butler, 2018, p. 44). A identificação com um gênero para as crianças participantes desta pesquisa se dá dentro dessa lógica.

Além da identificação das crianças com o sistema binário masculino-feminino, temos também a questão da heteronormatividade.

Se a "identidade" é um *efeito* de práticas discursivas, em que medida a identidade de gênero - entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo - seria o efeito de uma prática reguladora que se pode identificar como heterossexualidade compulsória? (Butler, 2018, p. 45)

A naturalização da heterossexualidade, segundo Thorne (1993), é um tema recorrente na infância. Thorne percebeu em suas experiências etnográficas que, após o jardim de infância, meninos e meninas evitavam ser vistos brincando juntos nos horários de intervalo por medo de que os colegas os chamassem de namorados.

Como Amy, uma aluna da sexta série, me contou com um suspiro, 'é difícil para meninas e meninos serem amigos.' 'Por quê?' eu perguntei. 'Eu acho que é porque meninos têm medo que outros meninos os chamem de menininha ou dizerem que eles gostam de uma menina'. Esses são realmente riscos pesados¹⁰³ (Thorne, 1993, p. 55)

Nas gincanas, as crianças também ressaltaram a heteronormatividade presente na formação discursiva "cultura da princesa". O final feliz por meio do casamento é um desfecho clássico nos contos de fadas e em todos os filmes da

¹⁰² "Apart from age, of all the social categories of the students, gender was the most formally and informally, highlighted on the course of each school day. Gender is a highly visible source of individual and social identity, clearly marked by dress and by language; everyone is either a female or a male."

¹⁰³ As Amy, a sixth-grader, told me with a sigh, "It's hard for girls and boys to stay friends." "Why?" I asked. "I guess because boys are afraid other boys will call them sissy or say that they have a crush on a girl". These are heavy risks indeed."

Disney Princesa até A Bela e a Fera (1992). Esse tema foi citado por todos os participantes, por vezes em tom romântico (e aqui principalmente pelas meninas), por vezes em tom de deboche (aqui, principalmente, pelos meninos).

Há um desconforto em meninos e meninas quando o tema do casamento e namoro é proposto por qualquer criança, que aparece principalmente por meio de risadas. Frequentemente citado em posição de identificação com a formação discursiva "cultura da princesa", o casamento e o namoro por vezes também apareceram deslocados, em uma posição próxima à contra-identificação (PS5 Merida, como veremos no capítulo 7.3). Vale lembrar aqui que, na perspectiva discursiva, os sentidos não estão nas palavras, mas nos sujeitos em sua relação com o social. Estes casos de efeitos discursivos de deslocamento explorarei em profundidade no próximo capítulo. Por enquanto, o foco será nas SDs abaixo:

Sequência Discursiva 50 (SD 50) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que um príncipe pode fazer?

Julio - Um príncipe pode matar um dragão e aí ser o mais forte do mundo.

Pesquisadora - E o que ele não pode?

Julio - Ele não pode beijar na boca de uma princesa porque princesa ela é uma tem cheiro, tem bafo de morcego.

Sequência Discursiva 51 (SD 51) - Escola grupo 1

Pesquisadora - E o que que é um príncipe?

Carlos - Um príncipe é... uma pessoa que beija na boca de todo mundo que ele vê pela frente e... deixa eu pensar mais uma... e ele tem um cabelo horrendo e ele tem uma barbicha, um bigodão... E terminou.

Nas situações das SDs, o tema do envolvimento romântico aparece citado pelos meninos como algo negativo para o príncipe. O pré-construído sobre o casamento presente via memória discursiva é o de uma situação social voltada ao romance, no qual a protagonista é a noiva e a mulher. Considerado, inclusive nos contos de fadas, como o final feliz para a mulher (Schirmer, 2017). Contudo, essa visão tradicional vem sendo questionada por grupos feministas. O casamento é uma instituição religiosa e civil, a garantia da monogamia e, portanto, do controle da sexualidade feminina e da certeza da paternidade.

Segundo Pierre Bourdieu (2012), o casamento, enquanto instituição, garante a dominação masculina ao tratar mulheres como capital a ser transferido entre famílias.

"É na lógica da economia de trocas simbólicas - e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social e de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens" (Bourdieu, 2012, p. 56)

Sendo assim, o casamento, apesar de ser pré-construído (nos contos de fadas e via memória discursiva como um todo) como alvo da aspiração da mulher, é um instrumento que serve à dominação masculina.

Observemos nas SDs a seguir a tomada de posição de Carlos. Suas observações logo evoluem para uma tentativa de busca pelo silenciamento pleno do que ele entende como a presença do gênero feminino na conversa através da imposição do que ele entende como masculino. Ele chega a abandonar as palavras "príncipes" e "princesas" e passa a usar "homens" e "mulheres" em dois momentos diferentes, como podemos ver nas SDs 52 e 53:

Sequência Discursiva 52 (SD 52) - Escola grupo 1

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Cristina - É uma pessoa que beija na boca da princesa, ele come, algumas vezes com a boca aberta.

Carlos - Ei! Não fala mal dos "hómi"!

Sequência Discursiva 53 (SD 53) - Escola grupo 1

Carlos - Ela vai soltar um pum. A minha princesa.

Andrea - Eeei...

Carlos - (afinando a voz) Respeito com as mulheres...

Cristina - É, respeito com as mulheres mesmo.

Cristina (7 anos), assim como outras crianças em seu grupo e nos outros, trouxe características associadas às regras de etiqueta para descrever os príncipes e as princesas, mesmo que, como no caso da SD 52, o personagem descrito não estivesse alinhado às normas esperadas de sua classe e posição social, de acordo com a memória discursiva.

Carlos, todavia, interpreta a fala da amiga como uma crítica aos homens no geral e a repreende. Porém, durante a atividade de desenho, quando ele faz o mesmo com a sua personagem feminina e é repreendido por Andrea (7 anos), ele debocha do discurso de respeito às mulheres, afinando sua voz para provocá-la.

Orlandi (2015, p. 68) diz que "todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia, etc), quanto à natureza

das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição, etc); quanto às posições do sujeito". Apesar de não estar verbalizado, a mudança no tom de voz de Carlos mostra que ele não coloca em um mesmo patamar o respeito aos homens e às mulheres. Esta questão aparece outras vezes em seu discurso e também nas atividades de apelo visual, conforme SD 54, figura 26 (reproduzida novamente) e figura 30.

Sequência Discursiva 54 (SD 54) - Escola grupo 1

Pesquisadora - E o que ele [príncipe] não pode fazer?

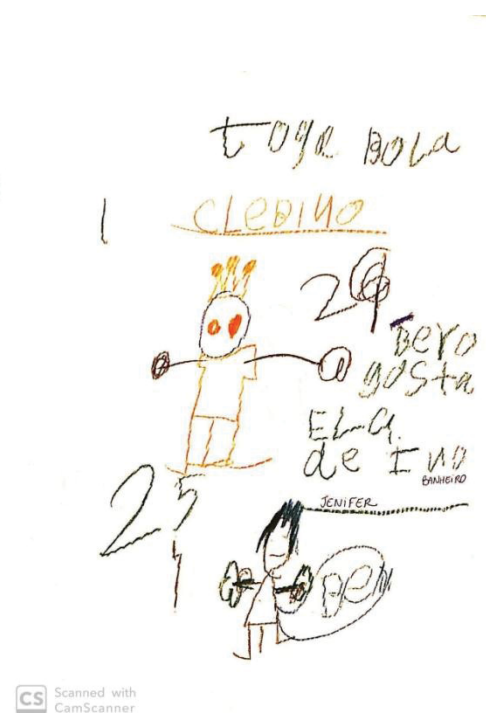
Cristina - Ele não pode se matar, ele não pode atacar as meninas.

Carlos - Pode sim. Eu já ataquei. Com uma airsoft.

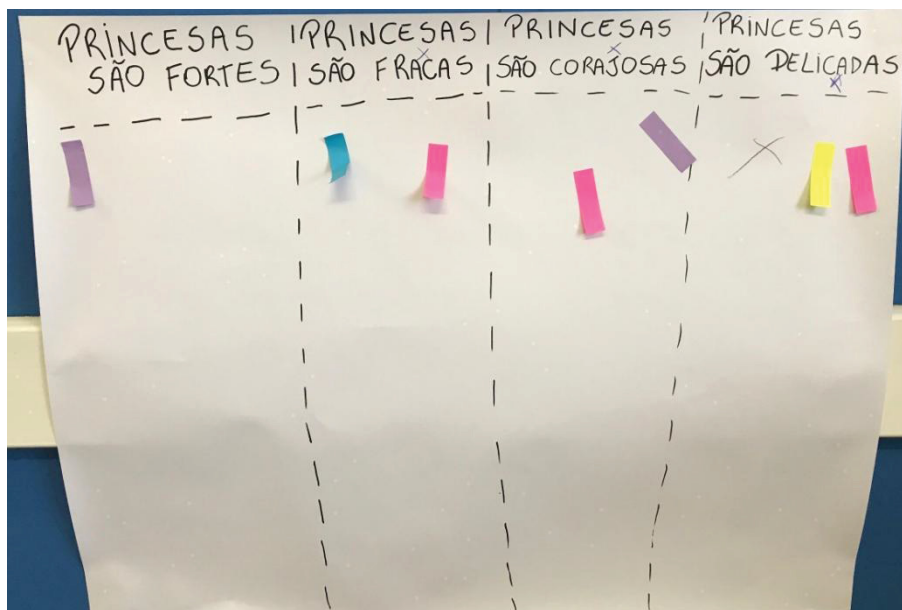
Cristina - Você não é príncipe.

Carlos - Com uma airsoft. Com uma airsoft. Dei tiro no pé de uma menina ela saiu correndo.

FIGURA 26: DESENHO DE CARLOS¹⁰⁴



¹⁰⁴ No desenho, está escrito, de cima para baixo: *jogue bola / Clebino / Bero Ela Gosta de Ir / Jenifer / 29*.

FIGURA 30: CARTAZ GRUPO 1 DA ESCOLA PARTICULAR¹⁰⁵

No desenho de Carlos (figura 26), enquanto o príncipe está desenhado em cores, com detalhes como coroa e seu passatempo preferido é jogar bola, a princesa aparece em preto e branco, no final da página e seu passatempo preferido é ir ao banheiro. Já na figura 30, Carlos, representado pelo adesivo azul, concordou apenas com a afirmação “princesas são fracas”, enquanto Matias, representado pelo adesivo amarelo, optou por marcar o “princesas são delicadas”.

Apesar de reforçarem o discurso hegemônico e encontrarem-se em posição de identificação com a "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida), as atitudes dos meninos neste subcapítulo são similares aos tipos de resistência indicados por Michel Pêcheux (1990, p. 17) como características daquilo que ele chama de discurso de resistência. Pêcheux aponta "não 'escutar' ordens", "falar quando se exige silêncio" e "mudar, desviar, alterar os sentidos das palavras", todas essas atitudes adotadas pelos meninos neste subcapítulo, como características desse tipo de discurso.

Pêcheux (1990, p. 16), define o discurso de resistência como "germes reprimidos e abafados pela ideologia dominante". O discurso de resistência surge como forma de contornar a censura imposta pelo discurso dominante. Em

¹⁰⁵ Carlos está representado pelo adesivo de cor azul. Matias pelo adesivo de cor amarela. Cristina pelo de cor roxa e Andrea pelo cor-de-rosa. As escolhas de cores ficaram a cargo das crianças neste grupo.

situações de ditadura, como a ditadura militar brasileira (1964-1985), por exemplo, poderíamos chamar de discurso de resistência desde as manifestações em praça pública, até as páginas em branco ou receitas publicadas em jornais no lugar das matérias censuradas.

No caso dos meninos deste subcapítulo, eles, neste momento, encontram-se em posição de identificação com o discurso dominante (PS1 Bela Adormecida). O que os faz se apropriarem de estratégias do discurso de resistência, então? Talvez, ao receberem como tema imposto um assunto sobre o qual a própria tomada de posição discursiva com a qual estão alinhados lhes diz que não é próprio para sujeitos do seu gênero, os meninos, ao agirem de acordo com a formação imaginária que têm sobre ser menino e em qual posição isso os coloca no discurso, vejam a sua tomada de posição discursiva como aquela do reprimido e, portanto, eles sentem, inconscientemente, a necessidade de adotar estratégias de um discurso de resistência.

O que na prática acaba acontecendo é a presença de um discurso de resistência às avessas. Essa ideia vem lado a lado com uma temática que surge cada vez mais nas discussões no espaço público: o chamado "preconceito reverso". Homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros (sendo todas essas categorias normalmente acumuladas em um único sujeito, mas não necessariamente), detentores do discurso hegemônico, ao serem confrontados com um discurso genuinamente de resistência por parte das minorias sociais (mulheres, negras, LGBTQIA+, sendo todas essas categorias acumuladas em um único sujeito ou não) assumem a posição defensiva, buscando silenciar esse discurso insurgente como forma de perpetuar o discurso hegemônico que os favorece.

Dessa forma, apesar de se utilizarem de estratégias parecidas ao discurso de resistência, por estarem alinhados ao discurso hegemônico, não podemos dizer que os meninos deste subcapítulo estão de fato em posição de resistência, da mesma forma que não podemos legitimar a existência de um "preconceito reverso".

A aparente posição de resistência dos meninos é um efeito imaginário sobre o lugar que os meninos imaginam que ocupam no discurso. Por meio das SDs aqui apresentadas e das atividades retratadas nas figuras acima, os meninos,

utilizando-se de estratégias como falar mais alto, tentar mudar o assunto e fingir não entender o tema, todas elas estratégias apontadas por Pêcheux (1990) como manifestações de discursos de resistência, mostraram a tentativa de silenciar características discursivas que consideram próprias ao feminino em busca de reafirmarem suas identidades enquanto meninos.

Devemos tomar cuidado para não interpretar a imposição do silêncio, estratégia utilizada por aqueles que estabelecem a censura, com o discurso de resistência (sobre o qual veremos algumas primeiras SDs no próximo subcapítulo).

A tentativa de silenciamento de assuntos "de menina", das colegas meninas e a autocensura foram os principais recursos usados pelos meninos da escola particular nessa tentativa de reafirmarem suas identidades. Esse tipo de atitude, no entanto, não apareceu na Associação. Conforme veremos a seguir, os meninos da Associação, mesmo quando em posição de identificação com a formação discursiva "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida, PS2 Cinderela e PS3 Jasmine), não questionam sua legitimidade em participar das atividades e, por vezes, eles próprios adotaram uma posição-discursiva de contra-identificação e resistência (PS5 Merida e PS6 Moana). Já é possível perceber nas crianças da Associação o início de um deslizamento para uma posição-sujeito de contra-identificação (PS4 Mulan).

6.3 "NINGUÉM MAIS ME CALA": NÃO-DITOS E OS PRIMEIROS SINAIS DE CONTRA-IDENTIFICAÇÃO

O silêncio na Associação começou de forma literal. As crianças entraram em sala, se sentaram e ouviram as orientações. Não houve protestos na hora da divisão dos grupos por misturarmos meninos e meninas e, em geral, as atividades de desenho e colagem ocorreram com poucas conversas paralelas.

Antes mesmo de iniciar o processo de análise de discurso, a diferença de comportamento entre os grupos de crianças da Associação e da escola particular chamaram a atenção. Em geral, as crianças da escola particular eram mais questionadoras e conversavam mais entre si. Sendo ambos os ambientes — Associação e escola — locais institucionais nos quais as crianças estão

submetidas a regras, aulas e supervisão de adultos, outros fatores que não o ambiente institucionalizado de realização das gincanas podem ter afetado o comportamento dos grupos.

Diferenças entre currículos escolares e períodos de convivência entre as crianças podem ter sido fatores determinantes. As crianças da escola particular estão expostas a um período de convivência maior (estudam em período integral, enquanto a Associação atende no contraturno escolar) e a um currículo que afirma incentivar o debate e o questionamento. Apesar de, a princípio, parecerem apenas diferenças circunstanciais sem relevância para esta análise, se refletirmos sobre suas origens, veremos que elas são intrínsecas ao tema em estudo.

A escola particular não é acessível para todos. Mesmo sendo uma escola com diversidade cultural — pois atende também famílias de executivos estrangeiros de multinacionais e de corpos consulares — a diversidade social na escola ainda é pequena. Todos os que estudam ali possuem famílias (ou têm vínculo a empresas) que podem pagar as mensalidades escolares. Assim sendo, a relação das crianças da escola particular e da Associação com o consumo material, simbólico e cultural é diferente.

Em sua análise etnográfica, Michele Escoura Bueno (2012) trabalhou com crianças de uma escola particular e duas escolas públicas do interior de São Paulo. Durante sua experiência nas escolas ela pode observar como bens de consumo licenciados davam às crianças status distintos dependendo da realidade socioeconômica familiar do grupo.

O processo de tomada de decisão [na escola particular] sobre quem seria quem na brincadeira era muito rápido e o critério de maior possuidor de coisas do Ben 10 não parecia operar como na EMEI, uma vez que tinham todas quantidades muito parecidas de coisas da personagem. (BUENO, 2012, p. 129)

Além dos fatores apontados por Bueno, há mais um a ser levado em consideração: as crianças da escola particular se inserem em um contexto social mais próximo àquele representado na narrativa da princesa e, nesse caso, tanto na formação discursiva "cultura da princesa" quanto na provável posição-sujeito de contra-identificação da Disney Princesa. Observemos as SDs abaixo:

Sequência Discursiva 55 (SD 55) - Associação grupo 2

Aplicadora - Elisa, você gostaria de ser uma princesa?
 Elisa - Sim
 Aplicadora - Por quê?
 Elisa - Porque eu queria que meus pais eles fossem rico pra eles quiser que eles podiam comprar um monte de coisa pra mim, pra minha irmã e pra eles.

Sequência Discursiva 56 (SD 56) - Escola grupo 2

Pesquisadora - Ok. O que é uma princesa?
 Margareth - Uma menina que é rica.

A Associação pela qual Elisa é atendida trabalha na região de Piraquara onde moram cerca de 12 mil famílias vivendo abaixo da linha da pobreza¹⁰⁶. Já a escola particular na qual Margareth estuda possui poucos alunos bolsistas e atende famílias de empresários, executivos e corpo consular. Margareth é uma aluna estrangeira, filha de professores estrangeiros contratados pela escola onde estuda por suas habilidades profissionais específicas, com um visto especial concedido pelo Governo Brasileiro a estrangeiros de notório saber. Elisa mora com a família na região atendida pela Associação e nunca saiu do Brasil. São realidades sociais e econômicas contrastantes.

Sob essa perspectiva, a imagem e a narrativa de uma garota vestida com brilho e joias, morando em um grande castelo, oferece possibilidades diferentes de identificação para crianças da Associação e crianças da escola particular. Para as crianças da escola particular, a questão da riqueza de príncipes e princesas é levantada apenas por Margareth (coincidentemente, ou não, a única criança estrangeira que participou das gincanas), já na Associação, além de Elisa, outras crianças abordam as posses de príncipes, princesas e rainhas, em especial a questão da segurança, como um elemento central na narrativa deles, conforme SD 27 reproduzida novamente abaixo e SD 57.

Sequência Discursiva 27 (SD 27) - Associação grupo 2

Aplicadora - O que é uma princesa?
 Artur - Princesa é uma rainha.
 Aplicadora - uhum
 Artur - Usa vestido, tem coroa...
 Bruno [sussurrando] - Tem guardas.
 Artur - Usa maquiagem...
 Aplicadora - uhum

¹⁰⁶ De acordo com a reportagem do portal Ric Mais. (Disponível no link: <https://ricmais.com.br/noticias/dia-a-dia/associacao-beneficiente-sao-roque-busca-doacoes-para-construir-anfiteatro/>> Acesso em 28 out. 2019).

Artur - usa salto...
 Aplicadora- Tá
 Artur - Vai pro baile...
 Aplicadora- Tá
 Bruno [sussurrando] - quer ficar com o príncipe...
 Artur - quer ficar com o príncipe...
 Aplicadora - uhum
 Artur - e se casam.

Sequência Discursiva 57 (SD 57) - Associação grupo 2

Elisa - Ela [princesa] tem guardas, tem soldados, tem um rei, e ela tem uma coroa e tem um monte de vestidos, e tem sapatos.

Para as crianças da Associação, *ter* riqueza e *ter* segurança são elementos que as princesas possuem e elas não (vide SD 57). A questão do *ter* como diferencial quase não aparece na escola particular. Lá, a presença de guardas e seguranças, em específico, não é mencionada em momento algum como característica associada aos príncipes ou às princesas.

Pensando dentro desse contexto, ao estarem em contato constante com um produto midiático de grande alcance como a Disney Princesa, as crianças da Associação se relacionam com mais diversidade e disparidade social do que as crianças da escola particular. Ao consumirem um produto midiático como a Disney Princesa, as crianças da Associação estão em contato com uma realidade socioeconômica diferente da qual elas pertencem, dado o poder de consumo (cultural e de bens) que uma princesa possui ser mais próximo da realidade socioeconômica das crianças da escola particular do que das crianças da Associação.

Com essa reflexão em mente, proponho considerar o conceito de "função-autor" na análise de discurso. Segundo Orlandi (2015, p. 72), "a função-autor, que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador". A função de autoria de um discurso, portanto, está vinculada ao que representa o sujeito no discurso e a perspectiva que ele constrói. Ou seja, a autoria é um lugar de produção de sentido. Orlandi (2015, p. 74) ainda afirma que a autoria é a função mais determinada pelo contato com o social, com coerções e regras das instituições, privilegiando a formação de sentidos sociais.

Ao entrarem em contato com uma diversidade maior de realidades sociais — seja pela identificação e ou pela aspiração/projeção — se comparadas com as crianças da escola particular, as crianças da Associação estariam em condições mais favoráveis a estarem em uma situação de autoria de "seu" discurso, o que pode justificar a possível aparição de mais posições-sujeito de contra-identificação na Associação do que na escola particular.

Apesar de estarem mais propensas ocuparem a "função-autor" do que as crianças da escola particular, as crianças da Associação, a primeira vista, demonstraram estar plenamente identificadas com a FD "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida). Vejamos nas SDs abaixo:

Sequência Discursiva 58 (SD 58) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E o que que ela não pode fazer, Luana?

Luana - Ela não pode ficar na lama porque se não elas vão se sujar e só.

Pesquisadora - E só. E o que ela pode fazer?

Luana - Ela pode pentear o cabelo, cuidar da roupa e quase tudo, tirando se sujar.

Pesquisadora - E o que ela pode fazer, Milena?

Milena - Ela pode... mas tem umas princesas que gostam, assim, de se sujar. Então elas podem fazer qualquer coisa.

Sequência Discursiva 59 (SD 59) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E o que um príncipe não pode fazer?

Tomas - Coisa errada pra princesa.

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Tomas - Ajudar a princesa.

Milena, Luana e Tomas descrevem príncipes e princesas de acordo com as características da FD "cultura da princesa". Luana diz que a princesa não pode se sujar, mas pode "pentear o cabelo, cuidar da roupa e quase tudo". Tomas fala que o príncipe deve "ajudar a princesa".

Temos aqui tomadas de posição das crianças identificadas com a FD "cultura da princesa". Contudo, dentro dessas mesmas SDs as mesmas crianças já trazem saberes discursivos que contestam o discurso hegemônico. Retomo aqui a definição de Pêcheux (1990, p. 16) para discurso de resistência que vimos no subcapítulo anterior: as "*ideologias dominadas* [são] concebidas como germes

reprimidos e abafados pela ideologia dominante". Segundo o autor, a resistência ao discurso hegemônico se manifesta sob as seguintes formas:

"não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras..." (p. 17)

No caso das crianças nas SDs acima, a estratégia utilizada foi a de inserir, em meio a saberes coerentes com uma posição-sujeito de identificação, falas que provocam um ruído com as características estabelecidas pela "cultura da princesa". Milena, na SD 58 contesta o argumento de Laura que princesas não podem se sujar e, após refletir, conclui que princesas "podem fazer qualquer coisa". Tomas não restringe o príncipe a alguém que pode fazer o que quiser, porém parece limitá-lo ao papel de salvador da princesa "sem razão", como Julio, na escola particular, fez na SD 43.

Sequência Discursiva 43 (SD 43) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Julio - Uma princesa ela pode ficar sentada sem fazer nada, dormindo. O que ela não pode é achar um dragão se não ela vai correr até o infinito até morrer.

Pesquisadora - Ok. O que é um príncipe?

Julio - Um princeso? Um príncipe? É um cara muito legal, fortão e que sempre salva a princesa sem razão.

No momento seguinte, porém, Tomas fala que o príncipe "não pode fazer coisa errada para a princesa". Durante a gincana essa foi uma ideia que se repetiu no grupo de Tomas, Milena e Luana.

Sequência Discursiva 60 (SD 60) - Associação grupo 2

Tomas - Ele usa espada, escudo e fica num cavalo.

Pesquisadora - E o que um príncipe não pode fazer?

Tomas - Ele...

Milena - Bater na mulher

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Milena - Cuidar muito bem dela.

Apesar de ainda colocar o príncipe em uma posição de provedor e cuidador da princesa, tomada de posição alinhada à FD "cultura da princesa", ao dizerem que o príncipe não pode bater na mulher ou "fazer coisa errada para a

princesa", ao afirmar que ele "usa espada, escudo e fica num cavalo" e que ele pode "ajudar a princesa", nesse contexto, podemos interpretar a existência de um não-dito na fala das crianças: o príncipe deve usar seus privilégios enquanto príncipe (espada, escudo, cavalo, papel ativo) para ajudar a princesa durante a narrativa com o que ela possa precisar.

Deslocando essa afirmação e pensando no príncipe enquanto o homem e na princesa enquanto a mulher, possivelmente temos nessa posição discursiva das crianças um dizer alinhado ao feminismo liberal: o homem enquanto aliado, sem assumir o protagonismo da mulher na luta feminista, mas utilizando seus privilégios sociais para dar apoio ao movimento, para auxiliar as mulheres na busca por equidade.

Movimentos alinhados com o feminismo liberal, como o *He For She*, da Organização das Nações Unidas, defendem que: "homens e pessoas de todos os gêneros se demonstrem solidários às mulheres com o objetivo de formar uma frente ambiciosa, visível e unida em direção à igualdade de gênero"¹⁰⁷. Dessa forma, as crianças nas SDs 59 e 60 ocupam, naquele momento uma posição discursiva de resistência gradual, iniciando seu deslocamento para a contra-identificação (PS4 Mulan e PS5 Merida).

Homens utilizando seus privilégios para ajudar mulheres é uma mensagem que tem aparecido também nos filmes da Disney Princesa mais recentes. Em *Moana* (2016), o semideus Maui, personagem coadjuvante masculino, ajuda com seus poderes mágicos a protagonista a enfrentar inimigos e intempéries em sua aventura. Em *Frozen 2*¹⁰⁸, Kristoff, o personagem masculino, tem seu arco narrativo construído em torno de seu amor pela princesa Anna, enquanto o arco narrativo de Anna gira em torno de sua família e seu reino. Em meio a uma batalha contra gigantes de pedra, Kristoff, ao invés de procurar tirar Anna do caminho, diz a ela "estou aqui. O que você precisa?", considerando-a forte o suficiente para se proteger e liderar a batalha.

Estratégias de resistência como a que foi analisada nas SDs 58, 59 e 60 apareceram com frequência entre as crianças do grupo 1 e do grupo 2 da Associação. Ao utilizarem-nas, as crianças geraram um ruído no discurso

¹⁰⁷ Frase de abertura do site oficial da campanha *He For She*, Disponível em: <<https://www.heforshe.org/pt-br>>. Acesso em 17 fev. 2020.

¹⁰⁸ Apesar de não fazer parte oficialmente da franquia Disney Princesa, incluo *Frozen* neste momento por ser considerado um filme "de princesa".

dominante e um deslizamento na posição-sujeito rumo à contra-identificação com a "cultura da princesa".

Essas estratégias e a contra-identificação serão exploradas mais a fundo no próximo capítulo. Veremos que elas aparecem tanto na Associação quanto na escola particular. Mesmo com uma diversidade socioeconômica menor do que a experienciada pelas crianças da Associação, as crianças da escola particular, em especial as meninas, assumem posições discursivas de resistência (PS5 Merida e PS6 Moana) através das estratégias apontadas por Pêcheux (1990, p. 17), chegando a momentos de confronto direto (PS5 Merida) com seus colegas meninos que vimos neste capítulo, questionando suas posições, falando em tons de voz mais altos ou escolhendo palavras específicas para contradizê-los.

7. "NINGUÉM ME IMPEDIRÁ DE SONHAR": CONTRA-IDENTIFICAÇÃO E O DISCURSO DE RESISTÊNCIA ENTRE AS CRIANÇAS

Tanto na escola particular quanto na Associação, as crianças deslizavam, em seus dizeres, entre as posições-sujeito de identificação e contra-identificação. Na maioria das vezes uma mesma criança movimentava sua tomada de posição discursiva entre diferentes graus de identificação e contra-identificação. Esse acontecimento pode ser explicado segundo Santos Neto (2015):

"o sujeito do discurso não pode ser analisado como um sujeito único e específico, porque os sentidos estão sempre sujeitos ao deslize, a uma nova resignificação, de acordo com as suas condições de produção" (p. 55)

O sujeito discursivo, assim como os sentidos produzidos por ele, não são, portanto, uniformes.

"Ela, a ideologia, encontra-se intrincada às projeções que o sujeito faz de sua própria existência, ou seja, na relação com a exterioridade, na forma que sustenta os sentidos, apesar desses estarem sempre além das vontades e intenções humanas. Nesta perspectiva, a formulação de sentidos é estreitamente ligada à historicidade, que faz com que os sentidos tenham uma pluralidade de possibilidades." (Santos Neto, 2015, p. 55)

É, portanto, como vimos nos capítulos anteriores, completa e frequentemente possível encontrarmos um mesmo sujeito ocupando diferentes modalidades de tomadas de posição no discurso. Nos capítulos 5 e 6, trouxe com mais frequência ocasiões nas quais as crianças ocupavam posições-sujeito de identificação com a FD "cultura da princesa". Na PS1 Bela Adormecida, as crianças estavam mais próximas à identificação plena. Na PS2 Cinderela, já é possível identificar os primeiros ruídos. Na PS3 Jasmine os ruídos se tornam questionamentos, mas os saberes principais continuam alinhados com a identificação com a FD "cultura da princesa".

Neste capítulo, trago situações nas quais as crianças mostraram os primeiros sinais de contra-identificação com a FD "cultura da princesa", mas ainda sem apresentar resistência marcante (PS4 Mulan). Também aponto momentos nos quais as crianças utilizaram estratégias sutis do discurso de resistência, ocupando a PS5 Merida, e momentos no qual a resistência foi explícita e as

crianças, em posição de contra-identificação, estiveram mais próximas da ruptura com a FD "cultura da princesa" do que em outros momentos da atividade (PS6 Moana).

Apesar de ocuparem posições em relação à cultura da princesa similares (no caso deste capítulo, a contra-identificação), mais uma vez a diferença socioeconômica se manifesta como fator distintivo no dizer das crianças da escola particular e da Associação. Ao assumirem uma posição da ordem da contra-identificação (PS4 Mulan, PS5 Merida ou PS6 Moana), as crianças da escola particular costumavam manifestar diretamente suas opiniões, por vezes entrando em conflito com colegas em posição de identificação. Já as crianças da Associação tendiam a usar estratégias mais discretas do discurso de resistência para questionar diretamente os saberes dominantes. Em ambas as instituições, no entanto, vimos as crianças assumirem com maior frequência a PS4 Mulan e a PS5 Merida do que a PS6 Moana. Vejamos a sequência discursiva abaixo:

Sequência Discursiva 61 (SD 61) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que a princesa pode fazer?

Margareth - A princesa pode andar em um dragão e nadar em um lago com piranhas.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Margareth - Ela não pode não andar de dragão e não nadar em um lago com piranhas.

Margareth contestou diretamente os saberes da "cultura da princesa", utilizando a repetição negativa como forma de reforçar uma ideia contrária ao saber hegemônico. A princesa, segundo ela, pode fazer atividades atribuídas pelo discurso hegemônico aos príncipes (andar de dragão e nadar em um lago com piranhas). Neste momento, ela ocupa a PS6 Moana, porém, no decorrer da aplicação da atividade, Margareth teve momentos de confronto com seus colegas, especialmente os meninos, quando eles mostravam opiniões identificadas com a "cultura da princesa", como nos mostra a SD 62.

Sequência Discursiva 62 (SD 62) - Escola grupo 2

Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Julio - Não, porque elas não são inteligentes.

Margareth - Como ousa!

Sequência Discursiva 58 (SD 58) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E o que que ela não pode fazer, Luana?

Luana - Ela não pode ficar na lama porque se não elas vão se sujar e só.
 Pesquisadora - E só. E o que ela pode fazer?
 Luana - Ela pode pentear o cabelo, cuidar da roupa e quase tudo, tirando se sujar.
 Pesquisadora - E o que ela pode fazer, Milena?
 Milena - Ela pode... mas tem umas princesas que gostam, assim, de se sujar. Então elas podem fazer qualquer coisa.

Já Luana e Milena, na SD 58 (reproduzida novamente acima) não são tão literais em suas falas, pelo menos não em um primeiro momento. Luana apresenta a imagem tradicional da princesa de acordo com a "cultura da princesa": preocupada apenas com sua aparência física e limitada por ela. Milena, ao ser questionada, começa imediatamente a responder, parecendo que vai concordar com a colega. Porém, ela hesita e coloca o saber apresentado por Luana em dúvida: algumas princesas gostam de se sujar.

A questão das roupas e da sujeira, apesar de não abordada através de palavras em histórias tradicionais de princesas, é facilmente inferida pelas crianças e seus pais. Mary Finucane, uma mãe e blogueira norte-americana que ficou conhecida no início da década de 2010 por documentar o "processo de recuperação de sua filha após ter sido 'sequestrada' pelas Princesas Disney" no blog *Disney Princess Recovery: bringing sexy back for a full refund*¹⁰⁹, relata o momento em que sua filha, que até então voltava suja da escola, passou a usar vestidos e a se conformar em ficar de fora das brincadeiras que poderiam estragá-lo ou sujá-lo.

Mas fomos entrando em climas mais quentes e a temporada de subir em árvores e andar de bicicleta se aproximava. Os longos vestidos enroscavam-se conforme ela subia nos brinquedos do parquinho, até o momento em que ela descia e dizia, "Tudo bem, eu não preciso fazer isso agora". Tentei convencê-la a usar shorts ou calças para proteger suas pernas, e para ajudá-la a investir em brincadeiras físicas ao invés de desistir. Você já tentou convencer uma criança de três anos a fazer alguma coisa? (FINUCANE, Mary. Disponível em: <<http://disneyprincessrecovery.blogspot.com/2010/05/do-princesses-wear-pants.html>> Acesso em 21/01/2020)¹¹⁰.

¹⁰⁹ Em português: Recuperando-se das Princesas Disney: trazendo o sexy de volta para um reembolso integral. Minha tradução livre. Disponível em: <<http://disneyprincessrecovery.blogspot.com/2010/05/do-princesses-wear-pants.html>>. Acesso em 21/01/2020.

¹¹⁰ But we've gotten into warmer weather, and tree climbing and bike riding season are upon us. The long dresses kept catching as she climbed up playground sets, until she would hop down and say, "That's okay, I don't have to do this right now." I've tried to convince her to wear shorts or pants to protect her legs, and to help her go further in her physical play rather than retract. Have you ever tried to convince a three year old to do something?

Segundo a "cultura da princesa", conforme apontado por Luana (na SD 58) e pela filha de Mary Finucane, princesas não podem se sujar. Talvez esse tenha sido um dos motivos que levou a Disney Princesa a optar por enfatizar as fotografias de Kate T. Parker no momento do lançamento da primeira campanha #DreamBigPrincess, realizada em parceria com a Girl Up (figura 14, reproduzida novamente abaixo).

FIGURA 14: UMA DAS FOTOS DA FOTÓGRAFA KATE T. PARKER DIVULGADAS NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS



Milena (SD 58), assim como as outras crianças que participaram desta pesquisa (e assim como a maioria das crianças ao redor do mundo), consome produtos com o discurso Disney Princesa. Não podemos afirmar que Milena teve contato com o Instagram e com a fotografia de Kate T. Parker (já que ela não tem idade o suficiente para ter uma conta no Instagram, se forem respeitadas as diretrizes dessa rede social), mas algo via memória discursiva lhe colocou em posição de contra-identificação com a "cultura da princesa" neste momento.

Milena pondera que "algumas princesas gostam de se sujar", uma linha de raciocínio que a leva a concluir "princesas podem fazer o que quiserem". Essa

afirmação de Milena a coloca na PS5 Merida nesse momento. "Pensamos o discurso de resistência como lógica da inversão e de efeitos discursivos de deslocamento, desviando o sentido em certa direção, de acordo com a tomada de posição dos sujeitos" (Hansen, 2016, p. 16). Em geral, além de utilizarem discretamente o discurso de resistência, quando as crianças da Associação se colocavam em posição de contra-identificação ao discurso hegemônico "cultura da princesa", elas o faziam também através de debates entre si.

Já as crianças da escola particular eram mais diretas, manifestando suas opiniões em voz alta e questionando diretamente os colegas que pensavam diferente. Frases imperativas como "não é, não", "é isso mesmo" ou interjeições de indignação eram frequentes. O discurso de resistência apareceu na escola particular através de estratégias que buscavam o confronto direto entre crianças, principalmente nos dizeres de duas meninas, Margareth e Juliana (ambas com 9 anos, participantes do grupo 2).

Esses contrastes e semelhanças serão explorados mais a fundo nos próximos subcapítulos, mas é importante adiantar que, assim como observamos nas diferenças no silêncio e comportamento das crianças nos capítulos anteriores, esse aspecto também pode ser justificado pela diferença socioeconômica entre crianças da escola particular e da Associação. Por estarem mais propensas a ocupar a função-autor (como vimos no capítulo 6), as crianças da Associação acabaram se deslocando mais entre as posições-sujeito, produzindo uma variedade maior de sentidos do que as crianças da escola particular.

7.1 "NO HALL DA FAMA": REALEZA NA ASSOCIAÇÃO E NA ESCOLA PARTICULAR

Antes de entrar na análise dos momentos em que as crianças ocuparam posições de contra-identificação com a FD "cultura da princesa", é preciso olhar novamente para a campanha *Dream Big Princess*, da Disney Princesa. No capítulo 4 desta dissertação comentei que a franquia das Princesas após 2016 poderia ter deslocado seu posicionamento discursivo em direção à contra-identificação com a "cultura da princesa".

Verificar se houve ou não um deslocamento por parte da marca não é o objetivo desta pesquisa, porém como a Disney Princesa é o meu objeto empírico e "príncipes e princesas" foi o tema das gincanas com as crianças, é inegável que as Princesas Disney e suas narrativas fazem parte da memória discursiva de todas as crianças que participaram das gincanas para esta dissertação, assim como da minha própria. Diante disso, a chegada do *Dream Big Princess* não passou despercebida nem por mim e nem, como veremos adiante, pelas crianças.

O trecho abaixo corresponde à tradução livre da música *Hall of Fame*, da banda irlandesa *The Script*. Essa é a música de fundo do primeiro vídeo promocional¹¹¹ da campanha *Dream Big Princess*. O vídeo mostra meninas praticando várias atividades inspiradas nas Princesas Disney.

*Sejam estudantes, sejam líderes / Sejam políticxs, sejam pregadorxs /
Acreditem, sejam líderes / Sejam astronautas, sejam campexs / Em pé no
hall da fama / E o mundo saberá seu nome / Porque você queima com a
chama mais brilhante / E o mundo saberá seu nome / E você estará nas
paredes do hall da fama*¹¹²

Falando de um ponto de vista puramente pessoal, para quem, como eu, cresceu acompanhada pelo início da febre Disney Princesa, ver Ariel, Bela, Pocahontas e as demais personagens inspirando meninas a praticar esportes, a lutar, dançar e a manifestar-se politicamente foi um choque.

Até aquele momento, a imagem que eu tinha das Princesas Disney era a tradicional da "cultura da princesa". Já havia lido críticas, como as de Peggy Orenstein (2011), sobre como as Princesas representavam um limitador de expectativas para meninas, ajudando a perpetuar um discurso hegemônico no qual elas se viam como uma "segunda categoria" em relação aos meninos (Orenstein, 1996).

O vídeo *Dream Big Princess* parecia, em um primeiro momento, uma ruptura com tudo o que as Princesas Disney teoricamente defendiam: o ideal da boa menina, que é passiva e deve restringir seus conhecimentos ao romance e às

¹¹¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fAOjPGwXgjE&t=6s>>. Acesso em 23 mar. 2020.

¹¹² Trecho traduzido da música Hall of Fame, da banda The Script. O "x" foi usado para enfatizar a neutralidade de gênero na canção em seu original em inglês. "Be students, be leaders / Be politicians, be preachers / Be believers, be leaders / Be astronauts, be champions / Standing in the hall of fame / And the world's gonna know your name / 'Cause you burn with the brightest flame / And the world's gonna know your name / And you'll be on the walls of the hall of fame."

tarefas domésticas, e a "cultura da princesa". As campanhas beneficentes no Instagram @thedisneyprincesses vieram pouco tempo depois, seguidas pelo lançamento de um *single* interpretado por Auli'i Cravalho, a dubladora norte-americana da Princesa Moana, chamado *Live Your Story*¹¹³ (Fazer História¹¹⁴, na versão brasileira, também interpretada pela mesma atriz que fez a voz de Moana na versão nacional do filme). A nova música ganhou um clipe similar ao de *Dream Big Princess*, mesclando imagens de garotas com imagens das Princesas. A letra inclui versos como: "não só umx guerreirx / não só umx sonhadorx / criadorx fantásticx / sonhadorx implacável"¹¹⁵.

Em todos esses materiais promocionais, as Princesas pareciam exemplos de coragem, confiança e determinação, mostrando às **crianças** — não só meninas — que garotas podem ser e fazer o que quiserem (e aos pais preocupados com os estereótipos de gênero que a Disney poderia estar passando para as suas filhas que, convenientemente, as Princesas continuavam a ser uma referência segura para elas). Meu estranhamento com essa campanha foi suficiente para que eu começasse a procurar mais a respeito das críticas e elogios que envolvem a realeza da Disney.

Nesse momento de pesquisa despretenhosa, acabei esbarrando em uma palestra TED de Colin Stokes¹¹⁶, diretor de comunicação de uma organização sem fins lucrativos dedicada a reformulação do conteúdo escolar em instituições que atendem a crianças de baixa renda. Na palestra, Stokes falava sobre os filmes infantis e como eles ensinam o que é masculinidade para as crianças. Segundo ele, filmes de guerra, aclamados por suas mulheres fortes, como *Star Wars*, *Harry Potter* e *Jogos Vorazes* raramente passam no teste de Bechdel, um teste relativamente superficial para verificar a presença e a maneira como mulheres são retratadas em filmes.

¹¹³ Vídeo original Live Your Story disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=zRunkRiylvM>>. Acesso em 23 mar. 2020.

¹¹⁴ Versão brasileira do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bpnogqv8IJY>>. Acesso em 23 mar. 2020.

¹¹⁵ "Not just a fighter / not just a dreamer / amazing creator / relentless believer". Utilizo o "x" novamente para ressaltar a neutralidade de gênero possível na língua inglesa. Em português, esse trecho foi traduzido para: Determinada / e sonhadora / é surpreendente / e inspiradora". Nesse caso a conjugação feminina foi priorizada.

¹¹⁶ Disponível em:

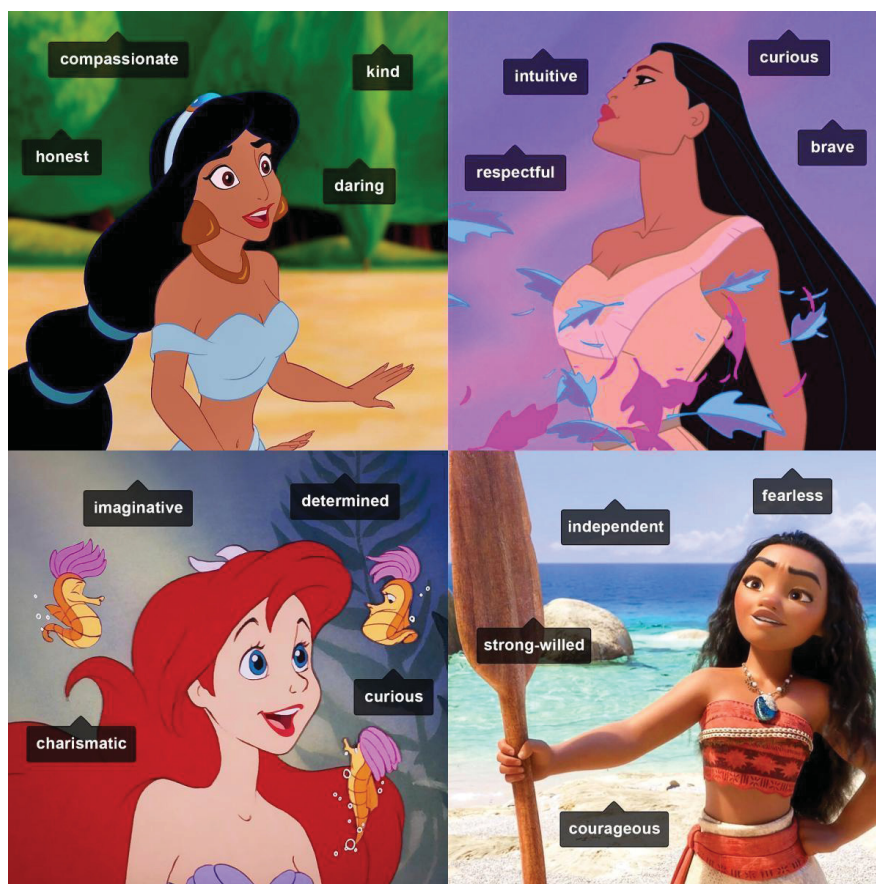
<https://www.ted.com/talks/colin_stokes_how_movies_teach_manhood/transcript> Acesso em 27 fev. 2020.

Proposto pela quadrinista Alison Bechdel, nos anos 1980, o teste consiste em assistir um filme com três perguntas em mente: 1) Há mais de uma personagem feminina com falas? 2) Essas mulheres conversam uma com a outra em algum ponto do filme? 3) Elas conversam sobre algo que não é um homem? Ao contrário dos filmes citados acima, a maioria dos filmes das Princesas atende aos três critérios. Sendo assim, mesmo que as Princesas reforcem e legitimem os saberes da "cultura da princesa" entre as crianças, nem todos os aspectos de seus filmes ocupam a posição-sujeito de identificação. São esses elementos não-identificados (ou não completamente identificados) que a *Dream Big Princess* reforça.

Na figura 31 abaixo, temos o exemplo de quatro postagens publicadas na conta do Instagram oficial das Princesas Disney. Os posts fazem parte de uma série que mostrava as Princesas e utilizava um elemento visual que lembrava a marcação de pessoas em uma foto no Instagram para marcar as características de personalidade de cada Princesa.

Características como honestidade, compaixão, gentileza, coragem, curiosidade e independência de fato aparecem em cada uma das personagens nas animações originais da Disney. A Princesa Jasmine (canto superior esquerdo) é honesta, recusando abertamente a se casar com qualquer um dos pretendentes impostos por seu pai. Pocahontas (canto superior direito) possui um grande respeito pela cultura de seu povo, optando por ficar com sua tribo a seguir seu "príncipe". Ariel (canto inferior esquerdo) é curiosa, buscando aprender tudo o que pode sobre uma cultura que não é a sua. Moana é independente, embarcando sozinha em uma jornada para salvar sua ilha e seu povo.

FIGURA 31: POSTAGENS DA CONTA OFICIAL NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS



A Disney parece passar um recado: as Princesas são bonitas, sim. Têm magia e brilho também. Mas, além disso, cada uma tem a sua personalidade única; algumas são obedientes, outras são rebeldes, algumas podem ser solitárias, outras têm amigas, algumas são solteiras e independentes, outras precisam de seus príncipe.

Se as Princesas são tão diferentes assim, seria lógico esperar que cada criança que participou das gincanas para esta dissertação tivesse caracterizado a princesa de uma maneira diferente. No entanto, como vimos nos dois capítulos anteriores, não foi o que ocorreu na maioria dos casos. Provavelmente devido a todo o conhecimento histórico enraizado, as crianças descreveram príncipes e princesas, frequentemente, de acordo com os saberes tradicionais da "cultura da princesa".

Existem vários motivos possíveis para essa ocorrência. Analisando brevemente o material exposto acima da campanha *Dream Big Princess*, posso apontar uma causa mais provável.

A centralidade do vestido, da coroa, da beleza e elegância daquela que cogita o posto de princesa ganhou notoriedade entre o maior número de crianças. Fosse para desclassificar Mulan como tal pela falta de algum item ou para colocá-la como uma representante daquilo que poderia ser chamado de “princesa”, esses eram elementos constituintes de uma espécie de estética do ter e do ser. (Bueno, 2012, p. 104)

Apesar de a campanha *Dream Big Princess* procurar reforçar as características de personalidade de suas personagens, trazer maior diversidade (com Pocahontas, Jasmine, Mulan, Tiana e Moana) e eliminar a figura do príncipe encantado enquanto salvador e parte ativa da narrativa feminina (como nas narrativas dos filmes Valente e Moana), a beleza física e as posses das Princesas ainda são os aspectos que as crianças mais reparam e são reforçados, mesmo que não diretamente, pela Disney Princesa.

Nas falas e nos desenhos das crianças que participaram das gincanas, a beleza era um aspecto sempre presente. A princesa (e por vezes também o príncipe) precisava ser belo.

Sequência Discursiva 22 (SD 22) - Escola grupo 2

Julio - Eles [príncipe e princesa] se encontraram em um lugar muito bonito, o príncipe tava numa batalha de príncipe contra príncipe que ganhava a mulher, mas aí o príncipe queira perder e o outro príncipe se matou, aí o cara ganhou, mas ele queira perder porque ela não era bonita.

Sequência Discursiva 63 (SD 63) - Associação grupo 2

Aplicadora - Tá, gente próximas perguntas. São pouquinhas perguntas, pode vir. Você gosta de princesas, Artur? Gosta? E por quê?
Artur - Porque é bonita.

Sequência Discursiva 64 (SD 64) - Associação grupo 2

Aplicadora- Tá. Camila, você gostaria de ser uma princesa?
Camila - Sim
Aplicadora- Por quê?
Camila - Elas são muito bonitas.
Aplicadora- Hmm, só?
Camila - Só.

Nas SDs acima as crianças ressaltam a importância da beleza para as princesas. Na SD 22, já analisada no capítulo 6, Julio coloca a característica da beleza como tão importante ao ponto do príncipe de sua história considerar o duelo perdido quando percebeu que seu "prêmio", a princesa, não era bonita. Artur, na SD 63, afirma gostar de princesas devido à beleza delas (assim como os personagens masculinos dos filmes das Princesas clássicas). Camila, na SD 64, afirma querer ser bonita como uma princesa.

Mesmo procurando dissociar as princesas de sua aparência física, vinculando-as a esportes, artes marciais e atividade política, não houve nenhum esforço por parte da *Dream Big Princess* em alterar o padrão de beleza hegemônico ao qual as Princesas se submetem. As meninas e mulheres que aparecem nos vídeos promocionais também se encaixam dentro deste padrão de beleza. Vemos meninas negras, brancas e asiáticas. Meninas com e sem deficiência física. Todas, porém, são pequenas e magras, assim como as Princesas.

Elas podem fazer tudo o que quiserem, "viverem suas próprias histórias". Elas não são "só lutadoras, só sonhadoras, são criadoras fantásticas e sonhadoras implacáveis"¹¹⁷. Assim como no primeiro vídeo promocional, a mensagem é: "dedique-se e você um dia chegará ao *Hall da Fama*"¹¹⁸. Para aqueles que conhecem a clássica música de Cinderela (1950), que diz "tem fé no teu sonho e um dia / teu lindo dia há de chegar"¹¹⁹, a mensagem que a Disney Princesa passa com *Dream Big Princess* não soa tão diferente assim do que aquela que a Princesa Cinderela canta com seus passarinhos na cena inicial da animação de 1950.

A questão agora é: será que, com *Dream Big Princess*, a Disney conseguiu atualizar narrativas clássicas como a de Cinderela? De uma princesa canibal que engole meninas em uma onda de tule, coroas, varinhas, sapato de cristal e comportamentos passivos, tão criticada por Orenstein (2011), Finucane (2010) e todos aqueles que assinaram o manifesto de *Mighty Girl* contrário às mudanças realizadas nos traços da Princesa Merida, será que Cinderela e as Princesas Disney podem novamente ser considerados modelos seguros para as crianças, principalmente para as meninas?

Giroux (2004, p. 103), alerta: "pais, grupos comunitários, educadores e outras pessoas que se preocupam devem estar atentos para as mensagens nesses filmes a fim tanto de criticá-los quando necessário quanto, mais importante, exigir deles finais mais produtivos". Não se pode esquecer que a

¹¹⁷ Os trechos entre aspas fazem referência ao vídeo promocional *Live Your Story*, da *Dream Big Princess*.

¹¹⁸ Trecho do refrão da música *Hall of Fame*.

¹¹⁹ Na versão original, a música se aproxima ainda mais: "No matter how your heart is grieving, if you keep on believing, the dream that you wish will come true", que pode ser traduzido literalmente para: "não importa o quanto seu coração esteja triste, se você continuar acreditando, seus sonhos podem se realizar".

Disney é uma grande detentora de poder corporativo. Ela lucra a partir da aura de encantamento que seus filmes geram, aspecto que se encaixa na lógica socioeconômica na qual estamos inseridos.

O trabalho da mediação do adulto, segundo Giroux (2004), deve ser manter o juízo crítico daquilo que ele e as crianças sob sua responsabilidade consomem, promovendo oportunidades para que as crianças quebrem esse encantamento quando necessário. Do contrário, as crianças facilmente ficarão apenas com o lado Disney da história, um lado que por vezes não considera problemas sociais como o racismo, o sexismo e outras crises.

A ideia da criança como ser que deve ter sua inocência protegida surgiu no século XIX. "Durante este período, protegidas dos perigos do mundo adulto, as crianças foram retiradas das fábricas e colocadas em escolas" (Steinberg e Kincheloe, 2004, p. 12). As próprias pesquisas de Piaget (1999) que utilizo como base teórica para esta dissertação datam desta época. No entanto, apesar de proporcionar conhecimentos pioneiros sobre a infância, muitos dos quais permanecem aplicados até hoje, Piaget e seus contemporâneos atribuíam o desenvolvimento infantil unicamente à biologia, aspecto que já foi refutado pela psicologia moderna.

"A mudança na realidade econômica, associada ao acesso das crianças a informações sobre o mundo adulto, transformou drasticamente a infância" (Steinberg e Kincheloe, 2004, p. 13). A infância pós-moderna, segundo Shirley Steinberg e Joe Kincheloe, traz consigo crianças que têm acesso à cultura popular e à cultura comercial infantil, motivando-as "a se tornarem consumidoras hedonistas mas também minou-lhes a inocência, o *status* resguardado das atribuições da existência adulta que as crianças vinham experimentando desde o advento da era da infância protegida na década de 1850" (*idem*, p. 33).

Da década de 1950 até hoje, nas primeiras décadas do século XXI, é cada vez mais comum ouvirmos pais e professores reclamando de crianças rebeldes, questionadoras e desobedientes. Esse comportamento é por vezes atribuído ao feminismo, que possibilitou às mulheres brancas de classe média que trabalhassem fora de casa. Essa atribuição apenas reflete os saberes hegemônicos sobre gênero na sociedade, atribuindo à mãe toda a responsabilidade pela criação e comportamento dos filhos, ao mesmo tempo em que negando-lhe direitos básicos como prover para si mesma e para a sua família.

Os comportamentos da criança pós-moderna são realmente diferentes do comportamento das crianças até o início do século XX. Um dos aspectos que mudaram na vida infantil foi a inserção da criança como consumidora e público-alvo das grandes corporações. Os valores de consumo são comunicados através de programas de TV, jogos, filmes, vídeos, conteúdo digital, brinquedos e uma infinidade de outros produtos midiáticos.

A pedagogia cultural corporativa "fez seu dever de casa" — produziu formas educacionais de um incontrolável sucesso quando julgadas com base em seu intento capitalista. Substituindo as tradicionais palestras e deveres nas salas de aula e os deveres por bonecos com uma história, reinos mágicos, fantasias animadas, vídeos interativos, realidades virtuais, heróis de TV *kick-boxers*, livros de terror que arrepiam a espinha e uma gama completa de formas de diversão produzidas ostensivamente para adultos mas avidamente consumidas por crianças, a América corporativa revolucionou a infância. (Steinberg & Kincheloe, 2004, p. 15)

Para que sejam consumidos pelas crianças, os produtos midiáticos são pensados dentro da lógica de formações imaginárias da Análise de Discurso (AD). Para Orlandi (2015, p. 37), "todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor 'ouve' suas palavras". A antecipação, por parte do sujeito, do sentido que seu interlocutor faz de suas palavras e de quem ele representa é o que define o conceito de "formação imaginária" na análise de discurso. Hansen (2013) relaciona as condições de produção do mercado publicitário às formações imaginárias.

A noção de condições de produção nos remete às reflexões de Pêcheux (1993, p. 82) a respeito das formações imaginárias no processo de constituição de um discurso, ancorado nas questões: 'Quem sou eu para lhe falar assim? Quem é ele para que eu lhe fale assim? Quem sou eu para que ele me fale assim? Quem é ele para que me fale assim?', as quais materializam a imagem que cada sujeito atribui a si e ao outro, bem como a imagem que cada um faz de seu lugar e do lugar do outro. (Hansen, 2013, p. 72)

Segundo Orenstein (2011, p. 15), o executivo Andy Mooney, responsável pela criação da franquia Disney Princesa, alegava que a Disney "só dava às meninas aquilo que elas já queriam". Temos aqui, então, o exemplo de uma formação imaginária (FI).

Formação Imaginária 1 (FI 1)

Disney ----->Meninas

Quais seriam as características dessa formação imaginária da Disney sobre as meninas? Bem, se a criação de uma franquia com todas as personagens Princesas se configura em "aquilo que elas já queriam", então uma das características da FI 1 é a de que meninas querem viver a fantasia da princesa, com vestidos e coroas brilhantes, os saberes da "cultura da princesa".

Apesar do ruído provocado pelo material promocional *Dream Big Princess*, essa característica não se alterou muito. Na verdade, pode-se dizer que ela permanece em posição de identificação em relação à FD "cultura da princesa", afinal, a Disney ainda não procurou escutar as crianças. Explico: pouco tempo após o lançamento da franquia Disney Princesa, Andy Mooney declarou em entrevista à Peggy Orenstein que não havia sido realizada nenhuma pesquisa de mercado, nem bolada nenhuma estratégia de *marketing* para a Disney Princesa. A franquia simplesmente foi lançada e provou-se uma ideia tão lucrativa que não precisou realmente de um planejamento comunicacional. Isto é, até o *Dream Big Princess*, em 2016.

O que proporcionou a criação desse planejamento não foi uma conversa com as crianças, não foi uma pesquisa de público-alvo, mas sim, uma observação atenta das discussões sobre as Princesas no espaço público. A Disney tem como política nas redes digitais a de não responder os comentários de usuários. As páginas nas redes sociais digitais vinculadas à empresa não respondem seus fãs, mas postam conteúdo com frequência quase diária. As páginas também interagem entre si, comentando e — aí sim — respondendo comentários de outras páginas relacionadas à Disney.

Os comentários, a frequência de postagem e a retirada da personagem Merida das imagens oficiais da Disney Princesa após o abaixo assinado em 2015, são indicativos que a Disney pode não participar das discussões no espaço público, mas com certeza está atenta a elas. Essas discussões são promovidas, principalmente, por adultos. Até o lançamento da campanha *Dream Big Princess*, os adultos não eram considerados consumidores em potencial das Princesas, mas

intermediários. No entanto, o foco nas campanhas através das redes sociais digitais e o aumento dos produtos das Princesas voltados ao consumo por adultos (figura 32) mostram que existe outra formação imaginária.

Formação Imaginária 2 (FI 2)

Disney ----->Adultos

FIGURA 32: PRODUTOS DISNEY PRINCESA PARA ADULTOS



As críticas de pais, professores e pesquisadores, o abaixo assinado, comentários nas redes sociais digitais (tanto nos perfis oficiais da Disney quanto menções à Disney Princesa em outros perfis) mostraram à Disney que os responsáveis pelas crianças já não acreditavam que as Princesas eram um produto midiático 100% seguro para os pequenos, em especial para as meninas. Na FI 2, portanto, temos a Disney percebendo uma tomada de posição crítica vindo por parte dos adultos, posição esta que poderia afetar as vendas da marca, já que as crianças têm poder de persuasão, mas são os adultos que têm a palavra final (e o dinheiro) nessa relação de consumo.

Como vimos anteriormente, a mensagem da música clássica do filme de 1950, *Cinderela*, não difere tanto assim da mensagem da música *Hall of Fame*, tema do primeiro vídeo promocional de *Dream Big Princess*. Na animação de

1950, o sonho de Cinderela de se ver livre da madrasta e das irmãs malvadas se realiza quando ela se casa com o príncipe encantado e se torna Princesa, graças ao precioso sapatinho de cristal que só serve em seu pé minúsculo. Já a Cinderela de *Dream Big Princess* representa a garota trabalhadora, cujo sonho é um dia de folga e diversão, com ou sem príncipe. As figuras 33 e 34 abaixo mostram essa dicotomia.

FIGURA 33: TRECHO DO FILME DE ANIMAÇÃO CINDERELA (1950)



FIGURA 34: POST NO INSTAGRAM @THEDISNEYPRINCESS



Na primeira, vemos um trecho do filme de 1950, no qual Cinderela mostra seu sapatinho de cristal para seus amigos animais, que também estão sob o efeito da magia da Fada Madrinha. Na segunda, vemos esse mesmo trecho, porém reinterpretado de acordo com a legenda do Instagram @thedisneyprincesses, na qual lê-se: "quando os seus pés doem & a carona que você *acabou* de chamar aparece", colocando Cinderela em uma posição que será facilmente compreendida por qualquer pessoa que já tenha passado uma noite inteira de salto alto. A conta oficial no Instagram é voltada ao consumo de pessoas acima de 13 anos, idade superior ao público alvo da Disney Princesa.

Se em momento algum as Princesas deixam de serem belas, se suas histórias não são reescritas, apenas reinterpretadas, qual gradação dentro da posição-sujeito de identificação em relação à FD "cultura da princesa" a Disney ocupa após 2016? Para responder a essa pergunta, olho novamente para um trecho da letra da música *Live your story*:

Trecho de Live Your Story (tradução livre)

Não há nada impossível / Neste mundo incrível / Esse é o momento /
Determinada / E sonhadora / É surpreendente / E inspiradora /
Tem muita força e sabe o que quer ser

Em meio a palavras com conotação empoderadora, como "não há nada impossível" e "tem muita força e sabe o que quer ser", temos também a construção "não só" que aparece através do uso do aditivo "e". O recado que a Disney busca passar aqui, para os adultos preocupados em proporcionar um produto midiático "seguro" para as crianças, que não limite suas perspectivas de futuro, como Coyne e colegas (2016) verificaram que ocorria com meninas que consumiam as Princesas, é a de que as Princesas **não** são **só** belas, **não só** sonhadoras, **não só** lutadoras, elas podem ser tudo¹²⁰.

E é quanto a esse tudo que Orenstein alerta: "Ao invés de viverem o sonho, então, aquelas meninas estavam cavalgando uma contradição: sofrendo para preencher todas as novas expectativas que temos para elas sem largarem das velhas" (Orenstein, 2011, p. 17). Ao usar a tática do "não só", sem largar dos antigos saberes da "cultura da princesa", a Disney corre o risco de criar uma frustração ainda maior nas meninas, pois ninguém consegue ser perfeita(o) como as Princesas.

Essa ênfase no "fazer tudo" e na ideia do "basta querer, "basta acreditar" como o modelo ideal para meninas é o que Sarah Projansky (2015), chama de valorização da *can-do girl* (garota "eu consigo", em tradução livre), em contraposição à *at-risk girl* (garota "em risco"). "Essa versão da infância das meninas é uma promessa fantasiosa de que, se as garotas trabalharem duro, não só elas podem evitar se tornarem garotas em risco, mas podem conseguir qualquer coisa¹²¹" (Projansky, 2015, p. 5).

Dada essa análise, podemos situar a Disney Princesa pós *Dream Big Princess*, ocupando uma posição sujeito de identificação com a FD "cultura da princesa". Por vezes essa posição apresenta apenas pequenos ruídos com o discurso predominante, fazendo com que ela ocupe a PS2 Cinderela. Em outros momentos, como as campanhas beneficentes em parceria com a Girl Up, há um deslizamento para uma posição mais questionadora (PS3 Jasmine), à medida em que a Disney colabora com ações que vão de encontro aos saberes tradicionais da "cultura da princesa" ao promover mudanças reais no cotidiano de garotas do

¹²⁰ A ideia do "não só" aparece explicitamente na versão original da música, em inglês, com a expressão "not just".

¹²¹ This version of girlhood is a fantasy promise that if girls work hard, not only can they avoid becoming at-risk, but they can achieve anything.

"mundo real" que ainda são proibidas de frequentarem a escola, por exemplo, por serem identificadas como meninas.

Apesar de a Disney Princesa ainda ocupar posições de identificação com a FD "cultura da princesa", os ruídos que ela promove são percebidos pelas crianças. As participantes das gincanas para esta dissertação também tinham suas próprias formações imaginárias sobre a Disney Princesa. Em geral, os saberes que compunham essas formações imaginárias faziam também com que elas ocupassem posições de identificação com a FD "cultura da princesa" (PS1 Bela Adormecida, PS2 Cinderela e PS3 Jasmine). Algumas delas, no entanto, já demonstraram os primeiros sinais de deslocamento no sentido a uma posição-sujeito de contra-identificação, como veremos no próximo subcapítulo.

As tomadas de posição de início da contra-identificação entre as crianças (PS4 Mulan) surgiram de maneiras variadas, seja por diálogo, conflito ou uso do discurso de resistência. Um aspecto que muitas dessas tomadas de posição contra-identificadas tinham em comum, no entanto, eram que traziam dizeres que, de alguma forma, ressoavam os ruídos comunicados pelo *Dream Big Princess*.

Sequência Discursiva 65 (SD 65) - Associação grupo 2

Luana - A Moana ela não é fraca, ela é corajosa.

Sequência Discursiva 66 (SD 66) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que é uma princesa?

Juliana - Uma menina muito corajosa, ela é forte, ela tem força para enfrentar todos os perigos, ela é corajosa e algumas princesas têm uma espada.

Luana, na SD 65 cita diretamente a Princesa Moana como exemplo de uma Princesa corajosa e forte (ao dizer que ela não é fraca). Juliana descreve a princesa pelos seus atributos de coragem, "força para enfrentar todos os perigos" e até mesmo atribui a espada a "algumas princesas".

Entre as Princesas Disney, apenas Mulan e Merida aparecem segurando uma espada em seus respectivos filmes¹²². Desde 2016, as imagens dessas duas Princesas são exploradas pela Dream Big Princess com suas armas. Desde o abaixo assinado da Mighty Girl, Merida quase nunca aparece sem seu

¹²² A princesa Anna, em Frozen 2, chega a empunhar uma espada de gelo por alguns segundos, porém o filme ainda não havia sido lançado na época que realizamos as gincanas. A princesa Elena de Avalor possui cenas de esgrima em seu seriado. Ambas, no entanto, não são consideradas Princesas oficiais pela Disney, mas foram percebidas como tais pelas crianças nas gincanas.

característico arco e flecha (também uma arma). Ao dizer que "algumas princesas têm espada" e ao destacar Moana como uma Princesa corajosa, Juliana e Luana ecoam os dizeres dos materiais promocionais do *Dream Big Princess*¹²³, porém atribuindo suas próprias interpretações e, por extensão, deslizamentos de sentido.

Se considerarmos apenas SDs acima, elas não veem a questão do "não só" como implicante de que as Princesas precisam ser, além de corajosas, bonitas, por exemplo. Neste momento, elas compreendem o "não só" como abrangente ao invés de determinante. Existem princesas que são pacíficas, mas também existem princesas que são corajosas e têm espadas. E ambas são igualmente princesas.

Foram ocasiões como essas apresentadas nas SDs 65 e 66 que proporcionavam oportunidades de reflexão entre as crianças fazendo com que, na Associação, surgissem momentos de debate sobre saberes tradicionais da FD "cultura da princesa" e, na escola particular, ocorressem momentos de conflito (principalmente entre meninos e meninas) no qual crianças em uma das posições de contra-identificação (normalmente as meninas) adotassem estratégias de resistência para se fazerem ouvir acima daquelas que estavam em uma das gradações próximas à posição de identificação (normalmente os meninos).

7.2. "VOCÊ GOSTARIA DE SER UMA PRINCESA?": CRIANÇAS RUMO À CONTRA-IDENTIFICAÇÃO

No capítulo 5 desta dissertação, comentei sobre como a competitividade entre as crianças participantes das gincanas, em especial as da escola particular, afetou o comportamento de algumas delas. Em geral, os meninos se mostravam mais competitivos, chegando a interromper com gritos, confrontos e mudanças de assunto os colegas e as próprias aplicadoras da atividade. Esse comportamento os colocava em posição de identificação (PS1 Bela Adormecida) com a FD "cultura da princesa".

¹²³ Por opção metodológica, nenhum material promocional Dream Big Princess foi mostrado para as crianças, mas como a campanha alterou TODOS os traçados das Princesas Disney até mesmo em produtos como brinquedos e roupas, além do cuidado com a linha narrativa de Moana, é de se presumir que todas as crianças que participaram desta pesquisa tiveram contato com a campanha de alguma forma.

Entre as meninas, Isadora (9 anos), participante do grupo 2 da escola particular, foi a única que mostrou o mesmo tipo de competitividade dos meninos. Assim como eles, Isadora conhecia alguns filmes de Princesa e algumas personagens, mas colocava a competição à frente de suas respostas, como vimos nas SDs 18 e 19, reproduzidas novamente abaixo.

Sequência Discursiva 18 (SD 18) - Escola particular grupo 2

Aplicadora - Tem alguma princesa que você ache mais legal?

Isadora - Qual é o nome daquela ali?

Aplicadora - Pocahontas.

Isadora - Pocahontas.

Aplicadora - Você gosta mais dela?

Isadora - Sim.

Aplicadora - Gente, vem aqui! Vem aqui! Gente, última pergunta. Qual princesa vocês gostam menos? Você acha menos legal?

Isadora - Aquela ali.

Aplicadora - Pocahontas? Você acabou de falar que ela era a mais legal.

Isadora - Ah! Tá bom! Tá bom. Essa daqui.

Aplicadora - É uma pirata? Pera, me diz das princesas que você conhece. Calma.

Menino - Frozen! Frozen! Fala Frozen!

Isadora - Frozen!

Aplicadora - Qual você menos gosta e por que, qual é a menos legal?

Isadora - Frozen porque o filme é muito estranho.

Aplicadora - Tá, mas qual é a menos legal das princesas.

Isadora - Frozen!

Sequência Discursiva 19 (SD 19) - Escola grupo 1

Aplicadora - Você gostaria de ser uma princesa?

Isadora - Não!

Aplicadora - Por quê?

Isadora - Porque demora... é bom, né, porque...

Meninos gritam.

Aplicadora - Não gente. Calma. Por quê?

Isadora - Sim. Sim.

Aplicadora - E por quê?

Isadora - Porque eles moram em uma casa grandona!

Aplicadora - E o que mais? Você estava falando outra coisa.

Isadora - Porque elas são respeitadas.

Aplicadora - São respeitadas, mas você disse que você não queria ser uma princesa.

Isadora - Ah, eu também não sei!

O fato de ela apresentar essa competitividade provoca ruído nos saberes hegemônicos da "cultura da princesa" já que Isadora, enquanto menina e segundo o "currículo escondido", deveria ser mais calada e tímida do que os meninos. Para posicioná-la no discurso, no entanto, precisamos analisar também seus dizeres. As SDs acima dão indicativos de qual deve ser a formação imaginária de Isadora

sobre as Princesas Disney. Quando foi a vez dela de responder à pergunta "você gosta de princesas?", Isadora respondeu que não.

Sequência Discursiva 67 (SD 67) - Escola particular grupo 2

Aplicadora - E você, você gosta de princesas?

Isadora - Não. É muito drama.

O motivo pelo qual ela alega não gostar de princesas é um motivo emocional, o "drama" das histórias. Enquanto outras crianças apontam o romance e a aventura como elementos que tornavam as histórias de princesas atraentes para elas, Isadora afirma o contrário. São justamente esses elementos, componentes do drama, que fazem com que ela não goste das personagens princesas.

A memória discursiva sobre princesas indica que Isadora, identificando-se como menina, deveria gostar de princesas. Ela, no entanto, provoca mais um ruído ao afirmar que não gosta. Há o início de um deslocamento de posição-sujeito? Estaria Isadora assumindo uma posição rumo à contra-identificação (PS4 Mulan)?

Relembrando o que foi discutido no capítulo 5, a formação da identidade na sociedade binária, cisgênero e heteronormativa na qual vivemos faz com que as crianças passem por uma fase de identificação com as características performáticas tradicionais dos gêneros feminino/masculino, e uma rejeição ao gênero "oposto". Durante a infância, a performance de gênero é mais relevante como afirmação da identidade do que qualquer aspecto físico (genitália, hormônios ou cromossomos). Dessa forma, é preciso ser cauteloso ao problematizar os estereótipos de gênero presentes na mídia com as meninas, já que elas provavelmente entenderão simplesmente que "ser menina" é errado, ao invés de compreender que "a mídia lhes oferece poucas e estereotipadas opções e representações de meninas e mulheres" (Orenstein, 2011; Lamb & Brown, 2006).

Ao afirmar que não gosta de princesas, pois "é muito drama", Isadora pode estar em busca de se distanciar das características tradicionalmente atribuídas ao feminino e presente nas Princesas (romance, transparência emocional, criação de vínculos afetivos, empatia e gentileza, por exemplo).

As mães podem ver com orgulho como suas espertas filinhas assumem os equipamentos dos Power Rangers, adquirem atitudes glandulares, e 'chutam traseiros masculinos', mas não podem perceber que isso é a economia diária da masculinidade disfarçada e orgulhosa que está sendo celebrada em vez de um pensamento ético mais criticamente feminino. (McLaren & Morris, 2004, p. 194)

Compete, nesse momento, analisar qual seria a formação imaginária do sujeito crianças, representadas aqui por Isadora, que ocupa, neste momento, a PS2 Cinderela, sobre as princesas.

Formação Imaginária 3 (FI 3)¹²⁴

Crianças ----->Princesas

Vendo nelas algo feminino e associando-o com o negativo (através da procura por distanciamento do tema), então Isadora, apesar de provocar ruído ao priorizar a competitividade e ao dizer que não gosta de princesas, na verdade encontra-se na posição-sujeito de identificação (PS2 Cinderela). Como sujeitos sob a perspectiva da Análise de Discurso, as crianças movimentam-se através do discurso. Embora Isadora exemplifique quais saberes hegemônicos da "cultura da princesa" fazem parte da FI 3, veremos a seguir que as crianças, quando ocupam outras posições-sujeito, também possuem em seu imaginário sobre princesas saberes que não fazem parte do discurso hegemônico.

As crianças começaram a tomar o rumo da contra-identificação próximo ao final das gincanas. A última atividade compreendia a colagem de papéis coloridos autoadesivos em um cartaz com as seguintes afirmações: "princesas são fortes", "princesas são fracas", "princesas são delicadas" e "princesas são corajosas"¹²⁵. As crianças poderiam colar adesivos embaixo de qualquer uma das quatro afirmações, desde que concordassem com elas.

Nesse momento, principalmente entre as crianças mais velhas, os questionamentos aos saberes tradicionais da "cultura da princesa" começaram a

¹²⁴ Considero aqui apenas o imaginário sobre as princesas. Como vimos anteriormente, a figura da princesa é a que mais se destaca como protagonista do tema contos de fadas. O príncipe, apesar de ter o papel ativo, foi vinculado à princesa por muitas crianças (ver capítulo 6.1). Para este momento da análise, é relevante destacarmos a formação imaginária das crianças sobre as princesas especificamente.

¹²⁵ Vale relembrar neste momento que a Análise de Discurso considera impossível que o analista esteja completamente imune à ideologia dominante e, conseqüentemente, às formações imaginárias derivadas da memória discursiva. As próprias quatro afirmações escolhidas para o cartaz refletem aspectos da FD "cultura da princesa", uma vez que é impossível ao sujeito escapar desse jogo do processo discursivo, do qual o imaginário faz parte.

aparecer. Como vimos anteriormente, Piaget (1999) afirma que é após os sete anos de idade que a criança desenvolve habilidades mais complexas para debate, assim como sua capacidade de ouvir outras crianças e dialogar com elas aumenta.

Nos grupos 2, tanto da Associação, quanto da escola particular, as crianças se mostraram capazes de separar Princesas que consideravam "fortes", "fracas", "delicadas" e "corajosas". Seguindo na mesma linha do "não só" que vimos no subcapítulo anterior, as crianças aceitavam que algumas princesas poderiam ser corajosas e delicadas, outras poderiam ser fortes e corajosas e delicadas. Indo além, as crianças mostraram aceitar a possibilidade de existirem princesas fracas, princesas fortes, princesas corajosas e princesas delicadas. Na SD 68 abaixo, veremos Milena e Luana escaparem da lógica do "não só", deslocando-se em direção à contra-identificação com a utilização do conceito "algumas".

O fato desse discernimento ter surgido no final da atividade, quando as crianças já estavam mais à vontade com os questionamentos e com o tema de pesquisa, pode indicar que a proposta metodológica mostrou-se eficiente na forma de um estímulo ao debate. Esse debate, apesar de proposto por mim e pela Aplicadora, fugiu, de certa forma, ao nosso controle, e houve momentos nos quais nós acabávamos atuando apenas como ouvintes dos diálogos entre as crianças.

Sequência Discursiva 68 (SD 68) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E... vocês colocam o post-it embaixo da frase que você acha que é verdade. Ok? Só do que você acha que é verdade. Então... princesas são fortes. Vocês acham que elas são fortes?

Milena - Sim.

Pesquisadora - E vocês? Acham que elas são fortes?

Luana - Não. O príncipe.

Pesquisadora - Princesas são fracas?

Luana - Não. São frágeis.

Pesquisadora - E princesas são corajosas?

Luana - Algumas.

Milena - Algumas.

Pesquisadora - Pode colocar, então.

Luana - Eu já coloquei tudo o que tinha para colocar. Eu tô com dó desse.

Pesquisadora - Não precisa ficar com dó, tá tudo bem, ele não vai ficar chateado.

Milena - Ah, deixe. São fracas algumas.

Luana - É, algumas, né?

Pesquisadora - Entendi.

Luana - A Moana ela não é fraca, ela é corajosa.

Sequência Discursiva 69 (SD 69) - Associação grupo 2

Aplicadora - Tá. Aqui ó, aqui diz que princesas são fortes, princesas são fracas, princesas são corajosas e princesas são delicadas. Vocês vão pegar seus post its e vocês vão colocar em tudo que vocês concordarem. Eu vou repetir, tá bom? Quem concorda que princesas são fortes?

Elisa - Foram dois!

Aplicadora - Não tem problema, espera pra colocar...

Bruno - Vou pôr dois.

Aplicadora - Tá, e as princesas são fracas?

Camila - Não

Aplicadora - Ninguém concorda? Você sim, Bruno? Tá, e as princesas são corajosas? Não se matem [risos]

Bruno - Vou pôr dois.

Aplicadora - Por que elas são muito corajosas? Isso? E as princesas são delicadas?

Artur - Sim

Bruno - Ponha.

Aplicadora - Pronto?

Camila - Pera, vou pôr tudo isso aqui.

Aplicadora - Ah porque elas são muito delicadas.

Elisa - Muito

Bruno - Vou pôr bastante

Na SD 68, as crianças da Associação debateram comigo e entre si antes de colarem seus papéis nos cartazes. Nessa mesma SD podemos perceber que as crianças se movimentam por diferentes posições-sujeito. Luana, ao dizer que as princesas não são fortes, acrescenta que o príncipe é. Nesse momento, ela ocupa a posição de identificação PS1 Bela Adormecida. Porém, na hora de responder se elas são fracas, há um deslocamento na posição-sujeito ocupada por Luana. Ela provoca ruído ao discordar do saber tradicional da "cultura da princesa" de que "princesas são fracas" e, apesar de acabar colando seu papel da cor roxa abaixo da afirmação, ela acrescenta que não acredita que as princesas sejam fracas, mas sim "frágeis".

Mesmo que com definições muito similares, fragilidade e fraqueza possuem significados diferentes. A noção de fragilidade está mais próxima à delicadeza do que à fraqueza. Luana, então, assume a PS2 Cinderela. Nas próximas perguntas, Milena, que respondeu que concordava com a afirmação "princesas são fortes", leva em consideração as observações de Luana e acaba optando por acrescentar seu papel de cor azul abaixo de "princesas são fracas". As duas consideram que sim, algumas princesas podem ser corajosas e, colocando como contraponto, outras podem ser fracas. Luana exemplifica usando Moana como exemplo de Princesa corajosa (lembrando que Moana é a única Princesa até o momento que foi criada após o *Dream Big Princess*). Nesse momento, Milena e Luana se deslocam para a PS4 Mulan, apresentando os

primeiros sinais de contra-identificação com a "cultura da princesa", ao questionarem a generalização das personagens femininas e mostrarem compreender que existe mais de uma maneira de "ser princesa".

As meninas, porém, colocam "coragem" e "fraca" em polos opostos. Em momento algum, elas apontam a possibilidade de uma mesma princesa ter todas as quatro características: força, fraqueza, coragem e delicadeza. Segundo Projansky (2015), essa dicotomia é propagada pela representação midiática das meninas e mulheres que se resumem a dois "tipos de garotas": a "garota consegue" (*can do*) e a "garota em risco" (*at-risk*).

Apesar das muitas contribuições que as pesquisas de Orenstein (2011) trouxeram para os estudos de gênero, mídia na infância e sobre a sexualização infantil (especialmente de meninas) na mídia, acredito que este seja um bom momento para trazer um contraponto. Projansky (2015) aponta (criticando inclusive o próprio *Cinderella Ate My Daughter*) que o discurso midiático ao mesmo tempo em que propicia a sexualização, objetificação, os padrões de beleza inalcançáveis e o limite de expectativas sociais e profissionais para e sobre meninas, os próprios produtos midiáticos e profissionais de mídia também se encarregam de alimentar esse discurso com o que Projansky chama de "pânico moral".

Jornalistas e pais se preocupam sobre a hiper-sexualização das meninas nas representações midiáticas e tendências de moda. Tudo isso é parte da espetacularização da infância feminina na cultura midiática da virada do século XXI: a produção discursiva e a regulação social da menina como fabulosa e/ou objeto escandaloso a se exibir¹²⁶ (Projansky, 2015, p. 6).

É compreensível que Orenstein, enquanto jornalista e mãe, por vezes caia no discurso do "pânico moral". Mesmo assim, não se pode desprezar a importância de sua pesquisa científica. Sua experiência etnográfica em duas escolas públicas norte-americanas (conforme relatada no livro *Schoolgirls: young women, self-esteem and the confidence gap*. Nova Iorque: Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc., 1996) revelou que a mídia não é a única responsável pelo

¹²⁶ Journalists and parents worry about the hyper-sexualization of girls in media depictions and fashion trends. All this is part of the spectacularization of girlhood in the turn-of-the-twenty-first-century media culture: the discursive production and social regulation of the girl as a fabulous and or scandalous object in display.

comportamento sexual de risco dos adolescentes (e por vezes até mesmo crianças e pré-adolescentes). Como vimos nos capítulos anteriores, a socialização escolar e familiar de meninos e meninas reproduz estereótipos de gênero e consolida os saberes tradicionais sobre gênero e binarismo na memória discursiva das crianças.

Esta dissertação, no entanto, trata-se de um trabalho da área da Comunicação e, como tal, tem seu foco prioritário na relação das crianças e nos produtos midiáticos por elas consumidos. Nesse aspecto, é preciso levar em consideração as observações de Projansky (2015): a hipersexualização, a cultura da celebridade, o incentivo ao consumismo mascarado como liberdade financeira, as próprias Princesas Disney, todas essas representações midiáticas podem ser reduzidas a dois "tipos" de menina: a que "consegue" e a que está "em risco". Sendo assim, pode-se assumir a formação imaginária predominante nos produtores midiáticos sobre meninas.

Formação Imaginária 4 (FI 4)

Produtores Midiáticos ----->Meninas

As características da FI 4, usando como base os estudos de Projansky (2015) podem ser relacionadas aos saberes tradicionais da "cultura da princesa" nos contos de fadas, como vimos no capítulo 4, no Quadro 2. Mostro essa relação no Quadro 3 abaixo:

QUADRO 3: CARACTERÍSTICAS DA FORMAÇÃO IMAGINÁRIA 4

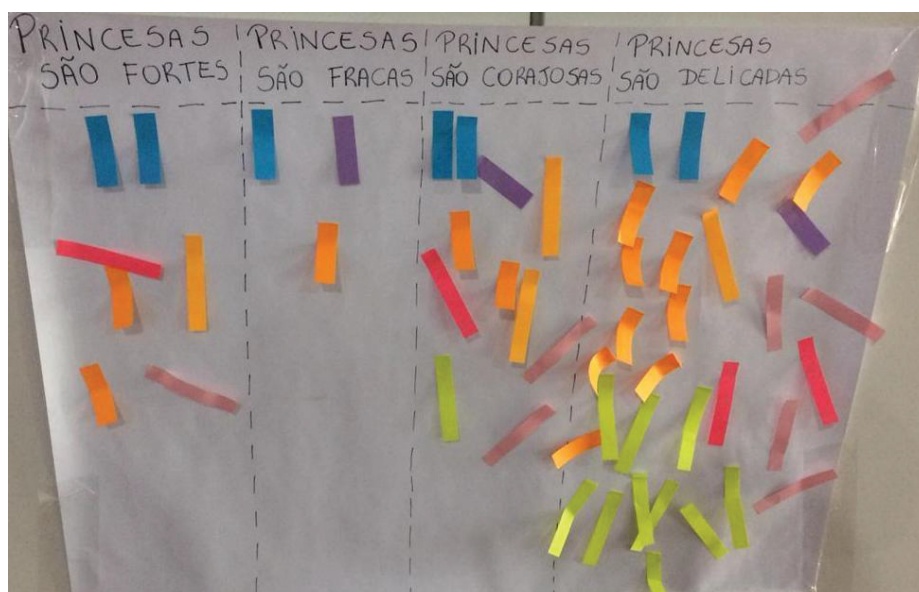
"Tipo" de garota	Características predominantes deste "tipo" de garota na mídia	Personagem nos contos de fadas (conforme "cultura da princesa")
Garota "consegue" (can-do girl)	Bonita; Branca; Corpo magro, mas não muito; Inteligente; Gosta de esportes; Confiante; Resiliente; Empoderada; Pensa antes de agir; Romântica, mas não sexualizada	Princesas
Garota "em risco" (at-risk girl)	Beleza não tradicional; Não-branca; Corpo não-magro ou muito magro;	Bruxas, madrastas más e vilãs no geral

	Finge ou não é inteligente; Age antes de pensar; Baixa auto-estima; Depressiva; Sexualizada	
--	---	--

Na figura 35 abaixo, temos o resultado das colagens das crianças do segundo grupo da Associação na atividade do cartaz com as quatro afirmações. A imagem reflete, de forma simbólica, os deslocamentos das crianças da Associação em relação à FD "cultura da princesa" durante a gincana.

Cada papel representa uma criança. O roxo representa Luana, o rosa claro representa Camila, o amarelo representa Elisa e o azul representa Milena. Entre os meninos, o laranja curto representa Bruno, o laranja comprido representa Tomas e o rosa escuro representa Artur.

FIGURA 35: CARTAZ GRUPO 2 ASSOCIAÇÃO



Nesse momento da gincana, as crianças que assumiram a PS1 Bela Adormecida foram Luana, Milena e Bruno, ao marcarem concordância com a afirmação "princesas são fracas". Tomas e Camila mostraram ocupar a PS4 Mulan com suas três marcações, afirmando que princesas são fortes, corajosas e também delicadas. Luana desloca-se para a PS2 Cinderela quando aceita que algumas princesas, como Moana, podem ser corajosas, mas não fortes.

Milena desloca-se para a PS4 Mulan, iniciando um movimento em direção à PS5 Merida (início da resistência através do diálogo) ao ressaltar verbalmente que apenas "algumas" princesas são fracas. Ela concordou com o saber dominante exposto por Luana, mas ao mesmo tempo apresentou resistência em generalizá-lo para todas as princesas.

No cartaz acima, nenhuma das crianças ocupou a PS6 Moana, a posição mais próxima à contra-identificação total com a FD "cultura da princesa". Todas as crianças participantes marcaram (com bastante ênfase dada à quantidade de papéis) que princesas são delicadas, sendo assim, a resistência está presente em seus dizeres, mas seu discurso ainda tem resquícios de saberes hegemônicos.

Houve momentos, porém, no qual esse deslocamento em direção à PS6 Moana ocorreu. Ocupando essa PS, as crianças mostraram ter em seus imaginários saberes que não se encaixavam com os expostos no Quadro 3 acima.

Sequência Discursiva 61 (SD 61) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que a princesa pode fazer?

Margareth - A princesa pode andar em um dragão e nadar em um lago com piranhas.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Margareth - Ela não pode não andar de dragão e não nadar em um lago com piranhas.

Sequência Discursiva 70 (SD 70) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que é uma princesa?

Juliana - Uma menina muito corajosa, ela é forte, ela tem força para enfrentar todos os perigos, ela é corajosa e algumas princesas têm uma espada.

Sequência Discursiva 71 (SD 71) - Associação grupo 2

Aplicadora- Tá, e os príncipes eles vão pra escola?

Elisa - Vão.

Aplicadora - E o que que eles aprendem lá?

Elisa - Eles aprendem cuidar das mulheres e nunca bater nelas, e também aprendem a nunca falar pros pais que não querem casar com outra pessoa, e também nunca ir pra rua.

Nas SDs acima, Margareth, Juliana e Elisa ocupam a PS6 Moana. Margareth e Juliana descrevem a princesa como corajosa, guerreira e forte. Elisa descreve o príncipe como uma pessoa cuidadosa, respeitosa e obediente, características atribuídas na memória discursiva às personagens femininas, mas que aqui ela apropria ao príncipe e ao masculino. Essas características não condizem com os saberes hegemônicos da "cultura da princesa" e também estão

ligeiramente afastadas das belas princesas que fazem um pouco de tudo na campanha *Dream Big Princess*.

Os meninos também ocuparam a PS6 Moana, porém, devido ao "currículo escondido", esses momentos ocorriam com menos frequência do que entre as meninas.

Sequência Discursiva 72 (SD 72) - Associação grupo 2

Aplicadora - Tá. Bruno, me diz, as princesas vão pra escola?

Bruno - Vão.

Aplicadora - O que que elas aprendem lá?

Bruno - A ler, a escrever, a desenhar, não reprovar, passar de ano e fazer toda a lição.

Aplicadora - Tá, e os príncipes eles vão pra escola?

Bruno - Vão

Aplicadora - E o que que eles aprendem lá?

Bruno - Aprender a ler, passar de ano, a escrever, desenhar, passar de ano, não reprovar, fazer toda a lição e respeitar a professora.

Na SD acima, Bruno atribui a príncipes e princesas os mesmos direitos e responsabilidades na escola. As tarefas e aprendizados deles no ambiente escolar são os mesmos exigidos e oferecidos (em teoria) a qualquer criança. Bruno, ao igualar a educação de príncipes e princesas e ao não trazer os saberes hegemônicos da "cultura da princesa" para defini-los, passou a ocupar a PS6 Moana.

Guilherme, na SD 74 abaixo, inicialmente ocupa a PS6 Moana, dizendo que princesas podem fazer quase tudo o que quiserem. No entanto, quando indagado sobre o que lhes seria proibido, ele desliza para a PS4 Mulan.

Sequência Discursiva 74 (SD 74) - Escola grupo 2

Aplicadora - Ok. O que ela pode fazer?

Guilherme - Ela pode fazer o que que ela quiser quase.

Aplicadora - E o que que ela não pode fazer?

Guilherme - Cutucar o nariz.

"Cutucar o nariz" é uma atitude considerada anti-higiênica e mal-educada, ou seja, proibida para princesas segundo a "cultura da princesa". No entanto, as crianças frequentemente recebem represálias de adultos por comportamentos como esse e, dada a sua proximidade com a realidade infantil e considerando a resposta anterior de Guilherme que afirma que a princesa "pode fazer o que ela quiser", considero que ele ocupa a PS4 Mulan, rumo à contra-identificação.

Ao longo deste subcapítulo é possível perceber que a FI 3 (formação imaginária das crianças sobre as princesas), inclui também a noção de que nem todas as princesas são iguais e, enquanto algumas podem se identificar com os saberes hegemônicos da FD "cultura da princesa", outras podem estar contra-identificadas e apresentar resistência a eles.

A FI 3 apresenta saberes parecidos com aqueles presentes na campanha *Dream Big Princess*, o que pode indicar que a Disney Princesa, de fato, está abrindo espaço para que as crianças questionem alguns dos saberes clássicos da FD "cultura da princesa" e, conseqüentemente, ampliem suas expectativas de papéis que "podem" ser desempenhados por meninos e por meninas.

A *Dream Big Princess*, como vimos no subcapítulo anterior, apesar de trazer certos ruídos (como princesas corajosas, que saem do universo dos contos de fadas e se aproximam das crianças reais), ainda se mantém identificada com a FD "cultura da princesa" ao reforçar a importância da beleza física (que segue os padrões hegemônicos de magreza, cor de pele e curvas), a importância de ser único e ser/ter tudo.

As crianças que participaram das gincanas para esta dissertação em momentos pontuais, foram além dos ruídos propostos pela *Dream Big Princess*. Usando estratégias do Discurso de Resistência (Pêcheux, 1990), elas (em especial as meninas da escola particular) questionaram os saberes hegemônicos da FD "cultura da princesa" e puseram em dúvida também alguns aspectos reforçados pelo *Dream Big Princess*, como veremos no subcapítulo a seguir.

7.3 "QUANDO MINHA VIDA VAI COMEÇAR?": CONTRA-IDENTIFICAÇÃO E DISCURSO DE RESISTÊNCIA

Dentro da FI 3 (formação imaginária das crianças sobre as princesas), podemos abrir duas subdivisões:

Formação Imaginária 3 (FI 3)

Crianças ----->Princesas

Formação Imaginária 3.1 (FI 3.1)

Crianças Associação ----->Princesas

Formação Imaginária 3.2 (FI 3.2)

Crianças escola ----->Princesas

Quem é a princesa no imaginário das crianças da escola e quem é a princesa no imaginário das crianças da Associação? Para responder a essa dúvida, trago novamente algumas SDs que foram analisadas nos capítulos anteriores.

Sequência Discursiva 2 (SD 2) - Associação grupo 1

Pesquisadora - Ok. E o que ela [princesa] pode fazer, Joaquim?

Joaquim - Ela pode fazer, ela só fica no castelo, na cama, assistindo TV.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Joaquim - Ela não pode sair do castelo porque os guarda não deixam.

Sequência Discursiva 27 (SD 27) - Associação grupo 2

Aplicadora - O que é uma princesa?

Artur - Princesa é uma rainha.

Aplicadora - uhum

Artur - Usa vestido, tem coroa...

Bruno [sussurrando] - Tem guardas.

Artur - Usa maquiagem...

Aplicadora- uhum

Artur - usa salto...

Aplicadora - Tá

Artur - Vai pro baile...

Aplicadora- Tá

Bruno [sussurrando] - quer ficar com o príncipe...

Artur - quer ficar com o príncipe...

Aplicadora - uhum

Artur - e se casam.

Sequência Discursiva 4 (SD 4) - Escola grupo 1

Aplicadora - E para você, Andrea, o que é um príncipe?

Andrea - Um menino... que não pode fazer coisa de menina.

Aplicadora - Me dá um exemplo, de coisa de menina.

Andrea - Um monte de coisa. Balé.

Sequência Discursiva 43 (SD 43) - Escola grupo 2

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Julio - Uma princesa ela pode ficar sentada sem fazer nada, dormindo. O que ela não pode é achar um dragão se não ela vai correr até o infinito até morrer.

Pesquisadora - Ok. O que é um príncipe?

Julio - Um princeso? Um príncipe? É um cara muito legal, fortão e que sempre salva a princesa sem razão.

Como vimos em capítulos anteriores, as crianças da Associação definem as princesas pelas suas características socioeconômicas, enquanto as crianças da

escola particular as definem de acordo com suas características comportamentais. As quatro SDs reproduzidas novamente acima ilustram essa diferença.

Joaquim (na SD 2) e Julio (na SD 43) falam sobre a princesa ser obrigada a ficar em casa. Joaquim ressaltava elementos materiais (o castelo, a TV, a cama) e sociais (os guardas, representando segurança/polícia) às posses da princesa. Julio descreve os comportamentos: dormir, "fazer nada", o medo que a princesa sentiria ao encontrar um dragão que fica implícito na frase "o que ela não pode é achar um dragão, se não vai correr até o infinito até morrer".

Na Associação, Artur e Bruno falam do vestido, da coroa, maquiagem e, novamente, dos guardas. Eles falam também sobre romance, que seria um aspecto comportamental da princesa, mas sob a perspectiva do casamento, uma instituição social. Já na escola, Andrea classifica o príncipe como alguém que não pode adotar comportamentos "de menina".

Relembrando a noção de formações imaginárias, temos "todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor 'ouve' suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem" (Orlandi, 2015, p. 37). Os saberes que compõem as formações imaginárias partem da memória discursiva do sujeito e, esta, faz parte do conjunto de saberes presentes dentro de uma ideologia.

Segundo Eni Orlandi, a ideologia, para o analista de discurso, deve ser encarada como a "interpretação de sentido em certa direção, direção esta determinada pela história" (2018, p. 97). É importante ressaltar que, na AD, "não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia" (Orlandi, 2018, p. 96). A ideologia dominante que compõe os saberes da memória discursiva e, por conseguinte, as formações imaginárias das crianças é a mesma, tanto que podemos reunir o imaginário da escola e da Associação em uma única FI (FI 3).

As formações imaginárias, por sua vez, estão inseridas dentro da ideologia e em relação à formação discursiva (FD). "A formação discursiva se define como aquilo que, numa formação ideológica dada [...] determina o que pode e deve ser dito" (Orlandi, 2015, p. 41). Pêcheux (2019) aponta que entre as formações discursivas existentes dentro de um mesmo contexto ideológico há uma relação de desigualdade-subordinação. Para ele, FDs distintas podem questionar as mesmas coisas sob formas diferentes e também possuir elementos

e referências completamente diferentes. O que prevalece nessa relação, no entanto, é a formação ideológica, que irá ditar qual FD será subordinada a qual.

Deslocando essa noção para as formações imaginárias, observo que também há uma relação de desigualdade-subordinação entre a FI 3.1 e a FI 3.2. "Nas salas de aula de Audubon, questões de gênero são frequentemente subordinadas por questões humanitárias básicas" (Orenstein, 1996, p. 136). A relação observada por Orenstein entre as escolas Weston, que atendia crianças de classe média, e Audubon, que atendia crianças de famílias de baixa renda, é a mesma que observei entre as crianças da escola e as da Associação.

Enquanto na escola as questões comportamentais relacionadas às performances de gênero eram as mais discutidas e contestadas pelas crianças, na Associação o principal eram as discussões a respeito dos aspectos sociais, como a segurança, o casamento e as riquezas de propriedade de príncipes e princesas. Orenstein ainda acrescenta que, devido à discriminação, abuso e racismo que fazem parte do cotidiano das crianças de baixa renda, além das questões binárias e de performance de gênero ensinadas no "currículo escondido", elas também aprendem que suas mentes, potencial e opiniões não possuem tanto valor quanto as de uma princesa, por exemplo.

Uma formação imaginária tradicional dos adultos sobre as crianças é a de que as crianças são inferiores e ainda não alcançaram o desenvolvimento pleno de suas capacidades como o adulto. Por isso, é comum que adultos enxerguem crianças em posição de subordinação. A criança pós-moderna, questionadora e culta, é vista com medo e ressalvas pelos adultos (Steinberg & Kincheloe, 2004). "Livros sobre crianças publicados recentemente atentam para as assustadoras crianças precoces que vão 'além de suas capacidades' no tocante não apenas à obediência, mas a uma nova forma de dependência" (idem, p. 37).

As crianças, porém, têm também suas próprias formações imaginárias sobre os adultos e sobre elas mesmas, crianças. Dado o exposto acima, pode-se dizer que a formação imaginária das crianças da Associação sobre elas mesmas as mantém em uma posição de subordinação aos adultos (manifestando-se por vezes através do silêncio literal como vimos no capítulo 6), e até mesmo à Disney. Já a formação imaginária das crianças da escola particular sobre elas mesmas as

autoriza a manifestarem suas opiniões e a questionarem adultos e colegas diretamente.

As crianças, então, assumiram reações diferentes para produzir sentidos quando em posições mais próximas à contra-identificação com a "cultura da princesa" (PS4 Mulan, PS5 Merida e PS6 Moana). Quando questionavam os saberes hegemônicos ou se eram repreendidas por colegas em posição de identificação, as crianças da escola particular confrontavam os colegas diretamente. Dificilmente ocorria deslizamento de posição-sujeito nesses casos e as crianças mantinham as mesmas posições do início do conflito (as identificadas permaneciam identificadas, as contra-identificadas também não mudavam).

Já as crianças da Associação, mais silenciosas, buscavam o diálogo e a troca de opiniões. Na maioria das vezes, essa troca de opiniões fazia com que o saber hegemônico prevalecesse e a criança que inicialmente parecia estar deslizando para uma posição sujeito próxima a contra-identificação, acabava por "inverter" o movimento em direção à posição de identificação.

Houve, no entanto, em ambas as instituições e mais para o final das gincanas, ocasiões nas quais as crianças utilizaram o discurso de resistência (PS5 Merida e PS6 Moana) em diálogos entre si para posicionarem-se de forma contra-identificada à FD "cultura da princesa".

Como vimos no capítulo 6, segundo Pêcheux (1990, p. 16) são características do discurso de resistência:

- | | |
|--|---|
| a) | N |
| ão "escutar" ordens; | |
| b) | N |
| ão repetir litanias, ou repeti-las de modo errôneo; | |
| c) | F |
| alar quando se exige silêncio; | |
| d) | F |
| alar sua língua nativa como se a dominasse mal; | |
| e) | M |
| udar, alterar ou desviar os sentidos das palavras ou frases; | |
| f) | T |
| omar enunciados ao pé da letra; | |

g)

D

eslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico, jogando com as palavras

A resistência é um movimento de desajuste em relação às regras ditadas pela FD dominante (no caso, a "cultura da princesa"). Como apontei anteriormente (capítulo 6), essas características foram apropriadas pelos meninos da escola particular como forma de censura, já que o discurso dos meninos naquele momento estava alinhado com os saberes do discurso hegemônico, buscando silenciar discursos contra-identificados. Em geral mais quietas do que os meninos, as meninas da escola particular e da Associação também empregaram algumas estratégias do discurso de resistência mas, dessa vez, assumindo a posição contra-identificada de resistência PS5 Merida.

Sequência Discursiva 73 (SD 73) - Associação grupo 1

Pesquisadora - Joaquim, você gosta de princesas?

Joaquim nega.

Pesquisadora - Não? Por quê?

Joaquim - Porque as princesas elas transformam os outros de sapo.

Pesquisadora - E tem uma princesa que você ache que é mais legal do que as outras?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Qual?

Joaquim - Uma princesa que só fica, só fica... lá, só do rei.

Pesquisadora - Que só fica com o rei?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - E tem uma princesa que é mais chata?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Qual?

Joaquim - Que fica com a varinha que transforma os outros de sapo.

Pesquisadora - Ana, você gosta de princesas?

Ana assente.

Pesquisadora - Sim? E por quê?

Ana - Por causa que ela faz magia.

Pesquisadora - E tem uma princesa que é mais legal que as outras?

Ana assente.

Pesquisadora - Qual?

Ana - A princesa gosta de fazer uma magia de brinquedos pras crianças.

Pesquisadora - E tem uma princesa mais chata?

Ana assente.

Pesquisadora - Qual?

Ana - Uma princesa que é bem mais chata de todas.

Pesquisadora - Por quê?

Ana - Por causa de que ela transforma tudo de sapo.

Na SD 73 acima, Joaquim afirma que não gosta de princesas mágicas (a magia, na "cultura da princesa" é atribuída a bruxas e fadas, personagens

femininas com papel ativo na narrativa, mas normalmente associadas à maldade). Ele também mostra que, dentre as princesas, as que considera "mais legais" são as princesas obedientes e que não saem de casa. Ana, no entanto, discorda diretamente dele. Utilizando o mesmo argumento que Joaquim teve para dizer que "não gosta", Ana muda o sentido para "gosta" ao separar as princesas que fazem magia como "princesas legais" e princesas que "transformam tudo de sapo" como "princesas chatas".

Mais adiante na gincana, Karin (8 anos)¹²⁷ também afirma que há diferença entre feitiços bons e feitiços ruins. Logo em seguida, Joaquim mostra que refletiu sobre o que foi dito com suas colegas e separa as princesas que vão para a escola aprender a ler, da diretora que as oprime.

Sequência Discursiva 74 (SD 74) - Associação grupo 1

Pesquisadora - Aqui. Princesas vão para a escola, Karin?

Karin - Vão para a escola de magia, pra aprender, pra não fazer sem querer feitiço mau.

Pesquisadora - E as princesas vão para a escola, Joaquim?

Joaquim - Elas vão para a escola pra saber as letra do alfabeto e a diretora que é muito brava que tem a varinha pra transformar de sapo.

Joaquim, que antes ocupava a PS1 Bela Adormecida, desliza nesse momento para a PS2 Cinderela. Agora, só a diretora é a "princesa chata". A magia, aspecto característico das fadas e bruxas na "cultura da princesa" ainda é vista como má por ele, mas a leitura, aspecto presente na memória discursiva como positivo e emancipador, agora é ensinado às princesas. Outro ponto: Joaquim antes afirmava que as princesas passivas não saíam de casa. Ao afirmar agora que elas podem ir à escola, ele atribui à princesa um papel um pouco mais ativo, o que justifica o deslizamento da PS1 Bela Adormecida para a PS2 Cinderela.

O discurso de resistência nas crianças mais novas aparece poucas vezes e de forma mais sutil do que se comparado às crianças mais velhas. Isso ocorre devido à etapa do desenvolvimento que cada criança se encontra. Segundo Piaget, até os primeiros meses dos 7 anos de idade, a criança "reagirá primeiramente às relações sociais e ao pensamento em formação comum ao

¹²⁷ Apesar da sua idade, Karin participou da gincana no grupo 1 por questões de organização interna da rotina das crianças na Associação.

egoísmo inconsciente", no qual "em lugar de sair de seu próprio ponto de vista para coordená-lo com o dos outros, o indivíduo permanece centralizado em si mesmo" (Piaget, 1999, p. 27). Na prática, isso quer dizer que a criança nessa faixa etária entende opostos (sim/não, gostar/não gostar) e suas próprias opiniões e visões de mundo, mas ainda não tem a prática social necessária para estabelecer um diálogo que envolva ouvir os colegas e estabelecer uma atmosfera de debate.

Na escola particular ocorreu algo parecido. Assim como Joaquim e Ana, as crianças mais novas da Associação, Carlos, Cristina, Andrea e Matias, da escola, também estabeleceram entre si um diálogo menor do que ocorreu no grupo das crianças mais velhas. Porém, talvez por estarem mais próximas dos 8 anos e da segunda infância do que Joaquim e Ana e talvez devido ao currículo escolar, o qual procura incentivar e promover oportunidades de debate entre os alunos, as crianças da escola particular conseguiam identificar opiniões contrárias e provocar colegas para um conflito de ideias.

Sequência Discursiva 53 (SD 53) - Escola grupo 1

Carlos - Ela vai soltar um pum. A minha princesa.

Andrea - Eeeei...

Carlos - (afinando a voz) Respeito com as mulheres...

Cristina - É, respeito com as mulheres mesmo

Na SD 53, reproduzida novamente acima, Andrea confronta Carlos diretamente quanto ele fala algo que ela considera ofensivo. Quando Carlos responde em tom de deboche, Cristina interfere, unindo-se à Andrea. Ao desafiarem o "currículo escondido" e se imporem perante ao colega menino (ao invés de se calarem, como Orenstein afirma que é a lição que o "currículo escondido" passa para as meninas), Cristina e Andrea provocam um ruído no discurso hegemônico, posicionando-se na PS4 Mulan.

Pouco tempo depois Andrea desliza para a PS5 Merida, utilizando seu desenho como forma de resistência.

Sequência Discursiva 75 (SD 75) - Escola grupo 1

Carlos - Ei! Você colocou [o nome do príncipe] Carlos?

Andrea - Aham.

Carlos - EEEEE!

Andrea ri.

Aplicadora - Isso é bom. Imagina você de príncipe?

Carlos - Eu não quero ser famoso.

Carlos deixou claro desde o início da atividade que não gostava do tema "príncipes e princesas". Durante toda a gincana ele procurou se afastar e silenciar o tema, que considerava "impróprio para meninos". Andrea, de propósito, coloca o nome do príncipe de seu desenho o nome de Carlos. Ela ri quando ele percebe o que ela fez. Ao usar o nome de Carlos, Andrea sabe que irá provocá-lo de uma maneira que ele terá menos chances de impedir. O desenho, afinal de contas, era dela e uma das regras do jogo expostas para as crianças já no início era a de que as respostas e atividades de cada um deveriam ser respeitadas pelos demais.

O que Andrea fez com seu desenho foi utilizá-lo como forma de resistir à imposição do discurso hegemônico por parte de Carlos, na SD 53, "dar-lhe o troco", por assim dizer. "Os sentidos proibidos 'transpiravam' por qualquer signo inocente" (Orlandi, 2018, p. 114).

Percebendo o que Andrea fez, a Aplicadora provocou Carlos para que ele expressasse sua opinião a respeito da atitude, usando o contraponto de que, afinal, não seria bom ser um príncipe? Carlos, ao invés de responder com características comportamentais (como boas maneiras e coragem, as quais vinha usando na gincana como forma de negativa de definir o príncipe), optou por usar o argumento da fama (também característica do universo das princesas, como vimos anteriormente neste capítulo).

Carlos diz que não quer ser famoso. Durante toda a gincana, porém, ele cita como referência positiva celebridades do futebol como Neymar e Cristiano Ronaldo. O que ele rejeita, na SD 75, é a fama do príncipe, uma fama vinculada a um universo "de menina".

"A provocação, uma forma predominante de criticismo entre crianças, tem consequências poderosas emocionalmente e comportamentalmente nas relações de gênero¹²⁸" (Thorne, 1993, p. 53). A provocação, quando parte dos meninos em direção às meninas, é física, com meninos correndo atrás de meninas ou procurando falar mais alto suas ideias contrárias. Já quando são as meninas que provocam os meninos, as ações costumam ser mais sutis e envolvem o que

¹²⁸ "Teasing, a prevalent form of criticism among kids, has powerful emotional and behavioral consequences for gender relations".

Thorne chama de "provocação heterossexual", ou seja, meninas brincam que irão beijar, abraçar ou atribuir ao menino outras características consideradas pelo saber hegemônico (e por muitas crianças) como femininas.

As diferenças no discurso de resistência entre crianças mais velhas e mais novas na escola particular foram mais discretas do que na Associação. Na escola, as provocações eram respondidas de forma mais direta em ambos os grupos.

Sequência Discursiva 62 (SD 62) - Escola grupo 2

Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Julio - Não, porque elas não são inteligentes.

Margareth - Como ousa!

Porém o grupo 2, em especial as meninas, se utilizaram de um leque maior de elementos do discurso de resistência. Um padrão que foi observado em todos os grupos era a união por gênero na hora do conflito. Thorne (1993) explica que esse tipo de união é o predominante nas relações diretas entre as crianças, mas que pode ser minimizada (e portanto nem sempre percebida ou atribuída a devida importância) quando as crianças se direcionam aos adultos. "Meninas e meninos, que compartilham a posição subordinada de crianças, às vezes se juntam para resistir ou manobrar perto da autoridade do adulto" (Thorne, 1993, p. 56).

Da maneira como as gincanas foram organizadas, essa disputa meninos *versus* meninas pode ser observada, mesmo com a presença das adultas em sala. Nas SDs abaixo, Margareth e Juliana se uniram a favor de defenderam a imagem de uma princesa forte e emocionalmente autônoma.

Sequência Discursiva 76 (SD 76) - Escola grupo 2

Pesquisadora - Ok. O que é um príncipe?

Julio - Um princeso? Um príncipe? É um cara muito legal, fortão e que sempre salva a princesa sem razão.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Margareth - Uma pessoa que pensa que é o melhor.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Juliana - Ele é bonitão e eu quero casar com ele.

Crianças rindo.

Juliana - E ele é bonitão, musculadão e ele tem uma espada, bonito, musculadão, isso eu já falei, e ele sempre salva a princesa.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Lucas - Um homem que salva princesa e mata o dragão.

Sequência Discursiva 77 (SD 77) - Escola grupo 2

Pesquisadora - Perfeito. Obrigada, galera! Vamos, vamos, vamos!

Próximas perguntas! Você gosta de princesas?

Julio - Não porque elas são feias.

Pesquisadora - Você gosta de princesas?

Lucas - Não porque elas são fracas.

Pesquisadora - Você gosta de princesas?

Margareth - Sim, porque elas andam de dragões. E os dragões são incríveis.

Pesquisadora - Você gosta de princesas?

Juliana - Eu amo.

Pesquisadora - Por quê?

Juliana - Porque elas são corajosas, porque elas são legais, elas são adoráveis e algumas têm poderes mágicos.

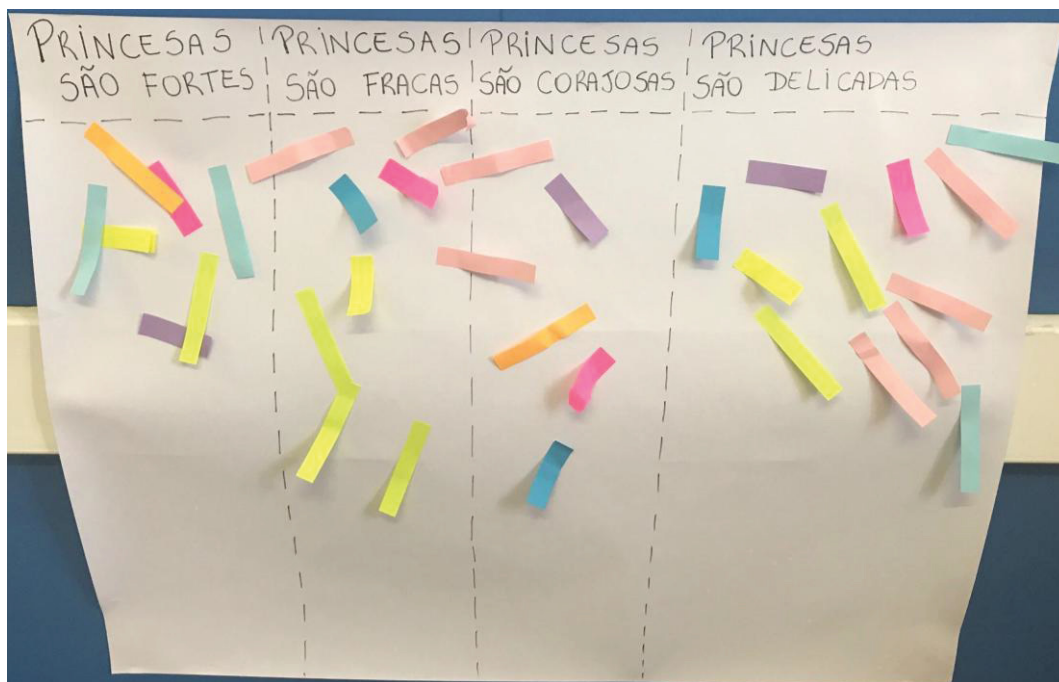
A estratégia de resistência principal das meninas era a de repetir as palavras que eram ditas pelos meninos, mas atribuindo-lhes o sentido oposto. Julio fala que o príncipe é legal e forte, Margareth responde na sequência que o príncipe "pensa" que é o melhor. Lucas fala que o príncipe salva a princesa e mata o dragão, Margareth fala que as princesas "andam de dragões", acrescentando que ela os acha incríveis. "O domínio do saber universal de determinada formação discursiva é colocado em xeque, isto é, o sentido dominante na formação discursiva [...] é desestabilizado mediante a colocação em xeque da sua ideologia em oposição e rejeição ao sentido dominante" (Hansen, 2018, p. 22).

A posição de resistência de Juliana já aparece de forma mais sutil. Em um primeiro momento poderíamos identificá-la como assumindo a PS4 Mulan, já que atribui coragem e magia à princesa, mas também traz saberes tradicionais como "adoráveis" e príncipes fortes. A "cultura da princesa", no entanto, coloca a "mulher boa" na posição passiva em relação ao relacionamento. Ela não escolhe o príncipe, mas o encanta com a sua beleza. Juliana assume o protagonismo, mudando esse sentido. Ela (e a princesa) é quem deseja o príncipe forte e que resolve se casar com ele. Essa mudança de sentido é um discurso de resistência e, como ela vem alinhada aos dizeres de Margareth e em oposição aos dizeres dos meninos, coloca Juliana na PS5 Merida.

Se comparadas às crianças da Associação, percebe-se que os conflitos diretos na escola, trouxeram deslizamentos menores de posição sujeito. Na maior parte da gincana, as meninas permaneceram na PS5 Merida, deslizando ocasionalmente para a PS6 Moana ou PS4 Mulan. Os meninos também

"mantiveram seu território" na PS1 Bela Adormecida, com deslizos pontuais para a PS2 Cinderela e alguns ainda mais raros para a PS3 Jasmine.

FIGURA 36: CARTAZ DO GRUPO 2 DA ESCOLA PARTICULAR



Na atividade do cartaz com as quatro perguntas, as cores laranja e azul clara representam, respectivamente, Margareth e Juliana. Ambas afirmam que princesas são fortes. Margareth nega (ao não colocar seu papel sob a afirmação) que princesas são fracas ou delicadas. Juliana nega que sejam corajosas e fracas. No cartaz, Margareth ocupa a PS6 Moana e Juliana, a PS4 Mulan. Juliana desliza para a PS5 Merida, a partir do momento que se une à Margareth para negar, perante aos colegas meninos, que princesas sejam fracas.

Já entre os meninos, podemos ver que, apesar de discordarem de Margareth e Juliana em seus dizeres verbais, mostram um deslizamento de posicionamento discursivo no cartaz. Julio, representado pelo papel amarelo comprido afirma que princesas são fracas e delicadas, mas também afirma que são fortes. Lucas, representado pelo papel rosa claro, faz o mesmo, apesar de reforçar que "elas são mais fracas do que fortes" ao colocar mais papéis embaixo de "fracas" do que de "fortes". Os meninos, nesse momento, saem da posição de identificação PS1 Bela Adormecida e passam a assumir a PS2 Cinderela,

refletindo os ruídos provocados por Juliana e Margareth no saber dominante sobre princesas.

Na SD 78 abaixo vemos que, no momento da última pergunta da gincana, as crianças da escola particular novamente ocupavam posições discursivas similares às posições com as quais haviam iniciado a atividade. Apesar do debate promovido pela gincana e do início de um deslocamento na última atividade, o conflito direto fez com que os participantes fossem mais hesitantes em se abrirem para trocas de ideias com os colegas. Além de questionar as ideias do saber hegemônico, o discurso de resistência na escola era motivado pelas próprias opiniões contrárias presentes.

Sequência Discursiva 78 (SD 78) - Escola grupo 2

Pesquisadora - OK! Pergunta final, uma por pessoa! Você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa?

Margareth - Princesa!

Pesquisadora - Por quê?

Margareth - Porque eu poderia andar de dragão.

Pesquisadora - Você gostaria de ser uma princesa?

Juliana - Sim, porque eu poderia falar com unicórnios e ter poderes mágicos.

Pesquisadora - Você gostaria de ser um príncipe?

Lucas - Sim!

Pesquisadora - Por quê?

Lucas - Porque daí eu poderia matar os dragões e fazer o enterro.

Pesquisadora - Você gostaria de ser um príncipe?

Julio - Sim. A mesma coisa que ele.

Já no grupo 2 da Associação, meninos e meninas estavam abertos a diálogos, utilizando o discurso de resistência não para refutar opiniões contrárias dos colegas, como ocorreu na escola, mas para questionar os saberes da FD "cultura da princesa". O posicionamento PS5 Merida apareceu mais raramente do que na escola, mas houve uma maior movimentação dos sujeitos entre as PSs. No subgrupo de Luana, Milena e Tomas, o menino foi quem mostrou mais deslizamentos, chegando inclusive a ocupar a PS6 Moana (o que não ocorreu entre os meninos da escola particular).

Sequência Discursiva 79 (SD 79) - Associação grupo 2

Pesquisadora - Tomas, você gosta das princesas?

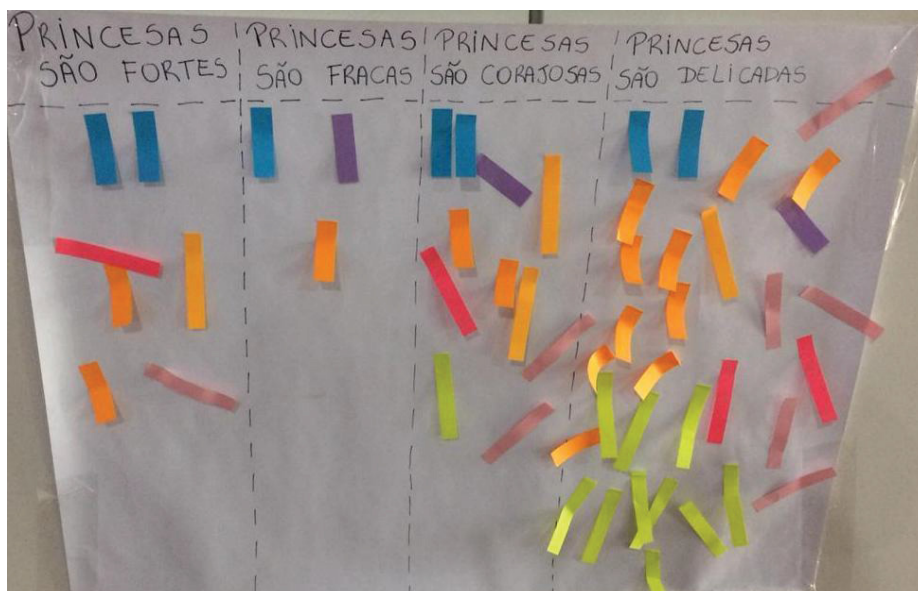
Tomas - Sim.

Pesquisadora - Por que?

Tomas - Porque elas ficam se divertindo.

Na SD 79, Tomas não só fala que gosta de princesas (o que por si só já mostra um ruído com o saber tradicional da "cultura da princesa" que as "proíbe" aos meninos), mas também as isenta de quaisquer deveres e obrigações ao dizer, de forma positiva, que "ficam se divertindo". Podemos interpretar, inclusive, que para ele, as princesas não são limitadas por sua condição, pelo contrário, o fato de serem princesas possibilita que elas possam se divertir. Representado pelo papel adesivo laranja comprido, Tomas (representado pelo papel laranja comprido) também foi o único de seu subgrupo que discordou da afirmação "princesas são fracas" (figura 37).

FIGURA 37: CARTAZ GRUPO 2 ASSOCIAÇÃO



A estratégia do discurso de resistência que prevaleceu na Associação foi a de repetir saberes hegemônicos de modo a questioná-los. Assumindo a PS5 Merida, as crianças ouviam as opiniões dos demais colegas e, por fim, optavam por seguir com o discurso de resistência, assumindo a PS6 Moana, ou refutavam o discurso de resistência e se movimentavam novamente em direção a uma PS mais identificada, como PS2 Cinderela ou PS1 Bela Adormecida. Como veremos nas SD 58 a 60, reproduzidas novamente abaixo, essa maneira fez com que houvesse uma movimentação maior e mais frequente entre os sujeitos da Associação do que entre os sujeitos da escola.

Sequência Discursiva 58 (SD 58) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E o que que ela não pode fazer, Luana?

Luana - Ela não pode ficar na lama porque se não elas vão se sujar e só.

Pesquisadora - E só. E o que ela pode fazer?

Luana - Ela pode pentear o cabelo, cuidar da roupa e quase tudo, tirando se sujar.

Pesquisadora - E o que ela pode fazer, Milena?

Milena - Ela pode... mas tem umas princesas que gostam, assim, de se sujar. Então elas podem fazer qualquer coisa.

Sequência Discursiva 60 (SD 60) - Associação grupo 2

Tomas - Ele usa espada, escudo e fica num cavalo.

Pesquisadora - E o que um príncipe não pode fazer?

Tomas - Ele...

Milena - Bater na mulher

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Milena - Cuidar muito bem dela.

Sequência Discursiva 59 (SD 59) - Associação grupo 2

Pesquisadora - E o que um príncipe não pode fazer?

Tomas - Coisa errada pra princesa.

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Tomas - Ajudar a princesa.

Considerando que as SDs acima estão em ordem cronológica, temos as três crianças ocupando inicialmente a PS1 Bela Adormecida. Milena desliza para a PS3 Jasmine, ao se questionar sobre a afirmação da colega de que princesas não podem se sujar. Ela então opta pelo discurso de resistência, assumindo a PS5 Merida ao trazer um saber contra-identificado ao saber hegemônico, afirmando aos colegas que algumas princesas gostam de se sujar. Ela então conclui que não há nada que princesas não possam fazer passando, assim, a assumir a PS6 Moana.

Tomas, ao invés de procurar silenciar o tema a partir das estratégias do discurso de resistência (como fizeram os meninos da escola particular), vai contra o "currículo escondido" e ouve a fala da colega menina. No momento seguinte (SD 59), ele mostra que ouviu e levou em consideração o que foi debatido anteriormente em seu grupo e opta por assumir a PS4 Mulan. Tomas ainda atribui um papel ativo ao príncipe, mas coloca sobre ele a obrigação de ajudar a princesa.

No outro subgrupo da Associação havia dois meninos e duas meninas participando. Ali, observei que os meninos, mesmo juntos, escutavam as colegas e deslizavam suas posições sujeito no discurso conforme concordavam e

discordavam do que era debatido. No cartaz da figura 37, apenas Bruno, Luana e Milena marcaram que "princesas são fracas", um saber da "cultura da princesa". Ao não marcarem essa opção no cartaz, as demais crianças estão, pelo menos em relação a esse saber, em posição de contra-identificação com o discurso hegemônico sobre princesas.

A atividade do cartaz da figura 37 foi a última atividade antes da última pergunta em todas as gincanas. Ela indica, portanto, que o final das discussões se aproximava. Dessa forma, enquanto na escola vimos que as crianças tiveram uma movimentação de menor amplitude e, na pergunta final, retornaram às posições sujeito onde haviam iniciado a gincana, as crianças da Associação mostram uma maior movimentação em direção à contra-identificação com a FD "cultura da princesa".

Antes de ser visto como uma esfera pública comercial, distribuindo inocentemente prazer às pessoas jovens, o império Disney deve ser visto como um empreendimento pedagógico politicamente engajado no espaço cultural da identidade nacional e na "instrução" da mente das crianças. Isso não é sugerir que haja algo de sinistro por trás do que a Disney faz, mas sim apontar para a necessidade de refletir sobre o papel da fantasia, desejo e inocência para assegurar interesses ideológicos particulares, legitimando relações sociais específicas e influenciando de maneira significativa a memória pública. (Giroux, 2004, p. 106)

Giroux (2004), Orenstein (2011), Projansky (2015) e vários outros autores utilizados como base teórica para esta dissertação nos relembram a importância de não nos deixarmos levar pelo mundo encantado das histórias para crianças, especialmente as da Disney. Não se pode tratar o mundo mágico dos produtos midiáticos infantis com excessos, seja cautela ou inocência, especialmente quando temos uma realidade na qual a própria Disney incorpora na sua aura de encantamento elementos que provocam ruídos com o discurso hegemônico.

Os produtos midiáticos voltados ao consumo infantil estão presentes e influentes na fase em que o ser humano está mais aberto e propenso a assimilar conhecimento. Esta dissertação se propôs a ouvir e tentar compreender o discurso das crianças. Com base nas análises que foram feitas nos capítulos analíticos desta pesquisa, podemos observar que as crianças são tão capazes quanto os adultos de refletir sobre os conteúdos que consomem.

As gincanas proporcionaram uma oportunidade para que o produto midiático Disney Princesa e a "cultura da princesa" fossem debatidos pelas crianças. A proposta metodológica desta pesquisa deixava propositalmente de fora a eventual interferência do adulto, atribuindo a mim e à Aplicadora o papel exclusivo de proponentes das perguntas e supervisoras das regras do jogo.

Dentro desta realidade, as crianças se mostraram perfeitamente capazes de mediar a discussão por si próprias. Algumas vezes, essa mediação fazia com que grupos de crianças assumissem saberes tradicionais, os mesmos que Coyne e colegas (2016) apontaram como potencialmente restritivos, em especial para meninas, no que diz respeito às perspectivas de carreira e papéis sociais assumidos por pessoas identificadas como homens/meninos e como mulheres/meninas.

Para encerrar esse capítulo, gostaria de propor uma reflexão: qual é o papel do adulto na mediação do conteúdo consumido e direcionado ao público infantil? Pelo que esta dissertação mostrou, considerar as crianças como sujeitos do discurso, tão aptas a debater tópicos complexos quanto um adulto, desde que, claro, sejam consideradas as suas especificidades de desenvolvimento, é o primeiro passo. Proporcionar e incentivar o debate e o desenvolvimento das capacidades de atenção ao outro nas crianças proporciona a elas a chance de que aumentem o leque de possibilidades e perspectivas para a vida adulta, independente de qualquer um dos (mais de dois) gêneros com os quais se identifiquem. Dos familiares e professores, até os produtores midiáticos e profissionais do marketing, todos nós podemos (e devemos) fazer esse exercício crítico e proporcionar espaço para inserir as crianças no debate. Essa abertura de espaço e diálogo, conforme vimos nesta pesquisa, poderá também proporcionar uma maior capacidade crítica sobre os produtos midiáticos que nós, adultos e crianças, consumimos em nosso cotidiano.

8. "VEJO ENFIM A LUZ BRILHAR": CONSIDERAÇÕES FINAIS E DEVOLUTIVAS PARA ADULTOS E CRIANÇAS

Ao longo desta dissertação tive o privilégio de conviver com crianças de realidades diferentes. Pela minha experiência como professora e como irmã mais velha com 13 e 17 anos de diferença para cada irmão, acreditava que já entendia as crianças como sujeitos e que trabalhar academicamente com elas seria um processo natural para mim. Nunca me tomei por uma pessoa que subestima a criança e a vê envolta em uma aura de dependência, inocência, falta de inteligência e discernimento próprios. Mesmo assim, me dei conta da surpresa que cada uma e cada um dos participantes das gincanas me proporcionou com seus dizeres e suas interações.

As análises realizadas nesta dissertação mostraram que, ao contrário do que o senso comum possa imaginar e dos saberes que a memória discursiva possa nos trazer, as crianças não são páginas em branco, completamente influenciáveis pelo que um parente, um amigo ou um personagem de desenho animado possa fazer ou dizer. A criança é sujeito do discurso e, como tal e assim como os adultos, é "um sujeito social e descentrado, que sofre a intervenção do inconsciente e da ideologia" (Hansen, 2018, p. 20).

Conversando com as crianças nas gincanas, me aprofundando mais nos estudos da infância, de gênero e da análise de discurso, pude reunir nessas páginas as principais considerações sobre o tema em estudo, mas reconheço que muitos aspectos ainda ficaram de fora. Não houve espaço para contemplar questões como, por exemplo, a idade de príncipes e princesas nos desenhos das crianças (a idade da maioria dos príncipes era maior do que a da princesa) e as discussões sobre o lápis "cor de pele" que surgiram em alguns grupos (as crianças que perguntaram por esta cor de lápis sempre se referiam ao cor de rosa claro). A pergunta de pesquisa, o objetivo geral e os dois objetivos específicos cumpriram seus papéis de norteadoras das análises.

Esta pesquisa pretende responder à pergunta: estando a Disney Princesa, uma das maiores e principais marcas consumidas na infância, gerando ruído em relação ao discurso hegemônico sobre gênero difundido pela chamada "cultura da princesa", como as crianças da região de Curitiba produzem sentido e tomam

posição? Pelas análises realizadas ao longo desta dissertação, percebemos que as crianças, ainda que muitas delas identificadas com os saberes hegemônicos da FD "cultura da princesa" na maior parte do tempo, mostraram suas próprias compreensões em relação aos saberes contra-identificados que aparecem na Dream Big Princess.

O objetivo geral (examinar se há deslocamentos nas posições-sujeito das crianças em relação ao discurso hegemônico da chamada "cultura da princesa" e como essas tomadas de posição significam) foi alcançado já nas análises preliminares das materialidades produzidas nas atividades de gincanas. O deslocamento das crianças participantes entre as posições-sujeito, nomeadas aqui de acordo com seis Princesas Disney, foi um dos principais norteadores da análise e mostrou-se importante para a compreensão de que a existência de um deslocamento entre gradações de posições-sujeito proporcionava a aceitação de uma diversidade maior na concepção do que pode ser definido como uma princesa e como um príncipe.

As crianças, enquanto sujeitos do discurso, transitaram por diferentes posições-sujeito. Algumas mais identificadas com o discurso hegemônico da "cultura da princesa", outras assumindo a resistência e beirando a contra-identificação. Como sujeitos, as crianças tendem a reproduzir em seus discursos saberes discursivos hegemônicos propagados pela memória discursiva.

Quando adaptamos nossa linguagem, quando nos dispomos a ouvir as crianças e a interagir com elas respeitando seus espaços, suas vozes e suas particularidades de desenvolvimento, é possível percebermos o potencial questionador e debatedor que elas possuem, assim como qualquer sujeito do discurso. Na Associação, observamos que o contato das crianças com uma maior variedade de realidades socioeconômicas possibilitou que elas estivessem mais favoráveis a assumirem a autoria de seus discursos. A função-autor presente entre as crianças da Associação, na medida em que ocasionada por essa capacidade de transitar entre realidades diferentes, provavelmente era um dos fatores que favoreceu o estabelecimento de diálogo e de uma comunicação voltada à troca de ideias em detrimento ao conflito de opiniões.

Percebemos que apesar de (literalmente) mais silenciosas, as crianças da Associação mostraram maior deslocamento entre suas posições-sujeito no

discurso, variando entre a identificação e a contra-identificação com a "cultura da princesa". Também percebemos que, quanto mais a gincana avançava e as crianças discutiam os saberes hegemônicos entre si e conosco, mais elas se aproximavam do questionamento aos saberes hegemônicos e, conseqüentemente, da contra-identificação.

Na escola particular, as crianças transitaram entre os posicionamentos discursivos com menor frequência. Os participantes que iniciaram na posição de identificação tendiam a se manter nela, variando em gradações próximas. As poucas mudanças mais significativas ocorridas se deram próximo ao final das gincanas e, principalmente, no grupo das crianças mais velhas.

Os meninos do grupo 1 da escola particular mostraram-se desconfortáveis com o tema "príncipes e princesas" em debate, procurando silenciar o assunto e a presença feminina na sala. As crianças do grupo 1 da escola particular se mostraram alinhadas com o conceito de "currículo escondido", de Orenstein (1996), inserido também no saber hegemônico sobre gênero. Enquanto os meninos eram mais ativos e interrompiam explicações e os colegas, as meninas eram mais obedientes e caladas.

As meninas do grupo 2 da escola particular, por outro lado, desafiaram o "currículo escondido" utilizando o discurso de resistência não só para contradizer saberes hegemônicos da "cultura da princesa", mas também buscando seus espaços e se fazerem ouvir entre os colegas. No grupo 2, percebemos a existência de um movimento de sujeitos um pouco maior do que no grupo 1, com meninos deslocando-se na última etapa da gincana, a atividade do cartaz, para posições-sujeito ainda identificadas com a "cultura da princesa", mas com alguns ruídos. Antes do término da gincana, porém, eles retornaram à posição inicial.

As análises desta dissertação revelaram que, assim como o ocorrido nas pesquisas de Coyne e colegas (2016), quando os adultos (normalmente pais e professores no caso do cotidiano infantil) realizam a mediação entre o conteúdo midiático e as crianças, abre-se espaço oportuno para que as crianças realizem um consumo crítico e consciente dos produtos midiáticos. A metodologia de pesquisa desenvolvida para esta dissertação contribuiu para que as crianças debatessem um tema de seu universo entre si.

A intenção principal da metodologia desta pesquisa era ouvi-las e engajá-las na discussão de um tema social (relações de gênero) e midiático (Disney Princesa). Os resultados das análises de discurso realizadas com as sequências discursivas extraídas dos dizeres, ações e atividades realizadas pelas crianças participantes mostram que as gincanas foram eficazes para atender essa intenção.

Eu e a Aplicadora procuramos, durante a aplicação das gincanas, mantermo-nos "neutras" em relação ao tema de pesquisa. Não era nossa intenção imprimir nas crianças nossas visões pessoais sobre príncipes, princesas, relações de gênero ou sobre consumo midiático. No entanto, somos nós mesmas sujeitos do discurso e, como tais, suscetíveis à ideologia, à memória discursiva e às formações imaginárias. É inevitável que, por maior que tenha sido nosso cuidado, nossas próprias interpretações sobre o tema em discussão tenham transparecido durante todas as etapas da pesquisa, desde a escolha do tema, até agora, o último capítulo da dissertação.

Esta pesquisa usa como base teórica os conceitos de Judith Butler (2018) sobre o gênero enquanto performance. Essa noção de Butler foi escolhida por não restringir a definição de gênero em masculino e feminino, mas sim compreender que a sociedade os classifica dessa forma de acordo com características performáticas. Essa compreensão é muito parecida com a visão sobre "ser menina" e "ser menino" tida pelas crianças da faixa etária que participou desta dissertação. Para elas, a roupa, os gostos e os comportamentos são mais importantes do que a genética ou o corpo para definir o gênero de um indivíduo.

Dessa forma, o contato com um produto midiático com características socialmente aceitas como "femininas", como a Disney Princesa, produz, como Coyne e colegas (2016) atestaram, efeitos diferentes naqueles que se identificam como meninas e naqueles que se identificam como meninos. Entre as crianças, ao invés da associação do gênero enquanto performance abrir mais possibilidades de identificação, o efeito observado foi o contrário. A princesa que aparece no imaginário das crianças ainda é predominantemente a princesa clássica, passiva, com características marcantes da "cultura da princesa". Segundo Coyne, essa visão restringe as possibilidades de futuro para as crianças que se identificam com o feminino.

Porém, ao abrir diálogo com as crianças percebi que elas questionavam esses saberes hegemônicos não só comigo, mas também entre si. Atendendo ao primeiro objetivo específico desta pesquisa (como os "novos" elementos presentes no discurso de gênero da mídia infantil, no caso a Disney Princesa, estão presentes no discurso das crianças), percebi que muitos dos ruídos que elas traziam em seus dizeres eram fundamentados pelas próprias Princesas Disney, como quando Luana, da Associação, afirmava que as princesas podem ser corajosas, assim como Moana.

As crianças também se apropriaram dos saberes da campanha *Dream Big Princess*, fugindo à ideia de que as mulheres (princesas) devem ser belas e corajosas e delicadas e inspiradoras. Ao invés de utilizarem o "e", o que, como vimos, por si só já representa um ruído com a "cultura da princesa", apesar de não ser o suficiente para colocar a Disney ocupando uma posição discursiva de contra-identificação, as crianças optaram pelo uso do "ou". Com o uso do "ou" há a aceitação da diversidade, gerando a resistência em relação à FD "cultura da princesa".

Conforme definiu Orenstein (2011), o saber tradicional da princesa a define como única e especial. São as características tradicionais (beleza, fraqueza e dependência, por exemplo) que fazem com que a princesa seja única e merecedora de destaque entre as "mulheres comuns". Quando as crianças aceitam que a princesa, essa criatura única e merecedora de respeito, como muitos dos participantes das gincanas a descreveram em seus dizeres, pode ser, sim, tudo aquilo que os saberes tradicionais dizem que ela é, ou pode ser forte, corajosa e "nadar num lago de piranhas", elas provocam ruído. O ruído está na medida em que outras maneiras de "ser" (princesa) são legitimadas.

Existe aceitação da diversidade por parte das crianças, mesmo que sutil e com aspectos importantes (como a beleza física) ainda alinhados com os saberes tradicionais. Essa aceitação nos mostra que há espaço para a reflexão sobre padrões hegemônicos.

Atendendo ao segundo objetivo específico desta pesquisa (verificar a coerência entre ideias expressas por discurso verbal e as percepções e ações das crianças e compreender as formações imaginárias sobre gênero entre crianças de Curitiba e Região Metropolitana), é necessário ressaltar que a formação

imaginária das crianças sobre princesas e príncipes, apesar de já aceitar uma maior diversidade de possibilidades de "ser princesa", como foi evidenciada em alguns dizeres das crianças, ainda aparece alinhada aos saberes hegemônicos da FD "cultura da princesa" em outros dizeres, bem como nas ações e nos desenhos produzidos. A grande maioria dos desenhos mostrava princesas com vestidos e flores e príncipes com armas. A figura do príncipe ainda aparece subordinada à da narrativa da princesa, colocando-o como parte de um assunto "de menina". Algumas meninas também se mostraram mais caladas e obedientes, enquanto alguns meninos se mostraram mais disruptivos e falantes. Tais observações me levam a refletir que, apesar de haver espaço para o questionamento dos saberes tradicionais sobre gênero presentes na formação imaginária das crianças sobre princesas, ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Coyne e colegas (2016) concluíram em suas pesquisas que, quando havia a mediação do conteúdo consumido pelas crianças, elas eram capazes de incorporar características como a empatia e o cuidado com o próximo. As análises realizadas nesta dissertação corroboram esse resultado. Indo além, acredito que os deslocamentos nas posições discursivas ocupadas pelas crianças, assim como a capacidade de diálogo e de resistência ao discurso hegemônico que elas demonstraram, são sinais de que o consumo consciente de produtos midiáticos pode levá-las a questionar a reprodução de saberes que legitimam a discriminação de gênero.

Mantendo o objetivo de centralizar a participação das crianças nesta pesquisa, além deste texto final, me proponho também a apresentar a elas os resultados contidos nesta dissertação. Essa tarefa apresenta um novo desafio: adaptar a linguagem acadêmica para o universo infantil.

8.1 "MIL SURPRESAS VAI ACHAR AO SEU REDOR ": COMO DAR DEVOLUTIVA PARA CRIANÇAS

Quando solicitei à escola particular e à Associação a autorização para aplicar a pesquisa em suas instalações, as diretorias de ambas as instituições me pediram que compartilhasse minhas descobertas com elas. Durante a banca de

qualificação desta dissertação, me foi apontada a importância de proporcionar essa devolutiva não só para os adultos, mas também para as crianças.

Durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa tive a oportunidade de contar com o apoio e com os conhecimentos de uma amiga e colega da área da Psicologia. Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, a Maria Constanza Perié dispôs tempo e paciência comigo, oferecendo-me as referências da área da psicologia, incluindo o livro *Seis Estudos de Psicologia*, de Jean Piaget, que serviu de base para a consideração das particularidades sobre o desenvolvimento infantil, assunto que foge à alçada da área da Comunicação.

Ter a possibilidade de trocar conhecimentos e experiências com a Maria, bem como contar com seu apoio para o desenvolvimento das gincanas e atividades devolutivas foi imprescindível para esta pesquisa.

A elaboração da devolutiva é um processo tão delicado e trabalhoso quanto a elaboração das gincanas. Como agravante, tenho menos tempo para me dedicar a ela, dado que o prazo de entrega final desta dissertação se aproxima. Além deste, no momento em que concluo a redação deste desfecho (abril 2020), houve a questão da epidemia de coronavírus que afetou todo o planeta e suspendeu as aulas na escola particular e as atividades na Associação.

Há também a limitação de espaço: por se tratar de uma dissertação de mestrado, acreditamos que a atividade de devolutiva nos proporcionará mais materiais de análise do que seria possível incluir neste já extenso texto. Mesmo assim, acredito na importância da participação das crianças também nesta etapa da pesquisa.

Levando em consideração as limitações impostas pelos fatores externos acima descritos e a importância de oferecer um retorno acessível para as crianças, eu e a Aplicadora desenvolvemos o roteiro para um vídeo em formato animação/*stop motion* que poderá ser disponibilizado às crianças mesmo durante o período de quarentena/confinamento no qual essa dissertação foi concluída (roteiro disponível no anexo 11). O formato de vídeo permite que as crianças o assistam em casa junto aos responsáveis e também que, caso nos seja autorizado pelas instituições participantes, que assistam conosco logo que as atividades da escola e da Associação se normalizarem.

O vídeo possuirá aproximadamente 10 minutos de duração e terá o visual inspirado pelos próprios desenhos desenvolvidos pelas crianças durante as gincanas. Nossa maior preocupação na elaboração da devolutiva foi transcrever os principais resultados das análises desta pesquisa em linguagem acessível. Os tópicos escolhidos foram:

- a) O
s deslocamentos entre posições-sujeito de identificação e de contra-identificação.
- b) O
s momentos nos quais o "currículo escondido" ficou aparente nas relações entre meninos e meninas.
- c) A
s dinâmicas do uso do diálogo como discurso de resistência à FD "cultura da princesa" e o uso do discurso de resistência pelas meninas do grupo 2 da escola particular para se fazerem ouvir perante seus colegas meninos.
- d) O
momento no qual as crianças assumiram a posição de contra-identificação com a "cultura da princesa" e com o próprio *Dream Big Princess* ao aceitarem múltiplas possibilidades do "ser princesa".

As crianças da faixa etária com a qual trabalhamos (5 a 9 anos) estão distribuídas entre a primeira infância (crianças do grupo 1) e o início da segunda infância (crianças do grupo 2). Como se passou um ano desde a aplicação das gincanas originais, todas as crianças do grupo 1, exceto Joaquim, já ingressaram na segunda infância. Até mesmo Joaquim está mais próximo dos 7 anos do que dos 6 anos, tendo em vista que, em abril de 2019, seu aniversário de 6 anos já se aproximava. Pudemos, portanto pensar em uma devolutiva com uma linguagem mais homogênea e não houve a necessidade de criar dois tipos de devolutiva da mesma forma que havia sido necessário dividir a aplicação das gincanas em grupos de acordo com a faixa etária.

Segundo Piaget (1999), a segunda infância é uma faixa etária na qual o pensamento abstrato ainda está em desenvolvimento, porém a criança já é capaz de tirar o "eu" do centro da discussão e compreender assuntos como fenômenos

naturais como sendo externos à sua existência, transformando "as relações imediatas em um sistema coerente de relações objetivas" (Piaget, 1999, p. 46).

Optamos, então, por nos aproximar ao máximo dos próprios dizeres das crianças, recolhidos como materialidade desta dissertação. O *stop motion* parte dos desenhos de príncipes e princesas feitos pelos participantes das gincanas. O vídeo começa comigo e com a Aplicadora representadas por desenhos de traçados similares aos das crianças do grupo 2. Dubladas por nós mesmas, nós relembremos a realização das gincanas trazendo imagens dos painéis e dos desenhos das crianças.

Uma vez lembradas as atividades, nossas personagens explicarão que, durante as gincanas, vimos dois espaços diferentes, uma escola em Curitiba e uma Associação em Piraquara. Essa distinção dará conta de apresentar os diferentes espaços e identificá-los perante às crianças sem prejudicar o sigilo que foi prometido a ambas as instituições.

As personagens representando a Pesquisadora e a Aplicadora "visitarão" cada espaço e apontarão para as crianças, que por vezes também serão representadas no *stop motion* com os mesmos nomes fictícios que foram utilizados para elas no decorrer do texto desta dissertação¹²⁹, alguns aspectos que foram observados durante as atividades. O discurso de resistência, por exemplo, será explicado para as crianças como uma espécie de "jogo do contrário". Por fim, convidaremos as crianças a desenvolverem um leque de papel colorido. Nesta atividade, mostraremos que, assim como, ao abrir o leque, aumentam as possibilidades de cores para brincarmos, quando as crianças abriam suas possibilidades para incluir princesas fora do padrão da "cultura da princesa", mais possibilidades se abrem para o seus futuros.

Infelizmente, devido aos contratempos já explanados acima, não foi possível entregar a devolutiva para as crianças antes de fecharmos o texto. A estimativa é a de que o vídeo esteja disponível para as crianças até a primeira

¹²⁹ Como foi prometido às instituições participantes, aos pais e às crianças que seriam usados nomes fictícios e os nomes reais dos participantes não seriam divulgados em momento algum, faz-se necessário manter o anonimato no vídeo de devolutiva. O mesmo material será compartilhado entre escola e Associação e, uma vez público, perde-se o controle do acesso deste material. As crianças talvez não se identifiquem tanto com as crianças retratadas no vídeo, por não verem seus próprios nomes, mas elas podem se identificar com falas, com a idade ou, simplesmente, por verem no vídeo crianças como elas, não necessariamente se reconhecendo, mas pensando: "ah, eu também acho que a princesa tem uma varinha. Que nem o Joaquim e a Ana".

quinzena de maio de 2020. No momento em que o material estiver concluído, organizarei junto à escola e à Associação a melhor maneira de entregar essa devolutiva para as crianças.

Como estudante de universidade pública, acredito que é minha obrigação tornar os resultados das minhas pesquisas disponíveis para a sociedade. Esta dissertação oferece os resultados de dois anos de trabalho acadêmico. Com a devolutiva, conseguirei ainda mais material para uma análise complementar a esta pesquisa. No momento do envio do texto final desta dissertação e do vídeo com o retorno para as crianças, irei pedir aos diretores da escola e da Associação que compartilhem o material com as crianças e seus responsáveis. Também solicitarei que, para aqueles que se sentirem confortáveis, que compartilhem comigo as impressões das crianças, professores, família, enfim, de quem assistir/ler o material.

A decisão a respeito desse compartilhamento, no entanto, ficará a cargo das instituições participantes e dos responsáveis pelas crianças. Compreendo que esse retorno à distância diminuirá a minha participação como observadora participante das atividades e me colocará em dependência do envio de um retorno por parte da escola, da Associação, dos responsáveis e das próprias crianças. No entanto, dada a abrangência desta dissertação e as atuais condições sociais, proporcionar o retorno à distância me parece a melhor opção.

Mantendo-me ciente de minhas obrigações enquanto estudante de universidade pública, espero poder contar com o retorno das crianças e disponibilizar as descobertas que serão proporcionadas na devolutiva em forma de artigos e, por que não, materiais de fácil acesso e voltados também para as crianças.

8.2 "VEJO UMA PORTA ABRIR": CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa para esta dissertação começou com uma troca entre adultos e crianças: a minha experiência com minhas alunas de balé. Durante o desenvolvimento da dissertação, procurei manter esse espírito da troca vivo, trazendo as crianças para o foco da análise. A devolutiva me dará mais uma oportunidade de troca e aprendizado. Quaisquer que sejam os resultados obtidos

nas atividades de devolutiva também proporcionarão novas oportunidades para diálogo. Já diria o próprio Walt Disney: "Nós seguimos em frente, abrindo novas portas e fazendo novas coisas, pois somos curiosos e a curiosidade nos leva para novos caminhos"¹³⁰.

Não se pode colocar um ponto final no processo de pesquisa. O pesquisador é curioso e está em constante aprendizado. A pesquisa acadêmica gera conhecimento e nos leva para novos caminhos. Nos contos de fadas tradicionais, a dicotomia entre bom e mau, vilão e herói, costuma ser clara. Hoje, nem mesmo os novos filmes da Disney delimitam fronteiras tão claras assim.

Adultos, crianças, mídia, somos todos partes de uma mesma sociedade, todos sujeitos à memória discursiva, às formações discursivas e seus saberes dominantes. Aceitá-los sem questioná-los é fechar o enorme leque de possibilidades que a diversidade nos oferece. Giroux (2004) nos alerta: não nos deixemos levar pela aura de encantamento e pela ausência de preocupações e problematizações que os contos de fadas nos passam. Na rotina corrida e ocupada da maioria das pessoas, principalmente daqueles que convivem com crianças, poder contar com os raros momentos de distração proporcionados pelos produtos midiáticos infantis às crianças é importante.

Falando de gênero, em especial, não podemos nos esquecer que as responsabilidades sobre a criação dos filhos ainda caem principalmente sobre as mães. Com rotinas duplas e até triplas de trabalho, a "segurança" transmitida pelos filmes (principalmente) da Disney é a garantia de tranquilidade e ocupação para a criança enquanto a mãe (de novo, principalmente) se dedica a outras tarefas.

Se quisermos um futuro com mais possibilidades para nossas crianças, um futuro no qual uma menina não esteja sujeita às jornadas triplas de trabalho, problemas de auto-imagem e portas fechadas para um mercado de trabalho justo, onde meninos contribuam em casa, onde se sintam legitimados a expressarem suas emoções e a desenvolverem sua inteligência emocional. Um futuro onde as identidades de gênero (mais do que apenas duas) sejam respeitadas e não fechem portas a ninguém. Então é necessário estender a discussão às crianças.

¹³⁰ No original em inglês: "we keep moving forward, opening new doors and doing new things, because we're curious and curiosity keeps leading us down new paths".

Para isso, é preciso que nós, adultos, mantenhamos nosso senso crítico. Sejam pais, mães, familiares, professoras e professores ou até mesmo nós, os profissionais da mídia e produtores midiáticos. Nosso papel está em abrir as portas para as crianças, incentivando-as e ouvindo seus dizeres, questionando-as e ouvindo seus questionamentos. Nesse ponto, podemos fazer como as crianças que participaram das gincanas e tomar as ideias das novas princesas da Disney como ponto de partida para uma reflexão mais profunda, que nos leve além do senso comum e deixe as portas abertas.

REFERÊNCIAS

ABC News. What's Wrong With Being a Princess? Disponível em: <<https://abcnews.go.com/GMA/Health/story?id=3065469&page=1>>. Acesso em 05 out. 2019.

AMER, Lindsay. Why kids need to learn about gender and sexuality. TED Talk. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/lindsay_amer_why_kids_need_to_learn_about_gender_and_sexuality>. Acesso em 26/06/2019.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. 2 ed. In: MALDONADO, Efendy et al. Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: apontamentos para discussão. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, vol. 1, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/16>>. Acesso em 09 abr. 2020.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: a prática metodológica como tomada de decisões. E-Compós (Brasília), vol. 14, p. 1-33, 2011. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665/0>>. Acesso em 07 ago. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUENO, Michele Escoura. *Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças*. 2012. 163p. Dissertação de Mestrado – USP. São Paulo, 2012.

BUESCHER, Derek, ONO, Kent. Civilized Colonialism: *Pocahontas* as Neocolonial Rhetoric. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07491409.1996.11089810>>. Acesso em 12 out. 2019.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Tradução de Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

Change.Org. Disney: Say No to the Merida Makeover, Keep Our Hero Brave!. Disponível em: <<https://www.change.org/p/disney-say-no-to-the-merida-makeover-keep-our-hero-brave>>. Acesso em 04 de ago. 2019.

CHRISTIAN-SMITH, Linda K. & ERDMAN, Jean I. "Mãe, não é de verdade!": crianças construindo a infância através da leitura de ficção de terror". In. STEINBERG, Shirley & KINCHELOE, Joe (org.). Cultura Infantil: a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Comitê Gestor da Internet no Brasil (Cetic.br). TIC Kids Online Brasil. Disponível em: <<https://cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores>>. Acesso em 10 fev. 2020.

COYNE, Sarah M.; LINDER, Jennifer Ruh; RASMUSSEN, Eric E.; NELSON, David A.; BIRBECK, Victoria. Pretty as a Princess: Longitudinal Effects of Engagement With Disney Princesses on Gender Stereotypes, Body Esteem, and Prosocial Behavior in Children. Child Development, vol. 00, p. 1 - 17, 2016.

DAL'IGNA, Maria Claudia. Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença? Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 46, p. 241-267, 2007.

ELIOT, Lise. Pink Brain, Blue Brain: How Small Differences Grow Into Troublesome Gaps - And What We Can Do About It. Boston/Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 2009.

FINUCANE, Mary. Disney Princess Recovery: bringing sexy back for a full refund. Disponível em: <<http://disneyprincessrecovery.blogspot.com/>>. Acesso em 21/01/2020.

Folha de S. Paulo. Google lidera ranking de 30 maiores empresas de mídia do mundo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/05/1629787-google-lidera-ranking-de-30-maiores-empresas-de-midia-do-mundo.shtml>>. Acesso em 03/02/2019.

GAVIÃO, Juliane Falcão. Representações de gênero e consumo na pesquisa com crianças. 2013, 176p. Dissertação de mestrado – ULBRA. Canoas, 2013. Disponível em: <https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM145.pdf?fbclid=IwAR0FOwXsYhTI34fywD08oOdcT_7ZpbXLOgmDckFsyI4rT9TEmmBj85vXz0>. Acesso em 27 fev. 2020.

Girl Up Foundation. Disponível em: <<https://www.girlup.org/about/#sthash.dPLC4BV8.dpbs>>. Acesso em 03/02/2019.

GILMAN, Sander. A estrutura profunda dos estereótipos. In. HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

GUIZZO, Bianca Salazar. *"Identidades de Gênero e Propagandas Televisivas: um*

estudo no contexto da educação infantil.” Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

HAINS, Rebecca. Why Disney princesses and "princess culture" are bad for girls. The Washington Post. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2016/06/24/princess-culture-is-bad-for-girls-now-theres-proof/>>. Acesso em 12 out. 2019.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANSEN, Fábio. A Noção de Pré-Construído e Seus Desdobramentos no Processo Criativo do Discurso Publicitário. Revista Organon, v. 24, n. 48. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. (In)verdades sobre os profissionais de criação: poder, desejo, imaginação e autoria. Porto Alegre: editora Entre Meios, 2013.

_____. Resistência à narrativa publicitária: por um regime discursivo dialógico. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, v. 20, n. 1. São Leopoldo: Unisinos, 2018.

HARRISON, Kristi. 4 Ways the Disney Princesses Created Modern Feminism. Cracked Magazine. Disponível em: <<https://www.cracked.com/blog/4-ways-disney-princesses-created-modern-feminism/>> Acesso em: 12 out. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOLTHAUSEN, Márcia de Castro. Valores e Ideologias de Gênero no Discurso das Revistas Princesas Disney e Recreio. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2008.

INDURSKY, Freda. A Heterogeneidade do Discurso e suas Implicações no Processo da Leitura. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana (Orgs.) *A Leitura e a Escrita como Práticas Discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

Laboratório de Educação: série sexualidade infantil. Disponível em: <<http://labedu.org.br/serie/sexualidade-infantil/>>. Acesso em 04 fev. 2020.

LAMB, Sharon & BROWN, Lyn Mikel. Packaging Girlhood: rescuing our daughters

from marketers' schemes. New York: St. Martin's Griffin, 2006.

Live Your Story. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zRunkRiylvM>>. Acesso em 31 jan. 2020.

LEE, F. Pretty powerful princesses: Disney's progression towards female empowerment. Gen Twenty. Disponível em: <<https://gentwenty.com/pretty-powerful-princesses-disneys-progression-towards-female-empowerment/>> Acesso em 12 out. 2019.

LEE, Jennifer. The Walt Disney Company. Dream Big. Disponível em: <<https://www.thewaltdisneycompany.com/dream-big-jennifer-lee/>> Acesso em: 22 jul. 2018.

LEWIS, Clive Staples. NUNES, Francisco (org.). Sobre Histórias. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MALDONADO, Alberto Effendy (org.). Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina. 2006.

MALDONADO, Alessandra. Can Disney Fix It's Broken "Princess Culture"? Salon. Disponível em: <<https://www.salon.com/2017/08/20/disney-princesses-dream-big-girl-up/>>. Acesso em 12 out. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma Aventura Epistemológica. Revista Matrizes, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38228/41001>>. Acesso em 03 nov. 2019.

MCBRIDE, Jon. Study finds Disney Princess culture magnifies stereotypes in young girls. Disponível em: <<https://phys.org/news/2016-06-disney-princess-culture-magnifies-stereotypes.html>> Acesso em 12 out. 2019.

MCLAREN, Peter & MORRIS, Janet. *Power Rangers: a estética da justiça falomilitarista*. In. STEINBERG, Shirley & KINCHELOE, Joe (org.). Cultura Infantil: a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

OCTOBRE, Sylvie. *La Fabrique sexuée des goûts culturels. Construire son identité de fille ou garçon à travers les activités culturelles*. Disponível em: <https://www.academia.edu/3113858/La_fabrique_sexu%C3%A9e_des_go%C3%BBts_culturels_construire_son_identit%C3%A9_de_fille_ou_de_gar%C3%A7on_%C3%A0_travers_les_activit%C3%A9s_culturelles>. Acesso em 16 fev. 2020.

ORENSTEIN, Peggy. What's Wrong with Cinderella?. The New York Times, 2006. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2006/12/24/magazine/24princess.t.html?ex=132461640>>

[0&en=8e5a1ac1332a802c&ei=5088&partner=rssnyt&emc=rss&_r=0>](https://www.nytimes.com/2019/10/05/nyregion/cinderella-at-my-daughter.html). Acesso em 05 out. 2019.

_____. Cinderella ate my daughter: dispatches from the front lines of the new girlie-girl culture. Nova Iorque: HarperCollins Publishers, 2011.

_____. Schoolgirls: young women, self-esteem and the confidence gap. Nova Iorque: Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc., 1996.

_____. Garotas & Sexo. Tradução Rachel Botelho. Prefácio Regina Navarro Lins. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de Discursos: princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

_____. A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso. Campinas: Editora Pontes, 2009.

PARKS, Melinda. How Fourth-Wave Feminism is Changing Disney's Princesses. High Brow Magazine, 2014. Disponível em: <https://www.highbrowmagazine.com/4388-how-fourth-wave-feminism-changing-disney-s-princesses>. Acesso em 05 out. 2019.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. Caderno de Estudos Linguísticos, 19, p. 7 a 24, 1990.

_____. Linguística e marxismo. Tradução: Rogério Oliveira Fonseca. OLIVEIRA, Guilherme Adorno de. NOGUEIRA, Luciana (org.) Encontros na análise do discurso: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PAOLETTI, Jo. Pink and Blue: telling the boys from the girls in America. Indiana University Press, 2012.

PROJANSKY, Sarah. Spectacular Girls: media, fascination and celebrity culture. New York: NYU Press, 2015.

SANTOS NETO, Helena. Análise do Discurso Radiofônico: O Acontecimento Apagão em Florianópolis. 2015. 291p. Tese de Doutorado – Unisul. Palhoça, 2015.

SANTOS, Isabelle. Vivi Lobo e o Quarto Mágico: um livro infantil ilustrado a partir de estudos feministas. 2017. 166p. Monografia – UFPR. Curitiba, 2018.

SARDENBERG, Cecília. O Pessoal é Político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Revista Inc. Soc.*, v. 11, n.2, p. 15 - 29. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106/3726>>. Acesso em 03 nov. 2019.

SILVA, Cármen A. Duarte da; BARROS, Fernando; HALPERN, Sílvia; SILVA, Luciana A. Duarte. Meninas Bem-Comportadas, Boas Alunas; Meninos Inteligentes, Indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*, 107, p. 207-225, Universidade Federal de Pelotas, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHIRMER, Gabriela Gebran. Os Papéis de Gênero nos Contos de Fadas. 35p. Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2017.

SHORTTRIDGE, Laura. Was Esmeralda Disney's First Feminist Icon? W24. Disponível em: <<https://www.w24.co.za/SelfCare/Wellness/Mind/Was-Esmeralda-Disneys-first-major-feminist-icon-20140123>> Acesso em 12 out. 2019.

Sou Princesa, sou real. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fAOjPGwXgjE>>. Acesso em 03/02/2019.

STEINBERG, Shirley & KINCHELOE, Joe (org.). Cultura Infantil: a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STEINBERG, Shirley R. Contextualizing Corporate Kids: Kinderculture as Cultural Pedagogy. *Communication & Social Change*, 2(1), 31-57. doi: 10.4471/csc.2014.07. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4471/csc.2014.07>>. Acesso em 17 fev. 2020.

TALBOT, Margaret. Little Hotties. *The New Yorker Magazine*, dezembro, 2006, p. 74. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2006/12/04/little-hotties>>. Acesso em 16 fev. 2020.

TALBURT, Susan. **Youth Sexualities: Public Feelings and Contemporary Cultural Politics**. ABC-CLIO, 2016. Disponível em <https://books.google.com.br/books/about/Youth_Sexualities_2_Volumes.html?id=MA41tAEACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em 07 de ago. 2018.

THOMAS, Rhiannon. The Unforgivable Pinkness of Disney Princesses. *Feminist Fiction*. Disponível em: <<http://www.feministfiction.com/2014/01/08/the-unforgivable-pinkness-of-disney-princesses/>>. Acesso em 12 out. 2019.

THORNE, Barrie. *Gender Play: Girls and Boys in School*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

TRAN, Jasmin Endo. O novo filme de princesa: como Frozen atraiu meninos para

as salas de cinema. 2015. 152p. Monografia – UFPR. Curitiba, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis: Vozes, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA INSTITUIÇÕES

Cara/Caro XXXX,

Como parte da minha pesquisa para dissertação de mestrado na Universidade Federal do Paraná, eu gostaria de solicitar autorização para realizar uma série de atividades com dois grupos de alunos na sua instituição.

Estou fazendo meu mestrado em Comunicação e Formações Socioculturais. Minha pesquisa é sobre o impacto da mídia em crianças, especialmente em como as mensagens transmitidas em produtos midiáticos infantis estão presentes em seus pensamentos e discursos cotidianos.

Para a atividade descrita abaixo que eu gostaria de trabalhar com os alunos e alunas da rede estadual de ensino, falarei sobre um produto em específico: a franquia Disney Princesa.

Recentemente, em 2016, a franquia Disney Princesa teve uma mudança abrupta em sua narrativa. Ao invés de focar apenas nos aspectos físicos e visuais das personagens, a Disney optou por usar as princesas como modelos de virtudes que podem ajudar as crianças - especialmente as meninas - a alcançar seus sonhos. Tais virtudes vão da gentileza e otimismo à coragem e curiosidade.

Abaixo, alguns links úteis para melhor compreender a nova narrativa proposta pela Disney e definida pelo slogan Sou Princesa Sou Real (Dream Big Princess, no original em inglês).

Diretora dos Estúdios de Animação Disney fala sobre o novo slogan (em inglês): <https://www.thewaltdisneycompany.com/dream-big-jennifer-lee/>

Campanha fotográfica em parceria com a Girl Up, da ONU (em inglês): <https://partners.disney.com/dream-big-princess-photo-campaign>

Reportagem sobre a campanha de vídeo em parceria com a Girl Up, da ONU: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/cultura/brasileira-participa-de-projeto-para-aspirantes-cineastas-nos-eua.html>

Vídeo de lançamento da campanha: <https://www.youtube.com/watch?v=fAOjPGwXgjE&t=1s>

Como a minha pesquisa busca ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o assunto, ao invés de apenas pensar teoricamente a respeito, eu e minha colega Maria, estudante da graduação em psicologia, desenvolvemos uma atividade na qual elas poderão se expressar e compartilhar conosco seus pensamentos sobre as novas ideias da campanha Sou Princesa Sou Real.

Gostaríamos de propor uma gincana a ser realizada com dois grupos de crianças, um grupo de quatro, dois meninos e duas meninas, de idades 5, 6 e 7 anos. E um grupo de oito, quatro meninos e quatro meninas, com idades 7, 8 e 9 anos.

Na próxima página, você encontra o roteiro de atividades.

Muito obrigada pela sua atenção,
Luiza

ROTEIRO DE ATIVIDADES PARA OS ALUNOS

A atividade será nos moldes de uma gincana. Haverá três níveis que cada grupo deve passar antes de chegar até o quarto e último nível. Entre cada nível, todos os participantes devem passar por uma série de perguntas em forma de interação. Apenas após todos os participantes terem completado todas as questões eles recebem as orientações para a próxima atividade.

Número de aplicadoras necessárias: 2 (Nós, Luiza e Maria, seremos as aplicadoras).

Idade dos participantes:

Grupo 1: 4 participantes, 2 meninos e 2 meninas, idades 5, 6 e 7 (que tenham completado 7 anos a menos de 6 meses).

Grupo 2: 8 participantes, 4 meninos e 4 meninas, idades 7 (que tenham completado 7 anos a mais de 6 meses), 8 e 9.

Como ganhar

Grupo 1 (crianças entre 5 e 7 anos): todos os quatro participantes devem terminar todas as tarefas. Se o todo o grupo terminar todas as tarefas, todos ganham. Se um dos participantes desistir, ninguém ganha. Participantes podem ajudar e encorajar uns aos outros.

Grupo 2 (crianças entre 7 e 9 anos): os 8 participantes serão divididos em dois grupos de quatro (dois meninos e duas meninas para cada lado). O grupo que terminar primeiro vence.

Prêmio

Para os ganhadores, haverá um prêmio surpresa.

Esse prêmio pode ser previamente discutido com a escola. Nós sugerimos canetas, blocos de notas ou pequenos livros para colorir. Um prêmio por participante.

O que nós precisamos para fazer esta atividade

Uma sala com o mínimo de distrações possível, uma parede que possamos usar para colar fotos e recortes e uma parede que possamos usar para colar cartolina.

Regras

Antes de cada atividade, os participantes precisarão completar um bloco de perguntas. As perguntas serão feitas pelas aplicadoras para um participante por vez.

Depois de todos os participantes terem respondido todas as perguntas, o grupo receberá instruções para a próxima atividade.

Após todos os membros do grupo terem terminado a atividade, eles devem retornar às aplicadoras para a próxima rodada de perguntas e explicação da próxima atividade.

Após completarem todas as atividades, o grupo retornará para uma última pergunta.

Todos devem responder todas as questões de todos os blocos de pergunta e seguir todas as orientações das atividades para passarem para o próximo nível.

Todos devem respeitar as respostas dos outros participantes, mesmo que elas sejam diferentes das suas.

Todas as respostas são válidas, exceto "Eu não sei". O participante deve dar uma resposta, mesmo que isso signifique ter que imaginar alguma coisa na hora.

Será necessário ter uma autorização por escrito dos responsáveis legais pela criança. (Modelo sugerido anexo a este documento).

Tempo máximo para terminar a atividade: 2 horas (sendo 1 hora por grupo).

Observação: será necessário contar com a presença de um(a) professor(a) ou membro da equipe da escola com o qual as crianças estejam familiarizadas. Esta pessoa irá apenas observar a atividade e será uma presença familiar para assegurar os participantes.

Pontos importantes para notar:

- T
oda a atividade terá o áudio gravado. Essa gravação será utilizada exclusivamente com fins acadêmicos. O áudio completo ou trechos dele não será divulgado ou compartilhado de maneira nenhuma. A transcrição do áudio será citada na dissertação e será transcrita na íntegra em um dos apêndices.
- O
nome da escola e das crianças não será mencionado em momento algum.
- A
idade das crianças será mencionada.
- S
erá mencionado que a escola é pública e localizada em Curitiba.

INÍCIO DA ATIVIDADE

As aplicadoras irão se apresentar aos participantes dizendo seus nomes, idades e o que mais gostam de fazer. As crianças serão convidadas a dizerem seus nomes e idades.

As aplicadoras irão explicar o tema da atividade aos participantes: Príncipes e Princesas. Elas também irão explicar que estão contando com a ajuda deles pois a atividade faz parte de uma tarefa para a escola delas.

Haverá um prêmio especial no final, mas os vencedores devem prestar muita atenção às regras do jogo e segui-las.

Os participantes serão informados de que o jogo terá duração de até duas horas.

As regras serão apresentadas. Cada grupo terá uma aplicadora designada para quem deverão pedir as instruções ao longo do jogo e que será responsável para resolver quaisquer dúvidas ou divergências que possam aparecer.

As crianças podem chamar as aplicadoras pelo nome.

NÍVEL 1

Bloco de perguntas 1 (5 min)

P: O que é uma princesa?

R: Resposta do participante

P: O que ela pode e o que ela não pode fazer por ser uma princesa?

R: Resposta do participante

P: O que é um príncipe?

R: Resposta do participante

P: O que ele pode e não pode fazer por ser um príncipe?

R: Resposta do participante

ATIVIDADE 1 - Desenhe um príncipe e uma princesa. Cada um deles deve ter: nome, idade e uma coisa preferida que gostam de fazer. Bônus se eles se conhecerem e o participante puder explicar como. Os desenhos devem ter pelo menos três cores diferentes. (20 min)

Bloco de perguntas 2 (5 min)

P: Você gosta das princesas?

R: Resposta do participante

P: Por quê?

R: Resposta do participante

P: Tem uma princesa que você acha que é mais legal do que as outras? Qual?

R: Resposta do participante

P: Tem uma princesa que você acha que é menos legal do que as outras? Qual?

R: Resposta do participante

ATIVIDADE 2 - Em uma parede cheia de imagens de personagens infantis, os participantes devem colocar post-its sobre todos aqueles que eles consideram príncipes e princesas. Cada participante irá receber um bloco de post-its de cor diferente e irá colocar sobre a imagem do personagem que ele considerar da realeza. (10 minutos)

Bloco de perguntas 3 (5 min)

P: As princesas vão para a escola?

R: Resposta do participante

P: (sim) O que elas aprendem lá? / (não) O que elas precisam para serem princesas?

R: Resposta do participante

P: Os príncipes vão para a escola?

R: Resposta do participante

Q: (sim) O que eles aprendem lá? / (não) O que eles precisam para serem príncipes?

R: Resposta do participante

ATIVIDADE 3 - Na cartolina, cada participante deverá colocar um X sob as afirmações com as quais eles concordam: 1) Princesas são fortes. 2) Princesas são corajosas. 3) Princesas são fracas. 4) Princesas são delicadas. (10 minutos)

PERGUNTA FINAL - Você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa? Por quê? (5 minutos)

FIM DA ATIVIDADE

AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, RG _____, número
 _____, responsável legal pelo(a) menor
 _____, nascido em __/__/__,

autorizo sua participação nas atividades de pesquisa realizadas pela mestranda em Comunicação da Universidade Federal do Paraná Luiza Guimarães e pela graduanda em psicologia Maria Constanza Perié.

Eu compreendo que a atividade envolve perguntas, desenhos, jogos e prêmios sobre o tema Príncipes e Princesas. Eu entendo que o áudio da atividade será gravado e não será divulgado ou compartilhado de maneira alguma. A transcrição será apenas utilizada com finalidade acadêmica e será citada na dissertação para a qual esta pesquisa foi aplicada.

Eu compreendo que a atividade será nas dependências da XXXXX, localizada na rua das xxxx, nº xxx, em xxxxx, Paraná.

Sem mais questões, assino.

Nome: _____
 Curitiba, _____ de 2019.

ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PESQUISA ENTREGUE A PAIS E RESPONSÁVEIS

Autorização Pesquisa Exploratória

Eu, _____, autorizo a participação voluntária do meu/minha filho(a) _____, nascido em __/__/____, a participar da pesquisa com fins acadêmicos aplicada pela mestrandia em Comunicação Luiza Guimarães e pela graduanda em Psicologia Maria Constanza Perie. A pesquisa será realizada no dia XX de xxx de 2019, às xxh, na xxxxxxxx, situada na rua xxxx, xxxx, Paraná.

A pesquisa terá como objetivo a produção de um artigo acadêmico, requisito para a conclusão de disciplina optativa no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná.

O tema da pesquisa será a reformulação das narrativas da franquia Disney Princesa em março de 2016. Após a adoção do novo slogan "Sou Princesa, Sou Real", a franquia passou a propor modelos que incentivassem as crianças a seguirem seus sonhos com base nas atitudes tomadas pelas personagens clássicas como Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida e modernas, como Rapunzel, Merida e Moana.

Compreendo que a pesquisa acontecerá de acordo com a rotina expressa abaixo:

Primeira etapa — recepção das crianças e apresentação da atividade.

Segunda etapa — atividade de desenhos sobre a reformulação das narrativas da marca Disney Princesa em 2016. Durante esta atividade, serão propostos às crianças uma série de temas relacionados às novas narrativas da marca para que elas se expressem sobre eles através dos desenhos.

Terceira etapa — será proposta uma conversa com as crianças para que elas expliquem seus desenhos e acrescentem mais informações verbais caso desejem.

Compreendo que o áudio de toda atividade será gravado com a finalidade exclusiva de auxiliar na produção do artigo que apresentará os resultados da pesquisa com as crianças. Este áudio não será divulgado de nenhuma forma, seja em seu formato de áudio ou transcrito na íntegra.

Compreendo que algumas falas das crianças poderão ser citadas no artigo, porém não será citado o nome de nenhuma das crianças. As idades poderão ser mencionadas.

De acordo com o exposto acima, declaro-me ciente da atividade e autorizo meu/minha filho(a) a participar da pesquisa.

Curitiba, 16 de janeiro de 2019

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 1, SUBGRUPO 1

Atividade realizada em escola particular da região de Curitiba no dia 20 de fevereiro de 2019. Grupo 1, subgrupo 1.

Carlos (7)

Matias (7)

Cristina (7)

Andrea (7)

Aplicadora - Muita atenção!

Pesquisadora - Eu vou explicar as regras, mas tem que prestar muita atenção porque tem um prêmio no final.

Carlos - É uma bola de futebol!

Pesquisadora - É um prêmio menor um pouco, calma.

Matias - Aaaaa... Eu sei! Eu sei! É um pufe.

Pesquisadora - Menor, menor. Porque coube dentro da minha mochila.

Matias - Ah, então não é um pufe e nem uma bola.

Carlos - Ah, mas uma bola cabe dentro da mochila.

Pesquisadora - Então... só que só vai ganhar o prêmio quem terminar a atividade, então vocês são todos um super grupo. OK? Pra ficar mais fácil, a gente vai dividir o grupo em dois, então eu vou precisar de um menino e uma menina, separar os meninos e as meninas.

Crianças - Ah... não...

Aplicadora - Se vocês não escolherem, eu vou escolher.

Cristina - Eu vou com o Carlos!

Pesquisadora - Andrea, você vai com o Matias?

Matias - Não, eu quero ir com o Carlos.

Pesquisadora - Mas vocês são todos um grupo grande. Ok? Então agora é o seguinte, essa atividade, ela funciona assim...

Carlos - Tem que jogar bola?

Pesquisadora - Não, não cabe uma bola aqui, né?

Aplicadora - Não, mas vai ter que correr.

Carlos - Eu sou o mais rápido!

Pesquisadora - Vai ficar duas crianças comigo e duas com a Maria. Nós vamos ser: as mentoras do jogo. Ok?

Carlos - O que significa isso?

Aplicadora - É para colocar um suspense.

Carlos - Ah tá!

Crianças - Uuuuu

Pesquisadora - Existem três atividades, uma é de desenhar

Criança - Eu sou ruim de desenhar.

Pesquisadora - Outra é no cartaz que está ali na parede e outra é naquele cartaz pequenininho ali na parede. Só que pra vocês saberem o que tem que desenhar e o que tem que fazer naquela parede e naquela outra parede, vocês vão ter que responder algumas perguntas antes.

Aplicadora - Todos vocês sabem ler?

Carlos - Mais ou menos.

Cristina - Eu sei!

Andrea - Eu sei!

Aplicadora - O que está escrito aqui?

Criança - Sete!

Aplicadora - E agora Carlos, o que está escrito aqui?

Carlos - Vou saber?

Aplicadora - Eu sei que você é inteligente.

Crianças - Você sabe! Você sempre lê nos seus livros!

Andrea - Problem!

Aplicadora - E aqui?

Crianças - Stairs!

Aplicadora - Então todo mundo sabe ler!

Pesquisadora - O tema da nossa atividade são príncipes e princesas.

Carlos - Aaaaa...

Matias - Não dava pra colocar um Naruto?

Crianças rindo.

Pesquisadora - O Naruto é um príncipe?

Matias - Não, mas ele luta tae-kon-do!

Aplicadora - Olha aqui. Tem Pokémon. Eu não sei o nome dele.

Matias - É o Ash.

Aplicadora - Tem o Shrek também.

Carlos - Mas eu não gosto do Shrek.

Pesquisadora - Carlos, a minha tarefa de casa é de príncipes e princesas, então eu tenho que fazer, né?

Carlos - É. Você pode colocar o Naruto como príncipe.

Pesquisadora - O trabalho é seu?

Crianças riem.

Pesquisadora - Cada atividade tem suas regras que a gente vai explicar na hora e todos vocês tem uma hora para terminar.

Crianças fazem exclamações ansiosas e nervosas.

Aplicadora - Se não terminar não tem prêmio. Mas a gente fez com outras crianças e elas saíram correndo.

Pesquisadora - Podemos começar?

Carlos - Sim! Sim! Sim!

Pesquisadora - Quem são as crianças que vem comigo?

Aplicadora - Eu fiquei com a Andrea e com o Matias.

Pesquisadora - Vamos começar com as perguntas para vocês e, depois, vocês vão para a primeira atividade, ok?

Carlos - Ela morreu!

Pesquisadora - Você tá prestando atenção, Carlos?

Carlos - Mas ela morreu!

Aplicadora - Luiza, a gente vai fazer um de cada vez?

Pesquisadora - Todos ao mesmo tempo.

Aplicadora - Primeira pergunta: o que é uma princesa, Matias?

Matias - Sei lá.

Aplicadora - Fica pensando na sua resposta. O que você acha que é uma princesa?

Matias - Não sei...

Aplicadora - Eu vou perguntar pra ela enquanto você pensa, tá?

Matias - Uma menina que solta pum.

Aplicadora - Uma princesa é uma menina que solta pum?

Matias - Sim.

Aplicadora - Tudo bem. Andrea, o que para você é uma princesa?

Andrea - Uma princesa é uma pessoa que usa coroa, mora no castelo e... ah, não sei mais.

Aplicadora - Tá. E o que uma princesa pode fazer? E não fazer?

Matias - Ela pode fazer cocô. E não pode... morrer.

Aplicadora - Não pode morrer?

Matias - Não.

Aplicadora - Tá bom. Então Andrea, o que uma princesa pode e não pode fazer?

Andrea - Pode... usar coroa.

Aplicadora - Usar coroa, tudo bem, e não pode?

Andrea - Não pode... fazer coisas de menino.

Aplicadora - Não pode fazer coisas de menino. O que é coisa de menino? Me dá um exemplo?

Andrea - Futebol.

Aplicadora - Ah, tudo bem, entendi. E Matias, o que é um príncipe?

Matias - Um menino que...

Aplicadora - Você é um príncipe?

Matias - Não!

Andrea rindo.

Aplicadora - O que é um príncipe então? Eu achei que você fosse um.

Matias - Um menino que come e faz xixi.

Andrea rindo.

Aplicadora - E para você, Andrea, o que é um príncipe?

Andrea - Um menino... que não pode fazer coisa de menina.

Aplicadora - Me dá um exemplo, de coisa de menina.

Andrea - Um monte de coisa. Balé.

Aplicadora - Ah. Ok. E o que mais?

Andrea - Usa coroa.

Aplicadora - Usa coroa. Ok. O que ele pode e não pode fazer, o príncipe?

Matias - Ele pode... Ele não pode fazer cocô. Ele pode comer.

Aplicadora - Ok. E o que ele pode e não pode fazer, Andrea?

Andrea - Ele pode... ir no banheiro. Ele não pode fazer coisa de menina.

Aplicadora - Tudo bem. Então agora eu vou dar outra atividade para vocês. Agora vocês vão desenhar um príncipe e uma princesa. Os dois precisam ter um nome, uma idade e o que eles mais gostam de fazer. Vocês precisam usar três cores diferentes e falar depois como eles se conheceram.

Matias - O que é pra fazer?

Aplicadora - Acabei de explicar, Matias.

Andrea - É pra desenhar...

Aplicadora - Um príncipe e uma princesa com nome, idade e o que eles mais gostam de fazer. E depois explicar como eles se conheceram.

Matias - Ah...

Andrea - É pra ser grande ou pequeno?

Aplicadora - Como você quiser.

Andrea - Eu vou fazer uma menina.

Cristina - Tem que ser um príncipe e uma princesa.

Andrea - Eu vou começar pela menina.

Matias - Uuui que coroa feia.

Crianças riem.

Carlos - Eu vou fazer eles sem braços.

Crianças riem.

Carlos - Mentira. Vou fazer ele com braços. Pode desenhar atrás? Eu fiz ele errado.

Aplicadora - Pode. Tem que usar pelo menos três cores, tá?

Matias - Tá.

Cristina - Tá.

Carlos - Tem que usar três cores?

Aplicadora - Tem que usar. Pelo menos três cores.

Cristina - Eu uso bem mais que três, pelo menos umas dez.

Aplicadora - Ótimo! Pode usar muitas.

Matias - Nem tem canetinha.

Carlos - Eu sei.

Andrea - Eu sei.

Carlos - Você desenha bem?

Aplicadora - Eu mais ou menos.

Andrea - Eu desenho bem.

Aplicadora - Eu gosto de desenhar flores.

Carlos - Eu gosto de jogar bola.

Andrea ri.

Carlos - É a única coisa que eu faço da minha vida.

Andrea - Não, você come... faz um monte de coisas. Você vai pro banheiro no meio da aula.

Crianças riem.

Carlos - É mesmo.

Aplicadora - Ele vai muito no banheiro.

Crianças - Aham. Muito!

Matias - Só pra faltar aula.

Pesquisadora - Vamos pessoal!

Aplicadora - Corre! Corre! Corre!

Pesquisadora - Lembra que temos uma hora para acabar.

Aplicadora - E que tem que desenhar um príncipe e uma princesa.

Andrea - No mesmo papel?

Aplicadora - No mesmo papel.

Pesquisadora - Não esquece de colocar o nome, a idade e o que mais gosta de fazer.

Cristina - Ai meu deus...

Aplicadora - Eu tô ficando nervosa!

Pesquisadora - Calma que dá tempo!

Cristina - O nome dele é Felipe, Fe-li-pe. E eu não sei o que ele gosta de fazer.

Aplicadora - E agora a princesa.

Cristina - Não tá pronto. Eu to colorindo o príncipe primeiro.

Carlos - O meu nome é Clebinho! Terminei!

Cristina - Terminou?

Carlos - Já. Já terminei.

Cristina - E a princesa?

Carlos - Tem que fazer princesa?

Pesquisadora - Tem.

Aplicadora - Príncipe e princesa. Pros dois tem que ter um nome, pros dois tem que ter idade, pros dois tem que ter o que mais gosta de fazer.

Criança - Ai, eu não sei.

Carlos - Então vinte pro Clebinho... Não, deixa eu fazer a princesa.

Matias - A princesa tem que usar um vestido.

Andrea ri.

Carlos - Ela vai soltar um pum. A minha princesa.

Andrea - Eeeei...

Carlos - (afinando a voz) Respeito com as mulheres...

Cristina - É, respeito com as mulheres mesmo.

Matias - O cabelo vai ser verde eu acho. O cabelo da princesa vai ser horrível.
(rindo) Esse vai ser o cabelo da princesa.

Carlos - O cabelo é verde. Agora deixa eu...

Aplicadora - Cadê a terceira cor da princesa?

As crianças riem.

Andrea - Que lápis grosso.

Aplicadora - Né? Vai durar para sempre.

Pesquisadora - Dez anos que esse lápis existe.

Aplicadora - Meu deus!

Crianças conversam uma por cima da outra.

Carlos - Terminei!

Pesquisadora - Já tem o nome dela?

Carlos - O nome dela vai ser punção... Não, não vai ser punção... Vai ser Jenifer! Igual aquela música da Jenifer.

Andrea - Meu, os meninos adoram essa música!

Andrea - Tem idade também e o que ela mais gosta de fazer.

Matias - Patrícia.

Carlos - 25.

Aplicadora - E o que ele gosta de fazer? Tem que anotar pros dois.

Carlos - Jogar bola.

Aplicadora - Ok.

Matias - Pa-trí-ci-a

Cristina - O nome dela vai ser Lelê.

Carlos - Ei! Você colocou Carlos?

Andrea - Aham.

Carlos - EEEEE!

Andrea ri.

Aplicadora - Isso é bom. Imagina você de príncipe?

Carlos - Eu não quero ser famoso.

Aplicadora - Carlos, isso?

Pesquisadora - Já achou o nome do seu príncipe?

Matias - Não.

Cristina - Terminei. Só que eu não fiz junto, tá?

Pesquisadora - Tá.

Aplicadora - Matias, assim que você terminar a gente já vai pra próxima!

Matias - O nome dela é Cocô

Cristina - Cocô? (Risos)

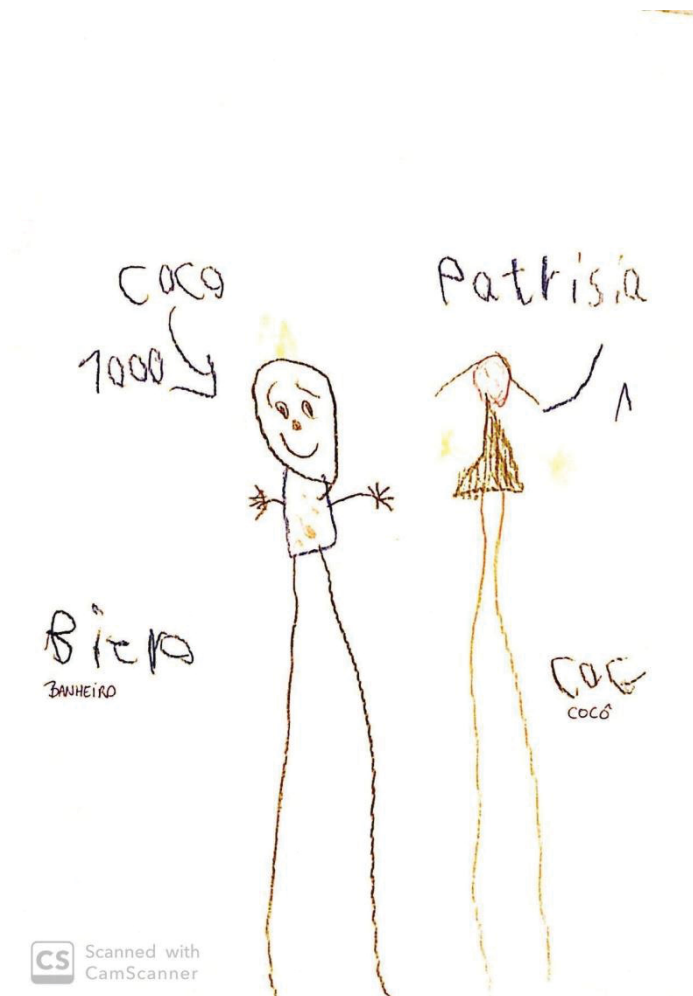
Matias - E ele tem mil anos.

Aplicadora - E o que ele mais gosta de fazer?

Matias - Ir no banheiro. Porque ela gosta de fazer cocô. Acabei.



DESENHO DA ANDREA



DESENHO DO MATIAS

Aplicadora - Então vamos para as próximas perguntas. Matias, não, vamos começar pela Andrea.

Andrea - Tá bom.

Aplicadora - Andrea, você gosta de princesas?

Andrea - Aham.

Aplicadora - E Matias, você gosta de princesas?

Matias - Não.

Andrea rindo.

Aplicadora - Por que você gosta de princesas, Andrea?

Andrea - Não sei. Porque eu gosto. Porque elas usam vestido, coroa... E só.

Aplicadora - E só. Matias, por que você não gosta das princesas?

Matias - Porque elas são chatas.

Aplicadora - Tem mais algum motivo.

Matias - Não.

Aplicadora - Tá. Andrea, tem uma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Andrea - A Branca de Neve.

Aplicadora - Tudo bem. E você, Matias, tem alguma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Matias - Não.

Aplicadora - Uhum. E você, Andrea, tem alguma princesa que você ache que é menos legal?

Andrea - Tem.

Aplicadora - Qual?

Andrea - A Moana.

Aplicadora - E você, Matias? Qual é menos legal?

Matias - A Moana.

Aplicadora - Tem certeza? Ou você tá copiando a Andrea?

Matias - Eu tenho certeza.

Aplicadora - Beleza. Agora a gente vai pra outra atividade. A gente vai te dar esses bloquinhos aqui e vocês têm que usar para marcar todos que vocês acharem que são príncipes e princesas naquela parede. Tudo o que vocês acham que é um príncipe e uma princesa. Se vocês não conhecerem o personagem, tudo bem. Tudo o que vocês acham que é um príncipe ou uma princesa. Ok? Corre! Corre! Corre!

Carlos - Pronto!

Aplicadora - Tira o post-it e cola.

Carlos - Ah! Pronto! Terminei!

Pesquisadora - Você já colocou em todos que você acha que é príncipe e princesa?

Carlos - Sim. Eu só vou colocar nos caras que eu gosto. Batman não gosto... O do mundo da aventura...

Andrea - Eles não são. Príncipes nem princesas.

Carlos - Não ligo! Ela falou que tem que achar quem é príncipe. Então ele é príncipe, o Superman é príncipe... Ela... ele é um príncipe... ela é pop... O Tarzan... terminei!

Andrea - Eu acho que ele é só um menininho (para o James, personagem da princesinha Sofia).

Carlos - Terminei!

Aplicadora - Olha, esse aqui caiu. Onde que estava, Cristina? Tem que apertar bem. Pronto, Matias? Quando a Andrea terminar a gente continua as perguntas. Cuidado para colar bem, gente.

Andrea - Terminei.







Aplicadora - OK. Vamos para as próximas perguntas. Matias, as princesas vão para a escola?

Matias - Não.

Andrea - Sim.

Aplicadora - Sim? E... você acha que não?

Matias - Eu acho que sim.

Aplicadora - E o que elas aprendem lá, Matias?

Matias - Legais.

Aplicadora - Elas aprendem a ser legais?

Matias - Sim.

Aplicadora - Andrea, o que elas aprendem na escola?

Andrea - A ser... educadas?

Aplicadora - E os príncipes, vão para a escola?

Matias - Sim.

Andrea - Sim.

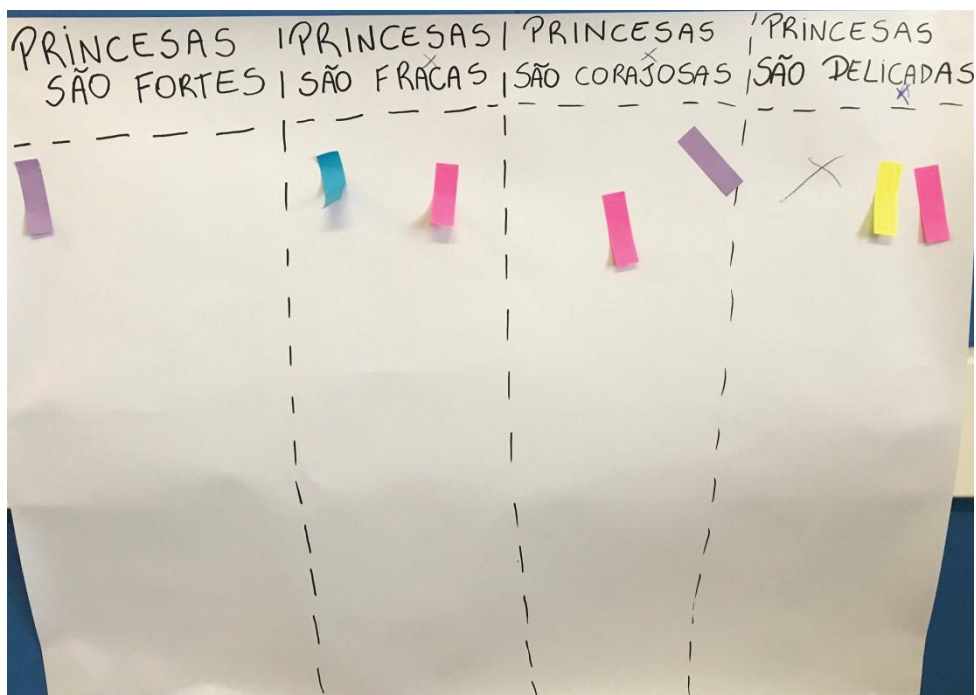
Aplicadora - E o que eles aprendem lá, Matias?

Matias - Ser um príncipe.

Andrea - Ser um príncipe.

Aplicadora - Tá, então a gente vai para a próxima atividade. Vocês vão colar o post-it embaixo de todas aquelas que vocês concordam.

Matias - Acabei!



Aplicadora - Então venham aqui para a última pergunta. Vem! Vem! Matias, você gostaria de ser uma princesa ou um príncipe?

Matias - Não.

Aplicadora - Por quê? Pensa nessa resposta, essa resposta é importante. Você gostaria de ser uma princesa?

Andrea - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Andrea - Porque usa coroa!

Aplicadora - Porque usa coroa. E tem mais alguma coisa?

Andrea - Não.

Aplicadora - E você, porque você não gostaria... gostaria ou não de ser um príncipe?

Matias - Não.

Aplicadora - Por quê?

Matias - Porque... ele usa coroa.

Aplicadora - E você não quer usar coroa?

Matias - Não.

Aplicadora - Tudo bem. Tem mais alguma coisa?

Matias - Não.

Aplicadora - Acabamos!

ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 1, SUBGRUPO 2

Atividade realizada em escola particular da região de Curitiba no dia 20 de fevereiro de 2019. Grupo 1, subgrupo 2.

Carlos (7)

Matias (7)

Cristina (7)

Andrea (7)

Aplicadora - Muita atenção!

Pesquisadora - Eu vou explicar as regras, mas tem que prestar muita atenção porque tem um prêmio no final.

Carlos - É uma bola de futebol!

Pesquisadora - É um prêmio menor um pouco, calma.

Matias - Aaaaa... Eu sei! Eu sei! É um pufe.

Pesquisadora - Menor, menor. Porque coube dentro da minha mochila.

Matias - Ah, então não é um pufe e nem uma bola.

Carlos - Ah, mas uma bola cabe dentro da mochila.

Pesquisadora - Então... só que só vai ganhar o prêmio quem terminar a atividade, então vocês são todos um super grupo. OK? Pra ficar mais fácil, a gente vai dividir o grupo em dois, então eu vou precisar de um menino e uma menina, separar os meninos e as meninas.

Crianças - Ah... não...

Aplicadora - Se vocês não escolherem, eu vou escolher.

Cristina - Eu vou com o Carlos!

Pesquisadora - Andrea, você vai com o Matias?

Matias - Não, eu quero ir com o Carlos.

Pesquisadora - Mas vocês são todos um grupo grande. Ok? Então agora é o seguinte, essa atividade, ela funciona assim...

Carlos - Tem que jogar bola?

Pesquisadora - Não, não cabe uma bola aqui, né?

Aplicadora - Não, mas vai ter que correr.

Carlos - Eu sou o mais rápido!

Pesquisadora - Vai ficar duas crianças comigo e duas com a Maria. Nós vamos ser: as mentoras do jogo. Ok?

Carlos - O que significa isso?

Aplicadora - É para colocar um suspense.

Carlos - Ah tá!

Crianças - Uuuuu

Pesquisadora - Existem três atividades, uma é de desenhar

Criança - Eu sou ruim de desenhar.

Pesquisadora - Outra é no cartaz que está ali na parede e outra é naquele cartaz pequenininho ali na parede. Só que pra vocês saberem o que tem que desenhar e o que tem que fazer naquela parede e naquela outra parede, vocês vão ter que responder algumas perguntas antes.

Aplicadora - Todos vocês sabem ler?

Carlos - Mais ou menos.

Cristina - Eu sei!

Andrea - Eu sei!

Aplicadora - O que está escrito aqui?

Criança - Sete!

Aplicadora - E agora Carlos, o que está escrito aqui?

Carlos - Vou saber?

Aplicadora - Eu sei que você é inteligente.

Crianças - Você sabe! Você sempre lê nos seus livros!

Andrea - Problem!

Aplicadora - E aqui?

Crianças - Stairs!

Aplicadora - Então todo mundo sabe ler!

Pesquisadora - O tema da nossa atividade são príncipes e princesas.

Carlos - Aaaaa...

Matias - Não dava pra colocar um Naruto?

Crianças rindo.

Pesquisadora - O Naruto é um príncipe?

Matias - Não, mas ele luta tae-kon-do!

Aplicadora - Olha aqui. Tem Pokémon. Eu não sei o nome dele.

Matias - É o Ash.

Aplicadora - Tem o Shrek também.

Carlos - Mas eu não gosto do Shrek.

Pesquisadora - Carlos, a minha tarefa de casa é de príncipes e princesas, então eu tenho que fazer, né?

Carlos - É. Você pode colocar o Naruto como príncipe.

Pesquisadora - O trabalho é seu?

Crianças riem.

Pesquisadora - Cada atividade tem suas regras que a gente vai explicar na hora e todos vocês tem uma hora para terminar.

Crianças fazem exclamações ansiosas e nervosas.

Aplicadora - Se não terminar não tem prêmio. Mas a gente fez com outras crianças e elas saíram correndo.

Pesquisadora - Podemos começar?

Carlos - Sim! Sim! Sim!

Pesquisadora - Quem são as crianças que vem comigo?

Aplicadora - Eu fiquei com a Andrea e com o Matias.

Pesquisadora - Vamos começar com as perguntas para vocês e, depois, vocês vão para a primeira atividade, ok?

Carlos - Ela morreu!

Pesquisadora - Você tá prestando atenção, Carlos?

Carlos - Mas ela morreu!

Aplicadora - Luiza, a gente vai fazer um de cada vez?

Pesquisadora - Todos ao mesmo tempo.

Andrea - Ai...

Cristina - Eu não entendi direito, mas tudo bem.

Pesquisadora - A gente vai entendendo conforme as coisas vão andando.

Cristina - É!

Carlos - Posso sentar de novo na bola?

Pesquisadora - Ok? Eu vou gravar a resposta de vocês. Olha, tudo o que eu falo a onda aparece aqui.

Carlos - É tipo você tá... você é o repórter e...

Cristina - e a gente é...

Carlos - E eu sou o Neymar e ela é... e ela é...

Pesquisadora - Como se fosse uma entrevista. Eu vou começar. Concentra aí, viu? Ok. A minha primeira pergunta, vamos ver, vou começar aqui com a Cristina. O que é uma princesa?

Cristina - Uma princesa é uma pessoa que vai namorar com o príncipe, morre com a Cinderela e o príncipe beija na boca...

Carlos - UUUUUUI!

Pesquisadora - E você, Carlos, o que você acha que é uma princesa?

Carlos - Uma princesa? Uma pessoa que solta pum, que é feia, que é chata, que o Neymar é melhor do que ela... Cristiano também e só.

Pesquisadora - E o que uma princesa pode fazer?

Carlos - Soltar pum.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Carlos - E o que ela não pode fazer... é... é... é... se matar.

Pesquisadora - É, acho que isso não é muito legal, né? E o que uma princesa pode fazer?

Cristina - Ela pode... escovar o cabelo pra ficar bonito... E só.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Cristina - Ela não pode comer com a boca aberta, que é nojento.

Pesquisadora - É verdade. E o que é um príncipe?

Cristina - É uma pessoa que beija na boca da princesa, ele come, algumas vezes com a boca aberta.

Carlos - Ei! Não fala mal dos "hómi"!

Pesquisadora - E o que que é um príncipe?

Carlos - Um príncipe é... uma pessoa que beija na boca de todo mundo que ele vê pela frente e... deixa eu pensar mais uma... e ele tem um cabelo horrendo e ele tem uma barbicha, um bigodão... E terminou.

Pesquisadora - E o que um príncipe pode fazer?

Carlos - Ele pode fazer qualquer coisa que ele quiser no mundo menos morrer.

Pesquisadora - E o que ele não pode fazer?

Carlos - Ele não pode fazer cocô, xixi nem comer.

Pesquisadora - E o que um príncipe pode fazer?

Cristina - Ele pode...

Carlos - Beijar na boca de uma mulher.

Pesquisadora - A resposta é dela.

Cristina ri.

Cristina - Ele pode comer, ele pode ir pro banheiro...

Carlos - Não pode...

Pesquisadora - E o que ele não pode fazer?

Cristina - Ele não pode se matar, ele não pode atacar as meninas.

Carlos - Pode sim. Eu já ataquei. Com uma airsoft.

Cristina - Você não é príncipe.

Carlos - Com uma airsoft. Com uma airsoft. Dei tiro no pé de uma menina ela saiu correndo.

Pesquisadora - Agora eu tenho a primeira atividade. Vem cá! Vem cá!

Carlos - É planinho de futebol!

Pesquisadora - Vocês precisam desenhar um príncipe e uma princesa, mas eles têm que ter nome...

Carlos - CLEPINHO!

Pesquisadora - Os dois, os dois. Eles têm que ter idade e eles têm que ter uma coisa preferida pra fazer.

Carlos - Ah! Eu sei! Jogar bola! (Risos)

Pesquisadora - Vamos correr ali na mesa?

Carlos - Cadê uma cadeira? Ah! A minha cadeira é uma bola.

Aplicadora - Eles têm que ter nome, idade, o que eles mais gostam de fazer. Vocês precisam usar três cores e me falar depois como eles se conheceram.

Carlos - Eu peguei rosinhaaaa!

Cristina - Tem pencil?

Pesquisadora - Só lápis de cor.

Carlos - É amarelo ou esse aqui é dourado?

Pesquisadora - Esse é dourado.

Andrea - É pra ser grande ou pequeno?

Aplicadora - Como você quiser.

Matias - Eu vou colocar florzinha, igual o do Carlos.

Meninos riem.

Carlos - Coroa de ar!

Andrea - Eu vou fazer uma menina.

Cristina - Tem que ser um príncipe e uma princesa.

Andrea - Eu vou começar pela menina.

Matias - Uuui que coroa feia.

Crianças riem.

Carlos - Eu vou fazer eles sem braços.

Crianças riem.

Carlos - Mentira. Vou fazer ele com braços. Pode desenhar atrás? Eu fiz ele errado.

Aplicadora - Pode. Tem que usar pelo menos três cores, tá?

Matias - Tá.

Cristina - Tá.

Carlos - Tem que usar três cores?

Aplicadora - Tem que usar. Pelo menos três cores.

Cristina - Eu uso bem mais que três, pelo menos umas dez.

Aplicadora - Ótimo! Pode usar muitas.

Matias - Nem tem canetinha.

Carlos - Eu sei.

Andrea - Eu sei.

Carlos - Você desenha bem?

Aplicadora - Eu mais ou menos.

Andrea - Eu desenho bem.

Aplicadora - Eu gosto de desenhar flores.

Carlos - Eu gosto de jogar bola.

Andrea ri.

Carlos - É a única coisa que eu faço da minha vida.

Andrea - Não, você come... faz um monte de coisas. Você vai pro banheiro no meio da aula.

Crianças riem.

Carlos - É mesmo.

Aplicadora - Ele vai muito no banheiro.

Crianças - Aham. Muito!

Matias - Só pra faltar aula.

Pesquisadora - Vamos pessoal!

Aplicadora - Corre! Corre! Corre!

Pesquisadora - Lembra que temos uma hora para acabar.

Aplicadora - E que tem que desenhar um príncipe e uma princesa.

Andrea - No mesmo papel?

Aplicadora - No mesmo papel.

Pesquisadora - Não esquece de colocar o nome, a idade e o que mais gosta de fazer.

Cristina - Ai meu deus...

Aplicadora - Eu tô ficando nervosa!

Pesquisadora - Calma que dá tempo!

Cristina - O nome dele é Felipe, Fe-li-pe.

Aplicadora - E agora a princesa.

Cristina - Não tá pronto. Eu to colorindo o príncipe primeiro.

Carlos - O meu nome é Clebinho! Terminei!

Cristina - Terminou?

Carlos - Já. Já terminei.

Cristina - E a princesa?

Carlos - Tem que fazer princesa?

Pesquisadora - Tem.

Aplicadora - Príncipe e princesa. Pros dois tem que ter um nome, pros dois tem que ter idade, pros dois tem que ter o que mais gosta de fazer.

Criança - Ai, eu não sei.

Carlos - Então vinte pro Clebinho... Não, deixa eu fazer a princesa.

Matias - A princesa tem que usar um vestido.

Andrea ri.

Carlos - Ela vai soltar um pum. A minha princesa.

Andrea - Eeeei...

Carlos - (afinando a voz) Respeito com as mulheres...

Cristina - É, respeito com as mulheres mesmo.

Matias - O cabelo vai ser verde eu acho. O cabelo da princesa vai ser horrível.
(rindo) Esse vai ser o cabelo da princesa.

Carlos - O cabelo é verde. Agora deixa eu...

Aplicadora - Cadê a terceira cor da princesa?

As crianças riem.

Andrea - Que lápis grosso.

Aplicadora - Né? Vai durar para sempre.

Pesquisadora - Dez anos que esse lápis existe.

Aplicadora - Meu deus!

Crianças conversam uma por cima da outra.

Carlos - Terminei!

Pesquisadora - Já tem o nome dela?

Carlos - O nome dela vai ser punção... Não, não vai ser punção... Vai ser Jenifer!
Igual aquela música da Jenifer.

Andrea - Meu, os meninos adoram essa música!

Andrea - Tem idade também e o que ela mais gosta de fazer.

Matias - Patrícia.

Carlos - 25.

Aplicadora - E o que ele gosta de fazer? Tem que anotar pros dois.

Carlos - Jogar bola.

Aplicadora - Ok.

Matias - Pa-trí-ci-a

Cristina - O nome dela vai ser Lelê.

Carlos - Ei! Você colocou Carlos?

Andrea - Aham.

Carlos - EEEEE!

Andrea ri.

Aplicadora - Isso é bom. Imagina você de príncipe?

Carlos - Eu não quero ser famoso.

Aplicadora - Carlos, isso?

Pesquisadora - Já achou o nome do seu príncipe?

Matias - Não.

Cristina - Terminei. Só que eu não fiz junto, tá?

Pesquisadora - Tá.

Matias - O nome dela é Cocô

Cristina - Cocô? (Risos)

Matias - E ele tem mil anos, quase.

Pesquisadora - E o que ele mais gosta de fazer?

Carlos - Jogar bola.

Cristina - Eu fiz errado.

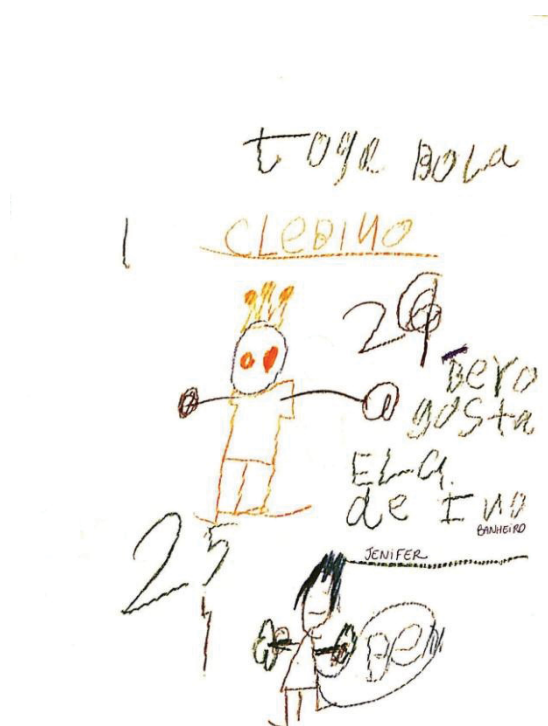
Carlos - O que ela gosta de fazer? Ba-nhei-ro.

Pesquisadora - Terminou, Carlos?

Carlos - Terminei.

Pesquisadora - Beleza, então a gente já vai.

Carlos - Obaaaa!



CS Scanned with
CamScanner

DESENHO DO CARLOS



DESENHOS DA CRISTINA

Pesquisadora - Próxima fase. Atenção.

Carlos - Cadê a bola? Cadê a bola?

Pesquisadora - Próximas perguntas. Cristina: você gosta de princesas?

Cristina - Gosto!

Pesquisadora - Por quê?

Cristina - Porque elas são bonitas, são famosas e elas são da Disney que eu já fui. Eu adoro Disney!

Pesquisadora - E você, Carlos, gosta de princesas?

Carlos - Não.

Pesquisadora - Por quê?

Carlos - Porque ela é chata. Ela solta pum e é chatonildona.

Pesquisadora - E tem uma princesa que você acha que é mais legal?

Carlos - Não.

Pesquisadora - Não? Nada? Tem uma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Cristina - Eu gosto de todas.

Pesquisadora - Nenhuma é mais legal do que as outras? Tem uma que é menos legal? Mais chatinha assim?

Cristina - Não.

Pesquisadora - Não também?

Cristina - Não. Só a moça malvada daquela história, da Rapunzel.

Pesquisadora - É verdade, mas ela não é princesa, né?

Cristina - Não.

Pesquisadora - Carlos, tem alguma princesa que você acha que é pior do que todas as princesas?

Carlos - Sim, porque princesa é ruim.

Pesquisadora - Mas alguma delas que você fala: nossa, essa é muito insuportável?

Carlos - Não, porque eu não gosto de princesa.

Pesquisadora - Todas são ruins iguais.

Carlos - Uhum.

Pesquisadora - Beleza, então próxima atividade. É o seguinte, é naquela parede ali. Tá vendo aquela parede cheia de personagens? Eu vou te dar esse bloquinho de post-its pra vocês.

Carlos - O que que é post-it?

Pesquisadora - É esse bloquinho aqui.

Carlos - Uaaau.

Pesquisadora - Não é pra usar tudo que a gente vai precisar dele depois, Vocês vão até aquela parede e colocam um post-it em cima de tudo o que é príncipe e tudo o que é princesa.

Carlos - O Ash, pode ser o Ash?

Pesquisadora - Tudo o que você acha que é um príncipe ou uma princesa?

Carlos - Tá bom.

Pesquisadora - Se você nunca viu a cara desse personagem, mas puxa, acho que ele é um príncipe ou uma princesa, pode botar post-it.

Carlos - Tá bom.

Pesquisadora - Vai!

Aplicadora - Corre! Corre! Corre!

Carlos - Pronto!

Aplicadora - Tira o post-it e cola.

Carlos - Ah! Pronto! Terminei!

Pesquisadora - Você já colocou em todos que você acha que é príncipe e princesa?

Carlos - Sim. Eu só vou colocar nos caras que eu gosto. Batman não gosto... O do mundo da aventura...

Andrea - Eles não são. Príncipes nem princesas.

Carlos - Não ligo! Ela falou que tem que achar quem é príncipe. Então ele é príncipe, o Superman é príncipe... Ela... ele é um príncipe... ela é pop... O Tarzan... terminei!

Andrea - Eu acho que ele é só um menininho (para o James, personagem da princesinha Sofia).

Cristina - Eu não terminei.

Pesquisadora - Vem Carlos, vem cá esperar a Cristina terminar.

Carlos - Eu fiz em todos os super-heróis.

Pesquisadora - Ok...

Carlos - Tipo o Pantera Negra. Eu nunca vim nessa sala, só passei pela frente umas cinco mil vezes... ou mais... é... acho que infinita.

Pesquisadora - Uau!

Carlos - Eu sempre passo aqui. Pra mim ir embora às vezes eu passo aqui.

Pesquisadora - Pode ficar, você vai precisar dele na próxima cartolina.

Carlos - É castite o nome?

Pesquisadora - Post-it.

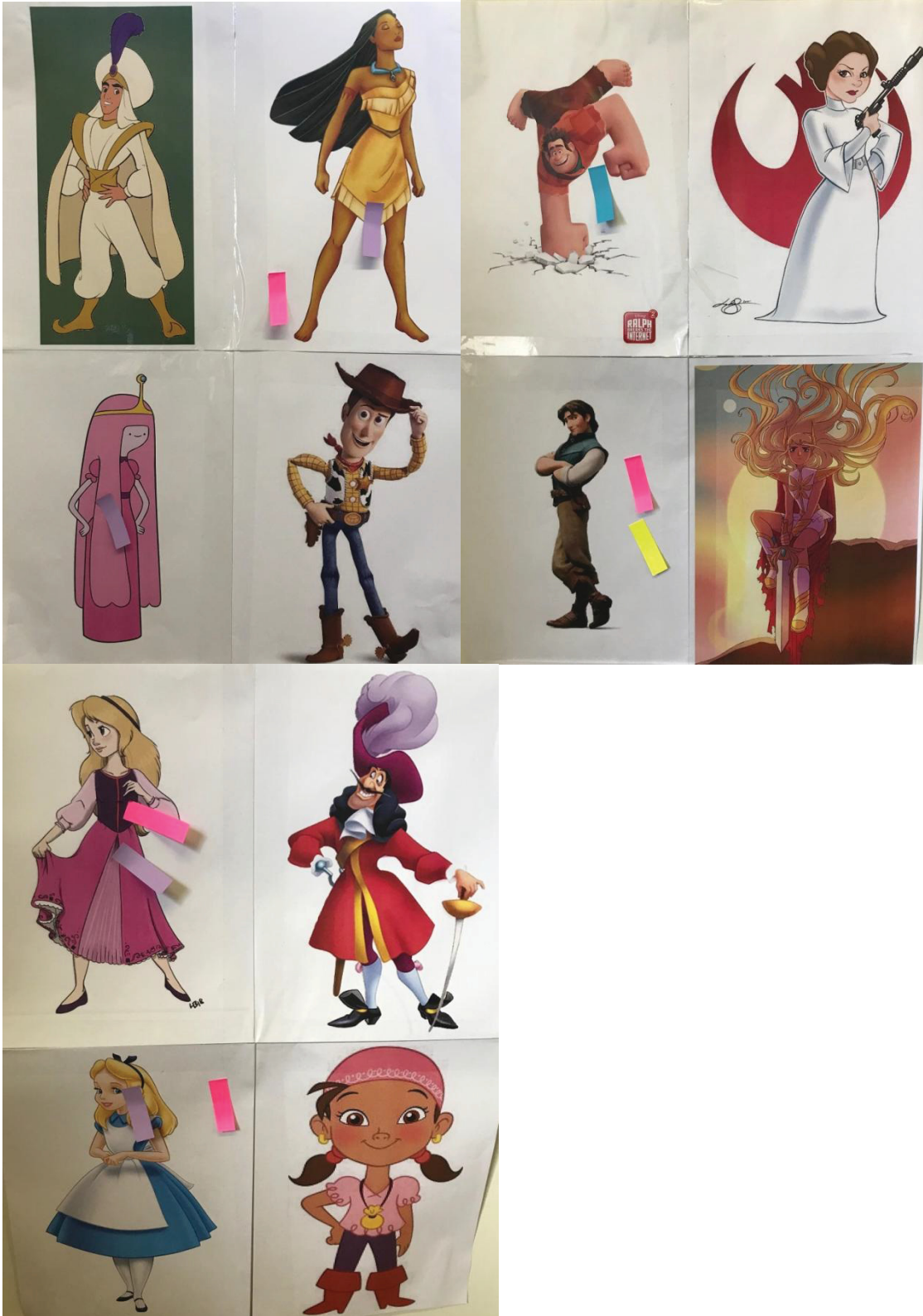
Carlos - Post-it.

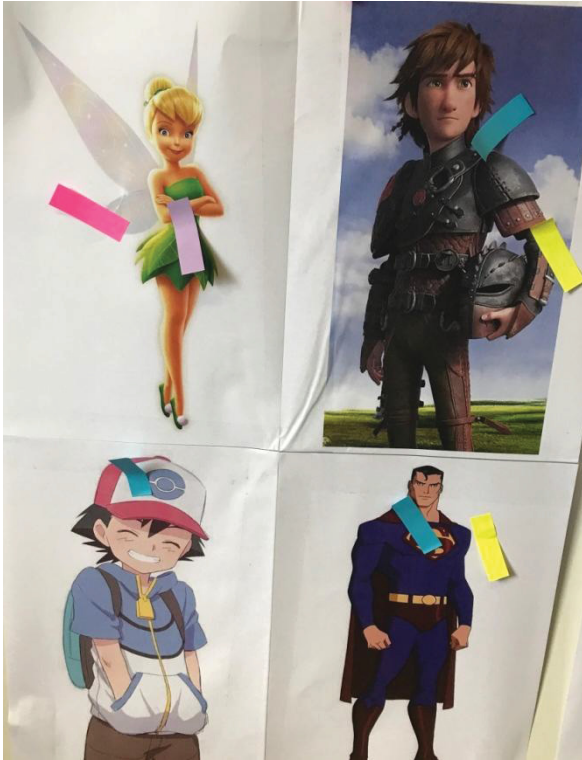
Pesquisadora - Na outra cartolina. Estamos quase acabando.

Carlos - Terminou! Yeeeeees!

Pesquisadora - Você vai precisar dele de novo daqui a pouco, Cristina, pode ficar com ele aí.

Cristina - Uhum.











Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Cristina e Carlos - Não.

Pesquisadora - Não vão para a escola? Então o que elas precisam aprender para serem princesas?

Carlos - Elas só...

Cristina - A mãe precisa ser princesa, aí a mãe...

Carlos - Ensina ela a ser princesa pra outra

Cristina - Ou ela só nasce como uma princesa.

Pesquisadora - Entendi. Então vocês concordam os dois com isso.

Cristina - Sim

Carlos - Sim.

Pesquisadora - Os príncipes vão para a escola?

Cristina e Carlos - Não.

Carlos - É a mesma coisa das princesas, só que é o homem.

Cristina - É. Também acho.

Pesquisadora - Mas que agilizados vocês, então a gente já pode ir pra próxima atividade. Olha as instruções.

Carlos - Chega, chega mais, time de futebol.

Pesquisadora - Tem um cartaz ali naquela parede. Naquele cartaz tá escrito quatro frases sobre princesas. Vocês vão colar o post-it embaixo de todas aquelas que vocês concordam. Ok?

Carlos - Vai!

Pesquisadora - Vamos lá!

Carlos - Princesas. São. For-tes. Não. Princesas. São. Fra-cas. Sim!

Carlos - Eu só vou colocar em tudo que eu vejo pela frente.

Pesquisadora - Você concorda que princesas são corajosas?

Carlos - Não.

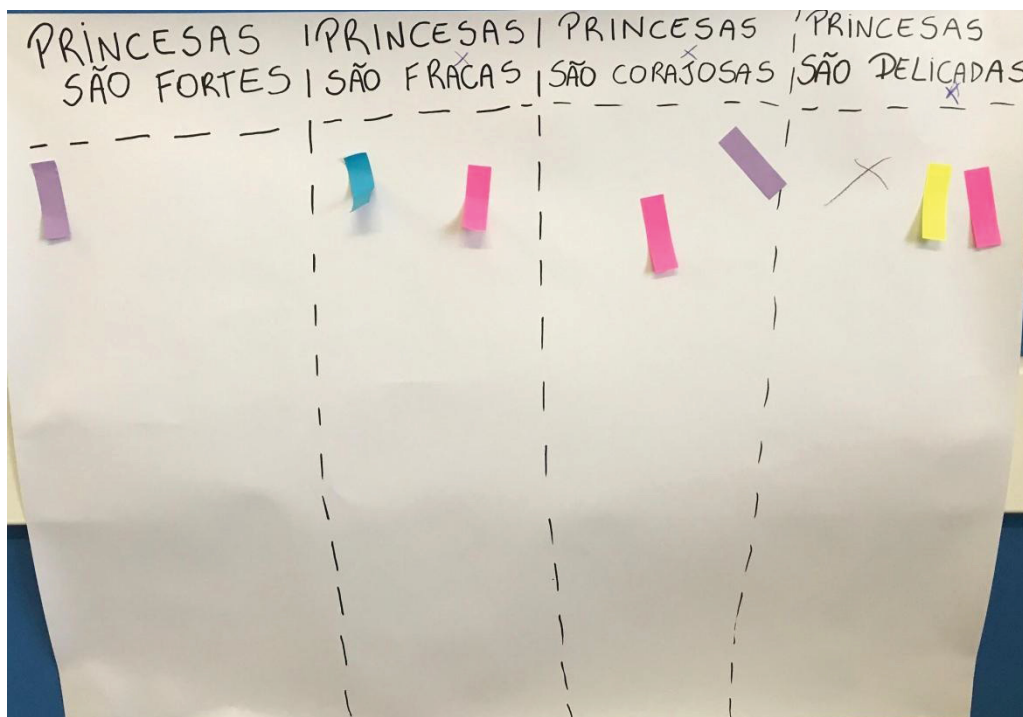
Pesquisadora - Então por que você colocou aqui?

Carlos - Não sei.

Pesquisadora - Princesas são delicadas, você concorda?

Carlos - Ahhhmmm... Sim.

Pesquisadora - Então coloca. Ok. Pronto.



Carlos - Precisa disso?

Pesquisadora - Agora não mais. Muito obrigada. Gente, última pergunta pra acabar.

Carlos - Aí a gente vai pra class?

Pesquisadora - Aí a gente vai dar o prêmio e vocês voltam.

Aplicadora - Acabou!

Pesquisadora - A gente ainda não acabou. Pera! Vamos lá! Carlos, você gostaria de ser um príncipe?

Carlos - (gritando) NÃO! Nem na eternidade.

Pesquisadora - Por quê?

Carlos - Porque é chato ser um príncipe.

Pesquisadora - Por quê?

Carlos - Porque você só pode sentar, tem que ser educado, tem que... não pode soltar pum...

Pesquisadora - Entendi. E você gostaria de ser uma princesa?

Cristina - Sim!

Pesquisadora - Por quê?

Cristina - Porque elas são bonitas, elas se arrumam bem e elas têm educação.

Pesquisadora - Pronto! Acabamos!

Crianças comemoram.

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 2, SUBGRUPO 1

Atividade realizada em escola particular de Curitiba no dia 20 de fevereiro de 2019. Grupo 2, subgrupo 1.

Juliana (9)

Lucas (9)

Giovana (9)

Julio (9)

Margareth (9)

Isadora (9)

Cristian (9)

Guilherme (9)

Aplicadora - Cada um respeita a vez do outro de falar, tudo bem?

Giovana - Pode falar tudo em português?

Aplicadora - Isso. Começa você: o que é uma princesa?

Cristian - Princesa? Essa menina...

Giovana - Eu sei!

Aplicadora - Calma, calma. Não tem resposta certa, não tem resposta certa. Você pode pensar no que você quiser.

Giovana - É... É uma pessoa que teve uma história boa? É uma menina que... ela tem um príncipe!

Aplicadora - Um príncipe?

Cristian - Um príncipe verde!

Giovana - Que tem um... uma história encantada.

Aplicadora - Uma história encantada. Tá bom. Sua vez. O que é uma princesa?

Isadora - É uma pessoa que... É uma menina respeitada!

Cristian - Não. Eu não respeito as princesas eu falo que... (outras crianças falam por cima).

Aplicadora - Sua vez! O que é uma princesa?

Guilherme - A "fia" do rei.

Aplicadora - Só?

Guilherme - Só.

Aplicadora - E o que é uma princesa?

Cristian - Ela beija na boca de um menino.

Crianças dão risada.

Aplicadora - De uma menina ou menino?

Cristian - Menino.

Aplicadora - Ok. Sua vez, o que a princesa pode e não pode fazer?

Giovana - É...

Cristian - Matar uma pessoa!

Giovana - Normalmente o... o... pai dela não deixa ela sair do reino e ela acaba saindo.

Aplicadora - Ok. E o que ela pode fazer?

Giovana - Ela pode se divertir e ela pode fazer o que ela quiser dentro do reino.

Aplicadora - Tá. E o que ela pode e não pode fazer?

Isadora - Desrespeitar o pai dela.

Aplicadora - E o que ela pode fazer?

Isadora - Ela pode mandar as pessoas fazerem o que ela quiser pra ela.

Aplicadora - Ok. O que ela pode fazer?

Guilherme - Ela pode fazer o que que ela quiser quase.

Aplicadora - E o que que ela não pode fazer?

Guilherme - Cutucar o nariz.

Aplicadora - Tá bom. O que que ela pode fazer?

Cristian - É... é... é... ir pro shopping.

Aplicadora - E o que ela não pode?

Cristian - É... é... tirar caquinha do nariz do outro.

Crianças riem.

Aplicadora - Tá, agora, o que é um príncipe?

Giovana - Um príncipe é a mesma coisa só que é um menino.

Aplicadora - Tá.

Giovana - Não, não é a mesma coisa. Um príncipe tem uma história encantada também e que, por exemplo, teve uma princesa, que é o filho de uma rainha e de um rei.

Aplicadora - Tá. E você, o que é um príncipe?

Isadora - É uma pessoa respeitada, filho de um rei.

Aplicadora - Tá. Tudo bem. O que é um príncipe?

Guilherme - Hum... filho do rei.

Cristian - É... é... é... príncipe ou princesa agora?

Aplicadora - Príncipe.

Cristian - Ixi! É... é... é... ele é uma pessoa que é respeitada.

Aplicadora - O que ele pode e não pode fazer?

Giovana - Um príncipe não pode ficar com a princesa... né? Normalmente os pais não deixam... o rei, que é pai do príncipe, não deixa ele ficar com a princesa... e... ele acaba fazendo.

Aplicadora - Ok. E o que que ele pode fazer?

Giovana - Ele pode ser um príncipe.

Aplicadora - Tá bom.

Giovana - E pode casar! E pode... fazer... é... isso.

Aplicadora - Tá. O que ele pode e o que ele não pode fazer?

Isadora - O que ele pode fazer? Ele não pode... ser mal educado e cutucar a caquinha.

Aplicadora - Ok. E o que ele pode fazer?

Isadora - Ele pode mandar fazerem coisas pra ele.

Aplicadora - Ok. E o que ele não pode fazer?

Guilherme - O que ele não pode fazer é... se borrar inteiro.

Crianças rindo.

Aplicadora - E o que ele pode fazer?

Guilherme - Ele pode fazer... Pode fazer... sei lá, sentar no trono.

Aplicadora - Ok. O que ele não pode fazer?

Cristian - É... Não pode fazer é... pintar a parede da casa.

Aplicadora - Ok. E o que ele pode fazer?

Cristian - É... fazer xixi na calça.

Aplicadora - Tá. Agora rápido, vamos para a primeira atividade. Ó, presta atenção que eu vou explicar uma vez só. Vocês têm que desenhar um príncipe e uma princesa, eles têm que ter nome, idade e o que eles mais gostam de fazer.

Guilherme - Idade?

Aplicadora - É, nome, idade e o que mais gostam de fazer.

Guilherme - Como eu vou saber?

Aplicadora - Você cria.

Guilherme - Eu vou colocar Bebel e...

Aplicadora - Aí vocês me dizem, vocês ganham bônus se me disserem como eles se conheceram. Um príncipe e princesa, tá?

Guilherme - Bebel e... como é o nome desse tiozão?

Aplicadora - Tem que ser os dois, tá? Nome, idade e o que eles mais gostam de fazer.

Cristian - Os dois?

Aplicadora - Os dois. Gente, tem que usar no mínimo três cores. Ou mais.

Isadora - Onde que tem cor de pele?

Julio - Não tem cor de pele, tem que desenhar com dourado mesmo.

Crianças gritando e conversando empolgadas.

Aplicadora - Se lembrem dos nomes, das idades...

Criança - Tem que ser bonito?

Aplicadora - Não precisa. Tem que ter nome, idade e o que mais gostam de fazer. E como eles se conheceram.

Isadora - São irmãos.

Aplicadora - São irmãos. Gente, gente, vocês têm que escrever... escrevam o que eles mais gostam de fazer.

Pesquisadora - Eles podem gravar se preferirem.

Isadora - Eu quero gravar!

Aplicadora - Ok. Seu nome.

Isadora - Caio e Gabriela!

Aplicadora - O que eles mais gostam de fazer?

Isadora - Ahmm... Comer sorvete!

Aplicadora - Os dois?

Isadora - Sim!

Aplicadora - Tá. O seu? José e...?

Guilherme - Claudete!

Aplicadora - O que eles gostam de fazer?

Guilherme - É... Se esconder no parque.

Aplicadora - E o seu?

Cristian - O meu é um boneco feio, o meu o que eles gostam de fazer é ir pro shopping.

Aplicadora - E as idades?

Cristian - As idades eles têm 48 anos...

Aplicadora - Tá.

Guilherme - Acabou?

Giovana - Acabei! Acabei!

Aplicadora - Pronto! Ótimo! Agora venham que vou fazer mais perguntas!

Gabriela



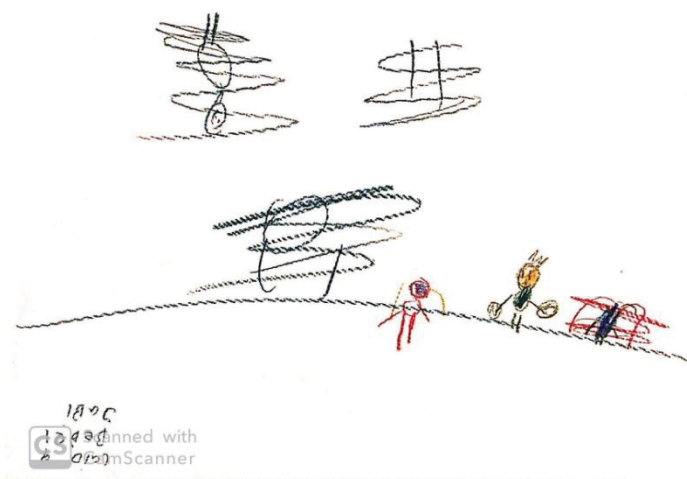
DESENHO DA GIOVANA



DESENHO DA ISADORA



DESENHO DO GUILHERME



DESENHO DO CRISTIAN

Aplicadora - Tá. Primeira pergunta.

Cristian e Guilherme (cantando) - O nome dela é Jenifer!

Aplicadora - Vocês pensam nas respostas. Você gosta de princesas?

Cristian - Não.

Aplicadora - Por que?

Cristian - Porque elas são muito criancinhas.

Aplicadora - As princesas?

Cristian - É.

Aplicadora - Você gosta de princesas?

Guilherme - Não.

Aplicadora - Por que?

Guilherme - Porque elas são muito chatas.

Aplicadora - Você gosta de princesas?

Giovana - Gosto.

Aplicadora - Por que?

Giovana - Porque eu acho legal de ver e elas são bem bonitas e...

Guilherme - Bonitas?

Giovana - e... e me fazem sentir feliz.

Aplicadora - E você, você gosta de princesas?

Isadora - Não. É muito drama.

Aplicadora - É muito drama? Tá. Tem uma princesa que você ache mais legal que as outras?

Cristian - A Rapunzel.

Aplicadora - Sério? Ok. Tem uma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Guilherme - A Bela porque ela namora uma fera.

Aplicadora - Tem alguma princesa que você ache mais legal?

Giovana - A Ariel porque eu gosto de nadar.

Isadora - Qual é o nome daquela ali?

Aplicadora - Pocahontas.

Isadora - Pocahontas.

Aplicadora - Você gosta mais dela?

Isadora - Sim.

Aplicadora - Gente, vem aqui! Vem aqui! Gente, última pergunta. Qual princesa vocês gostam menos? Você acha menos legal?

Isadora - Aquela ali.

Aplicadora - Pocahontas? Você acabou de falar que ela era a mais legal.

Isadora - Ah! Tá bom! Tá bom. Essa daqui.

Aplicadora - É uma pirata? Pera, me diz das princesas que você conhece. Calma.

Menino - Frozen! Frozen! Fala Frozen!

Isadora - Frozen!

Aplicadora - Qual você menos gosta e por que, qual é a menos legal?

Isadora - Frozen porque o filme é muito estranho.

Aplicadora - Tá, mas qual é a menos legal das princesas.

Isadora - Frozen!

Aplicadora - Tá. Qual que é a menos legal?

Guilherme - Frozen.

Aplicadora - Qual que é a menos legal?

Giovana - Eu acho essa...

Aplicadora - A Mulan?

Giovana - A Mulan. Eu gosto muito dela, mas eu acho que ela não é assim muito o meu tipo.

Aplicadora - Tá. Qual você acha menos legal?

Cristian - A Ariel, porque o filme dela não tem sentido!

Aplicadora - Ok.







Aplicadora - Tá. Últimas perguntas! A princesa vai pra escola?

Cristian - Não. Não, vai, vai, vai, vai vai!

Aplicadora - A princesa vai pra escola ou não? Vai? O que ela aprende lá.

Cristian - Como ser uma princesa.

Aplicadora - Só.

Cristian - Sim.

Aplicadora - Ok. As princesas vão pra escola?

Isadora - Sim.

Aplicadora - O que elas aprendem lá?

Isadora - Sabe a escola de etiquetagem lá pra ser educado?

Aplicadora - Ah, de etiqueta? Tá. Só isso?

Isadora - Só.

Aplicadora - Tá. Princesas vão pra escola?

Guilherme - Não.

Aplicadora - Não? O que ela precisa para ser princesa?

Guilherme - Hum... ser filha do rei?

Aplicadora - Ok. As princesas vão para a escola?

Giovana - Algumas.

Aplicadora - E o que elas aprendem lá?

Giovana - Algumas aprendem a ser... é... o pai, obriga elas a irem a escola e...

Aplicadora - Mas o que que elas aprendem?

Giovana - aprender a ser princesa.

Aplicadora - Tá. Cristian, vem aqui! Os príncipes vão para a escola?

Cristian - Sim.

Aplicadora - E o que eles aprendem lá?

Cristian - A... a como ser educado.

Aplicadora - Isadora, os príncipes vão pra escola?

Isadora - Vão.

Aplicadora - E o que eles aprendem lá?

Isadora - Etiquetagem também.

Aplicadora - Os príncipes vão para a escola?

Guilherme - Não.

Aplicadora - O que que eles precisam saber para ser príncipes?

Guilherme - Ser filho do rei. E o rei é burrão.

Aplicadora - Ok. E os príncipes vão para a escola?

Giovana - Não.

Aplicadora - E o que que eles precisam pra ser um príncipe?

Giovana - Eles precisam... ser... precisa ter uma princesa.

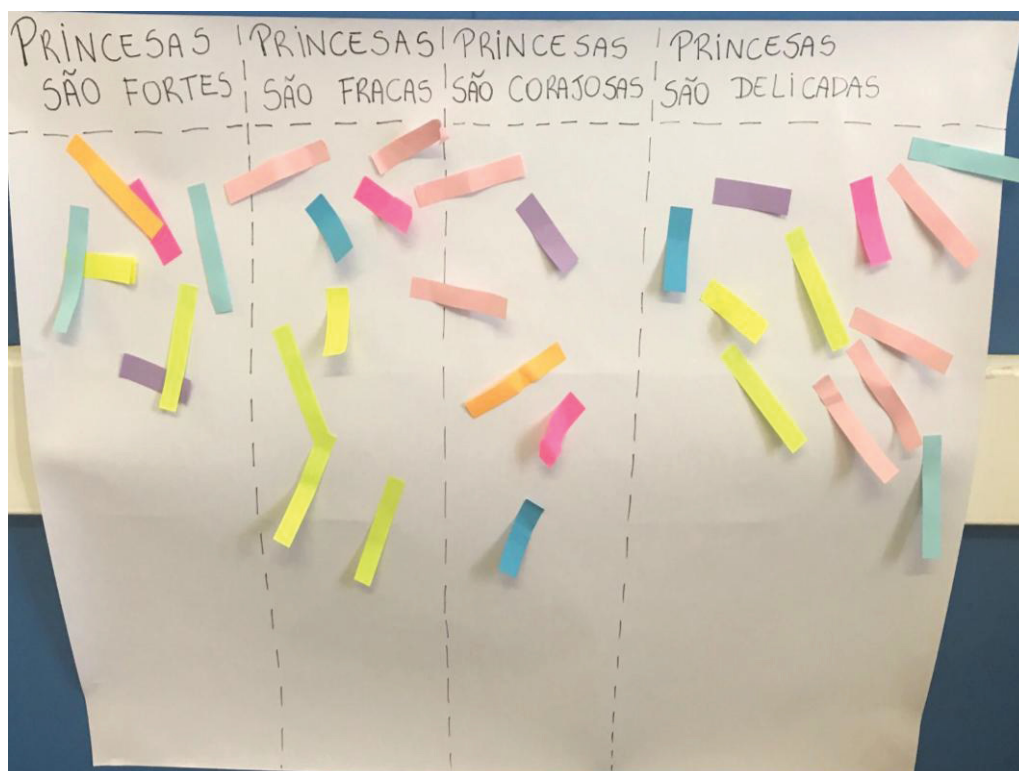
Aplicadora - Precisa ter uma princesa? Mas ser casado ou ser família?

Giovana - Quê?

Aplicadora - Precisa ser casado ou ser família? Vocês não chutem, não, ela pode achar o que ela quiser.

Giovana - Pode ser família.

Aplicadora - Tá. Ok. Próxima atividade.



Aplicadora - Você gostaria de ser uma princesa?

Isadora - Não!

Aplicadora - Por quê?

Isadora - Porque demora... é bom, né, porque...

Meninos gritam.

Aplicadora - Não gente. Calma. Por quê?

Isadora - Sim. Sim.

Aplicadora - E por quê?

Isadora - Porque eles moram em uma casa grandona!

Aplicadora - E o que mais? Você estava falando outra coisa.

Isadora - Porque elas são respeitadas.

Aplicadora - São respeitadas, mas você disse que você não queria ser uma princesa.

Isadora - Ah, eu também não sei!

Aplicadora - Tem que pensar em uma resposta. Você quer ser uma princesa?

Giovana - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Giovana - Porque elas são... elas são... meu tipo. Eu gosto delas.

Aplicadora - Ok. Você quer ser um príncipe?

Cristian - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Cristian - Porque eles são respeitados.

Aplicadora - Você quer ser um príncipe?

Guilherme - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Guilherme - Porque eles são respeitados.

Aplicadora - Tem outra resposta?

Isadora - Sim. Só sim.

Aplicadora - Não, tem que explicar por quê.

Cristian - Ai, Isadora!

Isadora - Porque ele... é... ela... é... são respeitadas.

Aplicadora - Acabamos!

ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ESCOLA PARTICULAR COM GRUPO 2, SUBGRUPO 2

Atividade realizada em escola particular de Curitiba no dia 20 de fevereiro de 2019. Grupo 2, subgrupo 2.

(Atividade realizada originalmente em inglês devido a presença de uma criança estrangeira que não falava português. A atividade foi traduzida pela própria pesquisadora)

Juliana (9)

Lucas (9)

Giovana (9)

Julio (9)

Margareth (9)

Isadora (9)

Cristian (9)

Guilherme (9)

Pesquisadora - Minha primeira pergunta: o que é uma princesa?

Menino - Hum... Fracona. (risos)

Pesquisadora - O que você quiser dizer.

Julio - Ela é fraca, tem medo de dragão e sempre é salva pelo príncipe que sempre faz sacrifício para salvar ela que não tem sentido.

Pesquisadora - Ok. O que é uma princesa?

Margareth - Uma menina que é rica.

Pesquisadora - Que é rica. Ok. O que é uma princesa?

Juliana - Uma menina muito corajosa, ela é forte, ela tem força para enfrentar todos os perigos, ela é corajosa e algumas princesas têm uma espada.

Pesquisadora - Ok. O que é uma princesa?

Lucas - Princesa é uma pessoa muito feia que mora num palácio e é fraca e tem medo de dragão e nunca usou uma espada e pronto.

Pesquisadora - Ok. O que uma princesa pode fazer?

Lucas - Uma princesa pode fazer... é... ela pode dormir. Uma princesa pode dormir.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Lucas - Ela não pode... derrotar um dragão.

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Juliana - Ela pode... ir ao banheiro.

Crianças rindo.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Juliana - Ela não pode... Algumas princesas não podem ir lá fora porque a rainha ou rei, ou sua esposa ou esposo, eles só trancam a princesa no castelo.

Lucas - É verdade.

Pesquisadora - O que a princesa pode fazer?

Margareth - A princesa pode andar em um dragão e nadar em um lago com piranhas.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Margareth - Ela não pode não andar de dragão e não nadar em um lago com piranhas.

Pesquisadora - O que uma princesa pode fazer?

Julio - Uma princesa ela pode ficar sentada sem fazer nada dormindo. O que ela não pode é achar um dragão se não ela vai correr até o infinito até morrer.

Pesquisadora - Ok. O que é um príncipe?

Julio - Um princeso? Um príncipe? É um cara muito legal, fortão e que sempre salva a princesa sem razão.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Margareth - Uma pessoa que pensa que é o melhor.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Juliana - Ele é bonitão e eu quero casar com ele.

Crianças rindo.

Juliana - E ele é bonitão, musculadão e ele tem uma espada, bonito, musculadão, isso eu já falei, e ele sempre salva a princesa.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Lucas - Um homem que salva princesa e mata o dragão.

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Lucas - Ele mata o dragão com a espada dele.

Pesquisadora - E o que ele não pode fazer?

Lucas - Ele não pode... deixa eu pensar... ele não pode mergulhar na água se não o rei vai brigar com ele.

Pesquisadora - O que ele pode fazer?

Juliana - Ele pode beijar na boca da princesa.

Crianças rindo.

Pesquisadora - E o que ele não pode?

Juliana - Ele não pode dar beijo na boca de uma bruxa.

Pesquisadora - O que ele pode fazer?

Margareth - Ahm... Ele pode ser malvado.

Pesquisadora - E o que ele não pode?

Julio - Ser legal.

Margareth - Ele não pode... comer flores.

Pesquisadora - O que um príncipe pode fazer?

Julio - Um príncipe pode matar um dragão e aí ser o mais forte do mundo.

Pesquisadora - E o que ele não pode?

Julio - Ele não pode beijar na boca de uma princesa porque princesa ela é uma tem cheiro, tem bafo de morcego.

Pesquisadora - Ok! Então vamos para a primeira atividade, venham cá! Venham cá! Vocês têm que desenhar ali um príncipe e uma princesa, o desenho tem que ter ao menos 3 cores, um desenho por pessoa. O príncipe e a princesa têm que

ter nome, idade, e o que mais gostam de fazer. E vocês terão pontos bônus se me contarem como eles se conhecem.

Margareth - Ok! Ok!

Lucas - Pode ser só um príncipe?

Pesquisadora - Tem que ser os dois.

Giovana - Onde que tem cor de pele?

Julio - Não tem cor de pele, tem que desenhar com dourado mesmo.

Crianças gritando empolgadas.

Isadora - Vai rápido, Giovana!

Juliana - Eu quero falar pra você para você gravar o que eles mais gostam de fazer.

Pesquisadora - O quê?

Juliana - Ela gosta de... Eles se conheceram em um campo de flores, aí a princesa estava sentada. Aí ele falou oi pra princesa, aí a princesa falou oi, aí ele chamou ela pra sair, os dois se conheceram, ele pediu ela em namoro, aí ele tá pensando em pedir ela em casamento.

Pesquisadora - Ok. Nome, idade... O que eles mais gostam de fazer?

Lucas - O que eles gostam de fazer é namorar!

Pesquisadora - Beleza. Pronto.

Lucas - Eeeeeeeee!

Giovana - São irmãos.

Aplicadora - São irmãos. Gente, gente, vocês têm que... escrevam o que eles mais gostam de fazer.

Pesquisadora - Eles podem gravar se preferirem.

Isadora - Eu quero gravar!

Aplicadora - Ok. Seu nome.

Isadora - Caio e Gabriela.

Aplicadora - O que eles gostam de fazer?

Julio - Bolo de coco... Gosta de sorvete...

Guilherme - Claudete!

Julio - Eles se encontraram em um lugar muito bonito, o príncipe tava numa batalha de príncipe contra príncipe que ganhava a mulher, mas aí o príncipe queira perder e o outro príncipe se matou, aí o cara ganhou, mas ele queira perder porque ela não era bonita.

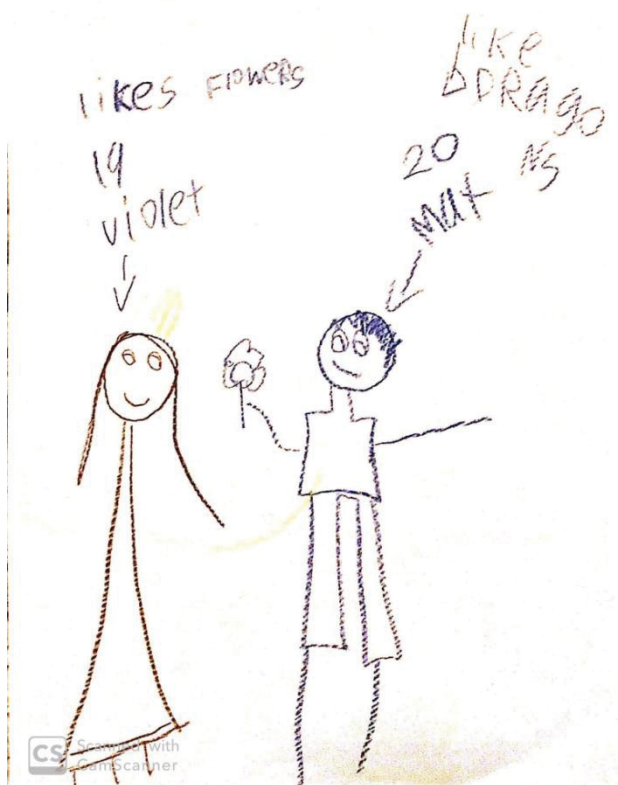
Margareth - Eles se conhecem porque são irmão e irmã.



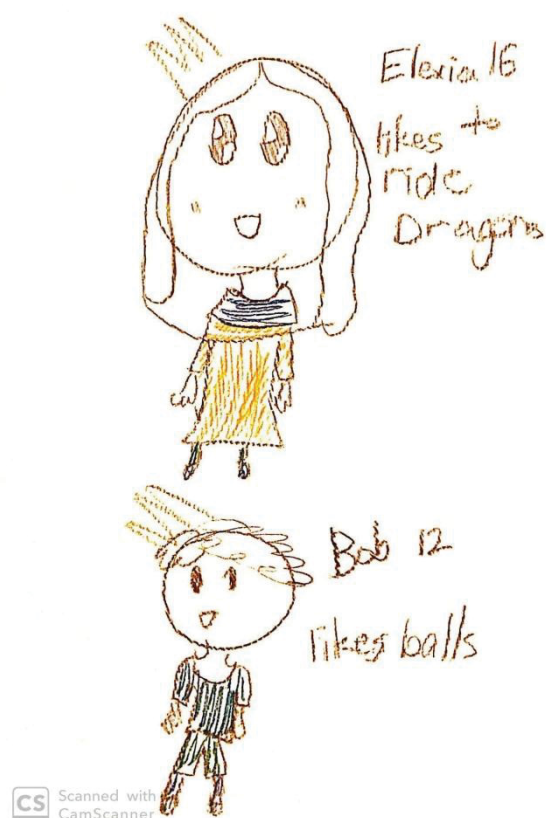
DESENHO DO LUCAS



DESENHO DO JULIO



DESENHO DA JULIANA



DESENHO DA MARGARETH

Pesquisadora - Perfeito. Obrigada, galera! Vamos, vamos, vamos! Próximas perguntas! Você gosta de princesas?

Julio - Não porque elas são feias.

Pesquisadora - Você gosta de princesas?

Lucas - Não porque elas são fracas.

Pesquisadora - Você gosta de princesas?

Margareth - Sim, porque elas andam de dragões. E os dragões são incríveis.

Pesquisadora - Você gosta de princesas?

Juliana - Eu amo.

Pesquisadora - Por quê?

Juliana - Porque elas são corajosas, porque elas são legais, elas são adoráveis e algumas têm poderes mágicos.

Pesquisadora - Ok. Você gosta de uma princesa mais do que das outras?

Juliana - Jasmine.

Pesquisadora - Por quê?

Juliana - Eu acho que ela é bonita, eu acho que ela tem o cabelo bonito, eu gosto das suas roupas, das suas joias, eu gosto do jeito que ela é metida...

Pesquisadora - Você gosta de uma princesa mais do que das outras?

Margareth - Sim.

Pesquisadora - Qual?

Margareth - She-Ha.

Pesquisadora - She-Ha? Por quê?

Margareth - Porque ela é corajosa e ela luta contra os monstros e ela tem uma espada mágica e ela é legal.

Pesquisadora - Ok. Você gosta de uma princesa mais do que as outras?

Lucas - Não.

Pesquisadora - Você gosta de uma princesa mais do que as outras?

Julio - Nem a pau.

Pesquisadora - Qual princesa você acha que é a mais chata?

Julio - Todas as que existiram.

Pesquisadora - Ok. Qual princesa você acha que é a mais chata?

Lucas - Todas que existem.

Pesquisadora - Você acha que tem uma princesa que é mais chata?

Margareth - Eu não sei o nome, mas acho que tem uma princesa que ela é a melhor em ser a mais chata.

Pesquisadora - Ok. Você acha que tem uma princesa que é mais chata?

Juliana - Claro.

Pesquisadora - Qual?

Juliana - Duas na verdade. Frozen e Cinderela.

Meninos - Acabamos! Acabamos!

Pesquisadora - Ainda não, têm outras atividades.

Julio - Ainda?

Pesquisadora - Cadê meu time? Cadê meu time?

Margareth - Aqui!

Pesquisadora - Vocês estão vendo as personagens nas paredes? Eu vou dar estes post-its.

Margareth - Por favor, não rosa, eu odeio rosa.

Pesquisadora - Tudo bem. Eu preciso que vocês coloquem um post-it em cima dos personagens que vocês acham que são príncipes e princesas.

Aplicadora - Tenham certeza de que está colado.

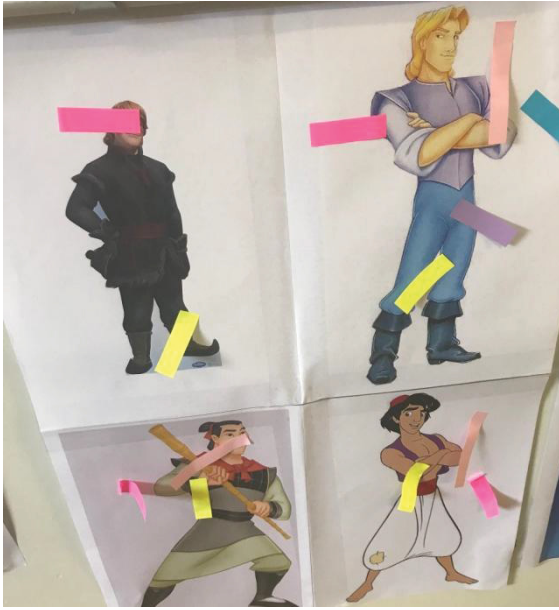
Julio - Príncipe também? Tá bom.













Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Juliana - Não. Algumas.

Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Lucas - Não

Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Margareth - Sim.

Pesquisadora - As princesas vão para a escola?

Julio - Não, porque elas não são inteligentes.

Margareth - Como ousa!

Pesquisadora - Como elas aprendem a ser princesas?

Julio - Dizendo que elas são as melhores.

Pesquisadora - Você disse que elas vão para a escola, o que elas aprendem lá?

Margareth - Como andar de dragões, como nadar com piranhas, como falar com os animais, como usar uma espada, como usar uma arma e como lutar karatê.

Pesquisadora - E como as princesas aprendem o que precisam?

Lucas - Elas não precisam ir pra escola.

Pesquisadora - Mas como elas aprendem? Ou não aprendem?

Lucas - Elas aprendem a ser princesas sendo um filho ou filha do rei ou da rainha.

Pesquisadora - Como princesas aprendem a ser princesas?

Juliana - Elas vão para uma escola onde elas ganham livros, aprendem a ter postura...

Pesquisadora - E os príncipes, vão para a escola?

Juliana - Sim.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Juliana - Eles aprendem a usar espada, como fazer lutas e serem corajosos.

Pesquisadora - Os príncipes, vão para a escola?

Lucas - Sim.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Lucas - Como usar a espada e as armas.

Pesquisadora - Os príncipes vão para a escola?

Margareth - Não.

Pesquisadora - E como eles aprendem a ser príncipes?

Margareth - Eles só seguem as ordens do rei. E o rei ensina eles.

Pesquisadora - Os príncipes, vão para a escola?

Julio - Sim.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Julio - Como andar de dragão, como usar uma arma e como matar uma princesa.

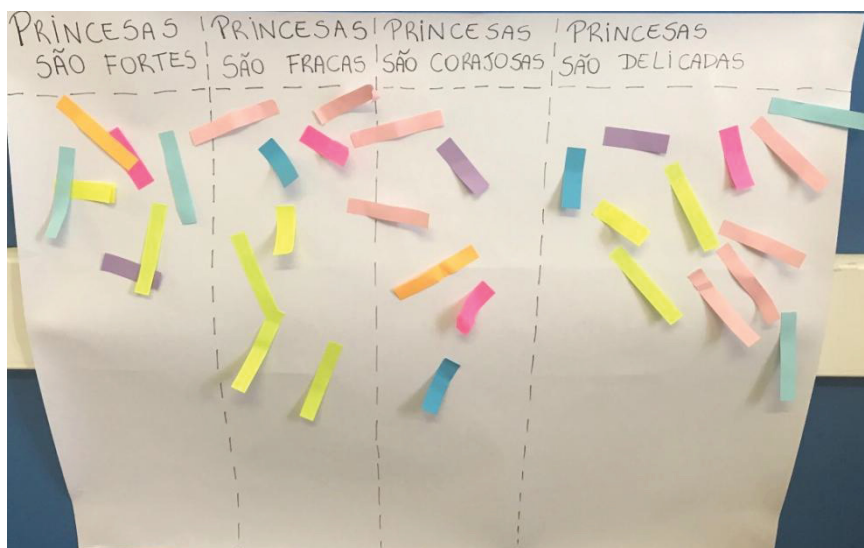
Crianças riem.

Pesquisadora - Pessoal, vamos, eles estão na nossa frente. Eu preciso que peguem os post-its e leiam as frases...

Margareth - Eu não sei português.

Pesquisadora - Eu te ajudo. E coloquem um post-it embaixo daqueles que vocês concordam.

Julio - Vou colocar muito aqui!



Pesquisadora - OK! Pergunta final, uma por pessoa! Você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa?

Margareth - Princesa!

Pesquisadora - Por quê?

Margareth - Porque eu poderia andar de dragão.

Pesquisadora - Você gostaria de ser uma princesa?

Juliana - Sim, porque eu poderia falar com unicórnios e ter poderes mágicos.

Pesquisadora - Você gostaria de ser um príncipe?

Lucas - Sim!

Pesquisadora - Por quê?

Lucas - Porque daí eu poderia matar os dragões e fazer o enterro.

Pesquisadora - Você gostaria de ser um príncipe?

Julio - Sim. A mesma coisa que ele.

ANEXO 7 - TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE COM GRUPO 1

Atividade realizada em associação beneficente na região metropolitana de Curitiba no dia 09 de abril de 2019, às 8h30. Grupo 1.

Karin (8)

Joaquim (5)

Ana (7)

Pesquisadora - E a gente vai começar fazendo algumas perguntas para vocês, vocês vão responder essas perguntas e depois dessas perguntas tem a atividade número 1. Terminou a atividade número 1, volta correndo e vocês vão responder mais perguntas. Tem a atividade número 2, que é em um daqueles dois cartazes ali. Daí... volta correndo e tem mais perguntas. Aí tem a atividade número 3, volta correndo e tem a última pergunta, a pergunta final! Parece comprido, né? Mas eu juro que não é. Então eu vou começar com a Karin e você vai me dizer o que é uma princesa.

Karin - Uma princesa é uma menina que ela é uma menina que pode ser uma menina comum, só que ela é educada e ela ajuda as pessoas.

Pesquisadora - E você, Joaquim, o que é uma princesa?

Joaquim - Princesa? Ela tem uma varinha e daí ela pode transformar qualquer um de sapo.

Pesquisadora - E o que é uma princesa, Ana?

Ana - A princesa pode ter até um vestido de princesa e uma coroa. E uma varinha.

Pesquisadora - E Ana, o que ela pode e o que ela não pode fazer porque ela é princesa?

Ana - Ela não pode sair do castelo por causa dos guardas, por causa do rei.

Pesquisadora - E o que ela pode fazer porque ela é princesa?

Ana - Ela pode só ficar olhando.

Pesquisadora - Ok. E o que ela pode fazer, Joaquim?

Joaquim - Ela pode fazer, ela só fica no castelo, na cama, assistindo TV.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Joaquim - Ela não pode sair do castelo porque os guarda não deixam.

Pesquisadora - E o que ela pode fazer, Karin?

Karin - Ela pode brincar e pode se divertir.

Pesquisadora - E o que ela não pode fazer?

Karin - Ela não pode desobedecer o pai e a mãe dela, se não ela perde o direito de ser princesa.

Pesquisadora - O que é um príncipe?

Karin - Príncipe é um menino que é quase igual uma princesa, só que ele tem uma espada e mora em outro castelo.

Pesquisadora - E o que é um príncipe, Joaquim?

Joaquim - Ele é um príncipe, um príncipe ele mora junto com a princesa.

Pesquisadora - Entendi. Só isso.

Joaquim assente.

Pesquisadora - O que é um príncipe, Ana?

Ana - Um príncipe ele deixa os guarda como que ele está.

Pesquisadora - E o que ele pode e não pode fazer porque é um príncipe?

Ana - Ele pode derrotar os outros.

Pesquisadora - E ele não pode fazer o quê?

Ana - Ele não pode fazer as coisas que os outro faz.

Pesquisadora - O que ele pode fazer porque ele é um príncipe, Joaquim?

Joaquim - Ele pode sair do castelo, ele pode andar.

Pesquisadora - E o que ele não pode fazer?

Joaquim - Ele não pode pegar carro dos outros.

Pesquisadora - Verdade. E o que ele pode fazer porque ele é um príncipe, Karin?

Karin - Ele pode defender os outros e só na guerra brigar.

Pesquisadora - E o que ele não pode fazer?

Karin - Ele não pode matar as pessoas sem motivo.

Pesquisadora - Verdade também. Ok. Então agora a gente vai desenhar para parar de ficar só essa coisa de pergunta, pergunta, pergunta, pergunta... tá bom? Eu vou dar papel para vocês, lápis de cor tem aqui. Vocês podem usar quantas cores vocês quiserem, mas é legal usar mais ou menos umas quatro cores pelo menos, né? E vocês vão desenhar para mim um príncipe e uma princesa. Uma folha para você. E vocês vão ter que me dizer o nome do príncipe, o nome da princesa, o que eles mais gostam de fazer e quantos anos eles têm. Tá bom? Foi!

Karin - Tem lápis de escrever?

Pesquisadora - Não, só tem lápis de cor.

(Crianças desenhavam em silêncio de 00:04:34 a 00:07:40)

Criança - Tem apontador?

Pesquisadora - Deixa eu ver... Não trouxe... desculpe.

Pesquisadora - Pode colocar bastante cor nesse desenho.

(Crianças continuam desenhando em silêncio de 00:07:51 a 00:10:55)

Pesquisadora - Vocês já sabem o nome deles? Ainda não?

Karin - O meu bonequinho tá ficando bonito?

Aplicadora - Tá. Muito bonito.

Karin - A minha irmã fez um quadro pro meu pai. Sexta foi aniversário dele. Ela fez um quadro que ele tava carregando ela nas costas.

Pesquisadora - Ah! Que bonito.

Pesquisadora - Tem uns filhotes de lápis lá em baixo. Pode pegar se quiser. Escondido. Olha o filhote de verde aqui. O filhotinho.

Karin - A minha professora tem um desse.

Pesquisadora - Tem?

Aplicadora - Eu gosto desses, que tem duas cores.

Ana - A minha também.

Karin - A minha professora tem uns lápis da Faber-Castell que nem esses daqui, que é bem forte e bom de pintar. Que fica mais escuro. Aí eu peguei emprestado dela pra fazer uma máscara de três cores. Ficou bem bonito o desenho.

(Crianças desenhavam em silêncio de 00:12:11 a 00:15:21)

Joaquim - Tem cor de pele?

Pesquisadora - Tem vários aí no meio. Procura pelos filhotes de lápis também.

(Crianças desenhavam em silêncio de 00:15:43 a 00:17:43)

Pesquisadora - Se alguém terminar pode vir falar pra mim o nome, a idade e o que eles mais gostam de fazer.

(Crianças desenhavam em silêncio de 00:17:50 a 00:20:20)

Pesquisadora - Pronto, Karin?

Karin - Hum?

Pesquisadora - Ainda não acabou?

(Crianças desenhavam em silêncio de 00:20:24 a 00:21:51)

Pesquisadora - Pronto? Eu vou contar mais um minuto, então, porque se não não vai dar tempo da gente correr para os cartazes, tá bom?

Karin - Pode fazer pra... pra... o castelo da rainha de copas?

Pesquisadora - Aham. Mas tem que ser em um minuto, ok?

Karin - Aham.

Pesquisadora - Quando o relógio virar aqui no 39. Vou ficar olhando para ele.

Ana - Pronto.

Pesquisadora - Pronto? E como é o nome dos dois?

Ana - O nome do príncipe é Rei e o nome da princesa é Rainha.

Pesquisadora - Quantos anos eles têm, Ana?

Ana - Uma tem 27 e o outro tem 26.

Pesquisadora - E o que eles mais gostam de fazer?

Ana - Ele gosta de derrotar os outros e a Rainha gosta de assistir desenho.

Pesquisadora - Eles se conhecem?

Ana assente.

Pesquisadora - Como?

Ana - Eles se conhecem de amigo.

Pesquisadora - Tá bom. Posso ficar com o seu desenho? Muito obrigada!

Pesquisadora - Terminou? Como é o nome do seu, Joaquim?

Joaquim - Desse?

Pesquisadora - Uhum.

Joaquim - O nome dele é... não sei...

Pesquisadora - Não sabe? Inventa um nome.

Joaquim - Um rei.

Pesquisadora - E o nome da princesa?

Joaquim - Princesa.

Pesquisadora - Quantos anos eles têm?

Joaquim - Um tem 60 e o outro tem 21.

Pesquisadora - Quem que tem 60?

Joaquim - O príncipe.

Pesquisadora - E o que eles mais gostam de fazer?

Joaquim - Ele gosta de sair.

Pesquisadora - E a princesa?

Joaquim - Princesa?

Karin - Terminei.

Joaquim - A princesa gosta de... a princesa gosta de ficar em casa assistindo TV.

Pesquisadora - Muito obrigada. Você me dá seu desenho?

Aplicadora - Como eles se conheceram?

Pesquisadora - Olha, eu não sabia dessa! É verdade.

Joaquim - Eles caíram

Aplicadora - Eles caíram? E o que aconteceu?

Joaquim - Aí, aconteceu, eles... eles... caíram... os DVDs dela.

Aplicadora - Os DVDs! Eles são importantes, né?

Joaquim - Uhum.

Pesquisadora - Muito obrigada. Karin, sua vez, como é o nome deles?

Karin - O dele é Bernardo e o dela é Maria Clara.

Pesquisadora - E quantos anos eles têm?

Karin - Dez.

Pesquisadora - Os dois?

Karin assente.

Pesquisadora - E o que eles mais gostam de fazer?

Karin - Ela, a Maria Clara, ela gosta de ir no jardim cuidar das florzinhas e ele gosta de proteger o castelo.

Pesquisadora - Muito obrigada.

Karin - E a Rainha de Copas tá falando aqui pra cortar as cabeças deles.

Aplicadora - Ouch. E como eles se conheceram?

Karin - Eles se conheceram ela tava no baile lá e aí sem querer o menino derrubou café, é... refri na roupa dela e ela quase caiu e ele pegou ela no colo.

Aplicadora - Entendi.



DESENHO DA ANA



DESENHO DO JOÃO



DESENHO DA KARIN

Pesquisadora - Agora, próximas perguntas para a gente descobrir qual daqueles cartazes a gente vai depois, tudo bem? Vou começar pelo Joaquim agora. Joaquim, você gosta de princesas?

Joaquim nega.

Pesquisadora - Não? Por quê?

Joaquim - Porque as princesas elas transformam os outros de sapo.

Pesquisadora - E tem uma princesa que você ache que é mais legal do que as outras?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Qual?

Joaquim - Uma princesa que só fica, só fica... lá, só do rei.

Pesquisadora - Que só fica com o rei?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - E tem uma princesa que é mais chata?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Qual?

Joaquim - Que fica com a varinha que transforma os outros de sapo.

Pesquisadora - Ana, você gosta de princesas?

Ana assente.

Pesquisadora - Sim? E por quê?

Ana - Por causa que ela faz magia.

Pesquisadora - E tem uma princesa que é mais legal que as outras?

Ana assente.

Pesquisadora - Qual?

Ana - A princesa gosta de fazer uma magia de brinquedos pras crianças.

Pesquisadora - E tem uma princesa mais chata?

Ana assente.

Pesquisadora - Qual?

Ana - Uma princesa que é bem mais chata de todas.

Pesquisadora - Por quê?

Ana - Por causa de que ela transforma tudo de sapo.

Pesquisadora - Agora Karin, você gosta de princesas?

Karin - Gosto.

Pesquisadora - Por quê?

Karin - Porque elas protegem nós e elas são gentis.

Pesquisadora - E tem uma princesa mais legal que as outras?

Karin - Sim.

Pesquisadora - Qual?

Karin - A Alice dos País das Maravilhas, porque quando a Rainha de Copas queria cortar a cabeça dela ela inverteu tudo, ela cortou a cabeça da Rainha de Copas e protegeu o reino.

Pesquisadora - E tem uma princesa mais chata?

Karin - Sim.

Pesquisadora - Qual?

Karin - A Amber da princesinha Sofia, porque quando a princesinha Sofia chegou, a Amber tava brava porque eles iam fazer uma festa de chegada ela.

Pesquisadora - OK. Então agora eu vou dar um bloquinho colorido desses para cada um de vocês, deixa eu ver aqui as cores.

Aplicadora - Gente, esse é o mais divertido, eu quero brincar também.

Pesquisadora - Estão vendo aquela parede cheia de personagens?

Crianças - Aham.

Pesquisadora - Eu quero que vocês vão lá e coloquem a corzinha de vocês, esse papelzinho, colado em cima de todos aqueles que vocês achem que são príncipes e princesas. Prontos? Um, dois, três e... foi!

Aplicadora - Corre! Corre! Corre!

Pesquisadora - E cola com vontade!

Aplicadora - Aperta bem para eles não caírem.

Karin - Na outra parede também?

Pesquisadora - Pode.

Aplicadora - Em todos que você achar que são príncipes e princesas.

Criança - Pode colocar no mesmo?

Aplicadora - Pode colocar no mesmo, quantos vocês quiserem.

Karin - Eu já assisti esse desenho.

Pesquisadora - Sério?

Karin - É uma série.

Criança - Olha! É o Toy Story.











Pesquisadora - Pessoal que já terminou, vem cá!

(Crianças correm)

Pesquisadora - Vou começar com vocês as perguntas, tá?

Crianças - Aham.

Pesquisadora - Aqui. Princesas vão para a escola, Karin?

Karin - Vão para a escola de magia, pra aprender, pra não fazer sem querer feitiço mau.

Pesquisadora - E as princesas vão para a escola, Joaquim?

Joaquim - Elas vão para a escola pra saber as letra do alfabeto e a diretora que é muito brava que tem a varinha pra transformar de sapo.

Pesquisadora - Entendi. E os príncipes vão para a escola, Joaquim?

Joaquim - Eles de vai pra escola pra... pra... pra... pra saber facada.

Pesquisadora - Pra saber facada. E os príncipes vão para a escola, Karin?

Karin - Vão.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Karin - Eles aprendem a cuidar do seu reino e a defender as pessoas só quando for preciso.

Pesquisadora - Entendi. Então agora a gente espera só a Ana para terminar e poder ir pra próxima.

Joaquim - Sabia que eu tenho um boné do Batman?

Pesquisadora - Ele é legal? O boné?

Joaquim - Sim.

Karin - Tem um jogo de... um jogo de luta aí tem toda uma partida de vilões e tem uma partida de príncipes e princesas...

Pesquisadora - Legal! Eu vou perguntar para a Ana agora, tá? As princesas vão para a escola?

Ana - Não.

Pesquisadora - Não? E o que elas precisam saber para serem princesas, então?

Ana - É, elas nasceram da barriga da mãe delas, só que já morreram...

Pesquisadora - As mães já morreram ou elas já morreram.

Ana assente.

Pesquisadora - A mãe?

Ana assente.

Pesquisadora - Quando a gente faz assim (assente) a gravação não pega, você diz sim ou não.

Ana - Sim.

Pesquisadora - E os príncipes vão para a escola?

Ana - Não.

Pesquisadora - E o que eles precisam para ser príncipes?

Ana - Eles nascem da barriga da mãe também.

Pesquisadora - É só nascer príncipe. E é só nascer princesa.

Ana assente.

Pesquisadora - Tá bem. Então agora a gente vai para aquele último cartaz ali. De novo.

Ana - O meu sobrou.

Pesquisadora - Ainda bem. O do Joaquim também e o da Karin eu achei uma cor parecida já.

Karin - O meu já acabou.

Pesquisadora - Então agora está escrito aqui: Princesas são fracas. Princesas são fortes. Princesas são corajosas. Princesas são delicadas. Você coloca sua cor embaixo daquilo que você acha que é verdade. Uma cor para você, uma cor para você, uma cor para você... e uma cor para você.
Então, princesas são fortes, quem quer colocar uma cor aqui em baixo?

Aplicadora - Quem concorda com isso? Quem acha que as princesas são fortes?

Joaquim - Só em uma ou em todos?

Aplicadora - Em todos os que você concordar.

Pesquisadora - Você acha que é verdade, Joaquim?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - As princesas são fortes, então.

Joaquim - Onde que é? Ah, não.

Pesquisadora - Aqui princesas são fracas.

Pesquisadora - Aqui princesas são corajosas.

Aplicadora - E aqui princesas são delicadas.

Pesquisadora - Você colocou dois no mesmo, Joaquim, é isso mesmo? Princesas são fracas duas vezes?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Então tá bom. E aqui corajosas e delicadas, Joaquim. Você acha que elas são corajosas?

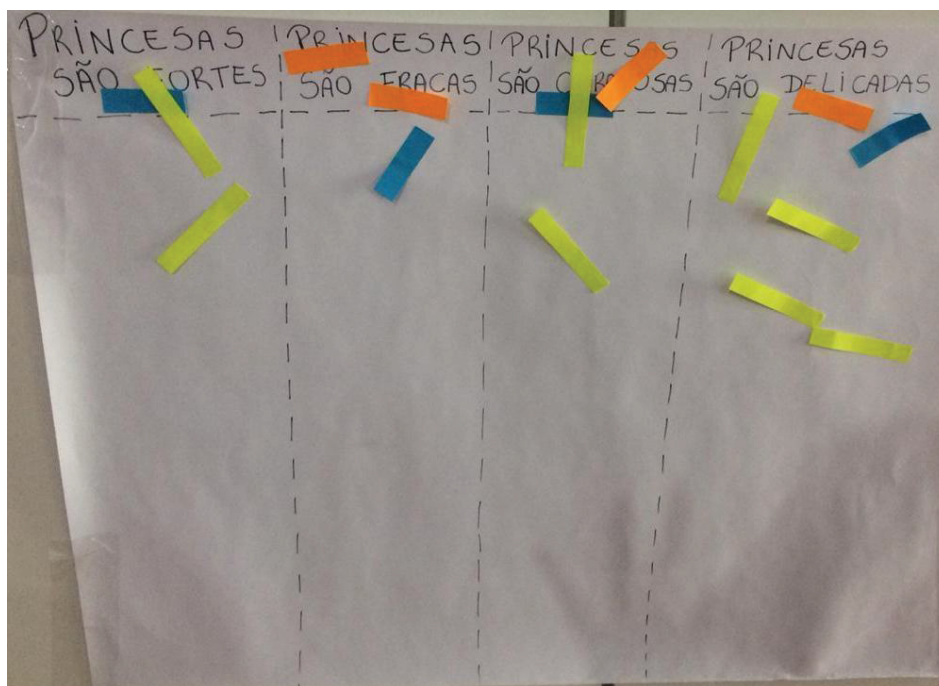
Joaquim - São.

Pesquisadora - E elas são delicadas? Também?

Joaquim - Também.

Pesquisadora - Ai! Vem cá, última pergunta, pessoal!

Aplicadora - Corre! Corre! Corre!



(Crianças correndo)

Pesquisadora - Ana, você gostaria de ser uma princesa?

Ana - Aham.

Pesquisadora - Por quê?

Ana - Porque ela faz mágica.

Pesquisadora - E você, Joaquim? Gostaria de ser um príncipe?

Joaquim - Aham.

Pesquisadora - Por quê?

Joaquim - Pra mim defender as pessoa.

Pesquisadora - Karin, você gostaria de ser uma princesa?

Karin - Sim. Pra mim ajudar as crianças que estão tristes e pra mim ajudar as pessoas que não tem comida.

Pesquisadora - É isso, pessoal! Acabamos! E eu tenho um negócio para dizer muito obrigada pela ajuda de vocês. É pequenininho, está dentro da minha sacola, mas eu espero que vocês gostem. Muito obrigada, pessoal!

Aplicadora - Muito obrigada!

ANEXO 8 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE COM GRUPO 2, SUBGRUPO 1

Atividade realizada em associação beneficente na região metropolitana de Curitiba no dia 09 de abril de 2019, às 10h. Grupo 2, subgrupo 1.

Camila (7)

Elisa (7)

Bruno (8)

Artur (9)

Milena (8)

Tomas (9)

Luana (7)

Pesquisadora - ... figuras que vocês estão vendo aqui atrás, com aquele cartaz que tá ali atrás também e algumas atividades de desenho. Tem uma regra muito importante que é “não tem resposta errada”, a única resposta errada é dizer “não sei”. Tá bom? Mesmo que você invente na hora. Esqueci mais alguma coisa?.

Aplicadora- não, por enquanto não.

Pesquisadora- então tá bom.

Aplicadora- Ah! Uma coisa muito importante gente, vamos dividir vocês em times e a gente vai fazer perguntas. Por exemplo, qual é a sua cor favorita? E ele diz azul, nenhum de vocês tem que responder azul também, vocês podem ter suas próprias respostas, tá bom? Não precisa se deixar levar pela resposta do amiguinho a não ser que você concorde com ele, tudo certo?

Criança-sim

Pesquisadora- ta bom?

Aplicadora- ótimo

[crianças conversando] [risos]

Pesquisadora- então eu vou anotar o nome de vocês... Ah e eu vou gravar aqui o áudio pra mostrar por meu professor que eu fiz mesmo o trabalho [risos]. Aqui, pronto, vou deixar mais no meio. Agora vou começar, seu nome?

Criança - Milena

Pesquisadora - Milena. E Milena quantos anos você tem?

Milena - 8

Pesquisadora - teu nome?

Criança - Tomas

Pesquisadora - Tomas. Quantos anos você tem, Tomas?

Tomas - 9

Criança - Artur

Pesquisadora - Artur. Quantos anos, Artur?

Artur - 9

Pesquisadora - hmm

Criança - Luana

Pesquisadora - Luana. Quantos anos, Luana?

Luana - 7

Criança - Camila

Pesquisadora - Camila

Camila - 7

Pesquisadora - 7

Criança - Elisa

Pesquisadora- Elisa

Elisa - 7 anos

Criança- Bruno, 8 anos.

Pesquisadora - 8, anos. Okay! Ah, então agora a gente vai separar vocês em grupos. Um grupo vai ficar com a Maria e um grupo vai ficar comigo. O grupo que terminar primeiro, não, todos os grupos que terminarem, ou seja os dois grupos quando todo mundo terminar, eu trouxe uma coisinha especial pra dizer muito obrigada pra vocês. Um prêmiozinho pequenininho, mas trouxe, e o grupo que terminar primeiro dos outros grupos vai ganhar uma coisa a mais também.

Aplicadora- Sangue nos olhos agora, gente! [risos] Vão!

Pesquisadora- quem vai ficar com quem?

Criança-eu vou...

Aplicadora- Aaaaaaaaa... coloca o dedo aqui [gritos] pronto já fechou 4 crianças! Fechou 4 crianças [risos] fechou vocês duas, você e você comigo.

Pesquisadora- então vocês 3 estão comigo, venham.

Aplicadora- ótimo.

[crianças conversando]

Aplicadora- Ahn? Eu vou procurar o roteiro

Pesquisadora- o gravador?

Criança- tia...

Aplicadora- Não, o roteiro.

Criança- tia nem olha a minha mão.

Pesquisadora-...okay, olha só, pra não ficar injusto...

Criança- também não olha a minha.

Aplicadora- muito obrigada.

Criança- tia não me olha a minha mão.

Aplicadora- eu não entendi o que vocês falaram.

Camila - não olha a nossa mão

Aplicadora- Por que?

Criança- olha aqui

Aplicadora- [suspira] adoro, que que vocês estavam fazendo?

Criança- na sala fazendo maquete

[crianças conversando e rindo]

Aplicadora- Ai meu Deus! você é uma deusa, Luiza. Eu queria brincar também!

Pesquisadora - pronto? vocês vão começar aí? Valendo?

Aplicadora- pera aí, pera aí, pera aí! Deixo pegar a primeira pergunta e aaaaaa... valendo! Vai, gente aqui ó! Aqui, eu vou fazer uma pergunta por vez, tá? Vocês tomem seu tempo. Começando por você, Camila, o que é uma princesa?

Camila - hmmm

Aplicadora-O que pra você é uma princesa?

Pesquisadora- O que é uma princesa?

Camila - Não me lembro.

Aplicadora- tudo bem, pode respirar.Você quer pensar na sua resposta?

Camila - Sim

Aplicadora- tá. O que é uma princesa?

Bruno - uma princesa?

Artur - vai brunão. Eu sei o que que é.

Aplicadora- Não tem resposta certa, pode falar.

Bruno- [risos] não sei.

Aplicadora- Não sei tá errado, tem que pensar na resposta. Eu vou pra ela e depois vocês dois tem que me dar uma resposta. O que é uma princesa?

Elisa - Hmm, mandar?

Aplicadora- uhum

Elisa - Hmm, uma rainha? Uma super heroína.

Aplicadora- Tá, só? Okay. O que é uma princesa?

Artur - Princesa é uma rainha.

Aplicadora- uhum

Artur - Usa vestido, tem coroa...

Bruno sussurrando - Tem guardas.

Artur - Usa maquiagem...

Aplicadora- uhum

Artur - usa salto...

Aplicadora- Tá

Artur - Vai pro baile...

Aplicadora- Tá

Bruno sussurrando - quer ficar com o príncipe...

Artur - quer ficar com o príncipe...

Aplicadora- uhum

Artur - e se casam.

Aplicadora- Tá. Você é o Artur? Você é o..?

Criança- Ele é o Artur

Aplicadora- Ele é o Artur, e você?

Bruno - Bruno.

Aplicadora- O que é uma princesa?

Camila - Princesa é mulheres que usa vestido, usa coroa e elas se casam com o príncipe.

Aplicadora- Ótimo. Obrigada, Camila. Só? Tá.

Elisa - Ela tem guardas, tem soldados, tem um rei, e ela tem uma coroa e tem um monte de vestidos, e tem sapatos.

Aplicadora- Ótimo. Camila, o que ela pode e não pode fazer?

Camila - Ahn?

Aplicadora- O que uma princesa pode e não pode fazer?

Camila - Ah, elas não podem desobedecer a ordem...

Aplicadora- uhum, que mais?

Camila - hmmm...

[Bruno sussurrando resposta]

Aplicadora-O que elas podem fazer?

Camila - Eu não sei.

Aplicadora- Não pode falar não sei, o que que você acha?

[crianças sussurrando]

Camila - Deixo pensar.

Aplicadora- Pode pensar, o que uma princesa pode e não pode fazer?

Artur - Não pode repes... eh...como que é? Respeitar os pais...

Aplicadora- Pode ou não pode?

Artur - Não pode.

Aplicadora-Tá, desrespeitar os pais. O que mais?

Artur - Não pode ir pra longe...

Aplicadora- uhum

Artur - e ela vai se perder...

Aplicadora- Sim. E o que que ela pode fazer?

Artur - Ela pode namorar

Aplicadora- uhum

Artur - Casar, usar vestido, jantar e ir pro baile.

Aplicadora- hummm, você sabe sua resposta agora? Que que ela pode fazer?

Camila - sim. Ela não pode, ela não pode sair de perto dos pais dela se ela for vai ser pra algum lugar e se ela for pra longe ela vai se perder.

Aplicadora- uhum.

Camila - Só.

Aplicadora- E o que que ela pode fazer?

Camila - Que que ela pode fazer? Eu já falei só que agora me esqueci.

Pesquisadora- O que que um príncipe não pode fazer?

Aplicadora- Vocês lembram o que ela falou?

Bruno - Eu não.

Aplicadora – Hmm, tudo bem. Elisa, o que uma princesa pode e não pode fazer?

Elisa - a princesa não pode, ela não pode respeitar os pais... ela não pode desrespeitar os pais, a princesa também não pode se os pais dela diz que ela vai se casar com aquela pessoa tem que se casar com aquela pessoa

Aplicadora- tá

Elisa - A princesa também não pode se quiser namorar com gente pobre e uma princesa sempre tem que tomar chá com o dedinho pra fora.

Aplicadora- Tá. Eu acho que você falou o que não podia fazer, mas você não falou o que pode fazer.

Camila - Eu falei, só que agora me esqueci

Bruno - Ela falou mas eu esqueci também.

Aplicadora- O que que uma princesa pode e não pode fazer?

Bruno - Ela pode fazer? Ela pode comer, respeitar os pais, não correr na rua... não ehheh, não pode arranjar namorado sozinha...e falar pro pai, aí é só.

Aplicadora- E o que que ela pode fazer?

Bruno - Que que ela pode fazer?

Aplicadora- uhum.

Bruno - Hmmm,

Camila - Eu sei o que que ela pode fazer

Aplicadora- O que que ela pode fazer?

Camila - Ela pode ser feliz, ela pode respeitar os pais delas

Aplicadora- Uhum

Camila - e só

Aplicadora- tá, e o que que ela pode fazer?

Bruno - Ela pode, ela tem que andar com os pais sozin... com ela

Aplicadora- uhum

Bruno - Aí ela tem o bebê desse pai (?), e tem que tomar chá...

Aplicadora- Tá.

Bruno -...quando ficar doente.

Aplicadora- Agora outra pergunta, presta atenção aqui. O que é um príncipe?

Artur - Eu sei.

Camila - Príncipe é um homem que usa coroa...

[Bruno conversando]

Aplicadora- uhum

Camila - Não sei mais.

Bruno - Ela está [alguma coisa]

Aplicadora- Só isso?

Camila - Só.

Aplicadora- Tudo bem, o que é um príncipe?

Artur - Ele tem coroa, tem pai...

Bruno - uuuhhh

Artur - Tem castelo

Bruno - hmmm

Artur - Tem soldado

Aplicadora- uhum

[crianças brincando]

Bruno - já estão fazendo

Aplicadora- Tem mais alguma coisa?

Artur - Deixo pensar

Aplicadora- Tudo bem, a gente volta pra você depois. O que é um príncipe?

Elisa - Um príncipe usa coroa, ele tem um cavalo, ele também tem guardas nos castelos dele, ele namora com princesa, ele também tem uma espada, e ele também... ele tem que obedecer os pais também.

Aplicadora- Tá, o que é um príncipe?

Bruno - Ele tem força, e tem uma rainha, tem guarda com espada e seu escudo, armadura, aí... Só.

Aplicadora- Tá.

Artur - Ele tem carruagem, ele tem cavalo, ele pega flor pra dar pra namorada dele, se casem.

Aplicadora- Hm tá. E o que um príncipe pode e não pode fazer? Que que você acha? Não tem resposta certa, é o que você acha.

Camila - Ele não pode desobedecer seus pais dele...

Aplicadora- uhum

[Bruno e Elisa conversando]

Camila - Ele pode ser feliz.

Aplicadora- Hmm, ta bom. O que que um príncipe pode e não pode fazer?

Artur - Ele pode namorar, se casar, levar ela pra...

Bruno - Sair

Artur -...almoçar, pode levar pra um lugar, tem que falar pro pai, daí...

Aplicadora- E o que que ele não pode fazer?

Artur - Ele não pode ir pra longe, não pode namorar com outra pessoa tem que falar com o pai, não pode roubar coisa, não pode namorar com outras pessoas e só.

Aplicadora- Tá, o que que um príncipe pode e não pode fazer?

Elisa - Príncipe não pode falar pra mãe e pro pai que não quer namorar com uma pessoa, o príncipe não pode pegar e falar pros guardas que ele vai resolver sozinho as coisas, o príncipe também não pode não quando tá no dia do casamento ele não quer casar, o príncipe também não pode falar pra mãe e pro pai que ele não quer viver mais com eles, e ele também o príncipe também não pode fugir de casa.

Aplicadora - E o que que ele pode fazer?

Elisa - Ele pode namorar com uma princesa, ele pode deter os inimigos dele com os guardas dele, o príncipe também pode sempre anda de cavalo junto com a armadura dele e só.

Aplicadora- Tá.

Camila e Elisa - Bruno...

Aplicadora- O que que um príncipe pode e não pode fazer?

Bruno - Ele pode andar na rua com a namorada dele, pode levar ela sair, e pode levar ela almoçar e fazer janta.

Aplicadora- E não, o que que ele não pode fazer?

Bruno - Não pode andar na rua sozinho, não pode almoçar sozinho, e tem que pedir pro pai pra arranjar uma namorada...

Aplicadora- Não pode o quê?

Bruno - Ir pedir pro pai arranjar uma namorada.

Aplicadora- Ah tá, ta bom. Só? Tá, agora a gente vai pra próxima atividade. E quero que vocês prestem bem atenção. Vocês vão ter que desenhar, todo mundo, um príncipe e uma princesa. Vocês têm que usar pelo menos 3 cores pra cada um, eles tem que ter nome, idade e o que eles gostam de fazer.

Bruno - Eu não sei ler.

Aplicadora- Oi?

Bruno - Eu não sei ler

Aplicadora- Tudo bem depois a gente coloca, mas você tem que me dizer o que que eles gostam de fazer, a idade e o nome deles, tá bom? E você ganha bônus se vocês me falarem como se conheceram, tá bom? Prontos? Podem começar.

Elisa - é pequeno ou grande?

Aplicadora- Como você achar melhor, acho melhor desenhar no chão porque aqui pode ser ruim. Tem que desenhar os dois, tá? Eu vou dar 10 minutos.

[Camila falando alguma coisa]

Aplicadora- Quando vocês terminarem podem vir falar comigo.

Camila - ...outra cor...

[criança do outro time explicando seu desenho para pesquisadora]

Aplicadora- Oi?

Elisa - Eu não sei desenhar muito bem.

Pesquisadora- Muito obrigada.

Aplicadora- Não fale assim, quando eu tinha sua idade eu desenhava de palitinho.

Pesquisadora- A gente vai esperar a [criança] terminar pra a gente poder...

Camila - Achei um lápis quase da mesma cor da grama

Aplicadora- Tem que usar 3 cores.

Camila - 3 cores? Já usei uma, duas...três, já é três.

Aplicadora- Tem que desenhar, isso é o que? O príncipe ou a princesa?

Bruno - Príncipe

Aplicadora- Ah ok, falta a princesa ainda.

Bruno - vou fazer a princesa e o príncipe.

Aplicadora- Tem que fazer os dois, o nome, idade dos dois e o que eles mais gostam de fazer.

Elisa - eu já sei o que eu...

Camila - Três cores eu já usei, mas eu preciso muito pro outro braço posso pegar outra?

Aplicadora- Claro, pode usar quantas cores quiser! A gente pede pelo menos três, menos que isso não. Vocês dois também, tem que usar mais duas cores pelo menos.

Elisa - eu vou fazer a cabeça dela dessa cor e [alguma coisa] dessa cor.

Aplicadora- Você precisa de mais duas cores.

Bruno - Pegar apontador (?)...esse.

Aplicadora- Quem terminar pode vir falar comigo.

Bruno - Pronto.

Aplicadora- Pronto? Tá, vêm aqui Bruno, vêm aqui do meu ladinho. Me diz, qual o nome do seu príncipe?

Bruno - Vai ser João.

Aplicadora- João? Então tá.

Bruno - Não, Zezinho.

Aplicadora- Como?

Bruno - Zezinho, Zezinho.

Aplicadora- Zezinho? Tá, e da sua princesa?

Bruno - Marcela

Aplicadora- Marcela. Quantos anos eles têm?

Bruno - Eles vão ter... o rei vai ter 40 e a rainha vai ter 41.

Aplicadora- Tá, e o que eles mais gostam de fazer?

Bruno - Se casar, comer, assistir tv.

Aplicadora- E como eles se conheceram?

Bruno - Na escola.

Aplicadora- Ah, tá bom! Muito obrigada, agora você espera ali pra a gente ir pras próximas perguntas. Todo mundo tem que terminar pra a gente continuar. Obrigada Bruno, vou colocar isso aqui.

Artur - Terminei!

Aplicadora- Pronto? Vêm aqui.

Camila - eu já tô terminando.

Aplicadora- Me diz, Artur, o nome do príncipe é João? e da princesa?

Artur - Maria... Duda.

Aplicadora- Duda. Ele tem essa idade aqui? 20 e ela tem 19. Tá, me diz o que que eles mais gostam de fazer.

Artur - Dançar.

Aplicadora- Dançar, tem mais alguma coisa?

Artur - Fazer uma casa...

Bruno - Também tem que fazer o chão, fazer o chão também.

Artur - Andar de mão dada...

Aplicadora- Faz o que ela quiser! Hm?

Artur- Andar de mãos dadas...

Aplicadora- uhum

Artur - Só.

Aplicadora- Tá, e como eles se conheceram?

Artur - Ela tava andando, ela caiu daí ele tava andando, ele tava andando com o cavalo dele daí ele viu ela e ele deu a mão daí ela achou ele bonito e ele também.

Aplicadora- Ah então ele ajudou ela, humm. Muito obrigada! Muito lindo seu desenho! Eu vou guardar aqui, tá bom?

Camila - Pronto

Aplicadora- Terminou, Camila?

Camila - Terminei

Aplicadora- Tá, vou perguntar pra você agora. Qual o nome da sua princesa?

Camila - Maria

Aplicadora- E... Ah, tipo eu! E o nome do príncipe?

Camila - João

Aplicadora- E quais são as idades deles?

Camila - A Maria tem... me esqueci. 13 anos.

Aplicadora- E ele?

Camila - 25.

Aplicadora- E o que eles mais gostam de fazer?

Camila - Eles gostam de passear.

Aplicadora- Ah, e como se conheceram?

Camila - Na escola das princesas e príncipes.

Aplicadora- Hmm na escola real, que legal! Muito obrigada, Camila! Só vou esperar a Elisa terminar e aí a gente vai pro próximo.

Aplicadora- Pronto? Vêm aqui Elisa.

Elisa - ?

Artur- Ela escreveu nome.

Elisa - É

Aplicadora- Ah escreve atrás! Me dá. Isso, muito obrigada.

Bruno -...ó Milena tem esse aqui ó!

Aplicadora- Gente, vem aqui. Aquele time fica sozinho, porque se não eles podem escolher o que vocês acharem que é certo, entendeu?

Artur - Posso escolher qual que você quiser?

Aplicadora- Depois a gente vai chegar lá, tem uma regrinha pra escolher. Não tem certo e errado, mas tem o que vocês acham. Pronto?

Bruno - ?

Aplicadora- Vêm aqui, Elisa.

Elisa - Idade eu esqueci de escrever mas eu...

Aplicadora- Não mas pode me dizer que ta gravando aqui. Quantos anos ele tem?

Elisa - Ele tem 29.

Aplicadora- E ela?

Elisa - 24.

Aplicadora- E quais são os nomes?

Bruno - Osaias...

Elisa - O nome dele é Osaias e o dela Isabela.

Aplicadora- Ahhh e o que eles mais gostam de fazer?

Elisa - Eles mais gostam de fazer é dançar.

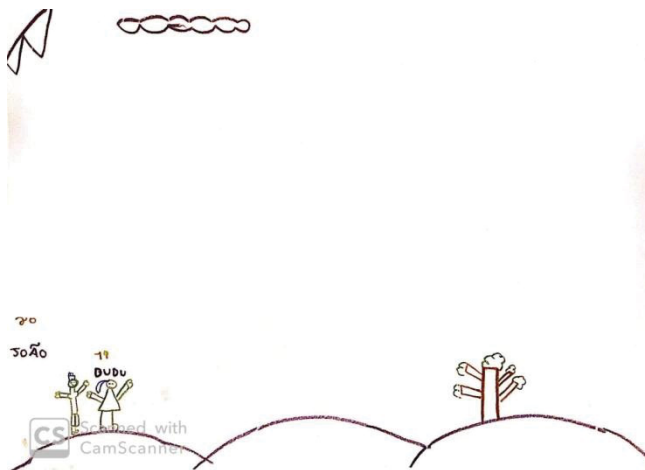
Aplicadora- E como eles se conheceram?

Elisa - Eles se conheceram como ele ficava levando uma caixa e quando ele derrubou a caixa ela viu também e se abaixou também pra pegar a caixa.

Aplicadora- Ahh, então ela foi ajudar ele, isso?



DESENHO DO BRUNO



DESENHO DO ARTUR



DESENHO DA CAMILA



DESENHO DA ELISA

Aplicadora - Tá, gente próximas perguntas. São pouquinhos perguntas, pode vir. Você gosta de princesas, Artur? Gosta? E por quê?

Artur- Porque é bonita.

Aplicadora- Hmm, e tem alguma princesa que você ache que é mais legal do que as outras? Qual?

Artur - A Frozen.

Aplicadora- A Frozen, qual delas? A mais velha ou a mais nova? A de gelo ou a mais nova?

Artur - Nova.

Aplicadora- A Anna? Tá, tem uma princesa que você acha que é menos legal que as outras?

Artur - A Frozen.

Aplicadora- A mais velha, isso? Tá, muito obrigada. Agora você Bruno, você gosta de princesas? Sim? Vocês podem falar sim, gente, porque isso aqui não grava cabeça. Por quê? Por que você gosta?

Bruno - Porque ela pode namora, fazer janta...

Aplicadora- Hmmm

Bruno - Comprar comida e só.

Aplicadora- Tá, e tem uma princesa que você ache mais legal que as outras?

Bruno - uhum

Aplicadora- Qual?

Bruno - A Ana.

Aplicadora- A Ana? E tem uma princesa que você ache que é menos legal?

Bruno - A Frozen.

Aplicadora- Tá bom, não tem resposta certa tá gente? Você gosta de princesas, Elisa?

Elisa - Gosto.

Aplicadora- Por quê?

Elisa - Por que são bem legal de assistir, mas os meninos como que não gostam né?

Aplicadora- Mas meio que o quê?

Elisa - é que os meninos como que não gostam...

Aplicadora- Ahhh e tem uma princesa que você ache mais legal que as outras?

Elisa - A Elsa.

Aplicadora- E tem uma princesa que você ache que é menos legal?

Elisa - A Branca de Neve.

Aplicadora- Hmm, tudo bem. Por que você acha?

Elisa - Porque ela sempre fica com os passarinhos e sempre vêm a bruxa incomodar ela.

Aplicadora- Ah tá bom, obrigada. Camila, você gosta de princesas?

Camila - Gosto.

Aplicadora- Por quê?

Camila - Elas são muito divertidas.

Aplicadora- uhum

Camila - e eu gosto de assistir

Aplicadora- E tem uma princesa que é mais legal que as outras?

Camila - A Mulan, eu gosto dela...

Aplicadora- A Mulan? Eu gosto dela também, e uma que é a menos legal?

Camila- A Frozen.

Aplicadora- A Elsa ou a Ana?

Camila - A Elsa.

Aplicadora- Tá bom. Gente, rápido, vêm aqui. Eu vou dar esses post its pra vocês.

Artur - A gente que escolhe?

Aplicadora- Ah podem escolher, são essas cores aqui. Tá, é assim gente, presta muita atenção, vocês estão vendo essas fotos ali?

Crianças- sim

Aplicadora- Eu quero que vocês marquem o que vocês acham, não tem resposta certa, tá? Lembrando, o que vocês acham que é príncipe e princesa. Não precisa acabar com todos os post its, e só porque seu amigo colocou um post it numa fotinho não significa que você também tem que colocar, tudo bem? É o que você acha. E aperta bem eles porque se não vai, se não eles caem e já caíram bastantes, então coloca sempre colorido, tudo bem? Pode ir, corre! Quando vocês acharem que vocês marcaram os que vocês acham podem voltar.

Artur - Pode ser igual?

Aplicadora- Pode ser igual, tudo que vocês achar, com post it, sem post it. O que vocês acham que é príncipe e princesa. E esse já viu?

Criança- uhum.









Aplicadora- Obrigada, você pode sentar ali.

Artur - Agora não sei o que a gente vai usar de novo.

Aplicadora- Camila, post it rosa claro; Bruno laranja; Artur, rosa neon; Elisa, amarelo. Pronto? Tá, pode vir. Pode guardar pra você porque a gente vai ficar de novo. Pronto?

Elisa - Esse rosa lindo!

Aplicadora- Bonito, né?

Elisa - Eu amo rosa!

Camila - Eu não, prefiro azul... eu prefiro azul.

Aplicadora- Eu gosto de azul. A minha cor favorita é essa daí, eu tenho uma bota dessa cor.

Camila - A minha é a azul.

Bruno - A gente vai usar de novo?

Aplicadora- uhum

Elisa - Não quer pegar amarelo?

Camila - Troca comigo?

Elisa - Rosa é meu quarto, meu quarto é rosa, minha cama é rosa...

Bruno - Pronto.

Aplicadora- Pronto? Tá gente atenção, próximas perguntas, peraí mas você trocou o do menino [risos] tá então Camila pegou amarelo e Elisa pegou o rosa claro. Okay, gente próximas perguntas, muita atenção, últimas perguntas já. As princesas vão pra escola?

Artur - Vão.

Aplicadora- E o que que elas aprendem, na escola?

Artur - Aprendem dançar, a ler, a estudar, fazer lição e aprender a namorar.

Aplicadora- Tá, e os príncipes vão pra escola?

Artur - Sim.

Aplicadora- Que que eles aprendem lá?

Artur - Aprende a estudar, a ler, a dançar, aprendem....

[aplausos]

Aplicadora- Pode terminar.

Artur - Como namorar e...

Aplicadora- uhum.

Artur - E dá anel.

Aplicadora- Dá anel? Tá, só? Elisa, as princesas vão pra escola?

Elisa - Vão

Aplicadora- E o que que elas aprendem lá?

Elisa - A ler...

Aplicadora- uhum

Elisa - dançar, elas também aprendem como se criar como princesa...

Aplicadora- Como se o quê?

Elisa - Como se criar como princesa

Aplicadora- Ah se criar como princesa.

Elisa - Elas também aprendem que tem que obedecer pai e mãe...

Aplicadora- uhum

Elisa - E elas também aprendem a não responder os pais.

Aplicadora- Tá, e os príncipes eles vão pra escola?

Elisa - Vão.

Aplicadora- E o que que eles aprendem lá?

Elisa - Eles aprendem cuidar das mulheres e nunca bater nelas, e também aprendem a nunca falar pros pais que não querem casar com outra pessoa , e também nunca ir pra rua.

Aplicadora- Tá. Bruno, me diz, as princesas vão pra escola?

Bruno - Vão.

Aplicadora- O que que elas aprendem lá?

Bruno - A ler, a escrever, a desenhar, não reprovar, passar de ano e fazer toda a lição.

Aplicadora- Tá, e os príncipes eles vão pra escola?

Bruno - Vão

Aplicadora- E o que que eles aprendem lá?

Bruno - Aprender a ler, passar de ano, a escrever, desenhar, passar de ano, não reprovar, fazer toda a lição e respeitar a professora.

Aplicadora- Muito bem. Artur, as princesas vão pra escola?

Bruno - Ele já foi! Ele já fez!

Elisa - Ele já falou.

Bruno - Ele tava ali do teu lado.

Aplicadora- Ai meu Deus! Você se clonou. Você vai, você não, você é obvio que vai pra escola. As princesas vão pra escola?

Camila - Vão.

Aplicadora- E o que que elas aprendem lá?

Camila - Elas aprendem coisas da realeza.

Aplicadora- E os príncipes?

Camila - Vão pra escola também.

Aplicadora- E o que que eles aprendem lá?

Camila - Também aprendem coisas da realeza.

Aplicadora- Tá. Gente, venham pra cá. Assim, vocês têm seus post its? Tá eu quero que vocês, vocês conseguem ler o que tá aqui?

Bruno - Não.

Aplicadora- Tá. Aqui ó, aqui diz que princesas são fortes, princesas são fracas, princesas são corajosas e princesas são delicadas. Vocês vão pegar seus post its e vocês vão colocar em tudo que vocês concordarem. Eu vou repetir, tá bom? Quem concorda que princesas são fortes?

Elisa - Foram dois!

Aplicadora- Não tem problema, espera pra colocar...

Bruno - Vou pôr dois.

Aplicadora- Tá, e as princesas são fracas?

Camila - Não

Aplicadora- Ninguém concorda? Você sim, Bruno? Tá, e as princesas são corajosas? Não se matem [risos]

Bruno - Vou pôr dois.

Aplicadora- Por que elas são muito corajosas? Isso? E as princesas são delicadas?

Artur - Sim

Bruno - Ponha.

Aplicadora- Pronto?

Camila - Pera, vou pôr tudo isso aqui.

Aplicadora- Ah porque elas são muito delicadas.

Elisa - Muito

Bruno - Vou pôr bastante

Aplicadora- Muito delicadas mesmo!

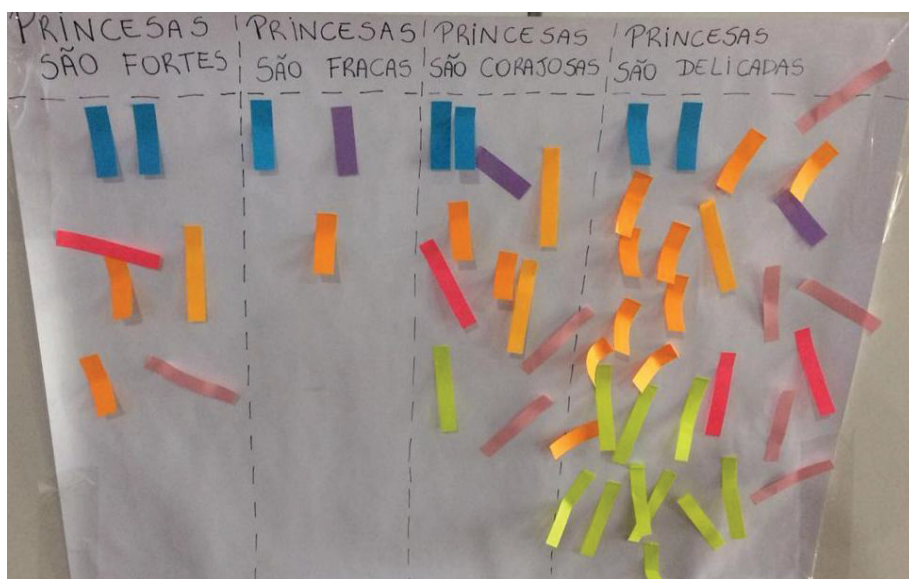
Bruno - Tão caindo aqui ó!

Aplicadora- Então por isso que têm que apertar bem!

Bruno - Vou pôr a mão, ó que tanto que eu “ponhei” já!

Aplicadora- Pronto?

Artur - Sim



Aplicadora- Vamos pra última pergunta.

Elisa - Vamo, vamo, vamo, vamo!

Aplicadora- Que não precisa colocar, todas, gente.

Camila - Pronto, coloquei bastante.

Aplicadora- Pronto, última pergunta. Elisa, você gostaria de ser uma princesa?

Elisa - Sim

Aplicadora- Por quê?

Elisa - Porque eu queria que meus pais eles fossem rico pra eles quiser que eles podiam comprar um monte de coisa pra mim, pra minha irmã e pra eles.

Aplicadora- E você Artur, você gostaria de ser um príncipe?

Artur - Sim

Aplicadora- Por quê?

Artur - Pode namorar, pode ter carruagem, soldado, espada, rei, só.

Aplicadora- Só? Tá. Bruno, você gostaria de ser um príncipe?

Bruno - Sim

Aplicadora- Por quê?

Bruno - Porque tem soldado, tem espada, tem escudo, tem armadura, e carro, tem carro voador, tem moto voador e só.

Aplicadora- Tá. Camila, você gostaria de ser uma princesa?

Camila - Sim

Aplicadora- Por quê?

Camila - Elas são muito bonitas.

Aplicadora- Hmm, só?

Camila - Só.

Aplicadora- Terminamos!

ANEXO 9 – TRANSCRIÇÃO DA ATIVIDADE REALIZADA EM ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE COM GRUPO 2, SUBGRUPO 2

Atividade realizada em associação beneficente na região metropolitana de Curitiba no dia 09 de abril de 2019, às 10h. Grupo 2, subgrupo 2.

Camila (7)

Elisa (7)

Bruno (8)

Artur (9)

Milena (8)

Tomas (9)

Luana (7)

Pesquisadora-...figuras que vocês estão vendo aqui atrás, com aquele cartaz que tá ali atrás também e algumas atividades de desenho. Tem uma regra muito importante que é “não tem resposta errada”, a única resposta errada é dizer “não sei”. Tá bom? Mesmo que você invente na hora. Esqueci mais alguma coisa?.

Aplicadora- não, por enquanto não.

Pesquisadora- então tá bom.

Aplicadora- Ah! Uma coisa muito importante gente, vamos dividir vocês em times e a gente vai fazer perguntas. Por exemplo, qual é a sua cor favorita? E ele diz azul, nenhum de vocês tem que responder azul também, vocês podem ter suas próprias respostas, tá bom? Não precisa se deixar levar pela resposta do amiguinho a não ser que você concorde com ele, tudo certo?

Criança-sim

Pesquisadora- ta bom?

Aplicadora- ótimo

[crianças conversando] [risos]

Pesquisadora- então eu vou anotar o nome de vocês... Ah e eu vou gravar aqui o áudio pra mostrar por meu professor que eu fiz mesmo o trabalho [risos]. Aqui, pronto, vou deixar mais no meio. Agora vou começar, seu nome?

Criança - Milena

Pesquisadora - Milena. E Milena quantos anos você tem?

Milena - 8

Pesquisadora - teu nome?

Criança - Tomas

Pesquisadora - Tomas. Quantos anos você tem, Tomas?

Tomas - 9

Criança - Artur

Pesquisadora - Artur. Quantos anos, Artur?

Artur - 9

Pesquisadora - hmm

Criança - Luana

Pesquisadora - Luana. Quantos anos, Luana?

Luana - 7

Criança - Camila

Pesquisadora - Camila

Camila - 7

Pesquisadora - 7

Criança - Elisa

Pesquisadora- Elisa

Elisa - 7 anos

Criança- Bruno, 8 anos.

Pesquisadora- 8, anos. Okay! Ah, então agora a gente vai separar vocês em grupos. Um grupo vai ficar com a Maria e um grupo vai ficar comigo. O grupo que terminar primeiro, não, todos os grupos que terminarem, ou seja os dois grupos quando todo mundo terminar, eu trouxe uma coisinha especial pra dizer muito obrigada pra vocês. Um prêmiozinho pequenininho, mas trouxe, e o grupo que terminar primeiro dos outros grupos vai ganhar uma coisa a mais também.

Aplicadora- Sangue nos olhos agora, gente! [risos] Vão!

Pesquisadora- quem vai ficar com quem?

Criança-eu vou...

Aplicadora- Aaaaaaaaaa... coloca o dedo aqui [gritos] pronto já fechou 4 crianças! Fechou 4 crianças [risos] fechou vocês duas, você e você comigo.

Pesquisadora- então vocês 3 estão comigo, venham.

Aplicadora- ótimo.

[crianças conversando]

Aplicadora- Ahn? Eu vou procurar o roteiro

Pesquisadora- o gravador?

Criança- tia...

Aplicadora- Não, o roteiro.

Criança- tia nem olha a minha mão.

Pesquisadora-...okay, olha só, pra não ficar injusto...

Criança- também não olha a minha.

Aplicadora- muito obrigada.

Criança- tia não me olha a minha mão.

Aplicadora- eu não entendi o que vocês falaram.

Camila - não olha a nossa mão

Aplicadora- Por que?

Criança- olha aqui

Aplicadora- [suspira] adoro, que que vocês estavam fazendo?

Criança- na sala fazendo maquete

[crianças conversando e rindo]

Aplicadora- Ai meu Deus! você é uma deusa, Luiza. Eu queria brincar também!

Pesquisadora - pronto? vocês vão começar aí? Valendo?

Aplicadora - pera aí, pera aí, pera aí! Deixo pegar a primeira pergunta e aaaaaa... valendo!

Pesquisadora - Então a primeira pergunta vai ser para... Milena, certo? O que são princesas?

Milena - Uma mulher. Que usa vestido.

Pesquisadora - Ok. O que é uma princesa, Tomas?

Tomas - [silêncio]

Pesquisadora - Quer pensar mais um pouco?

Tomas assente.

Pesquisadora - O que é uma princesa, Luana?

Luana - Elas são mulheres que usam vestidos e elas são bonitas e... os homens se apaixonam por elas.

Pesquisadora - Tá. Tomas, lembrou alguma coisa?

Tomas - Elas usam coroa eu acho.

Pesquisadora - Usam coroa. E o que que ela pode e o que ela não pode fazer porque ela é princesa?

Criança - Eu sei.

Pesquisadora - Deixa eu ver se o Tomas consegue.

Tomas - [silêncio]

Pesquisadora - Vou voltar então para a Milena. Milena, o que ela pode e o que ela não pode fazer porque é princesa?

Milena - Elas não podem fazer o que o rei não deixar.

Pesquisadora - E o que que ela não pode fazer, Luana?

Luana - Ela não pode ficar na lama porque se não elas vão se sujar e só.

Pesquisadora - E só. E o que ela pode fazer?

Luana - Ela pode pentear o cabelo, cuidar da roupa e quase tudo, tirando se sujar.

Pesquisadora - E o que ela pode fazer, Milena?

Milena - Ela pode... mas tem umas princesas que gostam, assim, de se sujar. Então elas podem fazer qualquer coisa.

Pesquisadora - E o que uma princesa pode fazer, Tomas? O que você acha?

Tomas - silêncio de 00:04:50 a 00:05:12

Pesquisadora - Você consegue, Tomas! Eu tenho fé em você.

Tomas - Ela pode... ela pode se apaixonar.

Pesquisadora - E ela não pode?

Tomas - Não pode se sujar, não pode fazer nada que o rei...

Pesquisadora - Ok. E Tomas, o que é um príncipe?

Tomas fica em silêncio.

Milena - Eu sei!

Pesquisadora - O quê?

Milena - Um homem bonito, que usa coroa e se casa com as princesas.

Pesquisadora - E o que é um príncipe?

Luana - Ele é fortão, ele encanta as princesas e casa com elas.

Pesquisadora - E o que é um príncipe?

Luana - e alguns usam magia!

Tomas - Ele usa espada, escudo e fica num cavalo.

Pesquisadora - E o que um príncipe não pode fazer?

Tomas - Ele...

Milena - Bater na mulher

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Milena - Cuidar muito bem dela.

Pesquisadora - O que um príncipe não pode fazer?

Luana - Sair por aí com a roupa toda feia.

Pesquisadora - E o que que ele pode fazer?

Luana - Pode... ajudar as pessoas.

Milena - Ele é uma pessoa muito educada, né?

Pesquisadora - Aham. E o que um príncipe não pode fazer?

Tomas - Coisa errada pra princesa.

Pesquisadora - E o que ele pode fazer?

Tomas - Ajudar a princesa.

Pesquisadora - Muito bem. Então a gente terminou as primeiras perguntas e agora vamos para a primeira atividade. Vocês têm que desenhar aqui no papel com estes lápis de cor, um príncipe e uma princesa. Eles têm que ter: nome, idade e uma coisa que eles mais gostam de fazer. Pode ser qualquer coisa. OK?

Tomas - Pode desenhar ali no chão.

Pesquisadora - Pode, porque em cima do tapete é horrível. Vamos lá? Ah! E tem pontos bônus se vocês falarem como eles se conhecem.

Crianças desenhando em silêncio de 00:07:20 a 00:08:09

Milena - A minha princesa é da natureza, então o nome dela vai ser Wilie.

Pesquisadora - Wilie?

Luana - Dá pra ser Rosa também, né?

Milena - O verde água... e o roxo... E o príncipe vai ser... James.

Crianças desenhavam em silêncio de 00:08:30 a 00:09:05

Luana: Eu vou fazer a cor dela de amarelo porque não tem outra cor.

Crianças desenhavam em silêncio de 00:09:04 a 00:09:24

Luana - O vestido dela é bem grosso por isso é que parece que ela tá.. é gorda. Ai, socorro! Eu não vou pintar a pele dela, porque não tem cor de pele aqui.

Tomas - Vou usar laranja.

Pesquisadora - Lembra de usar bastante cor nesse desenho, hein?

Crianças desenhavam em silêncio de 00:09:45 a 00:10:17

Luana - Eu vou fazer... o olho dela dessa cor azul.

Tomas - E o cabelo dela é...

Crianças desenhavam em silêncio de 00:10:28 a 00:10:37

Milena - E o batom vermelho. Porque eu gosto.

Crianças desenhavam em silêncio de 00:10:39 a 00:11:10

Luana - Vou fazer a coroa dela... azul.

Crianças desenhavam em silêncio de 00:11:07 a 00:11:33

Luana - Agora eu vou fazer o príncipe. Ai a calça dele vai ser marrom... ai, mas daí marrom vai ser a bota! Ah, vai ser azul. Bem forte. Aí eu vou fazer essa parte aqui de azul, aí eu vou pintar de outro azul.

Crianças desenhavam em silêncio de 00:12:05 a 00:14:04

Luana - Ele fez a espada como árvore.

Crianças desenhavam em silêncio de 00:14:10 a 00:14:33

Milena - Agora sim posso fazer príncipe.

Pesquisadora - Terminou? Deixa eu ver aqui. Tá, tem três cores... Então vamos lá. Como é o nome do príncipe?

Tomas - Gabriel.

Pesquisadora - E da princesa?

Tomas - Cauane.

Pesquisadora - Quantos anos tem o príncipe?

Tomas - (silêncio por 4 segundos) 22.

Pesquisadora - E a princesa?

Tomas - 23.

Pesquisadora - E o que que o príncipe mais gosta de fazer?

Tomas - (silêncio por 6 segundos) pode ser qualquer coisa?

Pesquisadora - Uhum.

Tomas - Comer maçã.

Pesquisadora - Comer maçã? E a princesa? O que ela mais gosta de fazer?

Tomas - Ficar arrumando a coroa.

Pesquisadora - Ficar arrumando a coroa. Eles se conhecem, não?

Tomas - Se conhecem.

Pesquisadora - Como que eles se conheceram?

Tomas - (silêncio por 4 segundos) por causa que a o príncipe se encantou pela princesa.

Luana - Pronto! Eu já acabei.

Pesquisadora - Beleza. Só um instantinho. Vamos lá! Nome?

Luana - Maria e o nome dele é João. Ele tem 22 e ela 23 anos e ela tava perdida numa floresta depois ele viu ela e se encantou com ela.

Pesquisadora - Entendi. E o que eles mais gostam de fazer?

Luana - Ahm... eles gostam de andar juntos.

Pesquisadora - Andar juntos os dois?

Luana - Aham.

Pesquisadora - Que lindos. Muito obrigada!

Luana - E ele também gosta de salvar a princesa!

Pesquisadora - Obrigada, Luana! A gente tem que esperar a Milena terminar para a gente poder ir para a próxima etapa.

Tomas - Eu conheço quase todos esses personagens... tem a Penélope... tem...

Crianças conversam sobre a poeira do tapete, quem tem rinite e sobre parentes com asma.

Milena - Terminei!

Pesquisadora - Terminou? Mesmo, mesmo? Ele não tem nome?

Milena - Tá na minha cabeça o nome.

Pesquisadora - Pronto? Qual que é o nome dela?

Milena aponta para o nome escrito no papel.

Pesquisadora - Rosa? De 13 anos?

Milena - Aham.

Pesquisadora - E ele?

Milena - Miguel.

Pesquisadora - De 21?

Milena - Aham.

Pesquisadora - E o que ela mais gosta de fazer?

Milena - Ela gosta de colher flores.

Pesquisadora - E ele?

Milena - Ele gosta de lutar.

Pesquisadora - Ele gosta de lutar. E como eles se conhecem? Ou eles não se conhecem?

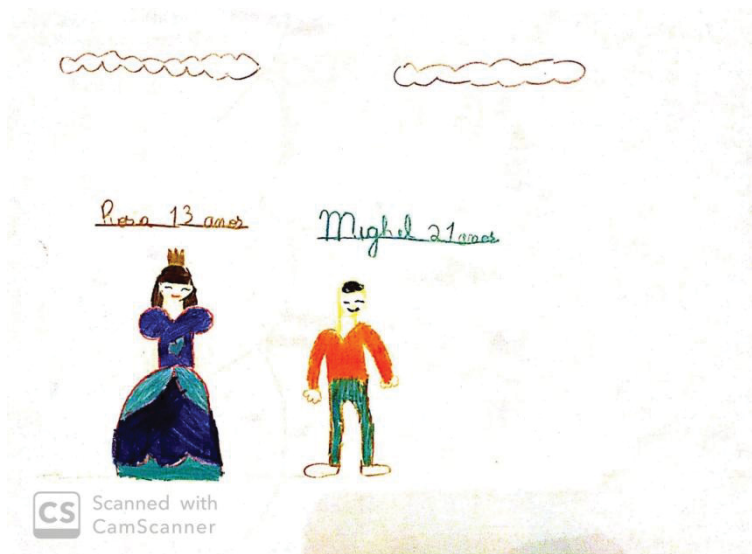
Milena - Eles se conhecem.

Pesquisadora - Como?

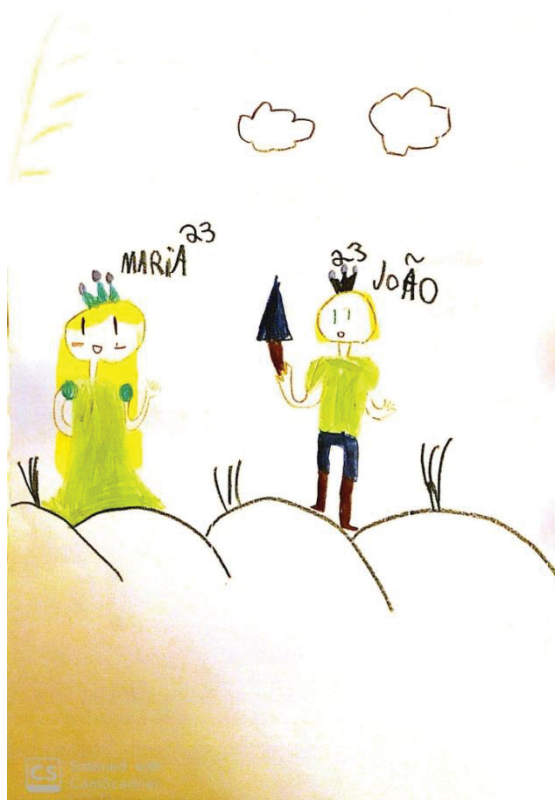
Luana - De amigos, da escola.

Milena - Não, ela tava colhendo rosas e os dois se encontraram e eles se apaixonaram.

Pesquisadora - Ok. Obrigada. Vou colocar o seu nome aqui.



DESENHO DA MILENA



DESENHO DA LUANA



DESENHO DO TOMAS

DESENHO DO TOMAS

Pesquisadora - Ok! Vem cá, vem cá, vem cá! Perguntas número dois.

Pesquisadora - Agora, você gosta das princesas?

Luana - Gosto.

Pesquisadora - Por que?

Luana - Porque elas são bonitas.

Pesquisadora - Porque elas são bonitas...

Luana - Eu também preferia fazer a minha própria princesa. Eu fazia que nem o Batman, porque ela é radical!

Pesquisadora - Que legal! E você, Milena, gosta das princesas?

Milena - Aham.

Pesquisadora - Por que?

Milena - Porque elas são lindas, sempre tem contos de fadas acontecendo e o final acontece um final feliz.

Pesquisadora - Tomas, você gosta das princesas?

Tomas - Sim.

Pesquisadora - Por que?

Tomas - Porque elas ficam se divertindo.

Pesquisadora - OK. E tem uma princesa que você ache que é mais legal do que as outras?

Tomas - Não.

Pesquisadora - Não? Tem uma princesa que seja mais chata do que as outras?

Milena - Ah tem!

Luana - Tem uma princesa que eu amo.

Tomas - Sim.

Pesquisadora - Qual é a princesa mais chata?

Tomas - Pode ser que aparece na TV?

Pesquisadora - Aham.

Tomas - Essa aqui. (Corre até o cartaz de personagens e aponta para a personagem Amber, do desenho animado Princesinha Sofia).

Pesquisadora - A Amber?

Tomas - Eu não sei o nome.

Pesquisadora - Por que que ela é chata?

Tomas - Porque ela fica mandando na... na...

Milena - Na Sofia.

Pesquisadora - Na Sofia?

Tomas - É.

Pesquisadora - Porque ela fica mandando na Sofia. Milena, tem uma princesa que você ache mais legal do que as outras?

Milena - Aham. É a Elsa.

Pesquisadora - Por que?

Milena - Porque quando eu era pequena eu gostava de brincar de Frozen assim, porque eu tinha o filme, mas agora eu perdi.

Pesquisadora - E tem uma princesa mais chata do que as outras?

Milena - Hum... não.

Pesquisadora - Não? Ok. Tem uma princesa que é mais legal do que as outras, Luana?

Luana - Tem. A que eu gosto tem.

Pesquisadora - Qual?

Luana - É a Frozen. Eu gostava de rosa antes que ela me incentivou a gostar de azul.

Pesquisadora - E tem uma princesa que você acha mais chata do que as outras? Luana - Sim.

Pesquisadora - Qual?

Luana - Moana.

Pesquisadora - Por que?

Luana - Porque ela fica cantando e eu não gosto.

Pesquisadora - Ok, então. Vamos para a segunda atividade. Tem aquele monte de imagens ali que vocês estão vendo. Eu vou dar para vocês post-its, sabem o que é post-its?

Tomas - Não.

Pesquisadora - São esses papéis coloridos que estão colados aqui. Então eu vou dar post-its de cores diferentes para vocês e vocês vão colar em cima do personagem, dos personagens, que vocês acham que são príncipes e princesas. Vocês acham. Não é assim, ah, eu conheço vou colar, não conheço não vou, vocês acham. Se eu achar que é uma princesa, eu coloco. OK?

Milena - Qualquer um deles?

Pesquisadora - Quantos vocês quiserem, qualquer um deles que vocês acharem que são príncipes e princesas. Então aqui estão os Post-its.

Luana - Eba! Roxo!

Pesquisadora - E podem ir!

Tomas - É das princesas?

Pesquisadora - Príncipes e princesas.

Luana - Até acabar?

Pesquisadora - Quantos você achar que sim. Se você acha que já escolheu todos, já deu. Não precisa acabar o bloquinho.

Luana - Ah! Vou colocar. Vou colocar no Batman.

Luana - Essa é a amiga da princesa Carão.

Pesquisadora - Não precisa acabar com o post-it, viu?

Luana - Ah! Já acabei.

Pesquisadora - Prontos? Vamos voltar aqui.

Luana - Nossa! Olha quanta coisa!











Luana - Tem muita coisa escrita nesse caderno.

Pesquisadora - Eu acho esse texto muito engraçado, por isso que eu copiei. Vamos lá. Próximas perguntas. Luana, as princesas vão para a escola?

Luana - Ahhhhhmmmm... Algumas sim, algumas não.

Pesquisadora - O que que as princesas que vão pra escola aprendem lá?

Luana - Posso falar algumas princesas de magia?

Pesquisadora - Aham.

Luana - Elas aprendem magia, poção do amor...

Pesquisadora - E as princesas que não vão pra escola? O que elas precisam para serem princesas?

Luana - Coroa, respeito, não ficar se mimando... e só.

Pesquisadora - E só. As princesas vão para a escola, Tomas?

Tomas - Algumas.

Pesquisadora - Algumas. E o que elas aprendem lá, as que vão?

Tomas - Magia e respeito e... nada de fazer confusão.

Pesquisadora - E as princesas que não vão para a escola? O que elas precisam para ser princesas?

Tomas - De escola, coroa, vestido e sapato.

Pesquisadora - E Milena, as princesas vão para a escola?

Milena - Algumas. Algumas não.

Pesquisadora - E o que elas aprendem lá? As que vão pra escola?

Milena - Magia, poções, respeito, educação...

Pesquisadora - E as que não vão para a escola? O que elas precisam para serem princesas?

Milena - Educação. Vestidos, coroa.

Pesquisadora - Agora uma pergunta para vocês todos, quem quiser responder antes responde: quais são as princesas que vão para escola e quais não vão.

Luana - Eu não sei.

Tomas - Eu sei.

Pesquisadora - Qual?

Tomas - Essas duas aqui. (Aponta no cartaz para as princesas Sofia e Amber do desenho animado Princesinha Sofia).

Pesquisadora - A Sofia e a Amber.

Tomas - Isso.

Pesquisadora - Só? As outras não.

Tomas - Só elas.

Luana - Algumas outras vão também eu acho.

Milena - A princesa que eu acho que vai pra escola é a Elena.

Pesquisadora - A Elena, sei. Porque que elas vão para a escola? Vocês acham? E as outras não vão.

Milena - Pra estudar.

Tomas - Eu tava pensando que era (ininteligível)

Pesquisadora - É... os príncipes vão para a escola?

Luana - Vão!

Milena - Vão!

Tomas - Vão!

Pesquisadora - Vão. Deixa eu ver com a Milena primeiro. O que eles aprendem lá?

Milena - A lutar com espadas, andar a cavalos e só.

Pesquisadora - O que os príncipes aprendem na escola, Tomas?

Tomas - Lutar, se defender, um monte de coisa.

Pesquisadora - Um monte de coisa. E os príncipes vão para a escola, Luana?

Luana - Sim.

Pesquisadora - E o que eles aprendem lá?

Luana - A fazer respeito, porque pra encantar uma princesa, luta e ser educado.

Pesquisadora - OK. Então agora a gente vai pra última atividade, daí depois da atividade tem mais uma pergunta e a gente acaba. Todo mundo está vendo o cartaz ali?

Luana - Sim.

Tomas - Aham.

Pesquisadora - Então, tem várias frases que eu escrevi ali pra vocês. Pega um post-it de novo. Esse era o seu, esse era o seu e eu tenho um azul a mais aqui pra você.

Luana - Você gastou tudo!

Pesquisadora - E... vocês colocam o post-it embaixo da frase que você acha que é verdade. Ok? Só do que você acha que é verdade. Então... princesas são fortes. Vocês acham que elas são fortes?

Milena - Sim.

Pesquisadora - E vocês? Acham que elas são fortes?

Luana - Não. O príncipe.

Pesquisadora - Princesas são fracas?

Luana - Não. São frágeis.

Pesquisadora - E princesas são corajosas?

Luana - Algumas.

Milena - Algumas.

Pesquisadora - Pode colocar, então.

Luana - Eu já coloquei tudo o que tinha para colocar. Eu tô com dó desse.

Pesquisadora - Não precisa ficar com dó, tá tudo bem, ele não vai ficar chateado.

Milena - Ah, deixe. São fracas algumas.

Luana - É, algumas, né?

Pesquisadora - Entendi.

Luana - A Moana ela não é fraca, ela é corajosa.



Pesquisadora - Então vamos para a última pergunta?

Luana - Nossa! Agora finalmente a última pergunta.

Pesquisadora - Pergunta final! Para o Tomas: você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa?

Tomas - Um príncipe (risos).

Pesquisadora - Um príncipe. Por que?

Tomas - Porque ele é corajoso, gosta de lutar e se defende.

Pesquisadora - Luana, você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa?

Luana - Um príncipe.

Pesquisadora - Por que?

Luana - Ah, porque eu posso lutar com as coisas que as princesas com esses vestidão... eu não sou assim.

Pesquisadora - Tá bom. Você gostaria de ser um príncipe ou uma princesa, Milena?

Milena - Uma princesa, porque as princesas são bonitas e os vestidos bem bonitos.

Luana - Príncipes ganharaaaaam!

Crianças aplaudem.

ANEXO 10 – TRANSCRIÇÃO ATIVIDADE EXPLORATÓRIA

Transcrição da atividade de pesquisa exploratória realizada com crianças entre 6 e 9 anos no salão de festas do prédio delas no dia 16/01/2019, às 14h30, em Curitiba (PR)

Gustavo (6 anos)
Henrique (6 anos)
Carolina (6 anos)
Isabela (9 anos)
Sabrina (6 anos)

Aplicadora - Crianças, eu preciso da atenção plena de vocês agora, tudo bem? Vocês podem olhar para mim, por favor? A gente escolheu vocês para ajudarem na nossa pesquisa, porque de todas as crianças que conhecíamos, vocês são as mais inteligentes, então crianças inteligentes prestam atenção, né? Eu vou pedir para vocês desenharem uma princesa e um príncipe. Depois a gente vai fazer perguntas. Vocês podem usar as cores que quiserem, as formas que quiserem, o que vocês quiserem. A gente só precisa que seja uma princesa e um príncipe. A gente vai dar o quê? Uns 15 minutos?

Pesquisadora - sim.

Henrique - Eu quero ficar com aquele desenho.

Aplicadora - A gente guarda e depois devolve, tá bom?

Henrique - umhum.

Aplicadora - mas todos vocês conseguem.

(Crianças desenhavam em silêncio por 2 minutos)

Sabrina - pode pintar?

Aplicadora - se quiserem e se der tempo.

Sabrina - a gente quer.

(Crianças desenhavam por mais dois minutos em silêncio)

Carolina - Você vai pintar?

Gustavo - aham.

Carolina - eu também vou pintar.

(Crianças sussurram entre si, não é possível distinguir o que dizem na gravação)
Carolina - o Henrique vai fazer dedos do pé (rindo).

Todas as crianças começam a rir.

Gustavo - depois a gente vai jogar os jogos ali?

Aplicadora - depois de desenhar tudo e responder todas as perguntas, se vocês quiserem, aí sim.

Carolina - e se a gente errar?

Aplicadora - não tem certo nem erro. Vocês desenham o que quiser, desde que seja príncipe e princesa.

Carolina - e se não der tempo?

Gustavo - o Henrique já terminou de fazer os dedos do pé.

Aplicadora - e se não der tempo?

Pesquisadora - vai dar.

Aplicadora - a gente dá mais um tempo se precisar.

Gustavo - Henrique, o que você tá fazendo agora? É um palhaço o que você tá fazendo. Um palhaço! Você que é um palhaço Henrique, um palhaço de brincadeira. Você é o Chuck.

Henrique - Chuck?

Carolina - É daquele desenho que tem um monte de boneco.

Gustavo - Assustador, né?

Henrique - Ele é doido.

Gustavo - Não! O chuck é um boneco de pano, né? Ele é um boneco de pano.

Henrique - É, mas pra mim ele é doido.

Gustavo - Pra mim não. Ele é um boneco de pano que não pode ir na água. Eu já vi um filme de Minecraft que o Chuck caiu na água sendo que ele é de pano, daí ele ficou bem pesadinho.

Henrique - Gustavo, você conhece um jogo do Mário que dá pra ir pro lado, pro outro, pra frente e pra trás?

Gustavo - Sim. E dá pra pular.

Henrique - É.

Gustavo - E dá pra fazer um super pulo que vai na parede e depois salta da parede e depois sobe, né?

Henrique - E depois aparece quatro que daí tem um risquinho assim ou as-sim.

Gustavo - Eu já terminei minha princesa, agora eu vou fazer...

Henrique - O príncipe.

Gustavo - Não! Eu vou fazer a coroa!

Henrique - Mas não é uma princesa?

Gustavo - Princesa tem coroa.

Carolina - Ó!

Henrique - Não.

Gustavo - Tem, sim.

Henrique - Só rainha.

Carolina - Tem coroa, sim.

Henrique - Então você vai fazer uma rainha!

Gustavo - Não! Henrique!

Henrique - Olha! Tem uma joia aqui.

Gustavo - A coroa dela.

Gustavo - Henrique, será que dá pra usar essa joinha de borracha?

Henrique - Não, não é borracha, olha.

Gustavo - Quero ver.

Gustavo - Não, não é. Tenta fazer no seu.

Carolina - Você quer a borracha? Tem aqui, ó.

Gustavo - O Henrique tem uma joia. Isso é diamante, Henrique? É diamante? Só que eu tenho mais ainda! O Henrique tem diamante.

Carolina - Quem quer esse?

Henrique - Eu peguei! Ei, eu que peguei, Gustavo!

Gustavo - Não.

Carolina - Ei! Ei! Ei!

Gustavo - Então você me dá esse.

Gustavo - Ô Henrique! O Henrique roubou o meu e não deu o outro dele.

Henrique - Mas fui eu que peguei!

Carolina - É, Gustavo, tem que dividir.

Henrique - Esse aqui é gordo. Um príncipe gordo. Um príncipe gorducho.

Carolina - Alguém pegou o roxo que estava aqui. Quem pegou?

Gustavo - Ai, Henrique... O Henrique como sempre fazendo gracinha pra mim.

Carolina - Quem pegou?

Henrique - Mas você sempre faz gracinha também.

Gustavo - Não.

Gustavo - Tá, então... você quer ver o que eu sei fazer uma coisinha? Que eu vou falar e você vai ter... ciúmes? Eu joguei (nome de um jogo em inglês).

Henrique - Legal.

Aplicadora - Já terminaram? Falta pouco tempo!

Gustavo - Eita! Vou ter que fazer rápido, então. Preciso desse, tá? Eu preciso, depois eu te devolvo. Pronto!

Carolina - É que eu também vou precisar.

Henrique - Quer usar esse?

Gustavo - Eu preciso fazer rápido, Henrique!

Aplicadora - Quem já terminou a Princesa pode começar o Príncipe.

Gustavo - Eu já comecei o príncipe.

Henrique - Eu já comecei o príncipe e já terminei.

Gustavo - Eu preciso fazer rápido, gente, tá acabando o tempo.

Carolina - Eu já tô terminando.

Sabrina - Tia, precisa desenhar o príncipe?

Aplicadora - Sim. Os dois.

Isabela - Os dois? Mas não vai dar tempo.

Aplicadora - A gente dá mais tempo para vocês se precisar.

Isabela - Eu não sei desenhar príncipe.

Aplicadora - Faz o que você achar que é um príncipe você pode desenhar.

Carolina - Cadê o cor de pele?

Gustavo - Cor de pele? Não vai dar tempo de eu pintar, tá?

Carolina - Vai, pinta!

Gustavo - Eu tenho muito! Muitos lápis!

Carolina - Quer o cor de pele?

Gustavo - Eu tenho um monte. Um monte.

Henrique - Eu vou usar o dourado.

Gustavo - Eu também.

Henrique - Pronto! Terminei!

Carolina - Tem uma cor muito bonita.

Gustavo - Terminou? O Henrique! Você não pintou!

Aplicadora - Não precisa pintar.

Carolina - Se não quiser.

Henrique - Eu só pinte a barriga e a perna e os braços.

Gustavo - Eu pinte...

Henrique - Sabia que a coroa é muito pesada?

Gustavo - É. Coroa é pesada.

Henrique - Coroa é muito pesada.

Gustavo - Por isso que tem que pôr na cabeça, né? Às vezes que ele é meio molenga.

Henrique - É, tipo pessoa magrinha, que não é nada forte,

Gustavo - Eu, é

Henrique - É menor que a gente. E uma garrafa de refrigerante chega até aqui nela. E ela é menor que a gente.

Gustavo - Mas e se chegar até aqui nela?

Henrique - Daí é adolescente, jovem e adulto.

Henrique - Não, e se uma garrafa fosse até aqui e o copo até aqui?

Aplicadora - Henrique, você já terminou o seu?

Henrique - Sim!

Aplicadora - Então vem aqui, senta aqui do lado.

Aplicadora - Explica para nós, porque você desenhou a sua princesa assim? O que você pensa na hora de desenhar uma princesa?

Henrique - Não sei.

Aplicadora - Por que você escolheu essa cor, por exemplo?

Gustavo - Se a princesa mora...

Henrique - Porque essa é a cor mais bonita que tem.

Aplicadora - E você escolheu a mesma para o príncipe. O que você pensa antes de desenhar o príncipe.

Henrique - Não sei.

Aplicadora - Você tem alguma pergunta?

Pesquisadora - Eu tenho uma pergunta! Posso? Qual é o príncipe e qual a princesa?

Henrique - Essa aqui é a princesa e esse aqui o príncipe.

Aplicadora - Como você sabe que essa aqui é a princesa?

Henrique - Porque tem cabelo longo.

Aplicadora - E como você sabe que esse aqui é o príncipe?

Henrique - Porque tem cabelo curto.

Aplicadora - Eles têm sapatos ou estão descalços?

Henrique - Descalços.

Aplicadora - E ela está usando que roupa?

Henrique - Ela tá usando uma calça.

Aplicadora - E ele?

Henrique - Uma calça.

Pesquisadora - Eles são irmãos?

Henrique - Não.

Aplicadora - Como ele conheceu ela?

Henrique - Não sei.

Pesquisadora - E eles moram em um reino bem grande e bem rico, ou em um pequenininho?

Henrique - Um bem grande e bem rico.

Pesquisadora - Eles vão ser rei e rainha juntos um dia ou não?

Henrique - Sim.

Gustavo - O nome da minha princesa vai ser... Rapunzel?

Henrique - Daí o cabelo vai ter que ser gigante!

Gustavo - É! (risos) Brincadeira, Henrique!

Gustavo - Vai ser a princesa das fadas...

Henrique - Fada do dente (risos)

Pesquisadora - Henrique, eu ouvi você falando com as outras crianças que você escolheu o dourado porque é cor de joia. É isso?

Henrique - É.

Pesquisadora - Beleza, pra mim tá bom.

Aplicadora - Para mim também. Eu vou ficar com o seu desenho, tá bom? Vocês podem continuar desenhando se quiserem, e depois eu vou fazer perguntas para vocês, tá? Gustavo, vem aqui... Ah, não! Carolina primeiro. Você pode continuar desenhando, se quiser.

Gustavo - E o Henrique, o que ele vai fazer?

Aplicadora - Ele se perdeu, ele já está voltando.

Pesquisadora - Vocês dois podem conversar um pouquinho, vocês estavam em um papo bem legal.

Aplicadora - E aí a gente já volta para vocês. Agora, Carolina, sobre o seu desenho.

Carolina - O nome dela é Bela.

Aplicadora - Bela? E o dele?

Carolina - Alino.

Aplicadora - Alino? Que bonito esse nome! O que você pensou para desenhar a sua princesa?

Carolina - Eu pensei em outra princesa.

Aplicadora - Qual?

Carolina - Eu não sei o nome da princesa. Aquela de rosa.

Aplicadora - Mas ela existe?

Carolina - Na Disney sim.

Aplicadora - Seria a Aurora?

Carolina - Aquela toda rosa.

Aplicadora - A Aurora. A Bela Adormecida.

Carolina - Aham.

Aplicadora - E nele? No que você pensou?

Carolina - Eu não pensei nele, mas eu pensei nela.

Aplicadora - Hum, sim.

Carolina - Eu pensei em um desenho, no cavalo.

Aplicadora - O cavalo é de quem? Dela ou dele?

Carolina - Dele.

Aplicadora - Qual a relação deles?

Carolina - Namorados.

Aplicadora - Como eles se conheceram?

Carolina - Ele salvou ela aqui da torre.

Aplicadora - Ela estava em uma torre? Quem deixou ela na torre?

Carolina - A bruxa má.

Aplicadora - A bruxa má! A bruxa má tirou ela dos pais?

Carolina - Aham. Quando ela era bebê.

Aplicadora - E ela podia sair da torre se ela quisesse?

Carolina - Não.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Porque a aquela menina que pegou ela ela não deixava ela sair.

Aplicadora - E como você diferencia quem é a princesa e quem é o príncipe?

Carolina - Porque os pais deles não se conhecem.

Aplicadora - Então a diferença entre príncipe e princesa é porque os pais deles não se conhecem, é isso?

Carolina - sim.

Aplicadora - Muito obrigada, Carolina! A gente vai ficar aqui com o seu desenho e você pode ir brincar com o seu irmão. Gustavo! Sua vez! Vem!

Carolina - Posso desenhar outra coisa?

Aplicadora - Pode! Pode desenhar o que você quiser.

Aplicadora - Gustavo, eu quero que você me diga, qual que é o príncipe e qual que é a princesa.

Gustavo - Esse é a princesa e esse é o príncipe.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque esse está de azul e este está de vermelho.

Aplicadora - Então... azul é cor de menina e vermelho de menino? Não. Vermelho é de menina e azul é de menino?

Gustavo - Sim.

Aplicadora - E o que mais diferencia eles?

Gustavo - É porque esse tem cabelo mais grande e esse tem cabelo menor.

Aplicadora - E o que você pensou para desenhar a sua princesa?

Gustavo - Princesa... Eu pensei na roupa.

Aplicadora - E o que é essa roupa?

Gustavo - É de inverno com uns botõezinhos.

Aplicadora - Tipo uma jaqueta, um sobretudo.

Gustavo - Um sobretudo.

Aplicadora - Tá frio onde eles moram?

Gustavo - Sim.

Aplicadora - E ele? No que você pensou para desenhar o seu príncipe?

Gustavo - Essa bolinha aqui, de emoji.

Aplicadora - Qual deles?

Gustavo - Esse.

Aplicadora - Mas o quê significa esse emoji?

Gustavo - Porque é de menino. É dos amarelinhos que tem umas coisinhas. Eu tenho um na minha mochila de inglês. E ele tá com um óculos maneiro.

Aplicadora - Então os emojis de rostinho são os de menino.

Gustavo - É, são.

Aplicadora - E os nomes?

Gustavo - Eu ainda não escolhi.

Aplicadora - Você quer pensar mais sobre isso?

Gustavo - É que eu quero brincar.

Aplicadora - Tá bom. Então vai ficar príncipe e princesa mesmo.

Gustavo - Tá.

Aplicadora - Isabela! Que bonito, né? Eu não sei desenhar assim.

Isabela - Obrigada.

Aplicadora - Tá, qual é o príncipe e qual é a princesa?

Isabela - Esse é o príncipe e essa a princesa.

Aplicadora - E quais são os nomes deles?

Isabela - Essa é a Branca de Neve e esse eu não sei.

Aplicadora - É o príncipe, não tem nome?

Isabela - Isso.

Aplicadora - Tá bom. Qual foi a sua inspiração para desenhar esse príncipe e essa princesa?

Isabela - Eu não sei.

Aplicadora - Qual foi a primeira coisa que você pensou? A roupa? O rosto? A personalidade?

Isabela - Foi a... a cabeça.

Aplicadora - E depois?

Isabela - Depois foi isso aqui.

Aplicadora - A capa?

Isabela - É que eu vi em um filme que tinha isso aqui.

Aplicadora - Tem mesmo. A Branca de Neve tem.

Isabela - Aí eu fiz o cabelo, aí eu fiz o ombro, aí eu fiz essa parte aqui. Aí a saia.

Aplicadora - E o príncipe? O quê você pensou para desenhar o príncipe?

Isabela - A primeira coisa que eu fiz foi a calça. Daí eu pensei nisso aqui.

Aplicadora - Você se inspirou em algum lugar?

Isabela - É que eu já vi em vários desenhos. A minha mãe fala... ela já mostrou um vídeo em que eu apresentava uma peça para a minha família, aí a minha mãe falava que quando a Branca de Neve comia a maçã, eu falava que ela comia a maçã "envenenada", daí eu caía no chão e desmaiava.

Aplicadora - E como você diferencia que essa é menina e esse é menino? Eles são menina e menino?

Isabela - Sim.

Aplicadora - E como você sabe?

Isabela - Eu não sei...

Aplicadora - Quando você pensa em um menino, diferente da menina, qual a primeira coisa que vem na sua cabeça? Os sonhos? A roupa? O cabelo? A personalidade?

Isabela - A roupa.

Aplicadora - Então como você sabe que esse aqui é menino?

Isabela - Por causa da roupa! E do cabelo.

Aplicadora - Então menino usa calça e menina vestido.

Isabela - Não... a menina pode usar calça também. Mas os meninos não podem usar vestido.

Aplicadora - E como eles se conheceram?

Isabela - Assim, a Branca de Neve conheceu os anões e ela foi morar com os anões. Aí a bruxa se transformou em uma velhinha e veio e deu uma maçã envenenada para a Branca de Neve. Aí a maçã tava envenenada, aí a Branca de Neve desmaiou. Quando os anões viram ela desmaiada eles colocaram ela em

um caixão de vidro. Aí quando o príncipe estava passeando pela floresta ele viu a Branca de Neve no caixão. Ele abriu o caixão e...

Aplicadora - Deu um chacoalhão nela?

Isabela - Não! Ele deu um beijo nela. E quando a Branca de Neve acordou e ela ficou muito feliz, eles conversaram e eles ficaram felizes e eles decidiram se casar. Aí eles moraram em um castelo e foram morar em um castelo e viveram felizes para sempre.

Aplicadora - Muito bonito seu desenho. Posso ficar com ele? Muito obrigada! Agora eu vou entrevistar a sua irmã, tudo bem? Vem aqui, Sabrina. Que lindo o seu desenho! Todo colorido! Me diz, quem é a princesa e quem é o príncipe?

Sabrina - Essa é a princesa e esse é o príncipe.

Aplicadora - E o quê você pensou para desenhar a princesa?

Sabrina - a Jasmim.

Aplicadora - A Jasmim? Você gosta da Jasmim?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - E no príncipe? O quê você pensou?

Sabrina - Não sei.

Aplicadora - Ok. Me diz, como você sabe que essa é a princesa e esse é o príncipe?

Sabrina - Pela roupa.

Aplicadora - Então a princesa usa vestido e o príncipe usa calça. A princesa pode usar calça também?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - E o príncipe pode usar vestido?

Sabrina - Não.

Aplicadora - Como os dois se conheceram?

Sabrina - Ele salvou ela.

Aplicadora - E como ele salvou ela?

Sabrina - Ele beijou ela.

Aplicadora - Ela também estava dormindo.

Sabrina - Sim.

Aplicadora - E eles têm nome?

Sabrina - Só essa.

Aplicadora - Qual é o nome dela?

Sabrina - Branca de Neve.

Aplicadora - Entendi. Então você se inspirou na Jasmim, mas o nome dela é Branca de Neve.

Sabrina - Eu desenhei atrás.

Aplicadora - Atrás? Ah! A capa?

Sabrina - Isso. Desenhei atrás dela. E ficou feio.

Aplicadora - Não ficou feio! Muito bonito o seu desenho, eu gostei muito. Eu não sei desenhar assim! Muito obrigada, Sabrina! Você pode ir lá com a sua irmã agora.

Parte 2

Aplicadora - Agora eu vou fazer algumas perguntas para vocês e eu preciso ouvir cada um, então não quero que vocês gritem todo mundo a resposta, cada um vai ter a sua vez de falar, tudo bem? Vamos começar por aqui, primeiro a Carolina, depois a Sabrina, depois a Isabela, depois o Gustavo e depois o Henrique. Tudo bem?

Crianças - Sim!

Aplicadora - Primeiro, o que é uma princesa? Pensem nas suas respostas. Você quer começar, Carolina?

Carolina - Princesa é... é uma... é uma filha de uma rainha.

Aplicadora - E o que mais?

Henrique - Muito sortuda.

Carolina - Henrique, é a minha vez! A princesa é muito sortuda por ter uma mãe rainha.

Henrique - Que manda em tudo!

Aplicadora - Então ela é filha de uma rainha, muito sortuda por ser filha de uma rainha?

Carolina - Aham.

Aplicadora - E essa é a sua resposta? Você não quer falar mais nada?

Carolina - Que também o... pai é o rei que é muito forte.

Aplicadora - O pai é muito forte?

Carolina - Porque ele é o rei.

Aplicadora - Essa é a sua resposta, então?

Carolina - Sim.

Aplicadora - Agora a gente passa para a Sabrina.

Henrique - Eu já ajudei a Carolina.

Aplicadora - Gente, respeita a vez de resposta do amigo. Tem que fazer silêncio.

Henrique - Eu não vou, eu falei que já ajudei a Carolina.

Aplicadora - Sabrina, sua vez. O que é uma princesa para você?

Sabrina - Ela pode mandar em tudo.

Aplicadora - E o que mais.

Sabrina - Só.

Aplicadora - Tudo bem. Isabela, sua vez.

Isabela - Calma, pera aí...

Aplicadora - Tudo bem. Vocês vão pensando nas suas respostas também.

Henrique - Eu já pensei faz tempo.

Gustavo - Eu também.

Isabela - É ser filha de uma rainha e um rei. E ela ser muito gentil, ou ao contrário, ela ser muito má só porque ela é uma princesa ela pode mandar em tudo, aí ela... ela pode ajudar as pessoas ou pode maltratar as pessoas.

Aplicadora - Então ela pode ser legal e ser ruim, mas entre essas diferenças? Qual o meio termo dela ser princesa? Porque ela pode ser os dois, boa ou ruim, mas o que faz dela uma princesa?

Isabela - Ela sendo gentil?

Aplicadora - Ela sendo gentil. Mas e se ela for má? O que faz dela uma princesa se ela for má?

Isabela - Sendo filha de um rei e de uma rainha.

Aplicadora - Tem mais alguma coisa?

Isabela - Não.

Aplicadora - Obrigada. Gustavo, sua vez. O que é uma princesa?

Gustavo - Tô pensando...

Aplicadora - Não tem resposta errada, tá bom, crianças?

Henrique - Por enquanto não tem resposta errada.

Gustavo - Porque ela mora em um castelo. Porque ela é filha do rei. E da rainha.

Aplicadora - E o que mais?

Gustavo - Só isso.

Aplicadora - Tá. Henrique, o que é uma princesa?

Henrique - É filha de rei e de rainha. Só.

Aplicadora - Só?

Henrique - Só.

Aplicadora - Tá, agora a gente vai para a segunda pergunta. Quais são as princesas?

Carolina - Bela, Bela Adormecida, Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel, Bela Adormecida... só.

Aplicadora - Tá. Sabrina, quais são as princesas?

Sabrina - Ariel...

Carolina - Ariel também!

Aplicadora - Tá. Continua, Sabrina.

Sabrina - Ariel, Jasmin...

Carolina - A Ariel e a Jasmin também.

Sabrina - Ariel... Anna...

Aplicadora - Moana?

Sabrina - Moana... mas Moana não é uma princesa.

Aplicadora - Por que não é uma princesa?

Gustavo - É. Moana não é uma princesa.

Henrique - É! É uma princesa.

Aplicadora - Pera aí, deixa a Sabrina falar. Por que Moana não é uma Princesa?

Sabrina - Não sei.

Aplicadora - Mas você sabe que ela não é uma princesa. É isso?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - Só?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - Isabela, quais são as princesas?

Isabela - Rapunzel, Aurora, Branca de Neve, a Mulan, a Pocahontas, a Merida, a Elsa, a Anna, a Jasmine... A Rapunzel eu já falei?

Aplicadora - Não tem problema, pode repetir.

Isabela - A Moana. A Bela e a Fera, a Cinderela.

Aplicadora - A Fera também é uma princesa?

Isabela (rindo) - A Fera é um príncipe. E só.

Aplicadora - Só? Gustavo, quais são as princesas?

Gustavo - Rapunzel, Ariel, Branca de Neve e só.

Aplicadora - Só?

Gustavo - Aham.

Aplicadora - Henrique?

Henrique - Mesmo que o da Isabela.

Aplicadora - Mesmo que o da Isabela.

Carolina - E o meu é o mesmo que dela e dela.

Aplicadora - Tem alguma princesa que é mais princesa que outra? Começando pela Carolina.

Carolina - A Rapunzel.

Aplicadora - Ela é mais princesa que quem? Que uma princesa específica ou que todas?

Carolina - Que todas.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Porque o cabelo dela é muito longo.

Aplicadora - Então essa é a sua resposta?

Carolina - Aham.

Aplicadora - Sabrina.

Sabrina - A Rapunzel.

Aplicadora - Por quê?

Sabrina - Porque quando ela canta o cabelo dela brilha.

Aplicadora - Então ela é mais princesa que outras porque o cabelo dela brilha e ela canta. É isso?

Sabrina - É.

Aplicadora - E ela é mais princesa que todas as princesas ou que uma específica.

Sabrina - Não sei.

Aplicadora - Não sabe? Tenta pensar só um pouquinho. Não sabe? Tudo bem. Isabela?

Isabela - Eu acho que é a Anna.

Aplicadora - A Anna de Frozen?

Isabela - É.

Aplicadora - A Anna é mais princesa que todas as princesas ou que uma princesa específica?

Isabela - Eu acho que todas.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Porque no filme a irmã dela congela tudo e não tem nada o que fazer. Aí a irmã dela é congelada.

Aplicadora - A Anna é congelada?

Isabela - Não calma... é! É! Aí alguém salva ela, não sei. Aí as duas são... aí a Elsa que tem poder?

Aplicadora - A Elsa que tem poder e a Anna é ruiva.

Isabela - Isso. Aí a Anna se descongela eu não sei como, eu não lembro, mas aí no final a Anna que tem o poder.

Aplicadora - Não é a Elsa que tem o poder?

Isabela - Não. A Anna que descongela. Eu me lembro que é assim. Tá errado?

Pesquisadora - Não...

Isabela - A Anna tem o poder da bondade que eu acho que ela fez alguma coisa que tudo começou a descongelar, derrete todo o gelo.

Aplicadora - Então a sua resposta é que a Anna é mais princesa porque ela tem o poder da bondade, é isso?

Isabela - É.

Aplicadora - Qual é mais princesa que a outra princesa?

Gustavo - O mesmo que o Henrique falar.

Aplicadora - Não pode, você tem que pensar na sua resposta.

Carolina - É, tem que ter a sua resposta.

Gustavo - O mesmo que ela.

Aplicadora - Qual? Tem três elas aqui. Você tem que pensar numa resposta. Quando eu te falo a princesa das princesas, qual a primeira que tem vem a cabeça? Qual é a mais princesa que você conhece?

Gustavo - Frozen.

Aplicadora - A Elsa ou a Anna?

Gustavo - Frozen.

Aplicadora - A Elsa ou a Anna? A Elsa é a que tem poderes e a Anna que é a irmã.

Gustavo - A Elsa.

Aplicadora - Por que?

Gustavo - Porque ela solta gelo e porque ela não pode ficar em calor.

Aplicadora - Essa é a sua resposta, Gustavo?

Gustavo - E também porque ela solta gelo e a irmã dela não.

Aplicadora - Tá. Henrique. Pra você, qual a mais princesa de todas as princesas.

Henrique - Mesma que a Isabela.

Aplicadora - Por quê?

Henrique - Porque eu pensei a mesma coisa que ela.

Aplicadora - Tá bom.

Aplicadora - Carolina. Carolina? Carolina, você pode sentar, por favor?

Carolina - É que eu tô fazendo isso.

Aplicadora - Mas depois você faz isso.

Carolina - É que eu tô fazendo agora.

Aplicadora - Depois você faz. Agora eu preciso que você sente para a gente continuar a atividade, tudo bem?

Gustavo - Quantas perguntas a mais?

Aplicadora - Mais algumas.

Aplicadora - Você gosta das princesas, Carolina?

Gustavo (gritando) - Eu que não!

Henrique e Gustavo riem.

Carolina - Eu gosto.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Eu gosto mais da Frozen.

Aplicadora - Da Elsa ou da Anna? Ou das duas?

Carolina - Das duas.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Porque as duas são muito interessantes.

Aplicadora - Boa resposta! Tem mais alguma coisa?

Carolina - Não.

Aplicadora - Sabrina, você gosta das princesas?

Sabrina - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Henrique - Eu vou falar...

Carolina - Henrique. Henrique.

Sabrina - sim.

Aplicadora - Porque sim?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - Isabela, você gosta das princesas?

Carolina - Henrique, se você gostou desse desenho você marca aqui.

Isabela - Sim.

Henrique - Eu não.

Carolina - Então marca aqui.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Eu gostei e eu marquei aqui.

Isabela - Porque... todas são gentis.

Aplicadora - É um bom motivo. Gustavo, você gosta das princesas?

Gustavo (rindo) - Eu que não!

Carolina - Se você gostou faz uma bolinha aqui, se você não gostou faz uma bolinha aqui.

Aplicadora - Por que você não gosta das princesas?

Gustavo (rindo) - calma, calma... (gritando) Eu que não cara de melão! (rindo)

Aplicadora - Por que não?

Gustavo (rindo) - Eu que não cabeça de melão!

Carolina - Ô Gustavo, Gustavo! Se você gostou marca...

Henrique (rindo) - fui eu que tive a ideia!

Carolina - Ô Gustavo, Gustavo! Se você gostou muito faz uma bolinha bem grande aqui. Se você gostou pouco faz uma bolinha bem pequena. Pera aí. Pode fazer o tamanho que você quiser, mas se você fizer aqui é se gostou e aqui é se não gostou.

Aplicadora - Só um pouquinho, Carolina, ele não terminou ainda.

Gustavo - Porque... porque... elas... é porque... é porque elas são meninas e eu nunca assisto o filme delas.

Aplicadora - Você não assiste filme com meninas?

Gustavo - É, nem um pouquinho. Só assisto o YouTube, jogos e o YouTube

Aplicadora - Mas você... Gustavo...

Gustavo - ... filme de zumbi menina.

Aplicadora - Gustavo, mas você não gosta de meninas?

Gustavo - Meninas?

Aplicadora - Não gosta de meninas?

Gustavo - Na vida real... eu gosto de meninas na vida real. No filme não.

Aplicadora - Por que no filme não?

Carolina - Então quer dizer que você não gosta sabe de quem? Da... da... da... como que é a que ajuda o Sonic?

Henrique - Tails (não fica claro no áudio o nome da personagem).

Carolina - Tails. Tails.

Gustavo - É porque é no YouTube! No YouTube! (gritando) No YouTube!

Aplicadora - Gustavo, Carolina...

Carolina - Vai, Gustavo, faz uma bolinha.

Gustavo - É no YouTube!

Aplicadora - Gustavo, me diz, porque na vida real você gosta de meninas e no filme não? Qual é a diferença?

Carolina - Escreve seu nome aqui ó. Tá? Mas com esse.

Aplicadora - Gustavo...

Carolina - Não, em cima dele.

Aplicadora - Carolina, vamos terminar isso depois. Agora estamos escutando o Gustavo.

Carolina - Tá bom.

Aplicadora - Gustavo, qual a diferença das meninas do filme e da vida real?

Gustavo - É porque... na vida real as meninas são mais bonitas e as do filme são mais feias.

Aplicadora - Hum... tá bom. Essa é a sua resposta?

Gustavo - aham.

Aplicadora - Henrique, você gosta das princesas?

Henrique - Eu que sim, cabeça de gergelim!

Aplicadora - Por que você gosta das princesas?

Henrique - Porque nada!

Aplicadora - Então você não tem motivo para gostar das princesas? Você gosta delas porque sim?

Henrique - Aham.

Aplicadora - Tá bom.

Aplicadora - Agora vocês vão desenhar de novo!

Gustavo - Ah...

Henrique - Desenhar não!

Gustavo - Eu quero jogar...

Aplicadora - Depois. Depois do desenho a gente brinca. Ó, vai ser assim: eu vou dar um tema para vocês... Henrique, presta atenção, depois você não vai saber o que desenhar. Eu preciso que vocês desenhem suas princesas favoritas e o que é mais legal nelas.

Pesquisadora - Eu tenho uma dúvida! E se eu não tiver uma princesa preferida?

Aplicadora - Não tem problema. Você pode desenhar a sua princesa preferida, seja ela existente ou não, e o que você acha mais legal nela. Tá bom?

Meninos dão risada.

Gustavo - Meu Deus do céu! O Henrique disse uma coisa muito engraçada para mim.

Aplicadora - A gente vai dar quinze minutos.

Gustavo - Ai meu Deus! O Henrique me deu uma ideia muito boa!

Meninos riem.

Gustavo - Eu vou fazer uma princesa bem bonita.

Carolina - Pode ser a Frozen vermelha?

Aplicadora - Pode.

Gustavo - Meu Deus! Eu tenho dúvida nisso, então eu vou fazer uma princesa qualquer.

Carolina - Ei! Ei!

Aplicadora - Oi?

Carolina - O Henrique fez um cocozinho.

Crianças riem.

Gustavo - O Henrique disse para eu fazer uma princesa de cocô.

Henrique - Eu só dei uma ideia...

Meninos riem.

Gustavo - Mas uma ideia boa. Ó Henrique, vai ter partes de cocô e partes de pessoa. Tá?

Henrique - O rosto pode ser uma bolinha (risos)

Gustavo - Não, Henrique, o rosto... o nariz vai ser de xixi.

Henrique - Ela fez cocô na calça.

Gustavo - Meu Deus! O Henrique fez um cocô de verdade. Ao invés de uma princesa. É uma princesa de cocô.

Henrique - Agora, gente, eu vou desenhar sabe o quê? Princesa de cocô! Princesa de cocô!

Pesquisadora - Henrique, eu quero ver você me contar depois por quê você mais gosta dela daí.

Henrique - Eu não gosto! Não tem nenhuma princesa que eu goste.

Pesquisadora - Tudo bem, faz parte.

Gustavo - Agora eu vou fazer bactéria! Todos esses...

Pesquisadora - Nossa! Ela é a rainha da terra dos cocôs?

Henrique - Essa aqui vale por todas as princesas porque eu não gosto de nenhuma.

Aplicadora - Qual que a parte mais legal dela?

Henrique - Nada!

Aplicadora - Mas tem que ter algo de legal nela.

Henrique - Não tem nada de legal nela, ela é só um cocô!

Gustavo - Eu já fiz minha princesa! É um cocô!

Aplicadora - E qual é a parte mais legal da sua princesa?

Gustavo - Hum... a parte mais legal? Essa daqui é um cocô caindo na cabeça dela.

Aplicadora - Tá bom. A gente vai ficar com o seu desenho, tá?

Gustavo - Tá bom!

Carolina - Cadê borracha? Eu vou apagar tudo porque quero fazer igual ao dela.

Aplicadora - Não precisa fazer igual.

Gustavo - Agora eu vou sair daqui porque eu já terminei...

Aplicadora - Desenha o que você quiser.

Gustavo - Agora eu já terminei.

Carolina - Gustavo! Gustavo!

Henrique - Princesa de cocô! Eu vou precisar da borracha.

Gustavo - Henrique! Seu desenho é uma princesa eu desenhei um cocô.

Henrique - Eu vou apagar tudo e fazer só um cocô.

Aplicadora - Carolina, que princesa você vai desenhar?

Carolina - A Rapunzel.

Gustavo - Eu fiz bactéria! Não esquece da bactéria, Henrique!

Aplicadora - Porque ela? O que você acha mais legal na Rapunzel?

Gustavo - Agora eu posso jogar os joguinhos?

Pesquisadora - Tá bom.

Gustavo - Eu vou jogar os joguinhos!

Henrique - Só que precisa de mais um porque os dois são de duas pessoas.

Carolina (sussurrando) - É que o Henrique é muito viciado.

Pesquisadora - Entendi.

Gustavo - Esqueceram de uma coisinha que tem que ir na portaria?

Pesquisadora - Por quê?

Gustavo - Porque tá sem nada lá.

Pesquisadora - Fica tudo lá com o porteiro?

Aplicadora - Você terminou o seu desenho Sabrina?

Sabrina - Não.

Carolina - É que minha mãe disse que tem que ir lá embaixo pegar a bolinha.

Carolina - Pode apagar?

Aplicadora - Desenha de outro lado.

Carolina - Cadê outra folha?

Aplicadora - Carolina, então você vai desenhar a Rapunzel porque ela é legal e tem o cabelo comprido. É isso?

Carolina - É.

Aplicadora - Mas ela é a sua princesa favorita?

Carolina - É. Mas nem é tanto.

Aplicadora - Você não quer desenhar a Elsa, então?

Henrique - A princesa é o cocô que tá namorando com a bactéria.

Aplicadora - Sabrina, por que você tá desenhando a Rapunzel?

Sabrina - Porque ela é bonita.

Aplicadora - E qual a parte mais legal da Rapunzel.

Sabrina - O cabelo dela é grande.

Aplicadora - Qual é a sua princesa, Henrique?

Henrique - A minha princesa é um cocô.

Aplicadora - E qual é a parte mais legal da sua princesa?

Henrique - Nada. Porque eu não gosto de nenhuma princesa.

Aplicadora - Tudo bem.

Henrique - Eu desenhei um cocô que vale por todas as princesas.

Aplicadora - Henrique, vem aqui, por que você não gosta das princesas?

Henrique - Porque elas são muito chatas.

Aplicadora - E o que elas têm de chatas?

Henrique - Tudo.

Aplicadora - O que você faria das princesas para serem mais legais?

Henrique - Nada.

Aplicadora - Tudo bem.

Aplicadora - Você tá acabando, Isabela?

Isabela - Sim.

Aplicadora - Qual é a sua princesa favorita?

Isabela - A Branca de Neve.

Aplicadora - E o que é de mais legal na Branca de Neve?

Isabela - É que ela... os amigos dela não são humanos são os animais.

Aplicadora - Tudo bem. Obrigada, Isabela.

Aplicadora - Meninas, vocês terminaram?

Meninas não respondem.

Aplicadora - Meninas falta cinco minutos, tá bom?

Sabrina - Eu terminei o meu.

Aplicadora - É a Rapunzel?

Sabrina - Sim.

Aplicadora - E o quê é mais legal nela?

Sabrina - O cabelo dela.

Aplicadora - Quem que é essa pessoa subindo?

Sabrina - A bruxa.

Aplicadora - Muito obrigada, Sabrina, eu vou ficar com o seu desenho.

Carolina - Eu também desenhei a Rapunzel.

Aplicadora - Você terminou, Carolina?

Carolina - Sim.

Aplicadora - Deixa eu ver. A Rapunzel é sua princesa favorita?

Carolina - Sim.

Aplicadora - Que outra princesa é a sua favorita?

Carolina - É a Frozen. As duas.

Aplicadora - E o que é mais legal na Rapunzel?

Carolina - É que ela tem cabelo comprido e todos podem subir.

Aplicadora - E quem é essa pessoa subindo aqui no cabelo?

Carolina - É a rainha má.

Aplicadora - Muito obrigada.

Aplicadora - Vocês aí! Eu quero fazer uma corrida! Quem de vocês é o mais rápido?

Todas as crianças falam ao mesmo tempo.

Crianças saem da sala com a aplicadora enquanto a pesquisadora arruma a sala.

Crianças apostam corrida para voltar para a sala. As crianças se esbarram e algumas caem no chão. Carolina diz que chegou primeiro, mas depois muda para dizer que foi a primeira das meninas. Henrique diz que chegou junto com Gustavo. Todos concordam com a sugestão da aplicadora de não declarar vencedores por conta das crianças que caíram no meio do percurso. Henrique assume a última posição pois antes do acidente diz estar em penúltimo lugar.

Aplicadora - Vocês estão prontos? Quanto mais rápido vocês responderem, mais rápido vocês saem para brincar. Carolina

Pesquisadora - Quer começar ao contrário?

Aplicadora - Pode ser. A gente vai começar agora pelo Henrique.

Carolina - Gustavo! (gritando) Gustavo! Obedece!

Aplicadora - Eu vou pegar essa almofada de você.

Henrique - Mas o ela também tá.

Aplicadora - Mas ela não está brigando com ninguém.

Henrique - Mas profe! A Carolina me deu! Ela me deu! O Gustavo estava querendo arrancar da minha mão.

Aplicadora - A gente vai começar as perguntas pelo Henrique agora.

Gustavo - Ah! Eu sou o último!

Aplicadora - Não, você é o segundo. A próxima pergunta, o que é mais chato nas princesas?

Henrique - Tudo o que elas fazem.

Gustavo ri.

Aplicadora - Tá bom, muito universal essa sua resposta. Gustavo?

Gustavo - Tudo o que elas fazem.

Aplicadora - Tá bom. Isabela, o que é mais chato nas princesas?

Isabela - Todas as princesas são boas. Nenhuma é má.

Aplicadora - Sabrina, o que é chato nas princesas?

Sabrina - aaah...

Carolina - Nada! Pode falar nada se quiser.

Gustavo - Ou pode falar tudo!

Henrique - Até se elas se mexerem um pouquinho eu vou achar chato.

Aplicadora - Pense. Se depois você pensar em alguma coisa que é chato você me fala, ok?

Henrique - Até se elas fossem um dinossauro.

Aplicadora - Carolina, o que é mais chato nas princesas.

Carolina - Nada.

Aplicadora - Nadinha mesmo.

Carolina - Nada.

Aplicadora - Próxima pergunta! Se você pudesse ser uma princesa, qual você seria? Henrique.

Henrique - A princesa do vento. Que não é nenhuma.

Aplicadora - E porque você seria a princesa do vento?

Henrique - Porque não gosto de nenhuma princesa?

Aplicadora - Tá, mas por que a do vento? Por que você escolheu essa?

Henrique - Porque daí eu só seria um vento que não gosto de princesa.

Gustavo - Agora eu!

Aplicadora - Isso, Gustavo, qual você seria?

Gustavo - Eu queria ser: a Princesa do cô... não, eu não queria ser nenhuma princesa, só um cocô. Não, eu queria ser a Princesa do Cocô.

Aplicadora - Porque a princesa do cocô?

Gustavo - Porque daí eu ia jogar cocô nas princesas.

Henrique - Eu também! Eu ia jogar assim: pow! pow! pow!

Gustavo - Não! Você podia fazer um vento tão tão forte que ia destruir todas as casas!

Aplicadora - Isabela?

Isabela - Eu ia ser a princesinha Sofia.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Porque ela pode falar com os animais, ela pode ficar pequena e ela pode virar uma sereia.

Aplicadora - Que legal! Sabrina e você?

Carolina - Pode ser a mesma?

Sabrina - a Princesinha Sofia.

Aplicadora - E se você escolhesse outra?

Gustavo - A princesa xixi!

Sabrina - Rapunzel.

Aplicadora - Você seria a Rapunzel? Por quê?

Sabrina - Não sei.

Aplicadora - Carolina, você?

Carolina - Princesinha Sofia.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Porque ela é legal, porque pode... a mesma coisa que ela falou.

Isabela - E tem mais uma coisa!

Aplicadora - Qual?

Isabela - Ela pode virar um unicórnio.

Aplicadora - Eu não sabia disso. Que legal.

Aplicadora - Próxima pergunta. Começando pelo Henrique. Henrique, se você tivesse que escolher uma princesa para ser a sua melhor amiga. Qual seria?

Henrique - A princesa do vento.

Aplicadora - Por que?

Henrique - Porque ela não faz nada.

Aplicadora - Gustavo, se você tivesse que escolher uma princesa para ser a sua melhor amiga. Qual seria?

Gustavo - Princesa do Xixi.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque ela é a melhor amiga da Princesa do Cocô que sou eu.

Aplicadora - Isabela, qual princesa você escolheria para ser a sua amiga?

Isabela - A Princesinha Sofia.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Porque eu sempre quis voar, né? Aí como ela pode se transformar em unicórnio ela voa. Aí eu podia subir nela e voar.

Aplicadora - E você Sabrina?

Carolina - Eu a mesma coisa. Eu a mesma coisa.

Sabrina - A Princesinha Sofia.

Aplicadora - Por quê?

Sabrina - Não sei.

Aplicadora - Tem certeza? Tá bom. Carolina? Carolina? Qual princesa você escolheu para ser sua amiga?

Carolina - Para ser a minha amiga? Hum...

Gustavo - Eu não gosto de nada e não vou escolher mais nenhuma.

Carolina - Princesa Sofia? Quer dizer, todas.

Aplicadora - Todas? Por quê?

Carolina - Porque todas são muito legais.

Aplicadora - A gente já tá acabando gente! O que deve ser a melhor parte de ser princesa, Henrique?

Henrique - Sentar em cima dela.

Aplicadora - Não. O que é mais legal de ser princesa?

Pesquisadora - Mas você seria a princesa. Como você vai sentar em cima de você mesmo?

Gustavo - Eu ia sentar em cima da princesa Camila.

Henrique - Ser a princesa do vento, porque daí eu ia voando e atrapalhando todo mundo.

Aplicadora - Tá e a parte mais difícil?

Henrique - Tudo porque daí a gente não ia conseguir contornar o vento e a gente ia assim, tu, tu, tu daí a gente nunca ia ver porque a gente tava ióóóóí!

Aplicadora - Tá. Gustavo, qual é a melhor parte de ser princesa?

Pesquisadora - Pode ser príncipe também. Príncipe ou princesa.

Aplicadora - É verdade. Gustavo?

Henrique - Tá dormindo.

Pesquisadora - Eu acho que a melhor parte para ele é ser a Bela Adormecida, porque ele tá dormindo.

Aplicadora - É verdade.

Henrique ri.

Henrique - Ah! Mãos ao alto! Mãos ao alto eu sou um filhinho de um policial.

Aplicadora - Mãos ao alto todo mundo?

Henrique - Nãããã...

Aplicadora - É, Henrique? Diz pra mim, qual a melhor parte de ser princesa?

Gustavo - A melhor parte de ser princesa é fazer peidos. Não. É fazer cocô.

Aplicadora - Qual a parte mais difícil?

Henrique sussurra para Gustavo.

Aplicadora - Nã-nã-não, a resposta é do Gustavo.

Carolina (gritando) - Gustavo esquece tudo! Gustavo esquece tudo!

Henrique - Carolina esquece tudo! Carolina esquece tudo!

Aplicadora - Gustavo, qual é a parte mais difícil?

Gustavo - A parte mais difícil... é a princesa...

Henrique sussurra para Gustavo.

Aplicadora - Nã-não!

Gustavo - A pior parte...

Henrique - A princesa bundovski, a princesa bundovski, a princesa bundovski...

Aplicadora - Qual que é a parte mais difícil?

Henrique - A princesa bundovski. Porque todo mundo chama você de budovski.

Aplicadora - Gustavo! O que é mais difícil de ser princesa?

Gustavo - A princesa bundovski?

Gustavo e Henrique riem.

Aplicadora - Sossega, Henrique, ele precisa responder.

Gustavo - A princesa bundovski. A princesa bundovski.

Aplicadora - Chega. Ele já aprendeu que não tem que falar nada. Gustavo, fala qual é a parte mais difícil.

Gustavo - A parte mais difícil é ela entrar em um buraco de bactéria.

Aplicadora - Isso?

Gustavo - É.

Aplicadora - E a parte mais chata de ser princesa?

Gustavo - A parte mais chata é...

Henrique - A parte mais chata é ser a princesa bundovski.

Aplicadora - Ai, Henrique... Não escuta o Henrique. Qual que é a parte mais chata?

Henrique - A parte mais chata é bater.

Aplicadora - Bater no quê?

Henrique - É que ela bate em todo mundo. É que as princesas batem em todo mundo.

Aplicadora - É a resposta dele, Henrique.

Gustavo - A parte mais chata de ser princesa é bater em outra princesa.

Aplicadora - Elas batem em outras princesas?

Carolina - Não.

Henrique - Elas ficam fazendo briga toda hora.

Aplicadora - Eu vou ignorar você agora. Isabela, qual é a melhor parte de ser princesa?

Isabela - Toda a história dela tem um final feliz.

Aplicadora - E qual é a parte mais difícil?

Isabela - Que toda história de todas as princesas tem alguma coisa triste.

Aplicadora - E a parte mais chata? De ser princesa.

Isabela - A parte mais chata? Eu não sei qual é parte mais chata.

Carolina - Se você gostou faz uma bolinha aqui, se você não gostou faz uma bolinha aqui.

Aplicadora - Cuidado, cuidado, Carolina. Você não sabe a parte mais chata?

Isabela - Não.

Aplicadora - Tá. Sabrina, qual é a parte mais legal de ser princesa?

Carolina - Ei, Henrique, você pode fazer uma bolinha que você gostou?

Henrique - É que já tá lotado.

Carolina - Henrique, escreve seu nome aqui.

Pesquisadora - Carolina, eu preciso que você pare com isso um pouquinho se não as outras crianças se distraem, tudo bem?

Aplicadora - Pessoal, eu preciso que todos sentem e deixem as almofadas em cima da mesa. Meninos, vocês lembram quando a gente falou que só pegamos crianças inteligentes? Crianças inteligentes são comportadas também, sabiam disso?

Carolina - Sim.

Aplicadora - E crianças comportadas respeitam a vez do outro falar.

Henrique - Eu sei. Eu sabia disso há muito tempo.

Aplicadora - Eu sei que vocês sabem, então vamos ouvir a Sabrina agora. Qual que é a parte mais legal de ser princesa, Sabrina?

Sabrina - Poder mandar em tudo.

Aplicadora - Pode mandar em tudo. E a parte mais difícil?

Sabrina - Ser cega.

Aplicadora - ser cega. Qual princesa é cega?

Henrique - Todas.

Sabrina - Nenhuma.

Aplicadora - Então a parte mais difícil de ser princesa é ser cega? Isso? E a parte mais chata?

Sabrina - Não sei.

Aplicadora - Tá. Carolina, qual é a parte mais legal de ser princesa?

Carolina - É que ela é muito carinhosa.

Aplicadora - Ela é muito carinhosa. E a parte mais difícil?

Carolina - É que ela tem que fazer muito trabalho.

Aplicadora - E a parte mais chata?

Carolina - Que umas princesas são cegas e outras não.

Aplicadora - O quê você quer dizer com cega? Ela é cega como?

Carolina - De olhos.

Aplicadora - Quais são as princesas cegas?

Carolina - Eu não sei o nome, só sei que a princesa é bonita.

Aplicadora - Mas elas existem?

Carolina - Sim. Na Disney.

Aplicadora - Na Disney elas existem. Tá. Próxima pergunta. Vamos começar com você Henrique. Príncipes e Princesas vão pra escola?

Henrique - Não.

Gustavo - Não.

Aplicadora - É para ele a pergunta.

Henrique - Não, não vão pra escola não, os pais deles que ensinam.

Aplicadora - Tá bom, e o quê eles precisam aprender para ser príncipes e princesas?

Henrique - Eles tem que fazer tudo chique.

Aplicadora - Tudo chique. Mais alguma coisa?

Henrique - Não. Não tem mais nada!

Aplicadora - Gustavo, os príncipes e princesas vão pra escola?

Gustavo - Não e não e não!

Aplicadora - E o quê eles precisam aprender para ser príncipes e princesas?

Gustavo - Morar em um castelo. E ter coroa.

Aplicadora - Só isso?

Gustavo - Só.

Aplicadora - Isabela. Príncipes e princesas vão pra escola?

Isabela - Vão.

Aplicadora - E o quê eles aprendem lá?

Isabela - Como ser um rei e uma rainha, como ter modos de rei e rainha e só.

Aplicadora - Sabrina, príncipes e princesas vão para a escola?

Sabrina - Sim.

Aplicadora - E o quê eles aprendem lá?

Sabrina - ser rainha.

Aplicadora - E o que mais?

Isabela - Ô professora! A Princesa Sofia que vai pra escola.

Aplicadora - É verdade, tinha esquecido disso. Eles só aprendem como ser rainha, Sabrina?

Sabrina - Não.

Aplicadora - E o quê mais?

Sabrina - Ser educado.

Aplicadora - Eles aprendem mais alguma coisa?

Sabrina - Não sei...

Aplicadora - Tudo bem.

Sabrina - Servir o chá.

Aplicadora - Servir o chá. Tá bom. Carolina, príncipes e princesas vão à escola?

Carolina - Sim.

Aplicadora - E o quê eles aprendem lá?

Carolina - A fazer coisas de princesa e de rei.

Aplicadora - Só isso?

Carolina - Sim. É a mesma coisa das duas.

Aplicadora - Tá. Próxima pergunta, começando pela Carolina para vocês terem tempo de pensarem nas suas respostas. Qual é a princesa mais chata?

Carolina - Nenhuma das duas.

Aplicadora - Carol? Qual é a princesa mais chata?

Carolina - Nenhuma.

Aplicadora - Por quê?

Carolina - Porque nenhuma é chata. Todas são bem legais.

Aplicadora - OK. Sabrina, qual é a princesa mais chata?

Sabrina - Eu não lembro o nome dela.

Aplicadora - Você pode descrever para mim?

Sabrina - Eu não lembro o nome dela.

Aplicadora - Mas não precisa lembrar o nome. O que acontece no desenho, você sabe? Ela luta?

Sabrina - Sim.

Aplicadora - Ela é chinesa?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - A Mulan? Tem a Merida também, ela luta também, mas ela é ruiva, tem cachos.

Sabrina - A Mulan.

Aplicadora - A Mulan. E por que que ela é chata?

Sabrina - Porque ela luta.

Aplicadora - Isabela, qual a princesa mais chata?

Isabela - A Elsa. No começo.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Porque quando as duas estão quase adultas a Elsa ela ignora a Anna porque a Anna ela quer viver com a irmã dela e a Elsa ela não quer isso.

Aplicadora - Tá. Gustavo, qual é a princesa mais chata? Eu sei que você não está dormindo.

Gustavo ri.

Aplicadora - Essa é uma ótima pergunta para vocês. Agora vocês podem aproveitar, qual é a princesa mais chata?

Gustavo - Ah, a princesa mais chata é...

Aplicadora - A mais mais chata topster de todas.

Gustavo - A mais chata é...

Carolina cai do banco e as outras crianças riem.

Aplicadora - Vai, concentra, qual é a princesa mais chata, Gustavo.

Henrique - Ah, é um bebezinho chorão.

Aplicadora - Para, Henrique. Gustavo, é a sua resposta, não precisa falar pro Henrique.

Gustavo - Todo mundo!

Aplicadora - Todo mundo. Por quê?

Gustavo - Todas as princesas do mundo. Porque elas são meninas e eu não.

Aplicadora - Porque elas são meninas. E para você, qual é a mais mais mais chata?

Henrique - Todas do mundo inteiro. Do universo!

Gustavo - Até do Brasil?

Aplicadora - Por quê?

Henrique - Porque todas fazem xixi e cocô.

Aplicadora - Mas você também faz. Isso te faz chato?

Henrique (rindo) - Eu sei, eu sei.

Aplicadora - Tá, próxima pergunta. As princesas são corajosas, Henrique?

Henrique - Burras.

Meninos riem.

Aplicadora - Essa não foi a pergunta. Elas são corajosas? Sim ou não?

Henrique - São burras.

Aplicadora - Gustavo, as princesas são corajosas? Sim ou não?

Gustavo - Não e não e não. Burras. Chatas. E nem um pouquinho corajosas.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque elas têm medo de tudo. Até de um peixinho do mar.

Aplicadora - A Ariel também?

Gustavo - A Ariel também

Isabela - Não. Não.

Aplicadora - Isabela, as princesas são corajosas?

Isabela - São.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Não, a Ariel, não.

Henrique - Por quê?

Isabela - A Mulan, porque ela se fantasiou do pai dela para lutar. E tem mais uma que... não. É só essa.

Aplicadora - Sabrina, as princesas são corajosas?

Sabrina - Aham.

Aplicadora - Por quê?

Sabrina - Porque elas não têm medo igual a ela.

Aplicadora - Carolina? Carolina? Acho que a Carolina está dormindo. Eu vou fazer cócegas para ela acordar. EU vou fazer cócegas para ela acordar. Senta Henrique. Senta Henrique. Senta. Senta. Cuidado com a sua irmã.

Pesquisadora - Olha só quem está com os braços pra cima que vai levar cócegas daqui a pouco.

Aplicadora - Olha lá o Gustavo. Ele também tá dormindo, vai acordar ele.

Henrique - Você acorda o Gustavo e eu a Carolina.

Aplicadora - Não. Carolina, tá tudo bem?

Henrique - Venci da pro!

Aplicadora - Henrique, vou ter que falar com a sua mãe.

Henrique - Saiu perdeu o lugar é meu.

Aplicadora - Ela dormiu?

Pesquisadora - Ela dormiu. Eu acho que quando ela quiser, ela pode se juntar a gente de novo.

Aplicadora - A Carolina tá de Bela Adormecida. A Bela Adormecida tá de rosa.

Henrique - Eu vi ela se mexendo.

Aplicadora - E daí? Eu me mexo dormindo também.

Henrique - Ela só tá se cagando, que nem a Bela Adormecida. Carolina cagonilda.

Aplicadora - Próxima pergunta: as princesas são fortes Gustavo?

Gustavo - Fracas, muito fracas não conseguem derrotar nem, sabe o quê?

Henrique - Nem uma formiguinha.

Gustavo - Nem uma formiguinha.

Aplicadora - Por que que elas são fracas?

Gustavo - Porque...

Henrique - Porque as formigas podem levantar elas pra longe.

Pesquisadora - Ajuda aí, Henrique, se você acha que elas são fracas também, por quê?

Henrique - Porque as formigas podem jogar elas lá pra longe.

Pesquisadora - Você já viu? Isso acontecer?

Aplicadora - Qual princesa foi jogada pra longe?

Gustavo - A Rapunzel.

Aplicadora - Em que parte do filme?

Henrique - Todas. Todas.

Pesquisadora - Não sei se foi no filme... Eu não lembro desse pedaço.

Henrique - Eu lembro.

Pesquisadora - Lembra?

Henrique - Todas são jogadas por dez formiguinhas. Não, por uma.

Aplicadora - Isabela.

Pesquisadora - Será que a Isabela concorda com vocês?

Henrique - Siiiiim!

Aplicadora - As princesas são fortes?

Henrique - Fracas.

Isabela - São.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Hoje eu tava vendo princesinha Sofia e numa batalha de uma vilã...

Gustavo - Bruxa.

Isabela - De uma vilã. Ela perdeu às vezes. Aí ela não desistiu. Aí eu acho que ela foi forte porque ela tava perdendo e perdendo e perdendo aí no final ela conseguiu ganhar da vilã. Aí eu acho que ela era forte porque ela não desistiu.

Aplicadora - Entendi. Sabrina, as princesas são fortes?

Sabrina - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque elas fazem cocô.

Meninos riem.

Sabrina - Porque elas têm coragem.

Aplicadora - Agora, as princesas gostam de brincar lá fora?

Henrique - Não. Elas odeiam.

Aplicadora - Por quê?

Henrique - Porque elas são umas chatas do que formigas.

Pesquisadora - E você gosta de brincar lá fora?

Henrique - Sim.

Gustavo - Eu! Eu!

Aplicadora - Você acha que elas gostam de brincar lá fora Gustavo?

Gustavo - Eu acho que não.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque elas... Eu acho que sim, sim, eu acho.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque... porque no filme elas sempre saem.

Aplicadora - Isabela, o quê você acha?

Isabela - Que sim.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Porque eu acho que elas gostam de brincar lá fora.

Aplicadora - Henrique, o quê você queria falar?

Henrique - Que as princesas são chatas e têm medo de formiga e não gostam de brincar lá fora.

Pesquisadora - Ah! Então é por isso que elas não gostam de brincar lá fora? É muita formiga?

Henrique - Sim.

Aplicadora - Ah. É pra evitar as formigas, então.

Gustavo - Só que as formigas, as formigas podem entrar pelo burquinho da porta.

Aplicadora - Sabrina, as princesas gostam de brincar lá fora?

Sabrina - Sim.

Aplicadora - Por quê?

Sabrina - Porque a Rapunzel quando ela era mais ou menos ela queria sair lá fora.

Aplicadora - Carolina, aproveitando que você acordou, você acha que as princesas gostam de brincar lá fora?

Pesquisadora - Acho que ela dormiu de novo.

Aplicadora - Acho que ela dormiu de olhos abertos.

Aplicadora - Gustavo, vem sentar aqui que eu tenho uma pergunta pra ti: as princesas são delicadas?

Gustavo - Delicadas?

Aplicadora - É.

Gustavo - Essa é difícil.

Aplicadora - Elas são delicadas?

Gustavo - São.

Aplicadora - Por quê?

Gustavo - Porque elas não pisam em nenhuma planta.

Aplicadora - Ok. Henrique, elas são delicadas?

Henrique - Sim, porque elas são mais fracas.

Aplicadora e Pesquisadora: Ah...

Aplicadora - Isabela, elas são delicadas?

Isabela - Sim e não.

Aplicadora - Por quê?

Isabela - Porque... não, elas são delicadas.

Aplicadora - São delicadas. Por quê?

Isabela - Porque... porque todas são princesas e todas são boas. Porque elas não têm razão para não ficarem delicadas.

Aplicadora - Tá bem. Sabrina, elas são delicadas?

Sabrina - aham.

Aplicadora - Por quê?

Sabrina - Porque elas não maltratam a natureza.

Aplicadora - Agora a última pergunta! Carolina, você quer responder a última pergunta?

Carolina - Quero!

Aplicadora - Carolina, me diz o quê as princesas podem fazer.

Carolina - Dançar.

Aplicadora - Tem alguma coisa que elas não possam fazer?

Carolina - Ela não pode sair de casa.

Aplicadora - E o que acontece se ela sair de casa?

Carolina - Acontece que ela vai de castigo.

Aplicadora - Tudo bem. Sabrina. Ah! Mentira, vamos perguntar pros meninos. Pra quem que eu vou perguntar primeiro, pro Gustavo ou pro Henrique?

Carolina - Pro Henrique!

Aplicadora - Henrique, última pergunta: o que as princesas podem fazer.

Henrique - Elas podem se arrastar no chão.

Aplicadora - E tem alguma coisa que elas não podem fazer?

Henrique - Tudo!

Aplicadora - E se elas fizerem tudo, o que acontece?

Henrique - Daí elas são mais burras do que nunca.

Aplicadora - Gustavo, o quê as princesas podem fazer?

Henrique - Tá dormindo.

Aplicadora - Gustavo? Ele já acordado! O quê as princesas podem fazer?

Gustavo - Elas podem fazer tudo. Menos dar uma cambalhota no ar.

Aplicadora - E o que acontece se elas derem uma cambalhota no ar?

Carolina - Uma princesa pode! Uma princesa pode!

Gustavo - Elas vão se machucar.

Aplicadora - Isabela, o que as princesas podem fazer?

Isabela - Elas podem... o que elas quiserem.

Henrique - É verdade.

Isabela - Eu acho que uma princesa nunca vai brigar com outra.

Aplicadora - E o que acontece se um dia elas acordam de mal-humor e acontece?

Isabela - Ela... pera, deixa eu pensar... Elas podem demonstrar para a família ou para o povo que ela não tá pronta pra ser uma rainha ou um rei.

Aplicadora - Porque elas brigam.

Isabela - Isso.

Aplicadora - Sabrina, o quê as princesas podem fazer?

Sabrina - Brincar.

Aplicadora - E o quê elas não podem fazer? Tem alguma coisa?

Sabrina - Sair de casa.

Aplicadora - E o que acontece se ela sair de casa?

Sabrina - Ela fica de castigo e nunca mais sai.

Aplicadora - Acabamos, crianças!

ANEXO 11 - PERGUNTAS PESQUISA EXPLORATÓRIA

- 1) O que é uma Princesa?
- 2) Quais são as Princesas? (Aqui pode ser qualquer personagem que as crianças identificarem como princesa. Não precisa ser Disney, não precisa ser mulher, não precisa ser humana, não precisa nada)
- 3) Tem alguma princesa que é mais princesa do que outra? Por quê?
- 4) Você gosta das Princesas? Por quê?
- 5) O que é mais legal nas Princesas?
- 6) O que é mais chato nas Princesas?
- 7) Qual a sua Princesa preferida? Por quê? (Abrir a possibilidade que a criança não tenha Princesa preferida).
- 8) Se você pudesse ser uma Princesa, qual você seria? Por quê?
- 9) Se você tivesse que escolher uma Princesa para ser sua melhor amiga, qual seria? Por quê?
- 10) O que deve ser a melhor parte de ser Princesa? O que deve ser mais difícil? O que deve ser mais chato?
- 11) Príncipes e Princesas vão para a escola? Se sim, o que eles aprendem lá? Se não, o que eles precisam fazer para serem Príncipes e Princesas?
- 12) Qual a Princesa mais chata? Por quê?
- 13) As Princesas são corajosas? Por quê?
- 14) As Princesas são fortes? Por quê?
- 15) As Princesas gostam de brincar lá fora? Por quê?
- 16) As Princesas são delicadas? Por quê?
- 17) O que as Princesas podem fazer? Tem alguma coisa que elas não possam fazer? O que acontece se fizerem?

ANEXO 11 – ROTEIRO ATIVIDADE DEVOLUTIVA

ROTEIRO DE ATIVIDADE DEVOLUTIVA

Nota para a edição: marcar as aparições de personagens e viradas de páginas com efeitos sonoros.

CENA 1

Em uma folha de papel em branco, duas personagens aparecem. Elas são desenhadas em estilo simples, imitando um desenho infantil. A primeira personagem veste um jaleco de cientista e tem os cabelos curtos. A segunda personagem usa vestido cor-de-rosa e tem cabelos compridos soltos.

LUIZA

Oi, pessoal! Tudo bem com vocês?

MARIA

Vocês se lembram da gente?

LUIZA

Nós somos pesquisadoras da universidade. Meu nome é Luiza.

MARIA

E eu sou a Maria.

LUIZA

No ano passado vocês nos ajudaram com a minha tarefa de casa. Era sobre príncipes e princesas.

Abre-se um quadro com fotos das atividades. As fotos se alternam para ilustrar a fala dela

MARIA

Vocês responderam várias perguntas sobre príncipes e princesas, fizeram alguns desenhos para nós...

LUIZA

Vocês também nos mostraram quais personagens desse painel gigante eram príncipes e princesas.

MARIA

E no final vocês também colaram papéis coloridos embaixo das frases que vocês achavam que era verdade neste cartaz.

LUIZA

Não está esquecendo de nada, Maria?

MARIA

Ah, sim! Teve prêmio também, não teve?

LUIZA

Teve sim! Aposto que agora eles se lembram!

MARIA

E o que a gente veio fazer aqui de novo?

LUIZA

Nós somos pesquisadoras e, como boas pesquisadoras, quando nosso trabalho termina, nós temos que compartilhar os resultados com todo mundo!

MARIA

Principalmente com quem participou da pesquisa!

LUIZA

Que foram vocês!

MARIA

Ok! E por onde a gente começa?

LUIZA

Pela trabalhadeira que foi essa pesquisa! Vocês sabiam que, depois das nossas atividades com vocês, eu escrevi um texto de quase 300 páginas?

MARIA

TREZENTAS?

LUIZA

Isso mesmo!

MARIA

Mas será que vai dar tempo de mostrar tudo o que você descobriu nesse vídeo tão curtinho?

LUIZA

Vai, sim! Mas não temos mais tempo a perder.

CENA 2

Vira-se a página, MARIA e LUIZA aparecem na página em branco. Conforme LUIZA fala aparecem desenhos representando a escola e a Associação.

LUIZA

A nossa pesquisa foi feita em dois lugares diferentes. Uma escola particular em Curitiba e uma Associação em Piraquara.

MARIA

Todo mundo que participou das gincanas com a gente tinha entre 5 e 9 anos. Hoje vocês já devem estar um pouquinho mais velhos, né?

Vira para uma página em branco.

LUIZA

O tema da minha tarefa de casa era "príncipes e princesas".

Aparece a imagem um livro de contos de fadas.

LUIZA (cont.)

Eu me lembro que teve bastante gente que gostou de conversar sobre isso

Aparece um rosto sorridente

LUIZA (cont.)

Mas também teve gente que queria falar sobre outras coisas

Aparece um rosto pensativo e fotos de jogadores de futebol, do personagem Naruto e do emoji de cocô. Vira para uma página em branco. Fala MARIA se dá enquanto a página vira.

MARIA (V.O)

Vamos ver como alguns de vocês definiram os príncipes e as princesas?

[Escreve-se na tela: Joaquim, 5 anos, Associação]

Conforme JOAQUIM descreve os personagens, as características verbalizadas são incorporadas no desenho.

JOAQUIM (V.O)

A princesa não pode fazer nada. Ela só fica no castelo, na cama assistindo TV. Ela não pode sair. Os guardas não deixam. O príncipe pode lutar e defender as pessoas.

Vira-se a página. [Escreve-se na tela: Andrea, 7 anos, escola]. Conforme ANDREA descreve as personagens, as características verbalizadas são incorporadas no desenho.

ANDREA (V.O)

O príncipe é um menino que não pode fazer coisas de menina, tipo balé. A princesa não pode fazer coisas de menino, tipo futebol.

Vira-se a página. [Escreve-se na tela: Carlos, 7 anos, escola]. Conforme CARLOS descreve as personagens, as características verbalizadas são incorporadas no desenho.

CARLOS

Uma princesa é uma pessoa que solta pum, que é feia e chata. O Neymar e o Cristiano são melhores do que ela!

Vira-se a página. [Escreve-se na tela: Karin, 8 anos, Associação]. Conforme KARIN descreve as personagens, as características verbalizadas são incorporadas no desenho.

KARIN

O príncipe é quase igual uma princesa, só que ele tem espada e mora em outro castelo.

Vira-se a página. MARIA aparece ao lado de um agrupamento com os desenhos anteriores.

MARIA

Vocês perceberam o que essas respostas têm em comum?

LUIZA aparece.

LUIZA

O Joaquim, a Andrea, o Carlos e a Karin nos mostraram príncipes e princesas muito parecidos com personagens mais tradicionais dos contos de fadas.

Vira-se a página.

MARIA (V.O)

Como a Bela Adormecida

Aparece imagem da Princesa Aurora.

MARIA (V.O) (cont.)

Que fica no seu castelo dormindo enquanto o príncipe não chega para salvá-la.

Aparece imagem da Princesa dormindo.

LUIZA (V.O)

Ou a Cinderela

Aparece imagem da Princesa Cinderela.

LUIZA (V.O) (cont.)

Que está muito triste trabalhando em casa para a sua madrasta. Ela consegue sair de casa só quando o príncipe pede sua mão em casamento.

Sequência de imagens: Cinderela trabalhando, Cinderela no baile, Cinderela noiva. Maria aparece.

MARIA

Algumas crianças entre 7 e 9 anos concordaram com essa imagem

LUIZA aparece.

LUIZA

Principalmente os meninos da escola particular

Vira-se a página. [Escreve-se na tela: Julio, 9 anos, escola]. Conforme JULIO descreve, as características dos personagens vão sendo desenhadas na página em branco.

JULIO (V.O)

Um príncipe pode matar um dragão e ser o mais forte do mundo! A princesa não pode encontrar um dragão, se não ela vai correr até o infinito e morrer. Eu não gosto de princesas, elas são feias.

Vira-se a página. [Escreve-se na tela: Lucas, 9 anos escola]. Conforme LUCAS descreve, as características das personagens vão sendo desenhadas na página.

LUCAS (V.O)

O príncipe é um homem que salva a princesa e mata o dragão. Eu não gosto de princesas, elas são fracas.

Vira-se a página. A fala a seguir ocorre quando a página está virando.

LUIZA (V.O)

Mas outras crianças acham que as princesas são um pouco diferentes

[Escreve-se na tela: Milena, 8 anos, Associação]. Conforme MILENA descreve, as características das personagens vão sendo desenhadas na página.

MILENA (V.O)

Eu acho que as princesas são fortes. Algumas delas vão para a escola e aprender a ler, escrever e a fazer magia

Vira-se a página.

MARIA (V.O)

A princesa da Milena é mais parecida com a princesa Jasmine.

Imagem da Princesa Jasmine.

MARIA (V.O) (cont.)

Ela é forte e toma suas próprias escolhas. Ela escolhe sozinha o seu príncipe.

Sequência de imagens: Jasmine brava com o pai. Jasmine voando com Aladdin. Vira a página. Página em branco. [Escreve-se na tela: Juliana, 9 anos, escola]. Conforme JULIANA descreve, as características das personagens vão sendo desenhadas na página.

JULIANA (V.O)

A princesa é uma menina muito corajosa. Ela é forte, pronta para enfrentar todos os perigos. Algumas princesas têm espada.

Vira-se a página.

LUIZA (V.O)

A princesa da Juliana não é muito parecida com a Mulan?

Imagem da Princesa Mulan.

LUIZA (V.O) (cont.)

A Mulan é corajosa e enfrenta um exército de inimigos para proteger a sua família e o seu país

Sequência de imagens: Mulan segurando espada. Mulan na batalha. Vira a página. Página em branco. [Escreve-se na tela: Margareth, 9 anos, escola]. Conforme MARGARETH descreve, as características das personagens vão sendo desenhadas na página.

MARGARETH (V.O)

As princesas podem andar nas costas de um dragão e nadar em um lago com piranhas!

Vira-se a página. Página em branco.

MARIA (V.O)

E para a Margareth, a princesa é como a Moana.

Imagem da Princesa Moana

MARIA (V.O) (cont.)

A Moana é a líder do seu povo. É ela quem derrota o vilão.

Sequência de imagens: Moana vestida de líder. Moana enfrentando vilão.

CENA 3

Vira-se a página. Página em branco. LUIZA e MARIA aparecem.

LUIZA
Ahá! Percebi uma coisa!

MARIA
Eu já sei o que é!

LUIZA
Que tal a gente deixar as próprias crianças mostrarem dessa vez?

MARIA
Perfeito! Por onde a gente começa?

LUIZA
Vamos lá na escola dar uma olhada!

Transição de cena. Vira-se a página.

CENA 4

Aparece o desenho da escola. Aparecem dois grupos de quatro crianças. Cada criança tem o traço de uma cor. Aparece a cabeça de LUIZA no topo da página.

LUIZA
Vamos ouvir o que o grupo das crianças de 9 anos estão conversando.

JULIO se levanta.

JULIO
As princesas não podem andar de dragões. Elas são muito fracas.

MARGARETH se levanta. JULIO permanece em pé.

MARGARETH
As princesas podem andar de dragões. Elas são muito fortes.

LUCAS se levanta. JULIO e MARGARETH permanecem em pé.

LUCAS
Algumas princesas são feias e medrosas.

JULIANA se levanta. LUCAS, JULIO e MARGARETH permanecem em pé.

JULIANA

Eu acho que as princesas são lindas e muito corajosas.

Aparece no canto superior da página a cabeça de MARIA.

MARIA

Eu percebi o que está acontecendo! Eles estão brincando de jogo do contrário!

No decorrer da próxima fala de LUIZA, aparecem balões com dizeres opostos como: "forte"/"fraca", "feia"/"bonita", "corajosa"/"medrosa".

LUIZA

Parece, né? Na verdade, esse é um tipo de resistência.

MARIA

Resistência?

Abre-se um balão de pensamento sobre a cabeça de MARIA. O foco vai para as imagens contidas no balão que retratam protestos, o símbolo da resistência elétrica e uma pessoa batendo a cabeça na parede.

MARIA (cont.)

Que tipo de resistência?

LUIZA (V.O)

Se chama discurso de resistência

Balão de pensamento se fecha. Voltamos ao grupo da escola particular.

LUIZA

O discurso de resistência acontece quando um grupo quer proteger os conhecimentos tradicionais...

Durante a fala de MARIA, seus dizeres são ilustrados.

MARIA

Tipo dizer que todas as princesas usam vestidos, são bonitas e não podem sair de casa, e que todos os príncipes são corajosos e têm espadas?

LUIZA (cont.)

Isso! E esse grupo não deixa que outras pessoas tenham ideias diferentes.

Durante as falas de MARIA e LUIZA na continuação dessa cena, seus dizeres são ilustrados.

MARIA (cont.)

Como falar que as princesas podem ser corajosas e delicadas, ou bonitas e inteligentes, ou só fortes?

LUIZA (cont.)
É isso aí!

MARIA
Mas e quando aparece o discurso de resistência?

LUIZA
Quando algumas pessoas querem trazer novos conhecimentos para a roda, conhecimentos que são diferentes dos tradicionais, mas são impedidas de fazer isso.

MARIA
E como você sabe que o jogo do contrário é um tipo de resistência?

LUIZA
Gritar, fingir que não está ouvindo, tentar mudar de assunto e...

MARIA
Falar tudo ao contrário do que as ideias tradicionais dizem?

LUIZA
É!

MARIA
Acho que estou ouvindo mais um discurso de resistência ali no grupo ao lado, então!

LUIZA
Será? Vamos lá ouvir.

CENA 5

Grupo de quatro crianças sentadas conversando. Elas se diferem das crianças anteriores pelas cores dos seus traços. Cada criança tem uma cor. CARLOS se levanta.

CARLOS
Eu não quero falar sobre príncipes e princesas. Vou falar de futebol.

CRISTINA se levanta. CARLOS continua em pé.

CRISTINA
Mas a gente tem que falar sobre isso.

CRISTINA se senta enquanto MATIAS se levanta. CARLOS continua em pé.

MATIAS

A gente podia falar sobre príncipes e princesas e sobre futebol ao mesmo tempo.

ANDREA levanta a mão. MATIAS e CARLOS continuam em pé.

ANDREA

Eu acho que os príncipes são fortes e as princesas são bonitas.

MATIAS e CARLOS pulam e falam mais alto.

CARLOS

São fracotes. E as princesas são horríveis. Prefiro muito mais jogar bola!

MATIAS

Só se o príncipe fizer aula de luta. Aí pode ser legal.

CARLOS

Não é não! São horríveis! São chatos!

O foco vai para os rostos de MARIA e LUIZA no topo da página.

MARIA

O Carlos também está jogando o jogo do contrário.

LUIZA

Sim, mas ele não está usando o discurso de resistência.

MARIA

Não?

LUIZA

Não! Você percebeu que ele não está deixando os colegas falarem? Principalmente a Cristina e a Andrea?

MARIA

Sim!

LUIZA

Percebeu também que ele está falando só sobre as ideias tradicionais? Que ele é um menino que não gosta de contos de fadas e prefere futebol?

MARIA

É verdade

LUIZA

Uma das regras do discurso de resistência é que ele não pode defender as ideias tradicionais, só as do contra.

MARIA

Entendi! E lá na Associação? As crianças também usaram esse discurso?

LUIZA

Sim, mas de outro jeito. Vamos lá dar uma olhada?

CENA 6

O prédio da Associação aparece desenhado no canto superior da tela. A cabeça de LUIZA aparece no canto superior oposto. No centro da folha, dois grupos, cada um com três crianças em roda. Todas as crianças têm cores diferentes.

LUIZA

Vamos começar com o grupo menor.

Foco nas três crianças logo abaixo da cabeça de LUIZA. JOAQUIM levanta a mão.

JOAQUIM

Eu não gosto de princesas.

JOAQUIM abaixa a mão. Balão de pensamento sobre ANA mostra uma princesa tradicional.

ANA

Eu gosto. Elas têm coroa e vestidos.

Foco em JOAQUIM. Balão de pensamento sobre JOAQUIM mostra uma pessoa, uma explosão e um sapo.

JOAQUIM

Elas têm uma varinha que transforma os outros de sapo.

Foco em KARIN. Balão de pensamento sobre KARIN mostra uma princesa tradicional com varinha mágica.

KARIN

Eu gosto das princesas porque elas têm magia e são lindas!

Foco em ANA. Balão de pensamento sobre ANA mostra a princesa de KARIN, mas cercada de sapos.

ANA

As princesas chatas são as que têm varinha para transformar de sapo.

Foco em JOAQUIM. Balão de pensamento sobre JOAQUIM mostra a princesa de ANA sentada em uma mesa com placa dizendo: diretora. Balão de pensamento some. Aparece outro com Joaquim vestido como príncipe tradicional.

JOAQUIM

A diretora da escola das princesas tem varinha. Eu queria ser um príncipe para poder proteger as pessoas.

Foco em KARIN. Balão de pensamento de KARIN mostra uma princesa de calças oferecendo uma maçã para duas crianças.

KARIN

E eu queria ser uma princesa, aí eu poderia ajudar as outras crianças.

Foco vai para as cabeças de LUIZA e MARIA.

MARIA

Eu não encontrei resistência aqui.

LUIZA

Ah! Mas já tem sim! Você percebeu como a Karin, o Joaquim e a Ana conversaram? Eles não estavam gritando ou brincando de jogo do contrário.

MARIA muda de expressão.

MARIA

Percebi, sim.

Foco em LUIZA.

LUIZA

O Joaquim começou falando que não gostava de princesas, que nem o Carlos lá na escola particular. Só que ele conversou com a Karin e a Ana e percebeu que não existe só um tipo de princesa.

Foco em MARIA. Balão de pensamento de MARIA relembra a princesa chata que transforma as pessoas em sapos.

MARIA

Sim! Foi naquela hora que a Ana falou que só as princesas chatas transformavam pessoas em sapos?

FOCO em LUIZA. Balão de pensamento de LUIZA mostra a princesa com varinha que não transforma os outros em sapo.

LUIZA

Isso! E também quando a Karin falou que gostava de princesas mágicas e que elas podem ajudar as outras pessoas, não só transformarem em sapo.

Foco em MARIA, com expressão de dúvida.

MARIA

E como isso é diferente do tradicional?

Foco em LUIZA. Conforme ela fala, vão aparecendo imagens das Princesas citadas.

LUIZA

Bem, se olharmos para os primeiros filmes de princesas: Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida. Elas não são muito parecidas?

Foco em MARIA. Aparecem imagens de Branca de Neve com os animais, Bela Adormecida com vestido de duas cores e Cinderela arrumando a casa.

MARIA

Sim! Elas moram na Europa, estão sempre de vestido, elas adoram cantar, falar com os animais e arrumar a casa.

Foco em LUIZA.

LUIZA

É isso que o tradicional fala: que as princesas são todas assim, que nem a Branca de Neve, a Cinderela e a Bela Adormecida.

Foco nas três crianças da roda.

MARIA

Mas o Joaquim, a Ana e a Karin não acham isso. Eles falaram que as princesas podem ser mágicas! Nenhuma dessas princesas que você falou tem poderes mágicos.

Foco em LUIZA e MARIA.

LUIZA

É verdade. Que tal darmos uma olhada no outro grupo para ver sobre o que eles estão falando?

Volta à folha com os dois grupos. LUANA levanta a mão.

LUANA

Eu não gosto muito das princesas. Elas têm que ficar sempre sentadas e não podem se sujar. Eu não sou assim. Prefiro os príncipes.

Foco em TOMAS.

TOMAS

É verdade. Os príncipes podem fazer tudo o que eles quiserem.

Foco em MILENA.

MILENA

Quase tudo! Menos bater nas mulheres.

Foco em TOMAS.

TOMAS

Isso. Ele não pode fazer coisa feia para a princesa, ele tem que ajudar ela.

Foco em LUANA.

LUANA

Isso.

Foco em MILENA.

MILENA

E tem algumas princesas que gostam de se sujar, então eu acho que elas podem fazer qualquer coisa.

Foco volta para as cabeças de LUIZA e MARIA.

MARIA

Você viu como eles foram acrescentando mais possibilidades de ser príncipe e ser princesa?

Foco em LUIZA.

LUIZA

Vi, sim! E você percebeu como os meninos aqui na Associação não falam por cima dos colegas e como eles não tentaram mudar de assunto?

Foco em MARIA.

MARIA

Percebi! Parece que aqui na Associação o tema "príncipes e princesas" é coisa de criança, não de menino ou de menina.

Abre o foco para as cabeças de MARIA e LUIZA juntas. No decorrer da fala de LUIZA, aparece o desenho de um grupo de cientistas sorrindo e abraçados.

LUIZA

Parece mesmo, Maria. E você sabia que um grupo de amigos cientistas lá dos Estados Unidos descobriu que, quanto mais

possibilidades de ser príncipe e de ser princesa as crianças descobrem que existe...

No decorrer da próxima fala de LUIZA, aparecem rostos de policial, bombeiro, astronauta, princesa, príncipe, pessoa com óculos escuros e cantor.

LUIZA (cont.)
mais opções as crianças vão imaginar para o futuro delas!

CENA 8

Vira a página. Música animada de fundo. Na fala de MARIA, aparecem novamente os desenhos dos príncipes e princesas feitos seguindo as descrições dadas pelas crianças.

MARIA (V.O)
Na nossa pesquisa, vocês já nos mostraram princesas corajosas, príncipes bonitos, princesas delicadas, príncipes guerreiros e vários outros!

Vira-se a página. A fala a seguir se dá durante a virada.

LUIZA (V.O)
Para vocês entenderem melhor o que isso quer dizer, vamos fazer uma última atividade?

Durante a fala de MARIA, aparecem imagens ilustrando como se dobrar um leque.

MARIA (V.O)
Pegue uma folha de papel e dobre que nem um leque.

Durante a fala de LUIZA, aparecem as cores das pontas do leque.

LUIZA (V.O)
Pinte um lado do leque fechado de uma cor e o outro lado de outra cor.

Durante a fala de MARIA, aparecem as cores internas do leque.

MARIA (V.O)
Agora pinte a parte de dentro do leque do jeito que você quiser!

Durante a fala de LUIZA, o leque vira e aparecem as cores do outro lado.

LUIZA (V.O)
Não se esqueça de pintar os dois lados.

Durante a fala de MARIA, o leque se fecha.

MARIA (V.O)
Quando estiver pronto, feche o leque.

Durante a fala de LUIZA, o leque se movimenta para mostrar as cores dos dois lados.

LUIZA (V.O)
Quantas cores você pode escolher para brincar com o leque fechado? Só duas, né? Porque você só tem duas possibilidades: a frente do leque, ou a parte de trás do leque.

Durante a fala de MARIA, abre-se o leque.

MARIA (V.O)
E o que acontece quando abrimos o leque?

Durante a fala de LUIZA, abana-se o leque.

LUIZA (V.O)
Temos mais opções de cores para escolher!

Vira-se a página. LUIZA e MARIA aparecem. Foco em MARIA.

MARIA
Assim como as várias cores do leque aberto, vocês nos mostraram várias opções de princesas e príncipes!

Foco em LUIZA.

LUIZA
Mesmo quem no começo da gincana achava que só existia um tipo de princesa e um de príncipe, no final da atividade já aceitava que havia pelo menos mais uma opção para cada um deles.

Durante a fala de MARIA, abre-se um balão de pensamento com o desenho de uma roda com crianças conversando.

MARIA (V.O)
E essa mudança aconteceu mais vezes entre as crianças que conversavam e ouviam umas às outras.

Vira-se a página. Durante a fala de LUIZA aparecem imagens de filmes, livros, jogos e vídeos do YouTube.

LUIZA (V.O)
Por isso, descobrimos que é muito importante conversarmos com nossa família, professores e amigos sobre os filmes que

a gente assiste, os livros que a gente lê, os jogos que brincamos e até os vídeos no YouTube!

Durante a fala de MARIA, vira-se a página.

MARIA (V.O)

Não precisa ser só sobre príncipes e princesas

Durante a fala de LUIZA, leques coloridos aparecem.

LUIZA (V.O)

Quando a gente conversa, nosso leque de possibilidades para o futuro fica maior e mais colorido!

Durante a fala de MARIA aparecem desenhos de profissionais das áreas que ela cita.

MARIA

E podemos sonhar em ser bombeiros e bombeiras, bailarinos e bailarinas, astronautas, cientistas, pais, mães, professores e professoras...

Durante a fala de LUIZA, as profissões desaparecem e aparecem desenhos ilustrativos dos seres que ela cita.

LUIZA

O que a gente quiser! Não importa se somos meninos, meninas, príncipes, princesas, sereias ou gênios da lâmpada!

Vira-se a página. LUIZA e MARIA aparecem. MARIA pula durante sua fala.

MARIA

Nós adoramos aprender tudo isso com vocês!

LUIZA pula durante sua fala.

LUIZA

Estamos muito felizes que vocês tenham participado dessa pesquisa!

Foco em MARIA.

MARIA

Agora já podem dizer para todo mundo que vocês ajudaram numa pesquisa da universidade!

Foco em LUIZA.

LUIZA

Muito obrigada por me ajudarem com esse trabalho! Minha pesquisa não existiria sem vocês, pessoal!

Foco em MARIA.

MARIA

Ah! O tempo tá acabando!

LUIZA leva MARIA para fora de cena

LUIZA

Vamos, vamos! Já tenho outras ideias de pesquisas para fazer!

[Aparece papel escrito "Fim?"]